

**HISTORIA
UNIVERSAL.**

TOMO DECIMO.

Historia Testis temporum; Lux veritatis; Vita memoriae: Magistra vitae; Nuntia vetustatis.

Cicero.

HISTORIA UNIVERSAL.


SEGUNDA PARTE:
HISTORIA MODERNA.

ESCRITA EM FRANCEZ
PELO ABBADE MILLOT;
CONTINUADA
POR M. MILLON,
PROFESSOR DE BELLAS-LETRAS.

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ.

~~~~~  
TOMO DECIMO.  
~~~~~

LISBOA,
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

——————————
ANNO DE 1824.

~~~~~  
Vende-se em Casa de Rolland, Rua Nova dos Mar-  
tyres, N.º 10.

OLNCH

DEC  
11  
1988





# HISTORIA UNIVERSAL.

---

## DECIMA-QUINTA EPOCA.

---

### LIVRO PRIMEIRO.

---

Desde os Tratados de Paris, e de Hubersbourg, em 1763, até á Paz concluida em 1783, entre a Graó-Bretanha, a França, a Hespanha, e os Estados-Unidos da America.

---

### CAPITULO I.

*Perturbações da Corsega, e cessão desta Ilha á França. — Perturbações da Polonia. — Confederação de Bar. — Guerra entre os Russos, e os Turcos. — Campanha de 1770 e 1771. — Embaraços em que se acha a Russia. — Congressos de Focszamy, e de Bucharest. — Campanha de 1774, e Paz de Kainardgi.*

O quadro dos acontecimentos, que vamos traçar, apresenta huma das epocas mais extraordinarias e mais interessantes, de que se faça

menção nos Annaes do mundo. A opiniaõ pública experimenta huma revoluçaõ extraordinaria, que muito influe no estado social; o systema politico soffre espantosas variações. Guerras, perturbações e insurreições agitaõ e dilaceraõ as diversas nações.

Pertur-  
bações da  
Corsega.

A primeira commoção que se sentio foi na Ilha de Corsega, que não podendo já supportar a dominação da Republica de Genova, cujo jugo se lhe tinha feito odioso, se sublevoou, para subtrahir-se á oppressão que a esmagava. Pascoal Paoli, eleito chefe e general pelos Corsos, seus compatriotas, reanimou logo a sua coragem abatida, e fez a guerra com felicidade aos Genovezes: já lhe não faltava, para restituir a liberdade, e a independencia á sua patria, senão apoderar-se de Bastia, San-Fiorenzo, Calvi, Algagliola, e Ajaccio, que eraõ as unicas cidades que ainda se conservavaõ em poder da Republica de Genova: e sem dúvida que o alcançaria, se não fôra a intervenção da França, que se encarregou de mandar tropas em 1764, não para obrar hostilmente contra Paoli e os Corsos, mas para occupar e defender, por hum tempo limitado, as praças de que os Genovezes ainda estavaõ de posse: esperavaõ estes, que livres do cuidado de defender estas mesmas praças, poderiam facilmente, com as suas proprias tropas, reconquistar todo o resto da Ilha; porém não tardáraõ a ver que se tinhaõ lisonjeado de huma vã esperança. Apoderáraõ-se os Corsos, em 1767, da Ilha de Capraria, a pesar dos soccorros que os Genovezes a ella haviaõ mandado. Passado algum

tempo, julgáráo os Francezes a proposito evacuar algumas das praças que conservavao: quando sahírao de Ajaccio, quizerao entregar esta praça ao commandante das tropas Genevezas; mas como este recusasse tomar posse della, debaixo do pretexto de não serem as suas tropas assaz consideraveis, para dellas destacar o numero de homens necessario para a defeza desta cidade, os Francezes entregáráo a guarda della ao magistrado, que deo entrada ás tropas Corsas. Neste meio tempo, tendo armado alguns navios de guerra, não cessavao os Corsos de perseguir os navios Genevezes, cujo commercio inquietavao. Conven- cida entao de que erao baldados todos os es- forços que fazia nesta empreza ruinosa, e de que jámais chegaria a subjugar a Corsega, tomou a Republica de Genoya o partido, em 1768, de ceder os seus direitos a esta Ilha á Corôa de França. Pelo Tratado de cessão reservava-se esta Republica o direito de tornar a entrar na sua soberania da Corsega, embolsando ao Rei de França os gastos da expedição que comprehendia, assim como os da manutenção das suas tropas. Deo lugar esta cessão a vivas reclamações da parte dos Corsos, que havia já perto de meio seculo que reclamavao e defendiao a sua independencia: e por tanto dispuzerao-se para huma vigorosa resistencia. A primeira campanha foi-lhes favoravel, e custou aos Francezes alguns milhares de homens, além da despeza de huns trinta milhões de francos. Longe de desanimar com estes revezes, o governo Francez enviou á Corsega reforços consideraveis, que em breve tem-

Cessão da  
Ilha á Fran-  
ça.

po se senhoreárao de toda a Ilha. As diferentes provincias foraõ-se successivamente sujeitando, e a auctoridade do Rei de França foi universalmente reconhecida em toda a Ilha. Paoli e os principaes cabos dos Corsos, tendo-se embarcado para Liorne em hum navio com bandeira Ingleza, dispersárao-se pela maior parte nos Estados visinhos; Paoli refugiou-se em Inglaterra. Este o fim que tiveraõ as perturbações da Corsega.

Perturba-  
ções da Po-  
lónia.

Em quanto esta Ilha estava em agitação, levantavaõ-se tormentas de natureza mais grave, em outro ponto da Europa. Achando-se o Throno de Polonia vago pela morte de Augusto III, Eleitor de Saxonia, a Imperatriz da Russia, Catherina II, occupando pela sua influencia o primeiro lugar no systema politico do Norte, destinava este Throno para Estanisláo Poniatowski, nobre Polaco, que tinha grangeado a sua protecção no tempo que residira em São Petersbourg, na qualidade de Ministro plenipotenciario do Rei e da Republica de Polonia. Com o designio de dar a Corôa ao seu valido, derramou o ouro com profusão para comprar os suffragios da Dieta de eleição; e ao mesmo tempo ajuntou hum exercito nas fronteiras da Polonia, e restringio a eligibilidade a hum *Piast*, isto he, a hum fidalgo Polaco. Tendo attrahido ao seu partido a Corre de Berlin, mandou esta Princeza entrar varios corpos de tropas neste Reino, e alcançou deste modo que o seu protegido fosse eleito Rei.

Ainda que devesse a sua eleição a Catherina II, desejava Estanisláo subtrahir a sua

patria ao jugo, que a Russia lhe tinha imposto, e corrigir os defeitos mais notaveis da constituição; defeitos, que para as Potencias estrangeiras eraõ hum pretexto de intervenção nos negocios da Polonia; mas nem o seu character, nem os seus talentos podiaõ afiançar a execução deste tão util designio. As poucas refórmãs que fez, déraõ algum cuidado á Corte de São Petersbourg, e não foraõ bem recebidas daquelles fidalgos Polacos, que queriaõ perpetuar a anarquia. As Cortes da Russia e de Berlin excitáraõ os descontentes, e accendêraõ de novo o fogo das disputas Religiosas, declarando-se protectores dos *dissidentes*, a fim de alcançar que fossem reintegrados nos direitos politicos e ecclesiasticos, de que haviaõ sido privados pela intolerancia do partido Catholico.

Dava-se entaõ o nome de *dissidentes*, em Polonia, aos Gregos não unidos, e aos Protestantes, tanto Lutheranos como Calvinistas; em huma palavra, a todos os que não professavaõ a Religião Catholica. A Polonia, assim como a Lithuania, encerravaõ desde muito tempo hum grande numero de Gregos, que persistiaõ no Scisma, a pesar dos continuos esforços do Clero Polaco para os chamar ao gremio da Igreja Romana. Tinha o Protestantismo feito muitos progressos neste Reino no decurso do decimo-sexto seculo: os nobres que seguiaõ este culto, tinhaõ alcançado gozar, assim como os Gregos, de todas as prerogativas da nobreza, e serem admittidos sem distincção, tanto ás assembléas da Dieta, como aos cargos e dignidades, a li-

berdade do culto, e a paz pública lhes haviaõ sido garantidas da maneira a mais solemne. Com o andar do tempo, os Catholicos, sentindo-se mais fortes, e animados pelo Clero Romano, perseguirão aquelles a quem tratavaõ de heterodoxos. Cansados deste tratamento, aproveitáraõ-se os *dissidentes* da influencia da Russia para alcançar, pela sua protecção, a reparação dos seus agravos. Interpoz Catherina II os seus bons officios em favor dos Gregos, em quanto os gabinetes de Berlin, de Stockolmo, de Londres e de Copenhague, como garantes da paz de Oliva, em 1660, tomáraõ a defeza dos Protestantes. Sem dar a attenção devida a huma taõ poderosa intercessão, a Dieta de Varsovia do anno de 1766, excitada pelo Clero e pela Corte de Roma, confirmou todas as leis anteriores, cuja revogação pediaõ as Potencias estrangeiras; sómente determinou algumas modificações dos regulamentos relativos ao exercicio do culto. Descontente com huma tal decisão, insistio a Russia em que se concedesse huma inteira igualdade de direitos a favor dos seus protegidos. Convocou-se entaõ huma Dieta extraordinaria em Varsovia, cujas sessões, que principiáraõ em Outubro de 1767, foraõ muito tumultuosas. Sem embargo da presença de hum exercito Russo, o Bispo de Cracovia e os do seu partido entregáraõ-se a toda a impetuosidade do seu zelo, nos discursos que prõnunciáraõ nesta circumstancia. Mandou-os Catherina II prender, e conduzir para o interior da Russia. Terminou esta Dieta com a nomeação de huma junta, cujos membros rinhaõ a seu

cargo regular, de concerto com as Potencias protectoras, tudo quanto dizia respeito ao negocio dos *dissidentes*. Hum acto redigido em Fevereiro de 1768, em fôrma de convenção entre a Russia e a Polonia, reintegrou-os em todos os seus direitos: as leis, e as constituições anteriores que lhes eraõ contrarias, forão annulladas. Foi este acto confirmado por hum tratado de paz e de alliança, assignado no mesmo dia em Varsovia, entre a Russia e a Polonia; tratado pelo qual estas duas Potencias se garantíraõ reciprocamente a totalidade das suas possessões na Europa.

A conducta da Russia e dos que seguião o seu partido, fez muitos descontentes, que formáraõ huma confederação em Bar, na Podolia, para defeza da Religião e da liberdade. Tinhaõ os confederados seus estandartes, que representavaõ a Virgem Maria e o Menino Jesus: á semilhança dos Cruzados da meia idade, tinhaõ Cruzes bordadas nos seus vestidos, com a devisa de *Vencer ou morrer*. Eraõ apoiados pela Austria, que conjunctamente com a França e a Porta-Ottomana, lhes subministrava soccorros tanto de gente, como de armamento e dinheiro, por cujo meio a Confederação de Bar fez-se formidavel; mas não podendo a França empenhar-se em huma guerra longinqua, a Austria receou ter de combater ella só com a Russia e Prussia; e os Confederados, que se não achavaõ em estado de lutar com as tropas Russas, foraõ derrotados.

Em hum dos combates que entaõ se déraõ, tinhaõ os Russos perseguido os Polacos

Confederação de Bar.

dentro do territorio Ottomano, e incendiado a pequena Cidade de Bolta; e esta incursão foi considerada como hum acto de hostilidade pela Turquia, que declarou a guerra á Russia.

Guerra da Russia com a Turquia.

Mandou Catherina II adiantar differentes exercitos contra os Turcos, que havendo sido completamente derrotados, abandonáram o seu campo, assim como a fortaleza de Choczim, de que os Russos se apoderáram sem derramar gota de sangue, penetrando depois no interior das provincias da Moldavia e da Valaquia. Tal foi o resultado da campanha de 1769, tão favoravel aos Russos.

Campanha de 1770.

A do anno seguinte foi das mais brilhantes para elles: hum de seus exercitos alcançou, nas visinhanças do Pruth e do Kagul, duas victorias memoraveis, que os fizeram senhores do Danubio, e das praças de Ismail, de Kilia e de Akkerman, situadas na embocadura deste rio. Outro exercito Russo atacou a fortaleza de Bender, defendida por huma guarnição Turca numerosa: foi esta praça tomada por assalto, e a maior parte dos sitiados forão passados ao fio da espada.

Naõ se limitou a Imperatriz da Russia a combater os Turcos por terra; inquietou-lhes o seu commercio no Mar Negro, atacando-os ao mesmo tempo nas ilhas do Archipélago, e nas costas da Grecia e da Moréa. A frota Turca foi queimada na bahia de Tchesmé; desastre este que derramou a consternação em Constantinopla.

Campanha de 1771.

No anno seguinte continuou-se a guerra sobre o Danubio sem vigor; porém de outro



lado, hum exercito Russo, commandado pelo Principe Dolgorouki, forçou as linhas de Pérékop, defendidas por sessenta mil Turcos e Tartaros, que o Khan da Criméa commandava em pessoa. Humá vez franqueada esta barreira formidavel, apoderou-se Dolgorouki de toda a Criméa, assim como da ilha de Taman, e recebeu de Catherina II, em premio das suas victorias, o nome de Krimski.

Sem embargo de todas estas vantagens, a Russia esgotava-se: vendo-se obrigada a recrutar os seus exercitos, que os combates e as fadigas enfraqueciaõ, sentio a necessidade da paz. O que ainda augmentava os embarços de Catherina II, era que tendo-se a Austria conjunctamente com a Prussia, encarregado da mediação entre a Russia e a Porta, rejeitava as condições de paz propostas pela Corte de São Petersbourg, declarando-se abertamente contra a independencia da Moldavia e da Valaquia, assim como contra a dos Tartaros, exigida por Catherina II. Ainda não ficou aqui a Austria, affectou fazer causa commum com a Turquia, a fim de obrigar esta Princeza a restituir todas as suas conquistas, e tornar as cousas entre Russos e Turcos ao mesmo pé, em que estavam pelo Tratado de Belgrado, de 1739. Negociou-se humá Convenção debaixo deste principio com a Porta, a qual foi assignada em Constantinopla, mas não ratificada, por terem mudado as disposições da Austria por occasiaõ de hum projecto de desmembramento da Polonia, que concertára com as Cortes de Berlin e de São Petersbourg. Consentio então a Russia na restitução

Embarços  
em que se  
vê a Rus-  
sia.

aos Turcos da Moldavia e da Valaquia, quando se concluisse a paz, que a Corte de Vienna de acordo com a de Berlin, promettia diligenciar entre a Russia e a Porta.

Côgressos  
de Focsza-  
ny e de Bu-  
charest.

Por motivo deste incidente, o anno de 1772 passou-se todo em negociações. Tendo-se concluido huma suspensão de armas entre as Potencias belligerantes, abrio-se hum Congresso em Focszany, na Moldavia, e depois outro em Bucharest, na Valaquia. Não tendo resultado fructo algum destes dois Congressos, interrompêrao-se as conferencias, e tornárao as hostilidades a principiar em 1773. Os Russos, que fizerao baldados esforços para passarem á margem direita do Danubio, perdêrao muita gente nos differentes combates que dêrao aos Turcos.

Campanha  
de 1774.  
Paz de  
Kainardgi.

A campanha do anno seguinte foi-lhes vantajosa, e a Porta vio-se reduzida a pedir a paz debaixo das condições que lhe foraõ impostas; e o Tratado de paz foi assignado no campo Russo de Kainardgi, perto de Silistria, na Bulgaria. Por este Tratado reconheceo a Porta a independencia dos Tartaros da Crimêa, do Budziak, e de Kuban; cedeo á Russia, além da cidade e do territorio de Azof, as duas Kabarda, as fortalezas de Jénicalé e de Kertsch na Crimêa, a de Kinburn na embocadura do Niéper, com a lingua de terra, que fórma o deserto entre o Bog e o Niéper: neste ultimo terreno he que Catherina II mandou construir a cidade de Kerson, para ser o emporio do commercio Russo do Levante. Alcançou esta Princeza de mais disso a navegação livre e illimitada para os seus navios

mercantes em todos os mares , que banhaõ as costas do Imperio Ottomano : da sua parte , restituiu aos Turcos a Bessarabia , a Moldavia , e a Valaquia , de que ella ainda estava de posse.

## C A P I T U L O II.

*Projecto de divisãõ da Polonia. — Convenções a este respeito entre a Russia , a Austria e a Prussia. — Primeira desmembração da Polonia. — Constituição viciosa deste Reino garantida. — Revolução da Suecia. — Extincção dos Jesuitas.*

Os revezes que a Porta experimentou nas guerras que acabamos de mencionar , tiverão huma pessima influencia na sorte da Polonia , a cuja desmembração deraõ lugar. Este acontecimento foi devido á mediação , de que as Cortes de Vienna e de Berlin se tinhaõ encarregado , para restabelecer a paz entre a Russia e a Turquia. As condições desta paz , dictadas por Catherina II , tinhaõ desagradado á Corte de Vienna , que dando mostras das suas intenções hostis contra a Corte de São Petersbourg , mandou marchar tropas para occupar huma parte da Polonia , que reivindicava como hum antigo dominio do Reino de Hungria. O Principe Henrique , irmão de Frederico II , Rei de Prussia , achava-se então na Corte de Catherina II , a qual lhe deo a entender , que se a Austria tinha intentos de desmembrar a Polonia , as Potencias vizinhas deste Reino

Projecto de divisãõ da Polonia

bem poderia imitar o seu exemplo. Tendo o Principe Henrique dado parte desta confidencia ao Rei, seu Irmão, entendeu este que devia tirar partido della, pela occasião favoravel que se lhe proporcionava de indemnisar a Russia, satisfazer a Austria, e arredondar os seus proprios estados. Para este effeito entrou em negociação com as Cortes de Vienna e de São Petersbourg, e declarou á primeira, que se a guerra se declarasse entre a Austria e a Russia, elle se veria obrigado a tomar parte nella como alliado desta ultima: representou a Catherina II, que se ella consentisse em restituir á Turquia a Moldavia e a Valaquia, indemnizando-se na Polonia, evitaria huma nova guerra, e se reconciliaria com a Porta. Deste modo he que Frederico fez com que as duas Cortes Imperiaes approvassem o projecto da desmembração da Polonia, fundado em simples vistas de conveniencia.

Convenções entre a Russia, a Austria, e a Prussia, para a primeira divisão da Polonia. Tendo as três Potencias convindo nas suas respectivas porções, assignárao, em 1772, convenções formaes, nas quaes se determinárao e garantírao entre estas Cortes, os limites dos paizes e districtos da Polonia, que devião tocar em partilha a cada huma. Forão em consequencia as suas declarações apresentadas em Varsovia; e tomando posse dos territorios, que ellas se tinhao adjudicado, publicárao as tres Potencias Memorias, em que pretendiao estabelecer a legitimidade dos seus direitos. Baldadas forão as reclamações da parte da Polonia; vio-se obrigada a adherir a tudo quanto della exigiao. Huma Dieta, reunida em Varsovia, nomeou huma delegação

tirada do Senado, e da Ordem equestre, a qual foi encarregada de tranzigir com os plenipotenciarios das tres Potencias, relativamente aos projectos dos differentes Tratados, pelos quaes as provincias já occupadas devião ser formalmente entregues.

Havendo estes projectos sido ratificados pela Dieta, coube em partilha á Austria, além das treze cidades do Condado de Zips, que Sigismundo, Rei de Hungria, tinha hypothecado, em 1412, á Polonia, quasi metade do Palatinado de Cracovia, huma parte do de Sandomir; o Palatinado da Russia Vermelha, a maior parte do de Belz, a Pocucia, e huma parte da Podolia. As cidades do Condado de Zips, forão de novo encorporadas á Hungria, de que havião sido desmembradas, e os outros paizes forão erectos em hum Estado particular, debaixo do nome de Galicia e de Lodoméria.

Primeira desmembração da Polonia.

A Russia ficou com a Livonia Polaca, a maior parte do Palatinado de Witepsk e do de Polozk, todo o Palatinado de Mscilaw, e as duas extremidades do de Minsk. Formou Catherina II de tudo, dois grandes Governos, o de Polozk, e o de Mohilow.

Frederico II teve em partilha os districtos da Grande-Polonia, situados áquem do Netze, assim como toda a Prussia Polaca, á excepção das cidades de Dantzic, e Thorn, que ficáraõ á Polonia, a qual renunciava, pelo seu Tratado com o Rei de Prussia, os seus direitos de dominio directo e de reversão sobre a Prussia Eleitoral, assim como sobre os districtos de Lauenbourg, de Butow e de

Draheim. A porção de Frederico II era a mais importante, considerada politicamente, visto que por este meio combinava este Principe o Reino de Prussia com os seus Estados de Allemanha, e ficando senhor das embocaduras do Vistula, tinha debaixo da sua dependencia o commercio da Polonia, principalmente o dos cereaes, tão precioso para a Europa.

Desmembrando deste modo a Polonia, obrigáram-se as tres Potencias da maneira a mais solemne, a renunciar toda pertençaõ ulterior sobre este paiz.

Consti-  
tuição vi-  
ciosa da Po-  
lonia, ga-  
rantida.

Em ultimo lugar, para consolidar a sua obra, estas mesmas Cortes, por hum acto passado em Varsovia, em 1775, sancionáraõ o *liberum veto*, e a unanimidade, que precedentemente estavaõ em uso nos negocios de Estado; e excluíaõ os Principes Estrangeiros da Corõa, que elles declaráraõ electiva para sempre. A auctoridade do Rei, já muito fraca, foi ainda coarctada pelo estabelecimento de hum Conselho permanente, e foi resolvido que nenhuma mudança se poderia fazer nesta Constituição viciosa, garantida pelas tres Potencias, que tinhaõ dividido a Polonia.

Revolução  
da Suecia.

Neste meio tempo, teve lugar huma revolução na Suecia, onde dominava a Aristocracia desde as mudanças introduzidas em 1720 na fórma do Governo. Exercia o Senado a principal auctoridade; o poder do Rei era summamente limitado; e a nação estava agitada por duas facções chamadas dos *Chapões*, e dos *Barretes*, que tinhaõ principiado

durante a larga Dieta de 1738. A dos *Chapéos* pertendia, que para restabelecer a honra da Suecia, e restaurar a Livonia e a Finlândia, de que os Russos se tinhaõ apoderado, era preciso cultivar a amizade da França e da Turquia, para poder contar com o seu apoio em caso de rompimento com a Russia. A facção dos *Barretes*, pelo contrario, era de parecer que a Suecia, debilitada pelas guerras que tinha sustentado, devia evitar toda desavença com a Russia. Foi durante a Dieta de 1769, que a facção dos *Chapéos*, apoderando-se do governo, despojou os membros do partido opposto de todos os principaes empregos que occupava. Havia razões para crer, que em consequencia das suas relações com a Porta, a França faria todos os seus esforços para que a Suecia se declarasse contra a Russia. Esta da sua parte cousa nenhuma devia desprezar para avigorar o crédito da facção dos *Barretes*, a fim de permanecer em paz com a Suecia. A Corte de São Petersbourg foi apoiada pela de Londres, que fazia diligencias por contrariar a França no seu andamento politico,

A morte de Adolfo Frederico, Rei de Suecia, que teve lugar em 1771, abriu nova carreira á intriga, na Dieta convocada por occasião de ter subido ao Throno Gustavo III, seu filho, que lhe succedia na Corôa. A licença chegou a hum ponto excessivo; por muito que já estivesse limitada a auctoridade Real, ajuntáraõ ainda novas restricções, que fizeraõ assignar ao novo Rei. O resultado do systema seguido pela facção dos *Barretes*, que aca-



bava de usurpar os principaes empregos, devia ser a conclusão de alguns Tratados projectados com a Russia e Inglaterra.

Gustavo III, que nestas circumstancias tinha concertado secretamente com o Embaixador de França as medidas convenientes para mudar a fôrma do Governo, fazia as precisas disposições para a execução do seu projecto. Possuindo no mais alto gráo a arte da dissimulação, fazia com que acreditassem ser elle sinceramente amante da Constituição estabelecida: e vendo por ultimo que o estado das cousas cada dia era mais critico, apressou-se em dar á execução o plano que tinha traçado.

A 19 de Agosto de 1772 apresenta-se ás guardas do palácio, e depois de ter convocado os seus officiaes, expõe-lhes que a desgraçada situação do Reino he o resultado das dissensões, em que está dividida a Dieta desde mais de hum anno que está reunida. Mostra a necessidade de aniquilar a orgulhosa aristocracia, que he causa da ruina do Estado, e de restabelecer a Constituição tal qual era antes de 1680. Immediatamente ordena a hum regimento das guardas, que invista o Senado, e manda prender os principaes chefes do partido dominante. Foi a auctoridade do Rei reconhecida, e prestárao-lhe o juramento de fidelidade. A nova fôrma de Governo, que elle tinha concertado, he adoptada sem reclamação pelo concurso das quatro Ordens do Reino. Effeituou-se esta revolução sem que se derramasse huma gota de sangue em Stockolmo; e tendo-se as cousas passado do mesmo modo



no interior das provincias, a tranquillidade pública não foi perturbada de modo algum.

O anno de 1773 he notavel pela sup- Extinção  
pressão dos Jesuitas, em virtude de hum Bre- dos Jesui-  
ve do Papa Clemente XIV, de 21 de Julho. tas.

“ De todas as partes ( diz este Pontifice  
” no seu Breve ) a doutrina desta Sociedade era  
” denunciada como contraria á Religião, e  
” aos bons costumes. Viraõ-se fermentar no  
” seu seio ( accrescenta elle ) dissensões, que  
” rebentáraõ tanto interior como exteriormen-  
” te. As accusações cada vez foraõ a mais  
” contra ella, principalmente pela sua avi-  
” dez de riquezas. . . . Em diversas partes  
” levantáraõ-se sedições, tumultos, discor-  
” dias, e escandalos, que depois de haverem  
” enfraquecido, e quasi dissolvido o vinculo  
” da uniaõ fraterna, precipitáraõ os fiéis no  
” espirito de partido, no odio, e na inimi-  
” zade. Pareceo tal o perigo, que os Reis  
” de França, e Hespanha, de Portugal, e  
” das duas Sicilias, viraõ-se obrigados a ex-  
” pulsar dos seus Reinos, dominios e provin-  
” cias, os membros desta Sociedade, na per-  
” suaão de que este era o unico remedio a  
” tantos males. . . . Estes Principes, julgan-  
” do que este meio não podia ter hum effeito  
” seguro, e que a paz se não podia restabe-  
” lecer em todo o universo Christaõ, se a  
” Sociedade não fosse inteiramente extincta e  
” supprimida, expuzéraõ a Clemente XIII,  
” nosso immediato predecessor, os seus dese-  
” jos e intenções; reuníraõ a sua auctorida-  
” de, as suas supplicas e os seus votos para  
” o decidirem a prover, do modo o mais ef-

„ficaz, á segurança pessoal de seus subditos, e ao bem da Igreja de Jesu Christo. „ A morte inesperada deste Pontífice não lhe permittindo acceder aos votos destes Principes, deo fim Clemente XIV a este negocio, e supprimio esta Sociedade, *depois de haver reconhecido*, diz elle, *que será impossivel, em quanto ella subsista, restituir á Igreja huma paz verdadeira e permanente.* Do que fica dito, claramente se vê que foraõ mui poderosas as razões, que provocáraõ a extincção dos Jesuitas.

Morte de  
Luiz XV.  
1774.

No anno seguinte morreo Luiz XV, que havia quasi meio seculo occupava o Throno da França. Era este Principe dotado de boas qualidades; e a voz pública, que julga os Reis, deo-lhe o nome de *Muito-amado*, quando em 1744 acudindo, á frente do seu exercito, em soccorro da Alsacia inundada de inimigos, as fadigas da guerra o leváraõ ás portas da sepultura: porém desde aquella epoca, a fraqueza do seu character, o escandalo dos seus costumes, e as desordens da sua Corte, fizeraõ profundas chagas no Reino. Deo a sua confiança a ministros que della abusáraõ; alentou o vicio com o seu exemplo, e deixou por herança a seu Successor, Luiz XVI, hum germen fatal de perturbações e de destruição.

## CAPITULO III.

*Destruição da Setscha, ou Republica dos Cosacos Zaporogues. — Código, Leis de Catherina II.*

Em hum canto da Europa existia hum associação, ou republica guerreira, de hum genero particular, e era a dos Cosacos Zaporogues, assim chamados, porque habitavaõ o paiz visinho ás cataractas do Dniéper ou Borystenes, onde serviaõ de milicia fronteira, primeiro aos Polacos, depois aos Russos. As suas principaes residencias chamavaõ-se *setscha*, palavra que em lingua Russa quer dizer entrincheiramento; era hum aggregado confuso de habitações espalhadas e mal construidas. Estes Cosacos conhecidos na Polonia pelo nome de Haydamaques, e temiveis pelas suas correrias e rapinas, governavaõ-se em fórma de Republica. Dividia-se a sua *setscha* em trinta e oito *kurenas* ou quarteis; cada Cosaco pertencia a hum destas *kurenas*; nella habitava; quando se demorava na *setscha*, era obrigado a seguir as suas leis; todos aquelles que eraõ da mesma *kurene* compunhaõ hum só e unica familia, e á similhaça dos antigos Spartanos, sustentavaõ-se com os mesmos alimentos comendo á mesma meza. Cada *kurene* tinha hum cabo, chamado *ataman*, e o chefe de todas intitulava-se *koschenoi-ataman*. Todos os chefes sem distincção eraõ eleitos de commun acordo, o *ataman* pela

Destruição da Setscha ou republica dos Cosacos Zaporogues.

1775.

sua *kurene*; o *koschenoi-ataman*, por todas as *kurenes* reunidas. As assembleás da *setscha* eraõ ou ordinarias, ou extraordinarias. Na que se ajuntava regularmente todos os annos no primeiro de Janeiro, fazia-se a repartição dos campos, dos rios e dos lagos entre as *kurenes*; empregavaõ nesta repartição a sorte, a fim de que o lote fosse successivamente vantajoso a todas as *kurenes*. Elegiaõ ao mesmo tempo, nesta assembleá, novos chefes, no caso de terem os antigos dado algum motivo de descontentamento. Quanto ás assembleás extraordinarias, tinhaõ lugar quando se tratava de entrar em campanha, fazer alguma excursão, e em geral quando o interesse público o parecia exigir. Havia hum juiz, e outros officiaes na *setscha*; o juiz não pronunciava senão em assumptos de pouca monta; os que eraõ de natureza mais grave exigiaõ a intervenção de todos os chefes. Nenhuma mulher era admittida na *setscha*; os que queriaõ casar eraõ obrigados a retirar-se para outra parte. Para completarem o seu numero, os Zaporogues recebiaõ os desertores, e gente de todas as nações; tinhaõ muito particular cuidado em recrutarem o seu corpo com rapazes novos, que roubavaõ nas suas correrias, para os educarem na conformidade dos seus costumes e usos.

Huma tregoa entre a Russia e a Polonia, em 1667, tinha deixado estes Cosacos debaixo da protecção destes dois Estados. Em 1676 déraõ-se á Russia, em cuja dominação se conserváraõ pela paz de Moscow de 1686. Implicados depois na rebelliação de Mazeppa,

puzêraõ-se, depois da batalha de Pultawa, debaixo da protecção dos Tartaros da Criméa, e transferíraõ entaõ a sua *setscha* para a margem oriental do Dniéper, mais proximo á sua embocadura. Descontentes dos Tartaros, que reprimiaõ as suas correrias, e que muitas vezes commettiaõ exacções na *setscha*, tomá-raõ em 1733 o partido de pôr-se novamente debaixo da dominação da Russia, que lhes confirmou os seus privilegios, e lhes subministrou dinheiro para os ajudar a reedificar a sua *setscha* na margem occidental do Dniéper. Como elles continuassem no seu exercicio de salteadores nas fronteiras, sem poupar amigos nem alliados, resolveo Catherina II aniquillar inteiramente esta singular associação. Além dos roubos, accusavaõ os Zaporogues de terem successivamente usurpado diferentes territorios entre o Dniéper e o Bog, assim como alguns districtos, que em todo tempo tinhaõ pertencido aos Cosacos do Don. Mas o que sobre tudo indispoz a Imperatriz contra elles, era serem taõ amantes da sua constituição, que se oppunhaõ a todo projecto de refórma, que tivesse por objecto faze-los viver em sociedade regular, e sujeitos aos vinculos do matrimonio, ou arregimentarem-se á imitação dos outros Cosacos. De mais disso, tendo Catherina II mandado ir a Moscow deputados de todas as partes do seu Imperio, para a formação de hum novo codigo de leis, tinhaõ-se elles recusado a cooperar para taõ grande obra, e era de recear, que não tentassem alguma revolta por occasião das mudanças projectadas na administração

dos governos da Russia. Á vista destas considerações, tomou a Imperatriz o partido de mandar marchar, em 1775, hum corpo de tropas contra elles, e no momento em que elles menos o esperavaõ, acháraõ-se cercados e atacados por todos os lados, sem poderem fazer a minima resistencia. Foi a sua *ssetscha* destruida, e todo o corpo dos Zaporogues inteiramente disperso. Mandáraõ para as suas cidades nataes, e para a sua respectiva patria, todos aquelles que não quizerãõ abraçar outro genero de vida no paiz onde se achavaõ. Este o fim que teve a associação dos Cosacos Zaporogues.

Codigo de  
Leis de Ca-  
therina II.  
1776.

Mandou Catherina II publicar no anno seguinte o codigo de leis, que tinha projectado para os seus Estados. Já em 1767 tinha ella ordenado a todas as provincias sujeitas ao seu dominio, que mandassem deputados a Moscow para cooperarem para esta grande obra. Teve lugar a abertura desta assembléa, nesta cidade, em hum das salas do antigo palacio dos Czares, em presença da Imperatriz, que mandou distribuir pelos membros desta reuniaõ, instrucções circunstanciadas a respeito destas novas leis. Frederico II, justo avaliador do merecimento, dizia ao Conde de Solm, ácerca destas instrucções: “ Li com  
” admiração a obra da Imperatriz, máscula,  
” nervosa, e digna de hum grande homem.  
” Diz-nos a historia, que Semiramis com-  
” mandou exercitos; a Rainha Isabel passou  
” por habil politica; a Imperatriz-Rainha  
” mostrou muita firmeza no principio do seu  
” reinado; mas nenhuma mulher ainda tinha

„ sido legisladora : estava esta gloria reser-  
„ vada á Imperatriz da Russia , que he digna  
„ della. „ A ultima guerra entre os Russos  
e os Turcos , tendo interrompido esta vasta  
empresa , foi este trabalho continuado depois  
da paz ; e só em 1776 he que appareceo o  
novo codigo de leis , em virtude do qual :  
*A justiça deve ser administrada , em cada  
departamento , por magistrados eleitos entre*  
*os nobres , os jurisconsultos , os grandes pro-*  
*prietarios , os negociantes e os labradores :*  
— O vicio conhecida será só humia exclusão  
para o exercicio da magistratura : — *A dif-*  
*ferença de estado , de Religião , de origem ,*  
*naõ será contada por cousa alguma na esco-*  
*lha dos juizes :* — O uso dos tormentos está  
abolido , e a pena de morte infligida muito  
raras vezes : — *A perda da honra , da liber-*  
*dade , e as condemnações dos trabalhos pú-*  
*blicos , são a punição ordinaria dos crimes :*  
— O juiz deve seguir a lei á letra , he-lhe ex-  
pressamente prohibido ajuntar-lhe ou cortar-  
lhe alguma cousa , e se o sentido proprio do  
texto lhe parece escuro , deve consultar o Con-  
selho de Estado : — No exercicio da justiça  
criminal , a lei tem sobre tudo em vista a se-  
gurança do accusado. Neste codigo reduz-se  
a prática aquelle axioma tão gabado , mas  
tão pouco seguido : que vale mais salvar vin-  
te criminosos , do que sacrificar hum só in-  
nocente ; finalmente , ninguém pôde ser preso  
sem que o crime , de que he accusado , este-  
ja provado ; o que desterra o abuso das ordens  
de prisão , e ao mesmo tempo estabelece huma  
grande differença entre a accusação e a prova.



## CAPITULO IV.

*Successão da Baviera. — Guerra entre a Austria e a Prussia. — Congresso de Teschen. — Morte de Maria Thereza.*

**Successão da Baviera.** 1777. Algumas desavenças que se suscitáraõ em Allemanha, por occasião da morte de Maximiliano José, Eleitor de Baviera, que não tinha posteridade masculina, estiveraõ a ponto de produzir os mais graves resultados. As Casas de Austria, de Saxonia e de Mecklembourg, se apresentáraõ para disputar a sua successão ao herdeiro presumptivo, Carlos Theodoro, Eleitor Palatino. Assim que o Eleitor de Baviera foi atacado da molestia, que poz termo aos seus dias, logo a Corte de Vienna mandou marchar tropas para a fronteira; e como ella tinha da sua parte os ministros Bavaros, fecháraõ-se as portas de Munich logo que este Principe deo o ultimo suspiro, sem que no espaço de cinco dias fosse permittido sahir da cidade, senaõ a hum correio despachado pelo Residente de Austria. Ordenou a Corte de Vienna no mesmo instante ás suas tropas, que entrassem no Eleitorado, as quaes tomáraõ posse dos paizes que ella reclamava. Intimidado com esta determinação, o Eleitor Palatino entrou em ajustes com a Austria; e por huma convenção assignada em Janeiro de 1778, reconheceo a legitimidade dos direitos desta Potencia. Tinhaõ alcançado o seu consentimento com a promessa de que se faria



hum estabelecimento vantajoso a hum filho natural que tinha; e como não tivesse posteridade legitima, tinha sacrificado sem escrupulo os interesses do seu herdeiro presumptivo, o Duque de Duas-Pontes, que recusou dar a sua adhesão a este concerto. Foi este Principe sustentado na sua opposição pelo Rei de Prussia, que tratou de quimericas as pertensões da Austria, considerando-as como incompativeis com a constituição e segurança do Corpo Germanico. Este Monarca intervindo neste negocio na qualidade de garante da paz de Westphalia, e como amigo e parente das partes interessadas, que reclamavaõ a sua intervenção, exigio que a Austria retirasse as suas tropas da Baviera, e que restituísse ao Eleitor os paizes, de que o havia despojado. Seguiu-se huma guerra de penna, e abríraõ-se negociações entre as Cortes de Berlin e de Vienna: tendo a Austria rejeitado as proposições da Prussia, rompêraõ-se as conferencias, e de ambas as partes não se tratou já senão de terminar a contenda por via das armas.

Nos principios de Julho tendo Frederico II entrado na Bohemia pelo Condado de Glatz, estabeleceo o seu campo entre Jaromitz e Kœnisgræts, em frente do do Imperador José II, do qual não estava separado senão pelo Elbo; outro exercito, composto de Prussianos e Saxonios, ás ordens do Principe Henrique, irmão do Rei de Prussia, penetrou na Bohemia pela Lusacia; hum terceiro exercito Prussiano entrou pela Silesia Austriaca, e occupou a maior parte della. José II conservou-se na defensiva, e Frederico II, a pezar de to-

Guerra entre a Prussia e a Austria.

dos os seus esforços, não o pôde obrigar a huma acção geral, não havendo mais que algumas acções assaz vivas entre destacamentos dos respectivos exercitos. Nos fins de Outubro o Rei de Prussia evacuou a Bohemia, e seu irmão, o Principe Henrique, seguiu o seu exemplo: e o inverno suspendendo as operações da guerra, deo lugar a negociações entre as Potencias belligerantes.

Congres-  
so de Tes-  
chen.

Em quanto duravaõ as negociações, fez José II quanto lhe foi possível para impedir a conclusão dos preliminares de paz: estava-se a ponto de assignar hum armisticio, quando, com o designio de continuar as hostilidades, mandou a hum corpo de dez mil homens, que fosse bombear Neustadt. Mas foi mal succedido no seu projecto, por quanto havendo sido accepta a mediação da França e da Russia, determinou-se a reuniaõ de hum congresso em Teschen, na Silesia Austriaca, para 10 de Março de 1779. A 13 de Maio seguinte, assignou-se ali a paz, por hum Tratado que annullava a Convenção de Janeiro de 1778, feita entre a Corte de Vienna e o Eleitor Palatino. Em virtude deste mesmo Tratado, a Austria era obrigada a restituir os paizes que havia occupado na Baviera, á excepção dos districtos situados entre o Danubio, o Inn, e o Salza: este foi o resultado que rive-raõ as contestações a respeito da successão da Baviera.

Morte de  
Maria The-  
reza.  
1780.

Não sobreviveo muito tempo Maria The-  
reza á conclusão da paz de Teschen, mor-  
rendo esta Princeza a 29 de Novembro de  
1780, aos quarenta e hum annos de reinado,

na idade de sessenta e tres annos e meio, e conservando até ao ultimo instante huma tranquillidade de espirito, que parecia sobrenatural. Sem pertender traçar o todo das qualidades de Maria Thereza, assaz será dizermos, que era de facil accesso para toda a gente; que amava seus filhos com extremosa ternura; cheia de bondade para com as pessoas empregadas no seu serviço, derramava os seus beneficios sem ostentação; sabia conciliar huma discreta economia com a generosidade de huma Soberana; combinar a condescendencia com a dignidade, e ajuntar as virtudes privadas ás virtudes eminentes, que constituem o ornamento do Throno. Não podemos com tudo deixar de confessar, que tinha suas fraquezas; e talvez não seja dado á natureza humana deixar de as ter: dando facilmente ouvidos aos espias e delatores, não desgostava de penetrar os segredos das familias. Huma devoção excessiva era parte para que fosse minuciosa nos exercicios da Religião; e mais de huma vez o seu zelo indiscreto a inclinou a actos de intolerancia, que desdouraão a sua memoria. Quanto ao mais, tinha grangeado o affecto de seus subditos, a quem a sua morte causou a maior magoa: em huma palavra, os dias de Maria Thereza são a idade de ouro para os povos que estão debaixo da dominação Austriaca.

## CAPITULO V.

*Revolução dos Anglo-Americanos. — Origem das perturbações da America. — Insurreição de Boston. — Congresso de Philadelphia. — Principio das hostilidades. — As Colonias independentes. — Constituição dos Estados-Unidos. — Capitulação de Saratoga.*

Estamos chegados ao tempo, em que a America Septentrional nos offerece o espectaculo de hum revolução, que tem muita ligação com a historia da Europa, porque independentemente da guerra, que accendeo entre a França e a Inglaterra, e na qual se acháraõ implicadas a Hespanha e a Hollanda, deve considerar-se como o principio das revoluções, que depois agitáraõ o nosso continente.

As Colonias Inglezas da America Septentrional não estavaõ ligadas com a metrópole, senão por hum governo puramente civil, pela conformidade dos costumes, e por habitos, que hum largo espaço de tempo tinha consagrado. Podia esta uniaõ ser de larga duração, se a mãi-patria tivesse tratado os Anglo-Americanos como Inglezes; querendo porém sujeitar o commercio dos Colonos ao monopolio Britannico, a Inglaterra pôz estorvos á sua industria, irritou-os, e despertou nelles o desejo de sacudir o jugo, de que eraõ ameaçados.

il Foi em 1765 que reventárao as primei-  
ras perturbações na America, por occasião  
dos impostos que ali quiz introduzir o Parla-  
mento da Graõ-Bretanha. Tendo a divida na-  
cional da Inglaterra augmentado prodigiosa-  
mente, julgou o Parlamento que devia obri-  
gar as Colonias a subministrarem o seu con-  
tingente para a liquidação desta divida. Se-  
gundo a acto do sello passado no Parlamen-  
to a 22 de Março de 1765, todo contrato  
nas Colonias Americanas, devia ser escrito em  
papel sellado, e o direito do sello ser regula-  
do segundo os differentes objectos, que davao  
motivo ao contrato: sublevoou esta medida  
os animos, e deo lugar a se commetterem to-  
do genero de excessos e de violencias contra  
os officiaes do Reib; os mesmos Tribunaes de  
justiça fechárao-se. Sustentavao as Colonias  
que o Parlamento Britannico não tinha o di-  
reito de impôr-lhes tributos, pela prazaõ de  
não serem representadas nelle; e não ficando  
nisto, suspendêrao todo commercio com a  
metropole, toda compra de mercadorias im-  
portadas de Inglaterra, Escossia e Irlanda.  
Revogou o Parlamento no anno seguinte  
de 1766 o acto do sello, publicando ao  
mesmo tempo hum acto declaratorio, no qual  
se dizia: «que as Colonias estavao de direi-  
to sujeitas, e erao dependentes da Corõa e  
do Parlamento da Graõ-Bretanha, residindo  
nelles a auctoridade e o poder de fazer leis  
obrigatorias para as Colonias, em todos os  
casos possiveis. » Ordenava-se por este acto  
as assembléas provinciaes, que recebessem nas  
suas cidades as tropas Britannicas, que a me-

tropole entendesse dever mandar para ali, e que lhes assistissem com lenha e cerveja. Este acto foi considerado como tyrannico aos olhos dos Americanos, e pareceo não senão outro o seu objecto senão destruir os fundamentos da liberdade, e estabelecer humna dominação absoluta e despotica. Fraqueando novamente, o ministerio Britannico desistio de todo projecto de impostos, que se cobrassem no interior do paiz, para limitar-se a impostos exteriores; substituiu, por tanto, em 1767, ao acto do sello, outro que estabelecia direitos de entrada no chá, papel pintado, papelaõ, chumbo, côres, vidros, exportados de Inglaterra para as Colonias. Não teve este acto melhor resultado que os anteriores: todas as Colonias suspenderaõ o uso dos objectos manufacturados na Graõ-Bretanha, e os negociantes Americanos deraõ contra-ordens para as mercadorias que tinhaõ encommendado em Inglaterra, Escossia e Irlanda. Fazendo o espirito de insurreiçãõ todos os dias novos progressos, o Parlamento Britannico, por hum acto redigido em 1769, resolveo empregar a força para sustentar nas Colonias a supremacia da Graõ-Bretanha. Nesta conjunctura critica, Lord North, que se achava á frente do gabinete Britannico, fez com que no Parlamento passasse, em 1770, hum acto, que supprimia todos os impostos, á excepção do do chá: era sua intenção serenar os animos, e habituar as Colonias, por meio deste leve tributo, a tolerar todo genero de imposto; mas este expediente também foi infructuoso, e os Americanos deraõ mostras não equivocas do seu descontentamento.

Tendo-se alguns navios Inglezes carregados de chá, apresentado em 1773 no porto de Boston, para nelle desembarcarem as suas cargas, o povo amotinado lançou ao mar todo o chá. Vendo o gabinete de São-James que as perturbações hiaõ cada vez a mais nas Colonias, julgou dever lançar mão de medidas rigorosas contra a cidade de Boston, que considerava como o foco da insurreiçaõ. Longe de intimidar-se, os Bostonezes mostráráõ muita firmeza; e em breve espaço a indignação foi geral em todas as Colonias, que de commun accordo assentáráõ que deviaõ reunir-se para resistir á tormenta de que estavaõ ameaçadas.

Insurrei-  
çaõ de Bos-  
ton.

Abrio-se em Philadelphia, a 5 de Setembro de 1774, hum Congresso geral composto dos seus representantes; o qual decidiu que se não mandassem vir mais mercadorias de Inglaterra, e que se apresentasse huma representação ao Rei, e huma petição á Camara dos Communs, para a reparação dos agravos de que as Colonias tinhaõ a queixar-se. Este passo não produziu effeito algum, persistindo o Parlamento nas suas medidas de rigor.

Congres-  
so de Phi-  
ladelphia.

Em consequencia começáráõ as hostilidades em Abril de 1775. Jorge Washington, proprietario rico da Virginia, que se havia distinguido combatendo contra os Francezes no Canadá, foi nomeado Commandante em chefe das tropas pelo Congresso, o qual, para supprir o numerario de que havia falta nas Colonias, decretou a emissão de papel-moeda para acudir ás despezas da guerra. Huma

Principio  
das hostili-  
dades.



declaração expoz os motivos, que tinhaõ tido os Americanos para tomarem as armas, e a intenção em que estavaõ de se não separarem da Graõ-Bretanha. Mas o gabinete de São-Jaimes tendo feito maiores esforços para a campanha de 1776, e tomado a seu soldo tropas Allemãs, os Americanos rompêraõ abertamente com a Inglaterra.

As Colónias declaradas independentes.

Foi entaõ proclamada formalmente, em virtude de hum acto do Congresso de 4 de Julho do mesmo anno, a independencia das Colónias. Em breve tempo se redigirão os artigos de confederação e de união perpétua das provincias, que tomáraõ o titulo de *Estados Unidos da America*.

Constituição dos Estados Unidos.

Em consequencia desta confederação, cada Estado ficou com a faculdade de legislar, e administrar-se interiormente, e o Congresso composto de deputados de todas as Colónias, foi encarregado de regular os negocios públicos, relativamente á guerra, á paz, ás allianças, ás moedas, aos pesos e medidas, aos correios, e de compôr as desavenças que pudessem suscitar-se entre alguns dos Estados confederados.

Capitulação de Saratoga.

A primeira vantagem que os Americanos alcançaraõ foi em Trenson, sobre o rio Delaware, onde o general Washington fez prisioneiro, em Dezembro de 1776, hum corpo de Hessezes e de Inglezes. Achavaõ-se com tudo os Estados Unidos em huma situação perigosa, quando huma perda de summa importancia, que o inimigo experimentou, os salvou do perigo, e completou por assim dizer a sua independencia: o general Inglez Ber-



goine, tendo-se adiantado imprudentemente do Canadá, para apoiar as operações do general Howe, que marchava vencedor sobre Philadelphia, foi obrigado pelas tropas do Congresso, ás ordens do general Gates, a depôr as armas, por huma capitulação assignada em Saratoga, a 16 de Outubro de 1777. Deste modo terminou, em vantagem dos insurgentes, huma campanha, que parecia ameaçar a sua nascente republica de huma inteira destruição.

## CAPITULO VI.

*Alliança da França e dos Estados Unidos.*

— *Neutralidade armada.* — *Combates maritimos entre os Inglezes e os Francezes.*

— *Conquistas reciprocas.* — *Derrota de Cornwallis.* — *Conferencias para a paz.*

— *Tratados de paz de Paris e de Versalhes.*

Assim que a noticia dos felizes successos dos Americanos chegou á Europa, logo a França, que se tinha aproveitado das perturbações das Colonias para pôr a sua marinha em hum pé respeitavel, reconheceo publicamente a independencia da America, por hum Tratado de alliança e de commercio, assignado em Paris a 6 de Fevereiro de 1778. Segundo hum dos artigos a França exigio, como principal condição, que os Estados Unidos não depuzessem as armas, senão quando a Inglaterra tivesse reconhecido a sua independencia. Foi este Tratado o signal da guerra entre a Graõ-

*Alliança da França com os Estados Unidos.*

Bretanha e a França, que não tardou a fazer entrar no seu partido a Hespanha e a Hollanda. Entrou a Hespanha nesta guerra em 1779. Quanto á Hollanda, o gabinete de São-Jaimes foi quem primeiro rompeo com ella, estando irritado contra os Hollandezes, porque em vez de subministrarem os soccorros, que entendia poder reclamar delles, em virtude dos Tratados, favoreciaõ a causa dos seus inimigos. Os Hollandezes, da sua parte, queixando-se das frequentes vexações, que experimentavaõ da parte dos armadores Britannicos, faziaõ diligencia por se livrarem dellas debaixo da protecção da *neutralidade armada*, que a Russia acabava de negociar a favor do commercio dos neutros contra as Potencias belligerantes. Sendo a guerra puramente maritima, tinha dado grande actividade ao commercio dos Estados do Norte, que forneciaõ aos Francezes e aos Hespanhoes madeira de construcção, e munições de todo genero: aproveitando-se da sua grande superioridade no mar, tomava a Graõ-Bretanha indistinctamente todos os navios mercantes com bandeira neutral. Para suspender estas vexações, o gabinete de São-Petersbourg resolveo a proteger com a força a navegação dos Russos, levou ao conhecimento das Cortes de França e de Inglaterra, por huma declaração de Fevereiro de 1780, que era sua intenção sustentar a liberdade do commercio de todos e quaesquer objectos, não exceptuando senão as verdadeiras munições de guerra, taes como balas, polvorra, artilheria, e em geral tudo quanto se reputava fazenda de contrabando, segundo o ar-

Neutrali-  
dade arma-  
da.

tigo 10 e 11 do seu Tratado de commercio, concluido em 1776 com a Grã-Bretanha.

Como a historia desta Liga formada para hum *neutralidade armada*, he digna de saber-se, não será fóra de proposito dar algumas circumstancias a respeito della. Depois da paz de 1763, ninguem podia oppôr-se á preponderancia maritima de Inglaterra, que se persuadio então poder deixar-se de allianças continentaes. Mas a revolução effectuada na America; a união da França e da Hespanha com os Americanos; a marinha respeitavel destas duas nações, déraõ a conhecer ao gabinete de Londres, que lhe era preciso recorrer ás allianças continentaes que desprezara. Lançou por tanto as suas vistas ás Cortes de São-Petersbourg, e de Vienna: mas para poder ser bem succedido, era-lhe preciso separar a Austria da França, e a Russia da Prussia. O cavalleiro Harris, que depois foi Lord Malmesbury, partio para São-Petersbourg, com o fim de romper a alliança desta Corte com a de Berlin, alliança que era obra do Conde de Panin, primeiro ministro da Russia. Como este, conhecendo bem quaes eraõ os interesses da sua nação, estava precavido contra toda medida tendente a envolver a sua Corte em hum guerra onerosa, e de que lhe não podia resultar vantagem, e não se mostrava inclinado a ligar-se com a Inglaterra; o cavalleiro Harris não se dirigio a este ministro, mas sim ao Conde Potemkim, que, assim como a Imperatriz, tinha disposições mais favoraveis. Lisonjeou as paixões do Conde, e animando as vistas ambiciosas, que Catheri-

na II tinha sobre Constantinopla, deo-lhe a entender que o gabinete Britannico poderia ajuizar-la neste negocio. Seduzida pelas suas promessas, a Imperatriz estava decidida a abraçar as idéas do diplomatico Inglez, se o Conde Panin, a quem foi preciso participar a aliança projectada com Inglaterra, não combatesse esta medida com as armas da razão e da sã politica. Derao a entender ao cavalleiro Harris, que no curso dos acontecimentos, que a guerra traz necessariamente consigo, poderia apresentar-se alguma circumstancia favoravel ao feliz resultado da sua negociação: e com effeito, apresentou-se humia, que reanimou as suas esperanças, que foi a tomada de dois navios Russos no Mediterraneo pelos Hespanhoes, que tendo-os conduzido a Cadiz, ali se apropriárao das suas cargas. Esta hostilidade contra a bandeira Russa, considerada como hum ataque á liberdade do commercio, irritou tanto mais Catherina II, que considerando-se como a creadora do commercio do seu Imperio, era summamente zelosa de segurar a prosperidade d'elle. Aproveitou habilmente esta occasião o cavalleiro Harris, para irritar a Imperatriz contra os inimigos da Inglaterra. Vio-se por consequencia o Conde Panin obrigado a dirigir á Corte de Hespanha reclamações para pedir-lhe satisfação deste acto hostil; passo este que o cavalleiro Harris julgou dever encaminha-lo ao fim que se propunha. Ajudado pelo Principe Potemkin, foi tão bem succedido junto de Catherina II, que sem consultar o Conde Panin, mandou armar humia esquadra destinada a al-

cancar por via das armas huma satisfação es-  
trondosa da parte da Hespanha, caso a recu-  
sasse dar por via das negociações. Esta me-  
dida não podia occultar-se por muito tempo  
ao Conde Panin: muito habil para contrariar  
abertamente o designio da Imperatriz, fingiu  
tomar parte no seu descontentamento contra a  
Hespanha, mas empenhando-se com tudo a  
que desse mostras delle, deo-lhe a entender  
que sem se limitar a hum interesse particular,  
devia abraçar a causa de todos os neutros, e  
proteger os seus direitos, que as Potencias bel-  
ligerantes não respeitavam como deviaão. For-  
mou depois hum plano de neutralidade, que  
encerrava tudo quanto as convenções existen-  
tes e os tratados dos publicistas offerenciaão de  
essencial neste assumpto. Agradou este pro-  
jecto á Imperatriz, que approvou huma De-  
claração, em que o seu ministro inserira os  
principios de neutralidade proprios para sus-  
tentar a liberdade do commercio, e a nave-  
gação dos neutros durante as guerras maríti-  
mas. Como o Conde Panin tinha persuadido  
a esta Princeza, que não desse a saber ao ca-  
valleiro Harris esta Declaração, foi esta pe-  
ça mandada a todas as Potencias maritimas,  
sem que este ultimo tivesse noticia de hum  
projecto tão contrario ás vistas da Inglaterra.  
A Dinamarca, a Suecia, a Hollanda,  
a Austria, Portugal e Napoles, accedêrao  
successivamente a esta Declaração, por acros  
ou Tratados, em que os mesmos principios  
estão enunciados palavra por palavra. Do la-  
do das Potencias belligerantes, esta medida  
foi favoravelmente recebida pela França e Hes-

panha. Os correios portadores da Declaração de Catherina II, havia alguns dias que tinham partido, quando chegou ao conhecimento do cavalleiro Harris o conteúdo dos seus despachos; o que lhe causou grande sobresalto. O gabinete Britannico levou muito a mal esta medida, e não poupou nos seus discursos a Corte da Russia, cujo successo foi completo. Não parando aqui, para impedir que os Hollandezes se aproveitassem desta medida, declarou-lhes a guerra antes que o seu acto de accessão á neutralidade pudesse ser ratificado pelas Potencias do Norte.

Combates maritimos entre os Inglezes e Francezes.

Mas para tornar ao nosso objecto, que he a guerra de que a America foi primeiro o theatro, e que d'ali se estendeo até a India e Africa; diremos que a França e a Hespanha tendo reunido as suas marinhas, a Inglaterra, vendo-se obrigada a dividir as suas forças, não pôde defender as suas possessões longinquas ameaçadas pelos seus inimigos. Deraõ as Potencias belligerantes alguns vinte combates navaes, em que a Inglaterra, pela experiencia e habilidade dos seus almirantes, não perdeu huma unica não de linha. A primeira acção naval entre os Francezes commandados pelo Conde de Orvilliers, e os Inglezes ás ordens do Almirante Keppel, foi o combate de Ouessant em Julho de 1778. Esta acção, cuja gloria ambas as nações igualmente celebráraõ, foi tão pouco decisiva como a maior parte das que se lhe seguiraõ, não havendo nenhuma que decisiva fosse, senão o combate, que o Almirante Rodney deo em 12 de Abril de 1782 ao Conde de Grasse,

que conduzio prisioneiro a Londres depois de haver-lhe tomado cinco náos de linha, entrando neste numero a não almiranta. Deo-se este combate entre a Dominica e as Santas.

No principio das hostilidades os Inglezes tomárao aos Francezes, nas Indias Orientaes, Pondichery, Chandernagor e Mahé; na America, as ilhas de S. Pedro, e de Miquelon, assim como a de Santa Luzia; e a ilha de Goréa, nas costas de Africa. Conquistas reciprocas.

Os Francezes da sua parte tomárao aos Inglezes as ilhas Dominica, S. Vicente, a Granada, Tabago, S. Christovaõ, Nevis e Monserrate na America; todos os seus estabelecimentos e fortes no Senegal em Africa; e Gondelor nas Indias Orientaes.

Os Hespanhoes apoderárao-se dos fortes que os Inglezes occupavao no Mississipi; do de Mobile ou Condé, na antiga Luiziana Franceza; e sujeitárao toda a Florida occidental com a cidade de Pensacola. Com o soccorro dos Francezes retomárao na Europa a Ilha de Minorca, assim como Porto-Mahon, e o Forte S. Philippe. Mas a Hespanha e a França, sem embargo da reuniao de suas forças, não pudérao tomar Gibraltar. Esta praça valerosamente defendida pelo general Elliot, foi duas vezes bastecida pelas esquadras Inglezas, á vista dos sitiantes, primeiro pela do almirante Rodney em 1780, e depois pela do almirante Howe em 1782. As baterias fluctuantes, de que se esperava o mais feliz resultado, forao destruidas por hum chuveiro de balas vermelhas, que lhes lançou o commandante Elliot, mallogrando-se deste modo a empresa dos



Hespanhoes e Francezes contra a rocha de Gibraltar.

Foi esta guerra desastrosa para os Hol-  
landezes, cujas ilhas de Santo Eustaquio, de  
Sabá, e de S. Martin sendo invadidas pelos  
Inglezes, fizeram nellas consideravel presa, e  
successivamente foram sujeitando os seus Esta-  
belecimentos de Demerary e Esséquebo na Guia-  
na; os que possuíam na costa de Malabar e  
de Coromandel, e principalmente Negapatnam  
e Trinquemale na costa de Cêilaõ. Os Fran-  
cezes retomáraõ depois as Antilhas Hollande-  
zas e Trinquemale.

Derrota de  
Lord Corn-  
wallis.

Na America Septentrional as vantagens  
foram largo tempo compensadas de parte a par-  
te, sem haver acção alguma decisiva. Final-  
mente, depois de haver-se apoderado das duas  
Carolinas, Lord Cornwallis se adiantou em  
1781 pela Virginia, onde se senhoreou de  
Yorck-Town e de Gloucester; havendo porém  
penetrado no interior desta provincia, Was-  
hington, Rochambeau e Lafayette, dirigíraõ  
as suas forças contra elle, protegidos por hu-  
ma esquadra ás ordens do Conde de Grasse.  
Apertado de todos os lados, e encerrado em  
Yorck-Town, vio-se Cornwallis obrigado a  
capitular, e entregar-se prisioneiro com todo  
o seu exercito a 19 de Outubro de 1781.

Conferen-  
cias para a  
paz.

A nova deste successo decisivo a favor  
dos Estados Unidos, tanto que chegou a In-  
glaterra, deo motivo a huma mudança no mi-  
nisterio. Os novos ministros, depois de terem  
em vão tentado concluir huma paz particular,  
já com os Americanos, já com os Hollande-  
zes, tomáraõ o partido de reconhecer a inde-



pendencia dos primeiros, e entráram logo em negociação com a França. Abriram-se as conferencias em Paris, de baixo da mediação do Imperador José II, e da Imperatriz da Russia; duraram desde o mez de Outubro de 1782, até 3 de Setembro de 1783, em que os Tratados de paz definitivos entre a Grã-Bretanha, a França, Hespanha e os Estados Unidos da America foram assignados, cada hum separadamente, em Paris, e em Versalhes; a assignatura do Tratado entre a Inglaterra e a Hollanda, teve lugar em Paris a 20 de Maio de 1784. Em virtude destes Tratados, foi a independencia dos Estados Unidos reconhecida pela Inglaterra, e se regularam os limites das respectivas possessões na extensão da America Septentrional; os Estados Unidos tambem alcançaram o direito da pesca nos bancos de Terra Nova, no golfo de S. Lourenço, e em todos os mais lugares, onde até então estava no costume de hir á pesca.

Tratados  
de paz, de  
Paris e Ver-  
salhes.

Pelo que diz respeito á pesca dos Francezes em Terra-Nova, foi regulada com muito mais vantagem para elles do que o tinha sido pelos Tratados anteriores. As ilhas de S. Pedro, e de Miquelon lhes foram cedidas: nas Antilhas, conservaram Santa Luzia, e Tabago, restituindo á Inglaterra a Grenada e as Grenadinas, S. Vicente, a Dominica, S. Christovão, Nevis e Monserrate. Na Africa, ficaram com os estabelecimentos e fortes do Senegal, com a ilha de Goréa, que lhes foi restituída: nas Indias Orientaes, restituíram-lhes Chandernagor, Pondichery e Mahé: as clau-

sulas dos Tratados anteriores relativas a Dunkerque, foram annulladas.

No Mediterraneo, a ilha de Minorca, e na America toda a Florida, foram cedidas á Hespanha, que restituiu aos Inglezes as ilhas da Providencia, e de Baffamá, e lhes concedeo de mais disso a faculdade de cortar páo de tinturaria ou de campeche em alguns districtos da Bahia de Honduras.

Finalmente, os Hollandezes cedêrão Negapatnam á Inglaterra, assegurando-lhe de mais a mais a livre navegação nos mares da India, onde até então tinhaõ conservado hum commercio exclusivo.

Este he o resumo dos Tratados de Paris e de Versalhes, que puzêrão termo á guerra da America.

## LIVRO II.

Desde a cessão da Criméa á Russia, em 1784, até á  
última desmembração da Polonia, em 1795.

## CAPITULO I.

*Novas desavenças entre a Russia e a Porta.  
— Contestações entre o Imperador José II  
e a Republica das Provincias Unidas. — Me-  
dição da França, e paz de Fontainebleau.  
— Perturbações internas da Hollanda.  
— Retirada do Stathouder. — Entrada  
dos Prussianos na Hollanda. — A Fran-  
ça abandona o partido anti-stathouderiano.*

Tinha-se suscitado novas contestações entre  
a Russia e a Porta, em consequência do Tra-  
tado de paz de Kainardgi, em virtude do qual  
esta ultima Potencia tinha reconhecido a in-  
dependencia dos Tartaros da Criméa, e con-  
cedido a livre navegação aos vasos Russos em  
todos os mares, que banhaõ as costas do Im-  
perio Ottomano: esta independencia desagra-  
dava aos Tárquos, que de mais disso não po-  
diaõ ver com bons olhos fluctuar a bandeira  
Russa até debaixo dos mesmos muros de Cons-  
tantinopla. Daqui resultáraõ contestações, que  
annunciavaõ hum rompimento entre as duas  
Potencias, quando para pôr termo a toda  
contestação, entendeu a Russia que devia pôr  
a Criméa no numero das suas provincias:

Novas des-  
avenças en-  
tre a Russia  
e a Porta.

mandou occupar pelas suas tropas esta península, assim como todo o Kuban, e lançou fóra da ilha de Taman os Turcos, que se haviaõ apoderado della: depois do que alcançou do Khan da Criméa que se demittisse da sua soberania. Assignou-se hum novo Tratado em Constantinopla, a 8 de Janeiro de 1784, no qual se estipulava, que a Imperatriz da Russia teria a soberania da Criméa e da ilha de Taman, e de toda aquella parte do Kuban que está situada na margem direita do rio deste nome, adoptado por fronteira entre os dois Imperios, e que a fortaleza de Ozakow seria cedida á Porta com o seu territorio. Tal foi o fim da dominação dos Tartaros da Criméa, que em outros tempos tinhaõ feito tremor á Russia. Desta vasta região Catharina II formou dois novos Governos, debaixo do nome da Taurida e do Caucaso.

Contestá-  
ções entre  
o Impera-  
dor José II,  
e a Re-  
publica das  
Provincias  
Unidas.

Não estavaõ de boa intelligencia o Imperador José II, e a Republica das Provincias Unidas, ácerca da execução do Tratado, chamado de Barriere de 1715, e do da Haya de 1718. Os limites da Flandres Hollandeza não haviaõ sido fixados de huma maneira precisa, raes como estes Tratados os tinhaõ regulado, e desde muito tempo a Corte de Viena tinha cessado de pagar aos Hollandezes o subsidio estipulado a seu favor, pelo Tratado de Barriere; consentia ella em regular definitivamente os limites, e em pagar o subsidio, hum vez que a Inglaterra e a Hollanda se ajustassem com ella relativamente ao restabelecimento das praças de Barriere, cujas fortificações haviaõ sido destruidas durante a guer-

ra pela successão da Austria: exigia tambem que estas duas Potencias se ajustassem para a conclusão de hum Tratado de commercio, vantajoso aos Paizes Baixos Austriacos, do modo que a isso se tinhaõ empenhado pelos Tratados anteriores. Tendo-se declarado a guerra, em 1781, entre a Inglaterra e a Hollanda, entendeo José II que devia aproveitar-se deste acontecimento, para libertar os Paizes-Baixos das cadeas, que lhes impunha o Tratado de Barriere. Tendo entaõ ordenado a demolição de todas as praças destes paizes, comprehendendo nellas as praças de Barriere, e intimou aos Hollandezes que retirassem as tropas que alli mantinhaõ. Naõ podendo estes invocar a garantia da Inglaterra, com a qual estavaõ em guerra, víraõ-se obrigados a estar pelo que a Austria exigia delles, e as suas tropas evacuáraõ todas as praças de Barriere. Levando José II mais longe as suas pertensões, resultáraõ disso novas contestações, e para termina-las consentio em que se abrissem, em 1784, conferencias em Bruxellas, onde elle mandou declarar que desistia de todas as pertensões, que tinha contra a Hollanda, com tanto que esta concedesse, a favor dos Paizes Baixos, a abertura do Escalda, com a faculdade de navegar e de commerciar directamente com a India; e ao mesmo tempo deo a conhecer a firme resolução em que estava de considerar desde já o Escalda como livre, e a menor opposição da parte dos Hollandezes, como huma hostilidade aberta e huma declaração de guerra. Estes sem intimidar-se com semelhante ameaça, declaráraõ a conducta de

José II contraria aos Tratados. Huma esquadra Hollandeza postada na embocadura do Escalda, teve ordem de não deixar sahir nenhum navio Austriaco; e dois navios Imperiaes tendo querido forçar a passagem, atirá-ram-lhes, e obrigáram-nos a arrear bandeira. O Imperador, julgando-se então em guerra aberta, rompeo as conferencias de Bruxellas. Lisonjeava-se este Principe de que a Corte de França o sustentaria nesta pertensão; mas o gabinete de Versalhes occupado em negociar hum Tratado de alliança com os Hollandezes, conhecia que abandonando-os então, obrigá-los-hia a deitar-se nos braços da Inglaterra.

Mediação  
da França, e  
paz de Fon-  
tainebleau.

Esta circumstancia, e as difficuldades que a guerra dos Paizes-Baixos offerecia a José II, forão parte para que elle buscasse a mediação da França, que deo principio ás negociações, as quaes forão tão demoradas como espinhosas. Finalmente, por hum Tratado de paz assignado em Fontainebleau a 8 de Novembro de 1785, conveio-se em que o Escalda permaneceria fechado, e aplanáram-se todas as difficuldades entre o Imperador e os Hollandezes. Dois dias depois assignou-se hum Tratado de alliança na mesma cidade entre estes ultimos e a França.

Liga Ger-  
manica con-  
tra a Aus-  
tria.

José II, que não pudéra precedentemente apoderar-se da Baviera por meio das armas, quiz alcança-la em 1785 por meio das negociações, isto he, em troca dos Paizes-Baixos. Frederico II, que conhecia quanta preponderancia daria á Austria no Imperio esta concentração de forças, e este arredondamento de

possessões, resolveo oppôr-se abertamente ao projecto do gabinete de Vienna. Concluiu-se em consequencia huma confederação em Berlim a 3 de Julho, entre a Prussia e vários Principes de Allemanha. Esta liga, cujo motivo apparente era manter a Constituição do Imperio, oppoz huma forte barreira á ambição da Casa de Austria. Em vão representou José II que esta associação dos Principes era effeito das vistas interesseiras de Frederico II, a quem elle chamava o anti-Cesar, e que era mais propria para perturbar do que para manter a paz do Corpo Germanico. Até quiz formar huma contra-liga, porém vio-se obrigado a renunciar semelhante projecto.

A liga Germanica foi o ultimo acto importante, pelo qual o Rei de Prussia assignalou hum reinado glorioso de quarenta e sete annos, morrendo na idade de setenta e cinco (\*). Durante a dilatada enfermidade,

---

(\*) Tendo nascido a 24 de Janeiro de 1712, e subido ao Throno a 31 de Maio de 1740, Frederico II terminou a 27 de Agosto de 1786 a sua gloriosa carreira, que fez a admiração dos seus contemporaneos, e será o objecto da admiração da posteridade a mais remota. Pelas suas proezas e talentos militares, pela sua profunda politica, pela sua administração admiravel na paz, pela superioridade do seu genio, pela extensão dos seus variados conhecimentos, pelos acontecimentos estrondosos e celebres que tiverão lugar em sua vida, pelo papel superior que representou entre os principaes Potentados da Europa, por hum reinado glorioso de quasi meio seculo, &c., acha-se Frederico II eminentemente collocado acima dos heróes e dos Soberanos mais illustres. Se teve defeitos, forão os dos grandes homens; se teve seus extravios, forão daquelles que são proprios



a que succumbio, segurava sempre com mão firme as redeas do Estado, e conservou as faculdades todas do seu espirito até o ultimo momento da sua vida. Teve por successor Frederico Guilherme, seu segundo sobrinho, a quem deixou hum Estado consolidado, hum exercito respeitavel, excellentes generaes, hum thesouro sufficiente para acudir a tres campanhas sem necessidade de recorrer a novos impostos; mas deixou-lhe ao mesmo tempo hum papel muito difficil de representar, o de tomar o lugar de hum Principe, que tinha merecido o nome de Grande.

Perturba-  
ções inter-  
nas da Hol-  
landa.

A Hollanda era então agitada de perturbações internas; os republicanos, animados contra o Stathouder, Principe de Orange, e contra os que seguião o seu partido, estavam mais inquietos que nunca. Accusavaõ o Stathouder de promover os interesses da Inglaterra, e de desprezar a marinha, a ponto de não poder proteger o commercio, na qualidade de Almirante-General das forças navaes da república: e passando das palavras às obras, romperaõ em excessos.

Retirada  
do Stathou-  
der.

Hum motim popular excitado na Haya, no mez de Setembro de 1783, servio de pretexto aos Estados da Hollanda para tirar ao Stathouder o commando desta residencia; procedimento este, que decidio o Principe de Orange a retirar-se da Haya para a Provincia

---

do engenho: huns e outros eraõ apagados pelas mais raras e mais brilhantes qualidades; e do mesmo modo que as sombras em hum quadro, faziaõ sobresahir todo o esplendor deste Monarca.



de Gueldres, que lhe era summamente addicta. Esta retirada do Stathouder não teve outro resultado, senão animar ainda mais os seus adversarios. Formárao-se nas principaes cidades associações, debaixo do nome de *corpos-francos*, para exercitar os cidadãos no manejo das armas. Os anti-Stathouderianos todos diziao-se patriotas, e erao sustentados pela França, que attrahindo-os aos seus interesses, contava servir-se delles para diminuir a influencia da Inglaterra. Exasperavao-se cada vez mais os espiritos em cada hum dos partidos, quando a esposa do Stathouder, irmã do Rei de Prussia, tomou a resolução de transferir-se para a Haya, com o designio, segundo ella dizia, de ahi trabalhar por alcançar a reconciliação e o restabelecimento da paz; porém quando já hia de caminho, hum destacamento do corpo-franco de Gouda, a obrigou a parar, em 28 de Junho de 1787.

Frederico Guilherme II, que tinha succedido a Frederico II, seu tio, julgou dever pedir satisfação da offensa feita a sua irmã. Não a tendo podido alcançar nos termos em que elle a exigia, mandou este Principe entrar na Hollanda, no mez de Setembro seguinte, hum corpo de vinte mil homens ás ordens do Duque de Brunswick, que se apoderou de todo o paiz, e sujeitou a cidade de Amsterdam, onde sempre se tinha manifestado a mais viva opposição ao Stathouder. Por meio das baionetas Prussianas, todas as resoluções anteriores, que haviaão sido tomadas contra este Principe pelos republicanos, foraão annulladas, e elle restabelecido na plenitude das suas prerogativas.

Entrada  
dos Prus-  
sianos em  
Hollanda.

A França abandona o partido anti-Stathouderiano.

Posto que a Corte de França não ignorasse, que a duração da sua alliança com os Hollandezes dependesse do feliz successo do partido republicano, não deo o minimo passo, nem para defender os interesses deste mesmo partido, que ella tinha sublevado contra o Stathouder, nem para oppôr-se á invasão das tropas Prussianas; e até teve a fraqueza de declarar á Corte de Londres, que ella não conservava vistas algumas hostís, relativamente ao que acabava de passar-se na Hollanda. Renunciando então a sua alliança com a França, os Hollandezes abraçaram a da Graõ-Bretanha e da Prussia, que, pelos Tratados assignados a 15 de Abril de 1788, se obrigaram a garantir o Stathouderato hereditario na Casa de Orange, na conformidade das resoluções de 1747 e 1748.

## CAPITULO II

*Perturbações dos Paizes-Baixos Austriacos.*  
 — *Partidos de Vonk e de Van der Noot.*  
 — *Expedição dos insurgentes.* — *Declaração estes ter José II perdido a Soberania dos Estados Belgicos.* — *Divisão entre os insurgentes.* — *Pacificação das perturbações da Belgica.*

Perturbações dos Paizes-Baixos Austriacos. A revolução que se havia effectuado em Hollanda, foi logo seguida da dos Paizes-Baixos Austriacos, que se sublevaram contra José II. Foram differentes Edictos deste Principe, publicados desde o 1.º de Janeiro de 1787, com

o fim de introduzir huma nova ordem de cousas no governo tanto civil como ecclesiastico das Provincias Belgicas, considerados como contrarios á constituição e aos empenhos contrahidos pelo Soberano, conforme a Carta, denominada *Alegre Entrada*, porque havia sido promulgada na entrada de Filippe o Benigno na cidade de Bruxellas. As perturbações causadas por estas innovações induzirão o Imperador a revogar os seus Edictos, e a restituir as cousas ao seu antigo estado. Continuando sempre a agitação, persistirão os Belgas na sua opposição á Corte de Vienna, e José II. lançou então mão de medidas vigorosas, declarando que elle se julgava desobrigado da execução das disposições da *Alegre Entrada*.

Dois partidos oppostos dividiaõ então as Provincias Belgicas, os quaes alimentavaõ o fogo da discordia; hum delles tendo por chefe o advogado Vonk, sustentado pelos Duques de Ursel e de Aremberg, estava nos interesses da Austria, e limitava-se a pedir a refórma dos abusos, e hum melhor systema de representação nos Estados do paiz; o outro partido dirigido pelo advogado Van der Noot e hum Padre, o Penitenciario Van Eupen, sem mudar as fórmas antigas, queria attribuir aos Estados a independencia, e despojar a Casa de Austria da Soberania. Lisonjeava-se o partido de Vonk de que effectuaria, pelos seus proprios recursos, as refórmas que meditava; o de Van der Noot fundava as suas esperanças nos soccorros estrangeiros, principalmente da Prussia, que julgava interessada

Partidos  
de Vonk e  
de Van der  
Noot.

em aproveitar-se desta occasião para enfraquecer o poder da Austria.

Expedição dos insurgentes.

Os dois partidos, que principiáraõ o-brando de concerto, tinhaõ por general Van der Mersh, originario de Menin na Flandres, e antigo Coronel no serviço da Austria. Hum corpo de insurgentes commandado por elle, encaminhando-se a 24 de Outubro de 1789 a Turnhout no Brabante, repellio os Austriacos ás ordens do general Schroder. Esta primeira vantagem deo calor á insurreição, que do Brabante se estendeo pelas outras provincias Belgicas. Abandonando pouco e pouco as cidades e praças principaes, os Austriacos retiráraõ-se para a fortaleza de Luxembourg.

Declaração de José II perdido a Soberania.

Ajuntaõ-se os Estados do Brabante a 18 de Dezembro em Bruxellas, e a 26 do mesmo mez proclamaõ a independencia dos Belgas. Declaraõ que o Imperador perdeu a Soberania, por haver violado os empenhos que tinha contrahido, na conformidade da *Alegre Entrada*. Este exemplo dos Estados do Brabante foi seguido pelos das outras provincias.

Congresso soberano dos Estados Belgicos.

A 11 de Janeiro de 1790, os deputados reunidos em Bruxellas de toda a Belgica, assignáraõ hum Acto de confederação debaixo do titulo de *Estados-Belgicos-Unidos*. Por este Acto concede-se a hum Congresso composto de deputados das differentes provincias, debaixo da denominação de *Congresso Soberano dos Estados Belgicos*, todos os direitos da Soberania, relativos á defeza commum; cada huma das provincias conserva a independencia, e o exercicio do poder legislativo; a sua uniaõ he declarada permanente e irrevoga-

vel; não se toca nem na Religião, nem na constituição, e não se admittem tambem outros representantes, senão os que haviaõ sido nomeados anteriormente.

Naõ foraõ estas medidas da approvação do general Van der Merst, nem dos que seguiaõ o partido de Vonk, que receavaõ tanto a oligarquia dos Estados como o despotismo Austriaco. O credito de Van der Noor, as instigações dos Clerigos e dos Frades, fizeram com que prevalecesse o partido dos Estados. Os que eraõ do partido da refórma, foraõ apartados da direcção dos negocios. Van der Merst foi preso, e substituido pelo general Prussiano Schonfeld. O saque, as delações, as prisões, saõ o resultado da victoria alcançada pela facção aristocratica.

Divisão  
entre os in-  
surgentes.

A morte de José II acontecida no meio destas divisões, produziu huma mudança favoravel á causa da Austria. Leopoldo II, que succedeo a seu irmão, deo annuncio de disposições pacificas. O Congresso Belgico, da sua parte, não podendo contar com os socorros estrangeiros, estava inclinado a entrar em concerto. A Prussia tinha recusado sustentar os Belgas, e a Inglaterra oppunha-se abertamente á sua independencia. Estas duas Potencias conjuntamente com as Provincias Unidas, offerecêraõ a sua mediação para a pacificação das perturbações. Debaixo desta triplicada garantia, obrigou-se Leopoldo II de hum modo formal a governar de entaõ em diante os Paizes Baixos, conforme as constituições, cartas e privilegios, que estavaõ em vigor no reinado de Maria Thereza, e a a-

Pacificação  
das pertur-  
bações da  
Belgica.

nullar tudo quanto se tivesse feito contrario a elles no reinado de José II. Em consequencia, por huma Declaração do mez de Novembro de 1790, Leopoldo II, concedendo huma amnistia a todos os que em certo tempo determinado depuzessem as armas, ordenou aos Belgas que lhe prestassem juramento de fidelidade. Todas as provincias forão successivamente fazendo a sua submissão, e Bruxellas abriu as suas portas ás tropas Austriacas. Os chefes da revolução, Van Eupen, Van der Noot, e outros, retirárao-se para Hollanda. Em fim a Belgica entrou novamente sob o dominio da Casa de Austria.

Revolução de Liege.

Em quanto a Belgica se tinha sublevado contra a Casa de Austria, os Liegezes, seus visinhos, tinhaõ arvorado o estandarte da insurreição contra o seu Principe-Bispo. Elles tinhaõ o direito de reclamar a restituição dos seus antigos privilegios, de que insensivelmente os tinhaõ despojado. Sustentados pelo Rei de Prussia, sem recorrerem a outro meio legal, arrebatáraõ por violencia o que deviaõ alcançar pela justiça. Mudáraõ os seus magistrados, expulsáraõ o seu Bispo, e apoderáraõ-se do exercicio da Soberania. Em breve tempo hum Decreto da Camera Imperial de Wetzlaer, condemnando semelhante violação das leis do Imperio, ordenou aos Directores do Circulo, de que dependia o Paiz de Liege, que fizessem entrar os insurgentes no seu dever. O Rei de Prussia, Frederico Guilherme II, encarregado da execução do Decreto, mandou que entrassem na cidade de Liege algumas tropas, com o destino de proteger antes o par-

rido dos descontentes, do que de reduzi-lo. Estabeleceo-se entre o Monarca Prussiano e o Bispo huma correspondencia, e o resultado da negociação foi infructuoso. Os Liegezes, por fim, sendo obrigados a sujeitar-se ás decisões da Camera de Wetzlaer, tornaraõ a entrar sob a auctoridade do seu Bispo.

### C A P I T U L O III.

*Guerra entre a Porta, a Russia, e a Austria. — Declara-se o Rei de Suecia contra a Russia a favor da Porta. — Declara-se a Dinamarca a favor da Russia. — Faz a Suecia a sua paz com a Russia. — Vantagens dos Russos sobre os Turcos. — A Inglaterra e a Prussia ameaçaõ a Austria e a Russia. — Convenção de Reichenbach, e Paz de Szistova. — Prosegue a Russia vigorosamente a guerra. — Paz de Yassy entre a Russia e a Porta.*

Os ciumes, que desde muito tempo existiaõ entre a Russia e a Porta, accendêraõ em 1787 entre estas duas Potencias huma nova guerra, em que a Austria tomou parte como alliada da Russia: a Corte Ottomana considerava como intoleraveis as condições, que o gabinete de S. Petersbourg lhe impuzera nos ultimos Tratados. A Corte da Russia mostrava muita altivez nas suas communicações com a Porta. Esta ultima, queixando-se de mais disso do Consul Russo na Moldavia, pedia que o substituisssem por outro; exigia ella tambem, que

Guerra entre a Porta, a Russia e a Austria.



Catherina II retirasse as suas tropas da Georgia, e queria que os vasos Russos, que passassem o Estreito, fossem sujeitos a serem visitados. Apenas se teriaõ communicado estas pertensões á Corte de S. Petersbourg, quando sem esperar pela resposta, a Turquia tomou o partido de proclamar a guerra, mandando encerrar no castello das Sete-Torres o ministro da Russia em Constantinopla.

Declara-se o Rei de Suecia contra a Russia, a favor da Porta.

Gustavo III, Rei de Suecia, cedendo ás insinuações das Cortes de Londres e de Berlin, declarou-se contra a Russia, no momento em que todas as forças desta ultima Potencia se dirigiaõ contra os Turcos. Em consequencia das ordens deste Principe, formou-se hum exercito na Finlandia, ao mesmo tempo que mandou adiantar huma esquadra até Cronstadt, o que derramou o susto e espanto na mesma cidade de Petersbourg. A 30 de Maio de 1787 deo-se, junto da ilha de Hogland, entre as esquadras Russa e Sueca, hum combate em que não houve vantagem de parte a parte. Porém as medidas de Gustavo III foraõ transtornadas por hum acontecimento imprevisto: estava tudo disposto para o ataque de Friedrichsham, na Finlandia Russa; recusáraõ marchar alguns officiaes do seu exercito, dando por motivo, que segundo a Constituição do Reino, não podiaõ prestar-se a huma guerra offensiva, em que a nação Sueca não tinha consentido. A conducta destes officiaes deo motivo á deserção de huma grande parte das tropas, e foi causa de que se mallograsse a expedição da Finlandia.

Declara-se

Vendo-se atacada pela Suecia, reclamou



a Russia da Dinamarca os soccorros que ti- a Dinamar-  
nha de obrigação dar-lhe, em virtude da al- ca a favor  
liança que subsistia entre as duas Potencias. da Russia.

A Corte de Copenhague, em consequencia, armou huma esquadra, e mandou avançar, em 1788, contra a Suecia, hum corpo de tropas auxiliares, que depois de haver feito a conquista do Governo de Bahus, se adiantou na Westrogothia para pôr sitio a Gothenbourg. Acudio Gustavo III em soccorro desta praça importante, que teria succumbido, se não fossem as Cortes de Londres e de Berlin, cuja intervenção obrigou a Dinamarca a concluir hum armisticio com a Suecia, e a abraçar em 1789 huma inteira neutralidade, com o proprio consentimento da Russia.

Depois de algumas acções navaes, em que não houve vantagem decisiva entre os Suecos e os Russos, experimentou a esquadra de Gustavo III, a 3 de Julho de 1790, no golfo de Wibourg, huma perda, que foi contrapesada a 9 e a 10 do mesmo mez, pela victoria que o Rei de Suecia alcançou em pessoa contra a esquadra Russa commandada pelo Principe de Nassau-Siegen: esta acção, que custou muira gente e muitos vasos á Russia, apressou a paz entre as duas Potencias. Abandonado da Inglaterra e da Prussia, que o tinham empenhado nesta guerra, receando de mais disso que os Russos, aproveitando-se do descontentamento da Nobreza Sueca, não penetrassem no interior dos seus Estados, concluiu Gustavo III com Catherina II hum Tratado de paz, que se assignou a 14 de Agosto de 1790.

Conclue  
a Suecia a  
paz com a  
Russia.

Quanto á guerra entre a Turquia e a Vantagès

dos Rus-  
sos contra  
os Turcos.

Russia, as vantagens foram todas da parte da ultima. Hum corpo de Russos reunido com os Austriacos, apoderou-se de Choczim no mez de Setembro de 1788. No mez de Dezembro seguinte, tomou o Principe Potemkim de assalto a importante fortaleza de Oczakow, cuja guarnição foi passada ao fio da espada com hum grande parte dos habitantes. A 21 de Julho de 1789 foram os Turcos derrotados por Suwarow, reunido a hum corpo de Austriacos commandados pelo Principe de Cobourg; e o mesmo Suwarow, ajudado do general Austriaco, alcançou, a 22 de Setembro seguinte, junto de Martinestia, nas margens do Rymnik, hum assignalada victoria, que lhe mereceo o nome de Rymnisky, e cuja consequencia immediata foi a tomada de Bender. A Provincia de Oczakow, toda a Moldavia e a Bessarabia, com as praças de Tulcia, de Isaccia, de Kilia, de Ismail, assim como a fortaleza de Sudjoukkalé no Kuban Turco, cahiram successivamente em poder dos Russos. A tomada de Ismail por Suwarow, foi das mais mortíferas, pois custou a vida a mais de trinta e tres mil Turcos, sem contar dez mil prisioneiros.

A Inglater-  
ra e a Prus-  
sia ameaça-  
ção a Aus-  
tria e a Rus-  
sia.

O gabinete de Londres, que via com ciume e inquietação os successos da Russia, resolveo fazer hum diversão a favor da Turquia. Ordenou em consequencia hum armamento maritimo, e decidio ao mesmo tempo o seu alliado, o Rei de Prussia, a mandar adiantar as suas tropas para as fronteiras da Silesia e da Polonia: não se limitando a esta só medida, concluiu Frederico Guilherme II,

a 31 de Janeiro de 1790, com a Porta, hum Tratado de alliança, pelo qual se obrigava a declarar, na primavera proxima, a guerra á Austria e á Russia.

Intimidado com esta conducta da Corte de Berlin, ajustou Leopoldo II, a 27 de Julho de 1790, com a Prussia, huma Convenção em Reichenbach, pela qual concluiu hum armisticio, e consentio em fazer com a Porta huma paz particular, cujo Tratado foi assignado em Szistova, na Bulgaria, a 4 de Agosto de 1791, debaixo da mediação da Hollanda e da Prussia. Em virtude deste Tratado, restituiu Leopoldo II aos Turcos Belgrado, e tudo quanto lhes tinha tomado durante a guerra; consentio em não conservar Choczim, senão até á conclusão da paz entre a Russia e a Turquia. Assegurárao-lhe sómente huma fronteira mais vantajosa na esquerda do Unna, assim como do lado da Valaquia, onde alcançou o Velho-Orsova, ficando o rio de Czerna servindo de limite entre os dois Imperios.

Catherina II com tudo não se assustou com o abandono da Austria: resolvida a não ceder, tomou o partido de proseguir só a guerra com vigor; e os generaes continuaraõ a assignalar-se com feitos d'armas illustres. Por fim, vendo o gabinete de Londres que esta Princeza estava decidida a não receber a lei, abandonou o *statu quo stricto*, que elle tinha exigido de concerto com a Prussia, como base da paz que se havia de concluir entre a Russia e a Porta. De outro lado o ministerio Britannico esforçava-se por fazer mais intima

Convenção de Reichenbach; e paz de Szistova.

Prosegue a Russia vigorosamente a guerra.

a sua união com o gabinete de S. Petersbourg, no momento em que este ultimo parecia destacar-se da França, renunciando os empenhos que havia contrahido com ella pelo Tratado de commercio de 1787. Consentio a Inglaterra, de concerto com a Prussia, em não socorrer mais os Turcos, no caso destes recusarem acceitar as condições de paz rasoaveis propostas pela Russia.

Paz de  
Yassy entre  
a Russia e  
a Porta.

Abrírao-se em consequencia as negociações, e os Preliminares da paz entre as duas Potencias belligerantes se assignárao a 11 de Agosto de 1791 em Galasch sobre o Danubio; e o Tratado definitivo concluiu-se em Yassy na Moldavia, a 9 de Janeiro de 1792. Renovárao-se nelle as estipulações dos Tratados anteriores depois do de Kainardgi; convierao em que o Dniester fosse considerado como limite perpétuo entre os dois Imperios; a fortaleza de Oczakow, com todo o paiz situado entre o Bog e o Dniester, foi cedida á Russia pela Turquia, que lhe confirmou ao mesmo tempo a cessao da Criméa, da ilha de Taman, e daquella parte do Kuban situada na margem direita do rio deste nome: obrigou-se a Porta além disso a fazer com que cessassem as piratarías dos corsarios Barbarescos, e até a indemnisar os Russos das perdas, cuja reparação não tivessem alcançado em certo tempo limitado. A Russia da sua parte, restituiu todas as outras conquistas que tinha feito, estipulando algumas vantagens a favor dos habitantes da Moldavia e da Valaquia. Tinhao os Plenipotenciarios dos dois Imperios convindo em que, para indemnisar a

Russia dos gastos da guerra, a Porta lhe pagaria doze milhões de piastras; mas depois da assignatura do Tratado, declarou Catharina II que renunciava a semelhante indemnisação.

## C A P I T U L O IV.

*Dieta extraordinaria da Polonia. — Constituição Polaca de 1791. — Confederação de Targowice em 1792. — Renuncia o Rei de Polonia a Constituição de 1791. — Segunda desmembração da Polonia.*

Em quanto a Russia estava empenhada na guerra de que acabamos de tratar, os Polacos, zelosos de recobrar a sua antiga independencia, julgáram dever occupar-se, em 1788, do cuidado de mudar a sua Constituição viciosa, a fim de dar novo vigor ao seu governo. Deviam elles ter antevisto que as mudanças que meditavam, não seriaõ do agrado de Catharina II. Em vez de pôr a Polonia em estado de defeza, e de prover no melhoramento das finanças, a Dieta perdeu muito tempo a discutir o projecto de huma Constituição patriotica. Fiando-se no apoio da Prussia, que no anno de 1790 concluiu com elles hum Tratado de alliança, os Polacos julgavaõ-se em perfeita segurança.

Dieta extraordinaria da Polonia.

O Rei Estanisláo-Augusto estando determinado a fazer causa commum com o partido patriotico da Dieta, foi a nova Constituição decretada por acclamação a 3 de Maio

de 1791. Esta Constituição emendava alguns vícios da antiga: o Throno foi declarado hereditario na Casa Eleitoral de Saxonia; a lei da unanimidade, e o *liberum veto* foram abolidos; a Dieta foi declarada permanente, e o Corpo Legislativo dividido em duas Camaras; huma cujos deputados deviaõ exercitar as suas funcções dois annos, tinha a seu cargo a discussão das leis; e a outra, composta do Senado, e presidida pelo Rei, devia sancioná-las, e exercer o *veto*. O poder executivo era confiado ao Rei e a hum Conselho de vigilancia composto de membros responsaveis. Os habitantes das cidades tinhaõ a faculdade de eleger os seus deputados e os seus juizes: os nobres eraõ conservados em toda a extensão dos seus direitos e prerogativas: quanto aos camponeses, longe de serem admittidos a huma perfeita igualdade de direitos, ficavaõ sómente debaixo da protecção da lei e do governo, sendo livre aos proprietarios das terras fazerem com os seus colonos toda e qualquer convenção para melhorar a sorte destes.

Confederação de Targowice.  
1792.

Desagradou sumamente esta innovação politica a Catherina II, que tanto que concluiu a paz com a Porta, logo induzio os que eraõ do seu partido na Polonia, a formar em 1792 huma Confederação em Targowice, para tornar a pôr em vigor a antiga Constituição. Mandou esta Princeza marchar ao mesmo tempo hum exercito contra os auctores e fautores da nova ordem de cousas. Lembrando-se entaõ de tomar medidas vigorosas, decretou a Dieta, que o exercito de linha se puzesse em hum pé respeitavel, e que se con-

eluisse hum empréstimo analogo ás necessida-  
des do Estado: quanto ao apoio da Prussia,  
com que os Polacos contavaõ, deo o gabinete  
de Berlin huma resposta evasiva, relativamente  
ao soccorro que lhes havia promettido pelo  
Tratado de alliança de 1790. De mais disso,  
o Rei de Prussia estava irritado contra a Die-  
ta, por se haver esta recusado a ceder-lhe  
Thorn e Dantzick. Em tal circumstancia, foi  
muito facil á Imperatriz attrahir ao seu parti-  
do este Monarca, com a proposição que lhe  
fez de huma nova desmembração da Polonia.

Sem soccorro da parte da Prussia, não  
pudéraõ os patriotas Polacos resistir á Rus-  
sia, e a campanha de 1792 foi toda infeliz  
para elles. A aproximação dos Russos, que se  
adiantáraõ sobre Varsovia, o Rei Estanislão-  
Augusto tomou o partido de acceder á Con-  
federação de Targowice, renunciando á nova  
Constituição, assim como aos Actos da Dieta  
revolucionaria de Varsovia: e até se sujeitou  
às condições impostas pela Russia. Tendo as  
tropas Prussianas entrado tambem na Polonia,  
derramáraõ-se por ella, seguindo o exemplo  
dos Russos.

Nos mezes de Março e de Abril de  
1793, as Cortes de Berlin e de S. Petersbourg  
annunciáraõ por meio de proclamações, que  
encorporavaõ ás suas Monarquias os territorios  
e districtos da Polonia, de que as suas tropas  
acabavaõ de tomar posse.

Coube á Prussia em partilha, a melhor  
parte da Grande-Polonia, com as cidades de  
Thorn e Dantzick. Alcançou tambem a cida-  
de de Czenstochau, na Pequena-Polonia.

Renúncia o Rei de Polónia á Constituição de 1791.

Segunda desmembração da Polónia.



Á Russia coube quasi metade da Lithuania, com os Palatinados de Podolia, de Polock, de Minsk, huma porção do Palatinado de Wilna, e metade dos de Nowogrodek, de Brzesc e de Wolhynia.

Virão-se os Polacos obrigados a consentir nesta nova desmembração do seu paiz, por dois Tratados assignados em Grodno, o primeiro com a Russia na data de 13 de Julho de 1793, e o segundo na data de 26 de Setembro do mesmo anno. Nesta occasião, as Potencias co-divisoras renunciárao de novo aos direitos e pertensões, que pudessem ainda ter a cargo da Polonia. Assignou-se de mais disso, a 16 de Outubro seguinte, entre a Russia e a Polonia, hum Tratado de alliança, em que mutuamente se garantiao, e prometiao soccorros em caso de ataque; nelle reservava a Imperatriz para si a direcção das guerras, com a faculdade de mandar entrar as suas tropas na Polonia, e de ali estabelecer armazens quando o julgasse necessario; e a Polonia obrigava-se da sua parte, a não contractar alliança nenhuma com as Potencias estrangeiras, como tambem a não fazer innovação alguma na sua Constituição sem a approvação da Russia.



## CAPITULO V.

*Insurreição da Polónia em 1794. — Vantagens dos insurgentes. — Fraqueza dos seus meios. — Sitio de Varsovia. — Derrota dos insurgentes. — Tomada de Varsovia. — Terceira e ultima desmembração da Polónia.*

A nova ordem de cousas, junta ás vexações que soffria o partido patriótico, exasperou de tal modo os Polacos, que logo no anno seguinte o resultado foi huma sublevação geral. Tinhaõ os descontentes por chefe a Kosciusko, general que se havia dado a conhecer na guerra da America, e que depois de haver assignalado o seu valor na desgraçada campanha de 1792 contra a Russia, tinha-se retirado para a Saxonia: tinhaõ hum grande partido no exercito, que em execução dos ajustes concluidos com o gabinete de S. Petersbourg, devia ser reduzido a menor numero. Tinha-se formado huma associação secreta em Varsovia: e Madalinski, que tinha recebido orden de licenciar huma brigada de cavallaria que elle commandava, foi quem deo o signal da insurreição: sahindo repentinamente do seu quartel, atravessou o Vistula, dissipou os destacamentos Prussianos, que encontrou no caminho que levava, e marchou em direitura sobre Cracovia, cujos habitantes tomando as armas, expulsão os Russos que se achavaõ na cidade, e proclamaõ por seu general a Kos-

Insurrei-  
ção da Po-  
lónia.

1794.

ciusko, a quem o acto de insurreiçãõ data-  
do de 24 de Março de 1794, conferia huma  
especie de dictadura, que devia durar em quan-  
to a patria se achasse em perigo.

Vantagens  
dos insur-  
gentes.

Varsovia, onde se achavaõ dez mil Rus-  
sos ás ordens do general Igielstrom, subleva-  
se do mesmo modo: tocaõ a rebate na cida-  
de; apoderaõ-se os insurgentes do arsenal;  
distribuem-se armas ao povo. Teve lugar hum  
vivo canhoneio entre os Russos e os Polacos;  
combatêraõ dois dias consecutivos: ahi per-  
dêraõ a vida alguns milhares de Russos, e  
mais de quatro mil ficâraõ prisioneiros; o ge-  
neral Igielstrom fugio da cidade, levando com-  
sigo huns tres mil homens. Rebentou a mes-  
ma insurreiçãõ em Wilna, e lavrou por toda  
a Lithuania. Alguns regimentos Polacos, que  
tinhaõ entrado no serviço da Russia, decla-  
râraõ-se a favor dos insurgentes, que principiâraõ  
por serem victoriosos em toda a parte.

Fraque-  
za dos seus  
meios.

A alegria devida a este feliz começo,  
naõ foi de larga duraçãõ: os seus meios naõ  
correspondiaõ á importancia da sua empreza.  
O enthusiasmo pela liberdade naõ era geral;  
estavaõ as opiniões divididas; o Rei parecen-  
do dar a sua approvaçãõ aos esforços dos pa-  
triotas, naõ deixava de favorecer secretamen-  
te os interesses dos que seguiaõ o partido da  
Russia; de outro lado, os nobres pareciaõ  
pouco dispostos a sustentar huma causa, cujo  
feliz successo prejudicaria os seus interesses.  
Finalmente, via-se Kosciusko na impossibili-  
dade de oppôr forças iguaes ás dos Russos e  
Prussianos, que obraваõ de concerto para com-  
primir a insurreiçãõ.

Soffreo este general hum revez a 8 de Junho, em consequencia do qual, o Rei de Prussia se apoderou de Cracovia; e dali, com o soccorro de hum corpo Russo, emprehendo este Principe em pessoa o sitio de Varsovia, o qual se vio obrigado a levantar passados dois mezes, para suspender os progressos de huma sublevação geral, que da Grande-Polonia tinha lavrado pela Prussia occidental.

Sitio de  
Varsovia.

A Austria, que até então tinha permanecido neutral, mandou marchar hum exercito, encaminhando-se huma das suas columnas a Brzesc, e a outra a Dubnow; e os Russos, ás ordens de Suwarow, adiantárao-se pela Lithuania, onde derrotárao hum corpo de insurgentes commandado por Sierakowski.

Derrota  
dos insur-  
gentes.

Finalmente, fazendo Kosciusko o ultimo esforço para impedir a junção do exercito de Suwarow com o do general Russo Fersen, envolveo este ultimo, a quem combateo perto de Macejowice em 10 de Outubro de 1794. Esta acção, que foi das mais mortíferas, custou a vida á maior parte dos insurgentes, ficando o resto prisioneiro. O mesmo Kosciusko, perigosamente ferido, cahio em poder do vencedor.

Este desastre foi seguido de outro, que decidio da sorte dos insurgentes. Os generaes Dumbrowski e Madalinski, abandonando a Prussia e a Grande-Polonia, onde faziao a guerra, marchárao com as suas tropas em soccorro de Varsovia. Suwarow da sua parte, encaminhando-se igualmente para esta capital, ajudado de hum corpo de Prussianos, que se

Tomada  
de Varso-  
via.

lhe reunio, combinou com elle o bloqueio da cidade. Deraõ os Russos, a 4 de Novembro, assalto ao arrabalde de Varsovia chamado Praga, onde havia huma guarnição de dez mil Polacos; que sem embargo de huma defeza valerosa, não pudéram resistir ao ardor impetuoso dos Russos, os quaes levando de viva força os entrincheiramentos de Praga, passáraõ á espada a maior parte dos insurgentes; em huma palavra, foi a praça saqueada e destruida. Os habitantes de Varsovia consternados, capituláraõ, e a 9 de Novembro fez Suwarow a sua entrada nesta cidade. Este o exito que teve a insurreiçãõ.

O Rei de Polonia Estanislaõ-Augusto, tendo-se retirado a Grodno, resignou a sua Corõa nas mãos da Imperatriz da Russia, por hum acto de abdicacão de 25 de Novembro de 1795; e a desinembracão final deste desgraçado paiz, teve lugar do modo seguinte, entre a Russia, a Prussia e a Austria.

Terceira e ultima desmembraçãõ da Polonia.

A Russia ficou com tudo quanto ainda pertencia á Polonia da Lithuania até ao Niémen, aos limites dos Palatinados de Brzesc e de Nowogrodek, e dali ao Bug; tocou-lhe tambem a maior parte da Samogicia, com toda a Curlandia, a Semigallia, a parte do paiz de Chelm situada na margem direita do Bug, e o restante da Wolhynia; humas duas mil legoas quadradas entre tudo.

A Prussia alcançou a parte dos Palatinados de Masovia e da Podlaquia, situada na margem direita do Bug; da Lithuania a parte do Palatinado de Troki, e a da Samogicia, que está áquem do Niémen, com hum

pequeno districto da Pequena-Polonia, fazendo parte do Palatinado de Cracovia; tudo calculado em humas mil legoas quadradas.

A Austria alcançou, além de huma grande parte do Palatinado de Cracovia, os Palatinados de Sandomir e de Lublin, com a porção do districto de Chelm e dos Palatinados de Brzesc, de Podlaquia, e de Masovia, na margem esquerda do Bug; em tudo humas oitocentas e trinta e quatro legoas quadradas.

Finalmente, as tres Potencias co-divisoras, tendo convencionado pagar as dividas do Rei e da Republica de Polonia, fizêrao certa ao Principe demittido huma pensão annual de duzentos mil ducados.

Foi deste modo que a destruição da Polonia mudou inteiramente o systema politico do Norte, derribando a barreira estabelecida entre a Russia, a Prussia, e a Austria, que desde logo forao Potencias confinantes.

## L I V R O I I I.

Desde as perturbações da França, em 1789, até ao estabelecimento do Directorio, em 1795.

## CAPITULO I.

*Revolução de França. — Estados geraes. — Assembléa Nacional. — Tumultos de Paris. — Acto Constitucional. — Luiz XVI he conduzido de Versalhes a Paris. — Constituição civil do Clero. — Fugida de Luiz XVI. — Aceita o Acto Constitucional.*

**Revolução de França.** Em quanto a Polonia, por assim dizer, desaparecia do mappa politico, huma revolução de natureza extraordinaria agitava a França, na qual toda a Europa tinha fixos os olhos. Os germens desta revolução se achavaõ já na Monarquia, quando Luiz XVI subio ao Throno. Lamentavaõ todos as depredações e a corrupção dos costumes, que haviaõ assignalado os ultimos annos do reinado de Luiz XV. Declamavaõ contra o gravame dos impostos, venalidade dos empregos, imperfeição das leis criminaes, injustiça das ordens arbitrarías de prisaõ (*lettres-de-cachet*), estorvos postos ao pensamento pela censura, e contra outros abusos: clamavaõ contra as riquezas do Clero, contra os tributos que se pagavaõ ao Papa, contra a prodigalidade das pensões, e as des-

pezas enormes da Corte: o receio de huma bancarrota assustava os animos: os nobres, effeminados com o luxo, entregavaõ-se aos prazeres da sociedade, na certeza que, sem trabalho e sem instrucção, occupariaõ os cargos mais eminentes, tanto civis como militares.

A ultima classe do povo, ignorante, embrutecida, exasperada pela miseria, estava disposta a favorecer todo movimento, e a commetter todos os excessos. A classe media, que tinha costumes, luzes e capacidade, estava irritada, porque se via desprezada pela classe superior, e fazia diligencias por sacudir hum jugo, que desde tanto tempo a humilhava.

Parecia que tudo conspirava para accelerar o momento critico, que havia de mudar a face da França. De mais disso, interpretes illustrados davaõ a conhecer as maximas dos sábios da antiguidade; as legislações dos Esparciatas, dos Athenienses e dos Romanos, eraõ elucidadas por habéis politicos; escriptores profundos explicavaõ os principios da liberdade; homens ousados atacavaõ com audacia a auctoridade civil e religiosa; outros mettiaõ a ridiculo as preoccupações de toda especie; e por hum contraste muito notavel, o governo zeloso de sustentar a sua auctoridade absoluta, com a dominação da Igreja, e as prerogativas dos nobres, consentia que a mocidade recebesse huma educação liberal e republicana nos collegios, onde lhes apresentavaõ por modelos, Solon, Themistocles, Aristides, Epaminondas, Bruto, Cincinnato,



Scipião, Catao. Em huma palavra, todos os elementos de hum transtorno se achavao na Monarquia.

Principiou Luiz XVI o seu reinado debaixo dos auspicios da beneficencia; mas em meio dos escolhos que rodeavao o Throno, seria preciso hum piloto dotado de firmeza e habilidade para dirigir o leme do Estado: tinha de lutar contra milhares de obstaculos, que a sua fraqueza e bondade nao podiao franquear. Os Parlamantos erao oppostos á Corte, a toga á espada, o Clero inferior ao Clero dignitario, os cidadãos aos nobres. Os homens de letras, os advogados, ousavao atacar a Corte e o ministerio.

Estados  
geraes.  
1789.

Ainda que as molas do Estado nao tivessem já vigor, sustentava-se todavia a Monarquia; mas para derriba-la nao foi preciso mais que huma commoção, a que deo lugar em 1789 a convocação dos Estados geraes em Versalhes. O terceiro estado, contra as antigas Instituições, nelles alcançou huma duplicada representação, e desde aquelle momento foi decidida a revolução. A Nobreza e o Clero queriao fazer illusoria aquella duplicada representação, fazendo decidir que se deliberaria por Ordem, e nao por cabeça. Irritou este projecto os animos; declarou-se huma guerra terrivel entre as Ordens superiores e o terceiro estado. Tudo toma huma nova face. Ordena o Rei que se feche o lugar das sessões dos Estados geraes; resiste o terceiro estado ás suas ordens, e vai reunir-se em hum jogo da pel-la, onde dá juramento de nunca separar-se. Constituem-se os Estados em *Assemblée Na-*

Assemblée  
Nacional.



*cional*. Em vão manda o Rei aproximar a força armada: pede Mirabeau ao Monarca que mande retirar as suas tropas, e que não viole a liberdade da assemblea. Atravessa o raio as nuvens amontoadas sobre a França: a palavra *liberdade* he o grito geral: tomão as armas; e o terror e desordem reinaõ por toda a parte.

Em 14 de Julho, acommette hum im-  
menso povo em París a Bastilha; apodera- Tumultos  
se della, e assassinaõ o governador. de París.  
Commelte o povo os mais criminosos excessos: muitas  
pessoas, a quem as suas dignidades, representa-  
ção, e antigos resentimentos expunhaõ ao  
furor público, saõ assassinadas: fórma-se fi-  
nalmente huma guarda nacional, cujo com-  
mando he conferido ao general La Fayette,  
já conhecido por haver combatido a favor da  
independencia dos Americanos. No meio des-  
ta agitação dos animos, voltou o Rei para  
París, onde recebeo do *Maire* o laço na-  
cional dos revolucionarios. A tranquillidade  
que se seguiu a este passo de Luiz XVI, não  
foi mais que apparente. Lavrou a sublevação  
da capital por toda a França, onde a guerra  
do terceiro estado contra a Corte e as duas  
Ordens superiores, inflammava todas as pai-  
xões. Os soldados não obedeciaõ já aos seus  
chefes; abríraõ-se as prisões; em muitas pro-  
vincias incendiáraõ os palacios; immoláraõ,  
em huma palavra, hum grande numero de  
victimas em nome da justiça e da liberdade.  
Para pôr-se a salvo dos perigos, alguns Prin-  
cipes, e outras pessoas de alta graduação da  
Corte, abandonáraõ a França.

Entre tanto, algumas Cortes da Europa, para quem o poder e a preponderancia da Casa de Bourbon era desde largo tempo objecto de ciúme, viaõ com alegria huma nova ordem de cousas, que não podia deixar de diminuir, e tambem destruir a sua influencia na balança politica.

Acto Cõs-  
titucional.

Não deixava por isso a Assembléa Nacional de occupar-se de huma Constituição: depois de haver proclamado *a declaração dos direitos, e a soberania do povo*, abolido as antigas denominações das provincias, e decidido que o Reino seria dividido em departamentos, decretou que a França seria huma Monarquia hereditaria; que o poder legislativo pertenceria a huma só Camara, composta de deputados nomeados pela nação; que as leis seriaõ sancionadas pelo Rei, tendo este o veto suspensivo; e que além disso o poder executivo seria attribuição sua; que seria inviolavel a sua pessoa, sendo responsaveis os ministros. Tendo esta Constituição sido proposta ao Rei para acceita-la, respondeo com huma Memoria em que se continhaõ as modificações que elle desejava. Considerada a sua resposta como huma recusação de adherir á Constituição, o resultado della foi a exaltação dos animos. Nesta critica situação, a Corte assustada, não sabia que partido tomasse, tantas eraõ as contrariedades que ella experimentava, e tanto era o receio que tinha de novas tormentas.

He con-  
duzido Luiz  
XVI de  
Versalhes a  
Paris.

Finalmente, a 5 de Outubro, tocaõ os sinos a rebate em todo Paris: huma multidão furiosa de homens e mulheres, tendo por no-

me ou grito de reunião; *paó e Versailles*, vai atacar a Luiz XVI no seu palacio. O Rei acompanhado da sua familia, he conduzido violentamente á capital no meio das orgias e do delirio de huma plebe desenfreada, precedida na sua marcha de cabeças de guardas-do-corpo, que tinham perecido querendo-o salvar. Se houvermos de dar crédito á opinião geral, os auctores desta conspiração querião a fugida do Rei, e a morte da Rainha.

Logo naquelle momento transferio-se a Constituinte nacional de Versailles para Paris, onde decretou a *Constituição civil do Clero*, a qual não servio senão de estimular os odios, e augmentar as perturbações, que a politica estrangeira secretamente alimentava, lisonjeando-se com a esperança de consummar a ruína da França.

Os nobres assustados, emigrarão de tropel: penas e desgostos sem conto atormentavam o infeliz Rei, que todos os dias era insultado: não póde o Monarca de hum povo livre ir respirar o ar de S. Cloud, a duas legoas da capital. Passado pouco tempo, pondo em prática hum plano de evasão mal combinado, foge com o destino de retirar-se para a fronteira. Preso no caminho, conduzem-no novamente para Paris, e conservão-no em duro cativo. Hum tropel numeroso de homens sediciosos, querendo exercer os direitos da Soberania, reúne-se no campo de Marte, debaixo do pretexto de assignar huma petição, cujo objecto era fazer o processo ao Rei, e estabelecer o governo republicano. Foi preciso empregar a força contra esta gentilha,

Constituição civil do Clero.

Fugida de Luiz XVI a 21 de Junho.

1791.

fazendo fogo sobre ella. Foraõ os facciosos comprimidos por algum tempo, e a França gozou de hum momento de tranquillidade.

Acceita o  
Acto Cons-  
titucional.

Tendo Luiz XVI. acceitado, a 14 de Setembro de 1791, o *Acto Constitucional*, que lhe apresentaraõ, recobrou hum poder e humma liberdade illusorios. Não tinha mais que o titulo de Rei, achando-se debaixo da dependencia da nação. Mais penosa ainda foi a situação deste Principe no tempo da Assembléa legislativa, que no mez de Outubro succedeo a Assembléa nacional.

## C A P I T U L O II.

*Decretos da Assembléa Legislativa. — Declaração de guerra da França contra a Austria. — Assassinio do Rei de Suecia. — Guerra da Austria e da Prussia contra a França. — Dia 10 de Agosto. — Retirada dos Prussianos. — Carniceria de 2, 3 e 4 de Setembro.*

Os Soberanos da Europa neste meio tempo tinhaõ toda a sua attenção constantemente fixa nos successos da França. O Papa tinha declarado scismaticos todos os que reconheciao os decretos da Assembléa nacional; e para o punir, tinhaõ-lhe os Francezes tomado o Condado Venesino, ao qual nunca os Reis de França tinhaõ renunciado os seus direitos.

Agitavaõ as paixões os differentes partidos: os demagogos, conhecidos pelo nome de Jacobinos, fomentavaõ a discordia; a No-

breza, a quem cegava o seu interesse, lisonjeava-se que as desordens que reinavaõ, desgostariaõ o povo do seu amor da liberdade; o Clero, que assustava as consciencias, julgava que o estado actual das cousas não tardaria a restituir-lhe as suas prerogativas e a sua fortuna; os emigrados, refugiados em Colblentz onde se armavaõ, contando com o apoio desinteressado dos Principes da Europa, viaõ-se já restituídos á sua patria sem a menor resistencia. Quanto á Corte de Luiz XVI, vacillante, assustada, fluctuava alternativamente entre o receio e a esperanza.

Este estado de cegueira dos animos produziu huma serie de erros, de loucuras e de contradicções. A Assembleia legislativa Decreto da Assembleia legislativa. apartando-se das regras da moderação e da equidade, recorre ao systema horroroso das punições em massa: lançou hum decreto contra os Sacerdotes, que não tivessem adoptado a Constituição civil do Clero, aos quaes déraõ o nome de *refractarios*, ainda que a lei lhes tivesse deixado a liberdade de dar, ou não dar o juramento. E não parando aqui, em desprezo da Constituição, publicou hum decreto contra todos os emigrados, sem distincção de idade, nem de sexo, e até sem lhe importar quaes fossem os motivos da sua ausencia. Fazendo uso da prerogativa constitucional, recusou o Rei sancionar estes decretos; recusação esta, que foi considerada pelos demagogos como effeito de huma intenção contra-revolucionaria.

Querendo Luiz XVI provar que a sua conducta era dirigida por intenções puras o

pacíficas, escreveu aos Principes Francezes emigrados, convidando-os a largar as armas, e a voltar para o seu lado: este passo, que não pareceo sincero aos democratas, nem voluntario aos Principes, não produziu resultado algum.

Tudo de dia em dia annunciava que não tardaria a alterar-se a paz da Europa. Tinha o Imperador Leopoldo II declarado, que se os Francezes entrassem no Eleitorado de Tréveris para ahi desarmarem os emigrados, consideraria este acto como hostil; e o Rei de Prussia fez outra declaração semelhante.

Tinha o Corpo legislativo publicado hum Decreto, que despojava de todos os seus direitos os Principes Francezes ausentes da sua patria, e acabava de publicar outro, em que mandava recolher á França todos os emigrados, sobpena, no caso de desobediencia, de serem sequestrados todos os seus bens. Ao mesmo tempo as facções derramavaõ de tal modo o terror, que os proprietarios viaõ-se reduzidos á dura necessidade de abandonarem os seus lares. Fóra de França, as Potencias estrangeiras, por meio de huma politica cruel, e de promessas seductoras, excitavaõ os Realistas a vir reunir-se debaixo das suas bandeiras, para reconquistar os direitos da Realeza, e as prerogativas da Nobreza; e aquelles que a isso se recusavaõ, eraõ accusados de faltos de honra.

Cada dia era mais critica a posição de Luiz XVI. Os seus ministros, á frente dos quaes estava Dumourier, aconselhavaõ-lhe a

guerra: se elle adoptasse este partido, punha-se no caso, ao minimo revez, de ser accusado de haver chamado os inimigos ao seio da França; por outro lado, se recusasse ceder aos conselhos dos seus ministros, devia esperar que o accusassem de estar de intelligencia com os estrangeiros.

Em tal perplexidade, foi o Rei, no meio das aclamações da Assembléa legislativa, declarar a guerra ao Rei de Hungria e de Bohemia, Francisco II, que acabava de succeder a Leopoldo II. Este passo de Luiz XVI produziu na Europa hum sobresalto extraordinario, e causou muita alegria aos emigrados, que sabião que Frederico Guilherme, Rei de Prussia, armaria contra a França se atacasse algum Principe do Imperio.

Gustavo III, Rei de Suecia, que devia pôr-se á frente das Potencias colligadas contra a França, acabava de morrer ás mãos de hum assassino. Tinhaõ alguns Nobres jurado a sua morte, huns com o designio de restabelecer a auctoridade do Senado, a quem este Principe despojára em 1772 dos seus privilegios, outros por motivo de resentimentos pessoais. No meio de hum baile de mascaras, he que foi ferido mortalmente de hum tiro de pistola.

Viveo Gustavo III ainda alguns dias, mostrando no meio das mais acerbadas dores, huma firmeza inalteravel, e conservando até o ultimo momento o uso das suas faculdades intellectuaes. O assassinio do Rei, no momento em que se lia pôr em marcha contra os Francezes, deo motivo a que se suspeitasse que

Declaração  
de guerra  
da França  
contra a Aus-  
tria.

Assassinio  
do Rei de  
Suecia.



fosse effeito das suas machinações; mas em breve se convencêrao do contrario. Não tardou a ser descoberto o assassino, e expiou o seu crime no cadafalso. O resultado da morte de Gustavo III foi, que a Suecia não tomou parte na guerra que teve lugar entre a França, a Austria e a Prussia.

Guerra  
da Austria  
e da Prus-  
sia contra a  
França.

Tendo o Duque de Brunswick, generalissimo dos exercitos combinados destas duas Potencias, publicado hum Manifesto ameaçador contra os Francezes, esta declaração foi para elles o signal de hum armamento universal, e da união de todos os partidos contra o inimigo que ameaçava o seu territorio. Assim que em París se soube deste Manifesto, os Jacobinos enfurecidos exasperárao todos os animos. Os clubs, as praças públicas resoárao com vociferações incendiarias, e com violentas arguições a Luiz XVI e á sua Família. Os Nobres, o Clero, os ricos de todas as classes foraõ designados á gentilha como seus inimigos, e como partidistas das Potencias colligadas. A effervescencia da multidão chegou ao seu maior auge.

Dia 10 de  
Agosto.

Foi tão terrivel a explosão, que o Rei foi atacado no seu palacio das Tuileries por milhares de individuos: foi esta scena das mais horrorosas: não se ouviu mais que o estrondo da artilheria dos aggressores. Foi em vão que os Suissos, que guardavaõ o palacio, fizeraõ hum vigorosa resistencia: vio-se Luiz XVI obrigado a buscar hum asilo no seio da Assembléa legislativa. Foraõ as Tuileries forçadas, os Realistas mortos ou dispersos, os Suissos trucidados. Nesta crise sanguinolenta, o



Rei foi suspenso do exercicio das suas funcções, e encerrado no Templo com a sua Família. Estabeleceo-se hum governo provisório, e convocou-se hum Convencção nacional para pronunciar sobre a sorte do Monarca. Tal foi o triunfo dos chefes da *Commune* de París, que tinhaõ a ousadia de resistir á auctoridade legislativa.

Tendo-se o Duque de Brunswick apoderado de Longwi, não tardou a cidade de Verdun a abrir-lhe as suas portas; e dali, adiantando-se pela Champanha, não pôde passar de Valmy, onde se empenhou hum combate, cujo resultado foi a retirada dos Prussianos. Esta retirada effectuada pelo Duque de Brunswick, sem ter dado hum batalha ao exercito Francez commandado por Dumourier, pareceo então hum problema difficil de explicar por meio de raciocinios politicos.

Desde o fatal dia 10 de Agosto tinhaõ amontoado nas prisões, os Sacerdotes, os Nobres, e os ricos indistinctamente, com especialidade aquelles que haviaõ dado mostras de afeicção ao Rei e á Constituição: accusavaõ-nos de terem formado o projecto de fazer perecer as familias dos patriotas, quando o povo se puzera em marcha para repellir o inimigo. Com a nova da entrada dos Prussianos em Verdun, os homens que haviaõ usurpado o poder, auctorisáraõ excessos raes, que fazem estremecer a humanidade: por ordem delles, correm ás prisões bandos de monstros, que assassinaõ, durante tres dias consecutivos, as desgraçadas victimas, que os chefes da demagogia ahi haviaõ mandado encerrar. Ne-

Retirada dos Prussianos.

Carniceiras de 2, 3 e 4 de Setembro.

nhuma auctoridade constituida se oppôz a esta carniceria; e a mesma *Commune* de Paris, que dominava a Assembléa legislativa, teve a audacia de dirigir Circulares a todas as municipalidades da França, para convidá-las a seguir o seu exemplo.

### C A P I T U L O III.

*Confiscação dos bens dos emigrados, e pena de morte contra os que voltassem. — Convenção nacional. — Victorias dos Francezes. — Processo de Luiz XVI, que he sentenciado á morte. — Sua execução. — Liga contra a França.*

Em quanto hum grande numero de Francezes fugia da sua patria, onde não viaõ reinar senão as mais horrosas desordens, decretou o Corpo legislativo a confiscação dos bens já sequestrados dos emigrados, assim como a pena de morte contra aquelles que voltassem para França; medida esta, que comprehendendo todas as classes indistinctamente, sem nem se quer exceptuar as proprias crianças.

Confiscação dos bens dos emigrados, e pena de morte contra os que voltassem.  
Convenção nacional.  
1792.

A primeira operação da Convenção nacional, que substituiu a Assembléa nacional, foi a abolição da Realeza, e a proclamação da Republica Franceza. Taes foraõ os funestos resultados da invasão dos Prussianos: era o seu designio restabelecer a Monarquia, e o resultado da sua tentativa foi huma republica.

Victorias dos Francezes.

Não he este o unico acontecimento extraordinario que nesta epoca offerece a revolu-

ção: no meio das divisões, que agitavaõ o interior, a França triunfava exteriormente. Apodera-se o general Montesquiou da Saboya, que he incorporada na republica; da sua parte o general Custines, adiantando-se na Allemanha, encaminha-se a Spira, que lhe abre as portas, e apodera-se depois de Moguncia e de Francfort; fazia Dumourier no mesmo tempo a conquista dos Paizes Baixos Austriacos. Tanto mais assustavaõ estas victorias as Potencias do continente, quanto hum decreto da Convenção declarava, em nome do povo Francez, que promettia o seu auxilio ás nações que se insurgissem para conquistar a sua liberdade. Semelhante decreto era huma declaração de guerra a todos os Estados Monarquicos. A retirada dos Prussianos, e os felices successos das armas Francezas, faziaõ mais audaces os conspiradores de 10 de Agosto; mas dando-lhes cuidado a existencia de Luiz XVI, resolvêraõ a sua morte, e a perda de todos quantos o quizessem salvar. Teriaõ podido dar-lhe secretamente a morte, mas preferiaõ huma condemnação publica.

Compareceo por tanto o infeliz Monarca ante a Convenção nacional. Foraõ as suas respostas claras e precisas. Os crimes que lhe imputavaõ não tinhaõ fundamento algum, e até o accusavaõ de delictos anteriores a acceitação da Constituição; e quando fossem fundados, estavaõ apagados pela amnistia geral publicada naquella epoca. Os principaes artigos da accusação que lhe faziaõ, erãõ, não ter acceitado de boa fé a Constituição; ter tido correspondencia com os emigrados, e ter

Proces-  
so de Luiz  
XVI, que  
he condẽ-  
nado á mor-  
te.

conservado intelligencias com os Governos inimigos da França: nenhum destes artigos era apoiado de provas algumas; e no caso que estivessem provados, a sua pessoa, segundo a letra da Constituição, era inviolavel, e seus ministros os unicos que eraõ responsaveis. De mais disso, tinha a Convenção nacional decretado que Luiz XVI tinha cessado de reinar; a unica pena que podiaõ infligir-lhe, era a expulsão do Throno, e esta já a tinhaõ pronunciado, nem elle se achava no caso de ser perseguido por crimes ulteriores, que não podia ter commettido, visto achar-se encerrado em huma estreita prisão. Teve este Principe por defensores a Desèze, e Tronchet, advogados de distincto merecimento, que lhe inculcára o respeitavel Malesherbes, que tambem tomou a sua defeza.

„ O arrazoado, composto por estes tres  
„ sábios defensores, diz hum historiador, e  
„ redigido por Desèze, era nobre, convincente,  
„ te, e severo; oppunha a verdade ás calumnias,  
„ os factos ás supposições, e a razão  
„ ás injúrias. Não deixava duvida alguma sem  
„ esclarecimento, reprehensão alguma sem  
„ refutação. Este discurso luminoso, dissipava  
„ pela sua clareza, todas as sombras com  
„ que o espirito de partido queria cegar os  
„ olhos de huma multidão fanatica.

„ Se não se tratasse senão de convencer o espirito, teria este discurso alcançado  
„ do perfeitamente o seu objecto; mas era preciso  
„ combater paixões; e talvez que as armas  
„ de huma eloquencia pathetica devessem  
„ juntar-se aos argumentos convincentes da  
„ logica.

„ Jámais se havia dado ao talento de hum  
„ orador assumpto mais nobre, e mais pro-  
„ prio para commover os animos. Hum Mo-  
„ narca poderoso, precipitado do alto do seu  
„ Throno em huma prisão; hum Rei desar-  
„ mado, perseguido por inimigos implacaveis;  
„ o Legislador humano, que tinha abolido a  
„ tortura; o Protector da America; o Liber-  
„ tador dos servos do Jura; o restaurador vo-  
„ luntario da liberdade Franceza, lançado em  
„ ferros pelo povo, a quem queria dar a li-  
„ berdade; o homem pacifico e sensivel, per-  
„ seguido por desapiedados proscriptores, cujo  
„ sangue elle havia poupado, e que querião  
„ derramar o delle; o combate da bondade  
„ contra o odio, da virtude contra o crime,  
„ do valor contra o destino; o quadro de to-  
„ das as desgraças, que a sua morte trazia  
„ consigo; as vinganças que deste attentado  
„ se haviaõ seguir; o medonho quadro dos  
„ remorsos, que seriaõ o eterno supplicio dos  
„ seus juizes; estes meios todos proprios pa-  
„ ra reanimar o valor, despertar a sensibili-  
„ dade, aterrar o odio, foraõ interditos por  
„ Luiz XVI aos seus defensores; e quando  
„ Desèze lhe apresentou a peroração patheti-  
„ ca, que devia terminar o seu discurso, quiz  
„ este Príncipe que a supprimisse, e disse-lhe:  
„ *Eu não quero enternecer. (\*)* „

Debalde os membros da Convenção, que  
se oppunhaõ á condemnação de Luiz XVI,  
ponderáraõ os argumentos e as razões de hu-

---

(\*) Quadro Histórico e Politico da Europa, por  
P. L. Ségur.

ma sã politica, de huma jurisprudencia illustrada, e de huma humanidade generosa; os que queriaõ a sua morte alcançaraõ-na. Sem embargo do Codigo criminal exigir a maioria dos dois terços para a condemnação de qualquer individuo, foi o Monarca condemnado pela maioria de cinco votos. Por mais que Mallesherbes e seus collegas protestassem contra este juizo illegal, tinha o partido dominante resolvido violar todas as leis; e o audacioso Danton declarou, que *quando a Convenção decidia do destino de hum Imperio pela simples pluralidade dos votos, seria cousa absurda demorar-se com vãs formalidades, quando se tratava de julgar hum tyranno. (\*)* Os que queriaõ salvar Luiz XVI, tinhaõ inutilmente votado pela appellação ao povo; fizeraõ sem successo hum novo esforço, pedindo huma dilação da execucao da sentença até á paz; foi a sua moção rejeitada. Foraõ dar parte ao Rei da fatal sentença, o qual se sujeitou a ella com serenidade e resignação.

Execu-  
ção de Luiz  
XVI.

Subio elle ao cadafalso com firmeza, em 21 de Janeiro de 1793. Quiz falar ao povo; mas assim que pronunciou algumas palavras, os rufos dos tambores não deixáraõ ouvir a sua voz. Collocou-se entaõ debaixo do instrumento da morte, e cahio a sua cabeça. Mostrou este Principe nos seus ultimos momentos hum heroismo, de que poucos exemplos tinha dado na sua vida. Morreo perdoando aos seus inimigos, e rogando ao Ceo, que apartasse as calamidades de que via ameaça-

da a França com a sua morte; e na realidade teve os resultados mais terríveis e mais desastrosos.

O fim tragico de Luiz XVI, e os successos das armas Francezas, produzirão huia Liga geral das Cortes da Europa, dispostas a tomar vingança da morte deste Monarca. Unio-se o Rei de Prussia novamente com o Imperador de Allemanha, e ordenou novas levas nos seus Estados; ajuntou o Landgrave de Hesse as suas forças ás do Rei de Prussia; puzéraõ-se em movimento as tropas Hannoverianas; entrou o Rei de Hespanha na Liga geral; e se lhe ajuntou igualmente a Graõ-Bretanha, assim como o Stathouder das Provincias Unidas, e Portugal. A Russia e os Principes de Italia seguirão o impulso geral; finalmente, á excepção da Dinamarca, da Suecia e da Porta Ottomana, a Europa toda se ligou contra a França, que sem finanças, dilacerada pelas facções, opprimida no interior por tyrannos revolucionarios, parecia não achar-se em estado de resistir a esta Liga formidavel.



## CAPITULO IV.

*Campanha de 1793. — Governo Revolucionario. — Operações militares. — Execução de Maria-Antoinette, Rainha de França. — Sitio de Lyon. — Scenas de horror em Toulon. — Guerra da Vendée. — Fim da campanha.*

Campanha  
de 1793.

Abriu-se a campanha de 1793 experimentando a França huma serie de revezes. O general Dumourier, que se havia apoderado dos Paizes-Baixos Austriacos, tendo sido derrotado pelo Principe de Cobourg, vio-se obrigado a abandonar as suas conquistas, e a retirar-se para França. Instruida a Convenção de que elle tinha intelligencias com os Austriacos, nomeou quatro Commissarios escolhidos no seu seio, para irem, com Beurnonville, ministro da guerra, segurar-se da sua pessoa. Tendo-os mandado prender Dumourier, entregou-os ao Principe de Cobourg, como refens das pessoas da Familia Real, que se achavaõ presas no Templo. Depois desta acção atrevida, pondo-se em fuga este general, foi ter aos postos avançados do inimigo para subtrahir-se á morte de que o ameaçava a Convenção. Poz este successo termo á carreira militar de Dumourier, que nunca tornou a entrar em França.

Governo  
revolucionario.

Estava entaõ a Convenção dividida em duas facções, cujas disputas não tendiaõ senaõ a produzir as mais horriveis convulsões.



Commetteo o governo todo genero de atrocidades imaginaveis: chegou o terror ao seu maior auge: os Nobres, os ricos, os homens de merecimento eraõ mortos indistinctamente; as pessoas virtuosas e moderadas eraõ condemnadas a perecer em hum cadafalso. Foi abolida a Religião; e os seus emblemas, e ornamentos foraõ profanados. Os Ecclesiasticos, que eraõ membros da Convenção, abjuráraõ a sua crença, declaráraõ, que até entãõ haviaõ enganado o povo, e que não reconheciaõ outra alguma Divindade senãõ a liberdade; foraõ em toda parte saqueadas as Igrejas; os relicarios de prata da SS. Virgem e dos Santos, os Crucifixos, etc., fôraõ offerecidos por alguns Ecclesiasticos, como donativos voluntarios á republica. Para apagar todo vestigio do Christianismo, mudou-se o Calendario, e aos mezes déraõ-se novos nomes. Foi o Clero proscripto. A França inteira não offerecia outro espectaculo senãõ prisões e verdugos. O governo revolucionario, o mais tyrannico que jámais se tivesse visto, dispunha impunemente dos bens, do trabalho e da vida de todos os Francezes: apoderou-se de todos os bens e rendas Ecclesiasticas, confiscou as propriedades dos Nobres e dos negociantes ricos, que eraõ designados á nação como traidores e monopolistas. Ordenou huma leva em massa, e mais de hum milhaõ de homens se armáraõ para combater os inimigos interiores e exteriores.

Foraõ tres os theatros da guerra, os Paizes-Baixos, as margens do Rheno, e o meio-dia da França: e sobre estes tres pontos

Operações militares.

he que se adiantáraõ os exercitos estrangeiros, que principiáraõ por alcançar algumas vantagens, que não foraõ de larga duração. Depois de hum bloqueio de tres mezes, rendeo-se Condé aos Austriacos; e a praça de Valenciennes cahio igualmente em poder do inimigo, tendo-se entregado por capitulação aos Inglezes, commandados pelo Duque de Yorck, que sem perda de tempo marchou sobre Dunkerque; mas os Francezes, que de baixo do commando do general Houchard, acudíraõ em soccorro desta praça, derrotáraõ os Inglezes, a quem obrigáraõ a retirar-se, e a abandonar hum numeroso trem de artilheria, com muitas munições, vendo-se o Duque de Yorck nesta derrota em riscos de ficar prisioneiro.

Sem embargo desta victoria, foi o general Houchard posto em juizo pela Convenção, e condemnado á morte por se não ter, no entender dos seus accusadores, aproveitado das suas vantagens, obrigando o inimigo a depôr as armas.

Da parte do Rheno, o principio da campanha foi, como nas fronteiras do Norte da França, favoravel aos alliados, que acabáraõ soffrendo perdas consideraveis. Os Prussianos expulsáraõ os Francezes da cidade de Francfort, e retomáraõ-lhes Moguncia; reunidos aos Austriacos, com os quaes se tinhaõ ajuntado os emigrados commandados pelo Principe de Condé, forçáraõ as linhas de Weissembourg, bloqueáraõ Landau, e ameaçáraõ Estrabourg. Esta serie de desgraças, que os republicanos experimentáraõ, foi funesta ao

general Custines, que se havia distinguido na campanha precedente. Não tendo podido socorrer Moguncia, concebeo suspeitas delle a Convenção, que lhe fez experimentar a mesma sorte do general Houchard.

Igual sorte esperava a infeliz Viuva de Luiz XVI, Maria-Antoinette de Austria, que havia treze mezes se achava presa no Templo. Condemnada, por assim dizer, á morte antes de comparecer ante os seus juizes, mostrou na sua presença a maior serenidade, e a firmeza conveniente á innocencia. Todo o seu crime era pertencer á Casa de Austria, inimiga da republica. Não entrando em tristes individuações relativamente ao seu processo, será bastante citar hum unico rasgo, muito digno de memorar-se: repetio huma testemunha certas declarações, que asseverava terem-lhe sido feitas pelo proprio filho daquella Princeza, as quaes davaõ a entender que se teria entregado com aquelle menino, a excessos cuja unica idéa he capaz de horrorizar a natureza. Como ella se dedignasse de responder a semelhante accusação, disse-lhe hum dos juizes que se explicasse: *Appello para todas as mãs*, respondeo ella, *nenhuma dellas acreditará a possibilidade de semelhante crime*. Tal foi a nobre resposta de Maria-Antoinette, que caminhou para o supplicio com o mesmo valor, que mostrára durante o seu cativoiro e a instrucção do seu processo. Foi a 16 de Outubro de 1793, que conduzirão a Filha de Maria Thereza em huma carreta, para soffrer o mesmo supplicio que Luiz XVI.

Pouco tempo depois, vinte membros da

Execução  
de Maria-  
Antoinette,  
Rainha  
de França.

Convenção, postos em juizo por ordem sua, foraõ, em consequencia de accusações vagas, declarados culpados, e condemnados á morte. Philippe, Duque de Orleans, assim como Bailly, primeiro Maire de París, não pudé- raõ evitar a mesma sorte.

Sitio de  
Toulon.

Ao mesmo tempo que o sangue corria de todos os lados, achava-se o meio-dia da França em insurreiçãõ. A cidade de Lyon, que se havia opposto ás vexações dos homens atrozés da Convenção, vio-se reduzida a defender-se contra o ataque de hum exercito revolucionario, que tinha ordem de a sujeitar, ou antes de a aniquilar. Os pais, as mãis e os filhos ahi combatêraõ animosamente; mas vencidos finalmente, ou antes reduzidos á ultima extremidade, os Lyonnezes abríraõ as suas portas aos tres Commissarios da Convenção, em cujo numero entrava hum vil histriaõ, Collot-d'Herbois, que se vingou nos infelices habitantes, das pateadas e desprezo, com que tinhaõ acolhido, quatro annos antes, a sua falta de talento, e a corrupção de seus costumes. Milhares de pessoas perecêraõ por sua ordem, para o que não sendo bastantes os verdugos, supprio esta falta com peças de artilheria carregadas de metralha. A destruição das mais formosas casas, a demolição dos edificios publicos, a pilhagem, a violação, e todos os generos de crueldades completáraõ esta scena de atrocidades.

Scenas de  
horror em  
Toulon.

Depois da tomada de Lyon, a cidade de Marselha assustada com a fatal sorte dessa florecente cidade, abriu as suas portas e sujeitou-se: porém os habitantes de Toulon,

tendo entabulado negociações com o almirante Inglez Hood, que commandava a esquadra do Mediterraneo, entregárao-lhe a sua cidade com os vasos que se achavao no porto. Tomou Hood posse della em nome de Luiz XVII, mas não a conservou muito tempo em seu poder, porque aproximando-se o exercito revolucionario, depois de varios combates sanguinolentos, os Inglezes vencidos fizeram disposições para a evacuação desta praça, que com effeito evacuárao, não sem deixar vestigios da sua desesperação; levárao consigo algumas náos, queimando ou mettendo a pique outras, e lançando fogo á cordoaria. Tendo os republicanos entrado nesta praça, nella renovárao as scenas de horror, que se seguiráo ao sitio de Lyon.

Tinha-se outro ponto da França convertido em theatro de huma guerra desastro- Guerra da Vendée.  
sa: tinha rebentado huma insurreição na Vendée, hum dos departamentos formados da antiga Provincia do Poitou. A abolição da Religião e da Realeza tinha sublevado os seus habitantes, que arvorárao a bandeira branca, e tomárao o nome de exercito Catholico e Real. Durante algum tempo, foraõ constantemente vencedores, e pelos seus successos attrahírao ao seu partido descontentes de todo genero, Sacerdotes, Nobres, contrabandistas, malfeitores, em huma palavra, muita gente que havia sido perseguida por effeito da revolução. Cheios de ardor e de coragem, derrotavaõ as novas recrutas de que se compunhaõ os exercitos republicanos. Vendo a Convenção que as tropas quasi sempre eraõ vencidas nes-

ta guerra mortifera, mandou para a Vendée diferentes corpos de soldados antigos; e como estas forças não foram sufficientes, receberam os departamentos vizinhos ordem de levantar-se em massa para exterminar os insurgentes. Resistirão estes algum tempo com firmeza contra os ataques destes exercitos numerosos; mas faltarão-lhes em breve tempo os meios necessarios para sustentar a guerra, e a combinação nas suas operações: não tendo elles artilheria grossa, foi-lhes impossivel apoderar-se de algum porto de mar, por onde pudessem ter communicação com os Inglezes: em consequencia, depois de haverem experimentado perdas consideraveis, virão-se obrigados a recorrer ao projecto que tinham formado, de assenhorear-se da Rochella, de Sables, e de Nantes. Suscitão-se dissensões entre elles, as quaes foram funestas á sua causa: reinava igualmente a desunião entre os chefes, que ambicionavam todos, os postos superiores, e não faziam caso da subordinação. Se os Inglezes tivessem então desembarcado na costa as forças auxiliares, e collocado hum Principe Francez á frente dos Vendeenses, teria talvez esta guerra cruel terminado com a destruição da republica: mas a Inglaterra interessada em não obrar, arruinava a causa dos Realistas, ao mesmo tempo que consolidava o poder dos seus adversarios, que ella julgava não ser ainda tempo de derribar. Os Realistas não podendo contar com o soccorro estrangeiro, dividiram-se em diferentes exercitos, que não obravam de concerto. Foi d'Elbée o generalissimo; mas Charette com hum exercito de mais

de cinquenta mil homens, separou-se do corpo principal, e obrava com frouxidão. Fez com tudo o exercito Catholico e Real prodigios de valor até ao momento, em que se vio esmagado pelo grande numero de tropas republicanas. Tendo ficado mal em muitas acções mortíferas, foi inteiramente dispersado, depois de ter perdido d'Elbée e outros generaes com mais de cem mil combatentes. Refugiárao-se cinquenta mil individuos na Bretanha; os mais recolherão-se aos bosques e pantanos, para escaparem á vingança furiosa dos republicanos, que levavao a devastação a toda a parte. Não he possivel fazer idéa das crueldades que commetterão: metterão tudo a fogo e sangue, para operarem a destruição, a que aquelles desgraçados paizes foraõ irrevogavelmente condemnados.

Os negocios das Potencias colligadas tomavaõ huma face, que lhes era muito desfavoravel. Na Flandres, todos os seus postos desde Nieuport até Maubeuge, foraõ atacados. Apoderou-se o Principe de Cobourg de Quesnoy; mas havendo sido derrotado perto de Maubeuge, vio mallogrados os seus projectos contra esta praça.

Fim da  
campanha.

No Rheno, o exercito Austro-Prussiano, commandado pelo general Wurmsér, tendo forçado as linhas de Weissembourg, tomou Haguenau e o Forte-Luiz, e obrigou os Francezes a recuar até debaixo dos muros de Strasbourg: forçaraõ porém estes por seu turno o general Wurmsér e o Duque de Brunswick a retirar-se, o primeiro sobre Haguenau, e o outro sobre o Lauter, onde o Duque repellio



os republicanos, que soffrêraõ huma perda consideravel; com tudo, pouco fructo recolheu deste successo; por quanto os Francezes, sob o commando de Hoche e de Pichegru, tendo atacado o general Wurmser perto de Haguenau, apoderáraõ-se, depois de hum combate porfiado, de todas as linhas e reducos. Outras duas acções não menos sanguinolentas, em que elles ficáraõ vencedores, obrigáraõ os Austriacos a repassar o Rhéno. Aproveitando-se das vantagens que tinhaõ alcançado, os republicanos retomáraõ Weissenbourg; e o Principe de Hohenlohe vio-se obrigado a levantar o sitio de Landau, e a retirar-se para Moguncia. Tal foi o fim da campanha de 1793; cujo principio taõ favoravel tinha sido aos colligados.

## C A P I T U L O V.

*Campanha de 1794. — A Princeza Elisabeth, Irmã de Luiz XVI, e Malesherbes morrem no cadafalso. — Dia 10 de Thermidor ( 28 de Julho ). — Operações militares.*

Campanha de 1794. Abrio-se a campanha do anno seguinte com immensos preparativos. Jámais se haviaõ visto na Europa exercitos mais numerosos, nem mais formidaveis do que aquelles, que entaõ se apresentáraõ no vasto theatro da guerra. Onze exercitos Francezes, postos em pé a hum tempo, cobriaõ todas as fronteiras. Os colligados, em numero de quatrocentos mil homens,



tinhaõ a combater mais de setecentos mil republicanos.

Abríraõ os colligados esta campanha com felicidade como a precedente: foi a sua primeira operação atacar os Francezes entre Guise e Landrecies, a fim de os repellir para alem do Oise, e apoderar-se desta ultima praça: esta tentativa foi-lhes vantajosa; rendeo-se Landrecies por capitulação, depois de ter soffrido hum assedio desastroso e mortifero, ficando a guarnição prisioneira de guerra. Não fez este contratempo mais que augmentar a ferocidade do governo revolucionario, que ordenou aos exercitos que não dêssem quartel aos prisioneiros Inglezes e Hannoverianos. Deo o Duque de Yorck nesta circumstancia mostras de muito siso e humanidade, recommendando que se não fizesse mal algum aos prisioneiros Francezes, menos no caso dos seus generaes os obrigarem a usar de represalias. Deve-se tambem dizer, em louvor dos militares Francezes, que não déraõ á execuçaõ aquelle barbaro decreto.

Estava a França, neste meio tempo, inundada de lagrimas e sangue: todos os dias eraõ immoladas numerosas victimas; e nunca acabariamos se quizessemos dar os nomes de todos os personagens celebres pelos seus talentos, crimes ou virtudes, que foraõ executados. No tropel de innocentes, cujo assassinio deshonra esta desgraçada Epoca, não podemos deixar de nomear o integerrimo e respeitabilissimo Malesherbes, defensor de Luiz XVI; e sobre tudo aquelle modelo perfeito de todas as virtudes, a Princeza Elisabeth, Irmã da-

A Princeza Elisabeth, Irmã de Luiz XVI, e Malesherbes, morrerem no cadafalso.

quelle infeliz Monarca, a qual foi condemnada sobre frivolas accusações, não tendo outro crime mais que o ser do sangue dos Bourbons. Foi a ultima executada de vinte e seis pessoas, que perecerão no mesmo dia que ella, e cujo sangue ainda fumegante corria pelo cadafalso em que ella apresentou a sua augusta cabeça, com aquella doce serenidade que a caracterisava.

Quanto ao virtuoso Malesherbes, não podemos fazer melhor pintura d'elle, do que referindo as palavras de hum escriptor que se exprime nestes termos a seu respeito: “ Mon-  
 „ sieur de Malesherbes adquirio direitos ao  
 „ reconhecimento público, á admiração do  
 „ seu seculo e da posteridade, mostrando-se  
 „ zeloso defensor dos direitos do povo, nos  
 „ tempos em que semelhante zelo não podia  
 „ elevar ás primeiras dignidades do Estado;  
 „ alcançou-as combatendo com as armas da  
 „ eloquencia e da razão, o despotismo minis-  
 „ terial, quando pelas circumstancias em que  
 „ se achava, podia aspirar aos favores do  
 „ Rei, e ás complacencias dos ministros;

„ Designando as ordens de prisão (*lettres de cachet*) como o maior abuso do  
 „ poder arbitrario;

„ Estabelecendo o principio de que os  
 „ actos do governo não podem tirar a sua for-  
 „ ça da unica vontade do Monarca;

„ Pedindo ao Rei que ouvisse a propria  
 „ nação relativamente aos seus maiores inte-  
 „ resses;

„ Invocando a tolerancia religiosa, a  
 „ liberdade da imprensa, a diminuição dos  
 „ impostos;

„ Expondo como eidadeão, que a justiça he a verdadeira beneficencia dos Reis; e *quando foi Ministro de Estado*, insistindo com o Rei para que a beneficencia fosse sujeita ás regras da justiça;

„ Proclamando, no Conselho, que as despesas sancionadas pela bondade do Rei, sendo pagas pelo producto dos impostos, a nação tinha direito de pedir ao Rei que puzesse limites á sua beneficencia;

„ Sendo dos primeiros a clamar contra a Aristocracia parlamentar, contra a da Nobreza e do Clero; combatendo-as com todas as suas forças e em todas as occasiões, como devendo ser igualmente funestas ao Rei e á nação; e neste combate contínuo, conduzindo-se sempre com franqueza, sem enfraquecer os ataques publicos por concessões secretas;

„ Provando em fim por todos os seus discursos e todas as suas acções, que elle tinha a coragem de sacrificar as preoccupações do estado, do nascimento, de parentesco, ao interesse público; e que nem os respeitos para com aquelles que eraão mais poderosos que elle, nem outro motivo algum, o podiaão impedir de oppôr-se com todas as suas forças a actos de auctoridade, que indispunhaão a nação.

„ Eis os titulos de Malesherbes ao reconhecimento público. Tinha passado a sua vida a *advogar a causa do povo no tribunal do seu Rei*, conforme as suas proprias expressões, quando teve de advogar a causa do seu Rei no tribunal do seu povo. As-

„saz provárao depois os acontecimentos, que  
 „se este magistrado tivesse sido bem succe-  
 „dido advogando pelo povo, nunca teria  
 „tido de advogar pelo seu Rei (\*). „

Dia 10  
 de Thermi-  
 dor ( 28 de  
 Julho ).  
 1794.

Finalmente a humanidade hia respirar; estava a pontos de expirar o reinado do terror. A 28 de Julho ( 10 de Thermidor ), vio-se a França livre dos monstros, que não punhão já limites ao seu furor sanguinario: forão todos arrastados ante aquelle mesmo tribunal revolucionario, de que se haviaõ servido para commetter tantas maldades, e perdêraõ as cabeças no mesmo cadafalso, que elles tinhaõ inundado com o sangue de milhares de victimas. Este o modo como perecêraõ aquelles homens atrozes, que depois de haver derribado o Throno da França, tyrannisaraõ com tanta barbaridade vinte e cinco milhões de homens.

Antes de tratarmos dos resultados daquelle dia famoso, não será fóra de proposito falar das operações militares da republica contra as Potencias colligadas.

Operações  
 militares.

Depois de diferentes combates, que não eraõ mais que o preludio de acções mais importantes e mais decisivas, os Francezes, com a sua tactica, com as suas marchas atrevidas, e com o seu arrebatado ardor, triunfáraõ da ordem e da disciplina dos seus adversarios. Hum exercito Francez, commandado por Pichegru, derrotou os Inglezes na Flandres occidental, apoderou-se de Ypres, e a-

---

(\*) *Ensaio sobre a vida e escritos de Monsieur Malesherbes*, pelo Conde Boissy d'Anglas, Par de França.

meaçou os Paizes-Baixos: outro exercito Francez dirigindo-se ao Ducado de Luxembourg, forçou os Austriacos a retirar-se. Jourdan alcançou huma victoria completa e decisiva, em Fleurus, contra o Principe de Cobourg, que se retirou para Maestricht: e em consequencia apoderárao-se os republicanos, durante o resto da campanha, sem obstaculo algum, de todos os Paizes-Baixos, e fizeram as suas disposições para a invasão da Hollanda, debaixo das ordens de Pichegru.

Apoderou-se o exercito de Italia de Oneglia: e os Hespanhoes foraõ derrotados pelos republicanos em São João de Luz, em Figueiras e em Irun.

Houve nesta memoravel campanha vinte e tres sitios formaes, e seis batalhas campaes ganhadas pelos Francezes, que se apoderáraõ de cento e vinte e quatro cidades.

As esquadras Britannicas tomáraõ as ilhas de Santa-Luzia, Guadelupe, Martinica, e a Desejada. Deste modo a Graõ-Bretanha foi de todas as Potencias colligadas a unica, que recolheo todos os fructos da guerra que fazia contra a republica. Aniquilar o commercio e a marinha Franceza, estabelecer o seu dominio em todos os mares, tal era o objecto da ambição dos Inglezes.

## CAPITULO VI.

*Campanha de 1795. — Prosperidade da Grã-Bretanha. — Separa-se o Rei de Prussia da Liga. — Os Francezes, ás ordens do general Jourdan, vêm-se obrigados a retirar-se áquem do Rheno. — Expedição de Quiberon — Tumulto em Londres. — Associação dos Irlandezes-Unidos. — Morte do Filho de Luiz XVI. — Sahe sua Irmã do Templo. — Nova Constituição. — Directorio.*

No interior da França foi o terror cessando insensivelmente, depois da morte dos monstros que tyrannisavaõ a nação. Vio-se hir gradualmente respirando a innocencia, e tornando a apparecer a justiça. Huma grande parte dos juizes e dos jurados, verdugos dos tribunaes revolucionarios, dois Convencionaes, Lebon e Carrier, que haviaõ commettido milhares de atrocidades, e outros malvados, expiáraõ os seus crimes no cadafalso; abríraõ-se as prisões, e as commissões revolucionarias foraõ dissolvidas e perseguidas pela vingança pública.

Campanha  
de 1795.

Entre tanto, os republicanos não suspendêraõ o curso das suas victorias. Já no mez de Janeiro de 1795, tinha o general Pichegru atacado os colligados desde o Oceano até o Rheno, derrotado-os em todos os pontos, tentado depois a conquista das Provincias-Unidas, sem embargo da rigorosa estação

do inverno. Atravessáraõ os republicanos o Wahal que estava gelado, cuja marcha desconcertou os inimigos: apoderáraõ-se os Francezes de Utrecht, de Rotterdam e de Dort. A fortaleza de Grave, depois de huma vigorosa resistencia, tinha-se entregado. Não havendo obstaculo que suspendesse os vencedores, fugio o Principe de Orange com a sua familia para Inglaterra. Foi rapida a conquista das Provincias-Unidas; e nellas se operou rapidamente a revolução. Tendo-se abolido o Stathouderato, estabeleceo-se hum governo provisorio debaixo da protecção da republica Franceza.

Se os successos militares eraõ desastrosos para as Potencias alliadas, a guerra fazia prosperar o commercio Britannico. Constou pelos registos das Alfandegas, que as exportações do anno de 1794 tinhaõ chegado a vinte e cinco milhões de libras sterlinas. As forças navaes consistiaõ em cem mil marinheiros, e as tropas de terra em cento e cincoenta e oito mil soldados, além de cincoenta e seis mil homens de milicias, dos emigrados Francezes a soldo da Graõ-Bretanha, e de numerosos corpos de voluntarios. As Provincias-Unidas eraõ huma dependencia da republica Franceza, circumstancia esta, que sendo contraria aos interesses dos Inglezes, os obrigava a reduplicar os seus esforços, a fim de augmentar a sua marinha para tomar medidas tanto offensivas como defensivas. Sem recorrer ao expediente desagradavel de prender para a maruja, julgou o gabinete de Londres necessario pôr hum embargo em todos os navios de mais de trinta e cinco toneladas, em

Prospe-  
ridade da  
Graõ-Bre-  
tanha.



quanto elles não fornecessem para a marinha, certo numero de homens determinado; e por este meio alcançou trinta e cinco mil marujos e soldados.

Separase o Rei de Prussia da Liga.

Em quanto a Inglaterra e a Austria faziam preparativos immensos para a continuação da guerra, que parecia dever proseguir-se vigorosamente, foram estas duas Potencias abandonadas pelo Rei de Prussia, que concluiu em Basileá, a 5 de Abril, hum Tratado de paz com os Francezes, pelo qual lhes cedeu tudo quanto possuia na margem esquerda do Rheno, obrigando-se a não subministrar á Liga nem soccorros nem contingente de qualquer especie que fosse, quer como Rei de Prussia, quer como Membro do Imperio. Seguindo o seu exemplo, o Landgravé de Hesse-Cassel, retirando as suas tropas ao soldo da Graõ-Bretanha, assignou, debaixo das mesmas condições, hum Tratado de paz com os Francezes.

Estes, que já se tinhaõ senhoreado de huma grande parte da Catalunha e da Biscaya, ameaçavaõ a capital da Hespanha. Em tão imminente perigo, a Corte de Madrid concluiu tambem hum Tratado de paz, em Basileá, em virtude do qual a republica Franceza renunciando a todas as suas conquistas em Hespanha, alcançou da Corte de Madrid a cessação de toda a parte Hespanhola de S. Domingos.

Os Francezes ás ordens do general Jourdan, vêm-

Com o abandono da Prussia, do Landgrave de Hesse-Cassel, e da Hespanha, o peso da guerra cahio sobre a Inglaterra e a Austria. A excepção de Luxembourg e de Mogun-



cia, os Francezes estavam senhores da margem esquerda do Rheno no fim da campanha precedente; e por consequencia puzeram sitio a estas duas praças. Rendeo-se Luxembourg por capitulação, a 12 de Junho; mas o bloqueio de Moguncia teve as consequencias as mais desastrosas para elles. Jourdan e Pichegru deviaõ obrar de concerto para bloquear esta praça.

Negociações secretas entabouladas naquella epoca por Pichegru com os Principes Francezes e as Potencias estrangeiras, para restabelecer em França o governo Monarquico, frustráraõ todas as operações de Jourdan, e até compromettêraõ a sua posição. Aproveitando-se destas circumstancias, cahíraõ os Austriacos sobre este general, a quem obrigáraõ a retirar-se para áquem do Rheno. As linhas que os Francezes tinhaõ levantado em torno de Moguncia foraõ logo atacadas e mal defendidas: introduzio-se a confusão nas fileiras dos republicanos, que se puzeram em fuga. A sua artilheria, as suas bagagens, cahíraõ em poder do inimigo, que se apoderou do Palatinado, e de todo o territorio que se estendia entre o Rheno e o Mosella. Assustado com os progressos dos Austriacos, operou Jourdan, a favor de Pichegru, huma diversão, que lhes fez suspender a sua marcha. Tendo a rigorosa estação do inverno suspendido as operações militares, concluíraõ os generaes Austriacos e Francezes hum armisticio de tres mezes, que foi ratificado pela Convenção nacional e pela Corte de Vienna.

Determinou o ministerio Inglez, neste

Expedi-

ção de Qui-  
beron.

mesmo anno, de concerto com os chefes da Vendée, mandar huma expedição ás costas de França. Charette e outros generaes Vendeenses tinham reunido os restos dos seus exercitos: os emigrados Francezes refugiados em Inglaterra, onde tinham ajuntado hum corpo numeroso dos seus compatriotas, que o governo Britannico tinha tomado a seu soldo, querião resuscitar o partido Realista na Vendée e na Bretanha. Por sollicitação delles, huma frota Ingleza transportou-os á costa do Morbihan. Ali, reunidos com algumas tropas Inglezas, e formando juntos hum corpo de doze mil homens pouco mais ou menos, fizeram hum desembarque na bahia de Quiberon. Tendo-se senhoreado de hum forte defendido pelos republicanos, entrincheirárao-se e fortificárao-se em huma posição, que tinham escolhido. O Conde de Hervilly, hum dos emigrados os mais emprendedores, commandava em chefe a expedição. Os republicanos, ás ordens do general Hoche, levantárao nas alturas oppostas ao campo entrincheirado dos emigrados, diferentes reductos, que lhes cortárao toda a comunicação por terra. Forao todas estas obras atacadas infructuosamente pelos emigrados, que se vírao obrigados a retirar-se com perda consideravel. O general Hoche, guiado por alguns transfugas, surpredeo o forte e o campo dos emigrados, e fez prisioneiro todo o seu corpo, que se compunha de perto de dez mil homens. O Conde de Sombreuil, o Bispo de Dôle, assim como alguns outros Ecclesiasticos, que tinham acompanhado a expedição, e os officiaes emigrados, tendo sido julgados por

hum Conselho de guerra, foraõ executados na frente de todo o exercito republicano. Este foi o fim desgraçado daquella tentativa dos Realistas, emprehendida debaixo dos auspicios do gabinete de Londres.

Manifestou-se neste meio tempo huma fermentação em Inglaterra, que não teve con-sequencias sérias. As sociedades dos amigos da liberdade e da igualdade eraõ cada dia mais numerosas e mais temiveis. Huma carestia extraordinaria de graõs, contribuiu a aze-Tumulto em Lon-dres.dar ainda mais os espiritos. Foi nestas circunstan-  
cias, que se convocou o Parlamento; e na vespera da sua reunião, houve grandes ajuntamentos de gente nos arredores de Londres. No dia seguinte, no momento em que o Rei se encaminhava á Camara dos Pares, segundo era costume, atacou a gentilha o seu coche, bradando: *Nada de guerra! abaixo Pitt! abaixo Jorge!* Accrescenta-se que huma pedra, ou antes huma bala despedida de huma espingarda de vento, atravessou huma das portinholas do seu coche. Repetiraõ-se os mesmos insultos quando o Rei voltou. Penderaõ-se algumas pessoas, e hum individuo a quem se provou o seu crime, foi condemnado a ser exposto ao publico, á prisão, e a cinco annos de galés. Provocaraõ estes movimentos sediciosos dois bills, que foraõ adoptados pelas Camaras do Parlamento, hum para pôr a pessoa do Rei e o seu governo a coberto de todas as tramas e tentativas criminosas; o outro para prevenir os ajuntamentos e assembléas sediciosas.

Na Irlanda tiveraõ lugar acontecimen- Associa-

ção dos Ir-  
lândezes-U-  
nidos.

tos, cujas consequencias foraõ mais sérias. Ti-  
nhaõ os Catholicos de algum modo recobrado  
ali os seus direitos civis, pelas concessões que  
o Governo lhes tinha feito. Havendo sido o  
Conde Fitz Williams nomeado Lord Tenente  
de Irlanda, crêraõ que este ministro estava  
disposto a fazer-lhes novas concessões; e em  
consequencia disto, apresentáraõ ao Parlamen-  
to huma petição, que tinha por objecto alcan-  
çar a abrogação das leis ainda existentes,  
que os sujeitavaõ a excepções humilhadoras.  
Deo Fitz Williams a conhecer ao ministerio  
quaõ importante era á tranquillidade pública  
o deferir a esta súplica; mas não succedeo  
assim, e o Lord Tenente foi chamado. Já-  
mais a ausencia de hum empregado público  
causou maiores pezares; o dia em que elle  
sahio de Dublin, foi hum dia de luto geral  
para a cidade. Foi nomeado para o substituir  
o Conde de Combden, que não lhe era infe-  
rior pelas suas qualidades. Tendo-se mudado  
o systema de administração, os individuos que  
influaõ na plebe, aproveitaraõ-se desta cir-  
cunstancia para alcançarem o bom exito dos  
seus projectos. Tinha-se instituido em 1791  
huma associação debaixo do nome de *Irlan-  
dezes- Unidos*, cujo objecto, na apparencia, era  
a refórma Parlamentaria, e a emancipação dos  
Catholicos. Os planos reaes dos auctores e dos  
chefes desta Sociedade, parece que se haviaõ  
cuidadosamente occultado ao tropel dos outros  
membros: não tinha attrahido sobre si a at-  
tenção do governo, por causa da extrema cir-  
cumspecção com que nella se dirigiaõ os ne-  
gocios. Mas a sua influencia augmentou com

a das discussões, que se seguirão á retirada do Conde Fitz Williams, e algumas pessoas distinctas pelo seu credito e talentos seguirão o seu partido: desde então tornou-se temivel a Sociedade dos *Irlandezes-Unidos*. Estabelecerão os seus chefes huma correspondencia seguida com o governo Francez. As sentelhas da rebelliao hiao-se gradualmente inflammando, e passou-se algum tempo antes que ellas produzissem hum incendio.

O interior da França não era já tão medonho; mas a capital era sempre agitada pelos ultimos esforços das facções. Tendo a Convenção aniquilado, pelas severas medidas que tomou, as esperanças dos anarquistas, e recobrado a sua liberdade, nomeou huma Commissão para trabalhar em huma nova Constituição. Neste meio tempo morreo o desgraçado Filho de Luiz XVI nas prisões do Templo. A obscuridade que cobrio os seus ultimos momentos, deo lugar a suspeitas ácerca da causa da sua morte. A Princeza sua Irmã (que depois foi Duqueza d'Angouleme), presa como elle, foi passado pouco tempo trocada pelos deputados, que Dumourier tinha entregado aos Austriacos.

Sabindo á luz a nova Constituição, suspendeo a Convenção Nacional os seus trabalhos, sendo substituida por hum novo Corpo Legislativo, dividido segundo esta Constituição, em dois Conselhos, hum de quinhentos membros que deviaõ ter mais de trinta annos, e o outro de duzentos e cincoenta membros de quarenta annos de idade. Pela nova Carta, o governo estava nas mãos de cinco Chefes, com o nome de *Directorio*.

Morte do  
Filho de  
Luiz XVI.

Sabe sua Irmã do Templo.

Nova  
Constituição.  
Directorio.

## L I V R O IV.

Desde a Campanha de Bonaparte na Italia, em 1796, até á sua coroação como Imperador dos Francezes, em 1804.

## CAPITULO I.

*Campanha de Italia sob as ordens de Bonaparte. — Campanha do Rheno. — Retirada do general Moreau. — Negocios da Italia. — Negociações da Inglaterra com o Directorio. — Declara a Hespanha a guerra aos Inglezes — Projecto de hum desembarque em Irlanda. — Morte de Catharina II.*

Nos principios de 1796 fizeraõ-se grandes preparativos de guerra no continente. Durante o armistício anteriormente concluido em Allemanha, entre os Francezes e os Austriacos, tinhaõ-se feito todas as disposições de ambas as partes, para de novo principiarem as operações militares com todo o vigor.

Com a repressão das perturbações da Vendée restabeleceo-se a tranquillidade interior da França. Charette e Stoffet, dois dos principaes chefes Vendeenses, havendo sido apriacionados, foraõ condemnados a ser arcabuzados; e desde entaõ pareceo como terminada a guerra intestina naquella parte do territorio Francez.

Abrio-se a campanha no meio-dia, em principios de Abril, sob o commando do general Bonaparte, cujo nome, pouco conhecido até então, tão grande celebridade alcançou depois. Este homem, que representou hum papel tão extraordinario, nasceu em Ajaccio na Corsega. Tinha seu pai servido como voluntario, debaixo das ordens do famoso general Pascoal Paoli, que depois da revolução da Corsega se tinha retirado para Inglaterra. Estendia-se o exercito Francez desde Ormea até Voltri; o exercito Austriaco, commandado pelo general Beaulieu, desde o Col de Tende até Valtagio. Tendo este expulsado, a 10 de Abril, os Francezes da sua posição de Voltri, chegou a apoderar-se de todos os entrincheiramentos da sua linha de postos avançados, á excepção de hum unico, que era o reducto de Mondovi. Bonaparte, por hum movimento occulto, cahindo sobre a retaguarda e os flancos dos Austriacos, derrotou-os completamente, em quanto o general Massena atacou e derrotou os Piemontezees, que acudiaão em soccorro de Beaulieu. Teve lugar este combate perto da aldêa de Montenotte.

Campanha  
de Italia,  
sob as or-  
dens de Bo-  
naparte.

Dali Bonaparte se adiantou pelo Monferrato. Foraõ os Austriacos batidos e perseguidos; mas por hum movimento imprevisto, tendo huma columna Austriaca marchado sobre Dego, alcançou apoderar-se della. Empenhado Bonaparte em retomar este posto, mandou formar hum regimento em columna, encaminhando-se de frente ao inimigo, em quanto outro corpo atacava a sua esquerda em Dego, onde se deo huma batalha, cujo resul-



tado foi favoravel aos Francezes, e obrigou os Austriacos a pôr-se em retirada.

Os Piemontezes, que desde os primeiros combates, se achavaõ separados do exercito de Beaulieu, foraõ perseguidos até Ceva, que tiveraõ de evacuar. Depois de differentes movimentos retrogrados da sua parte, houve huma acção geral em Mondovi, onde foraõ derrotados. Acossados vivamente pelos Francezes, que em toda parte eraõ vencedores, dirigiraõ-se a Carignan. A Corte de Turin, assustada com os progressos dos republicanos, julgou dever acceder a hum armisticio, cujas clausulas diziaõ em substancia, que as fortalezas de Coni e de Alexandria seriaõ immediatamente entregues aos Francezes, assim como Tortona no mais breve prazo.

Aproveitando-se das vantagens, que este armisticio lhe dava, poz Bonaparte o seu exercito em movimento para passar o Pó. Suspeitando Beaulieu que o intento dos Francezes era atravessar este rio, deo-se pressa a preveni-los; porém achavaõ-se elles já, não só na margem esquerda, mas tambem em marcha ao seu encontro. Decidio-se entaõ a mandar postar hum corpo entre o Lambre e o Ad-da, para cobrir a communicação entre Pizzighittone e Mantua. Porém os Francezes atacáraõ este corpo, que se vio na necessidade de retirar-se. Instruido Beaulieu deste contra-tempo, marchou sobre Codagna, onde surpredeo os Francezes, que foraõ vivamente repellidos; mas tendo-se estes reunido promptamente, derrotáraõ os Austriacos por seu turno, e obrigáraõ-nos a recuar sobre Lodi.

Abrirão estas victorias a Bonaparte a estrada de Milão, cuja tomada devia faze-lo em breve tempo senhor da Lombardia, e ser causa da inteira expulsão dos Austriacos da Italia. Occupavaõ estes huma posição por detrás do Adda, defronte de Lodi. Chegaõ os Francezes á frente da ponte, e empenha-se a acção. Mandou Bonaparte levantar huma bateria para responder á dos Austriacos; e ao mesmo tempo ordenou a Massena, que formasse todos os batalhões de grenadeiros em columna cerrada, e que os guiasse ao ataque da ponte. Adianta-se a columna, franquea a ponte debaixo de descargas de metralha, apodera-se da artilheria, e derrota os Austriacos.

Marcha Bonaparte dali sobre Milão, onde faz a sua entrada triunfante; receando porém, que Beaulieu, que se tinha retirado buscando o abrigo dos muros de Mantua, não recebesse reforços, e não tornasse a obrar offensivamente, resolveo preveni-lo; e em consequencia dirigio-se sobre Lodi.

Tocavaõ neste meio tempo a rebater em toda a Lombardia, e tudo dava indicios de huma insurreicção geral. Em Milão o laço tricolor era pisado aos pés, e os Francezes insultados: em Pavia, os habitantes sustentados por alguns milhares de camponezes, desarmáraõ e fizeraõ prisioneira a guarnição Franceza. Ao ouvir tal noticia, volta Bonaparte sobre os seus passos, e com a sua presença restabelece-se a ordem em Milão: marcha depois sobre Pavia, cujas portas manda arrombar a golpes de machados: fogem os rebeldes, e os

membros da camara são arcabuzados, e prendem-se duzentos dos principaes habitantes, e são mandados para França como refens. Esta medida, que derramou o espanto na Italia, destruiu a insurreiçãõ na sua origem.

Bonaparte, que não perdia de vista a Beaulieu, passa o Mincio, e apoderaõ-se logo os republicanos de Valegio, quartel general dos Austriacos, que se virãõ obrigados a recuar. Depois de haver-se retirado sobre Mantua, Beaulieu receando que lhe cortassem a estrada de Trento, deixa Mantua ás suas proprias forças, passa o Adige, atravessa os Estados de Veneza, e chega ao Tirol, abandonando toda a Lombardia com immensos armazens.

Logo depois da retirada do exercito Austriaco, entra Bonaparte nos Estados do Papa, e toma posse das cidades de Bolonha e de Ferrara. Acháraõ os Francezes nestas duas praças e no Forte Urbino duzentas peças de artilheria grossa, e tudo quanto era necessario para o sitio de Mantua. Receando ver occupados os seus Estados pelos Francezes, offereceo o Papa acceitar as condições que se lhe propuzessem. Concluiu-se por tanto hum armisticio, segundo o qual o Santo Padre obrigava-se a pagar á republica vinte e hum milhões de francos, a entregar-lhe cem quadros, e duzentos manuscriptos preciosos, e a deixar occupar pelas tropas Francezas, Bolonha, Ferrara, e o Forte Urbino.

Poucos dias depois assignou-se outro armisticio entre o Rei de Napoles e os Francezes, debaixo de condições igualmente van-

tajosas para os ultimos. Tendo-se Bonaparte encaminhado a Liorne, onde os Inglezes, depois de se haverem apoderado do porto, tinham estabelecido o deposito do seu commercio no Mediterraneo, mandou sequestrar todos os armazens que lhes pertenciao. Antes porêm da chegada dos republicanos, tinhao elles tido o cuidado de embarcar a maior parte das suas fazendas.

A tomada de Liorne foi seguida da entrega do castello de Milaõ, cuja guarniçaõ cahio em poder dos Francezes, com cento e cincoenta peças de artilheria e armazens consideraveis.

Em quanto Bonaparte sujeitava quasi toda a Italia, os republicanos e os Austriacos combatião sobre o Rheno. Campanha do Rheno.

Ainda que a campanha de Italia foi das mais brilhantes, a de Allemanha, menos feliz na realidade, em nada lhe cedia quanto a gloria das armas Francezas.

Jourdan, e Moreau que havia succedido a Pichegru, tinhao cada qual hum exercito sob o seu commando. Tornárao em breve tempo a passar o Rheno victoriosamente; e os Austriacos, forçados successivamente em todas as posições que tinhao tomado, combatião em reirada. Em quanto o exercito de Jourdan penetrava na Franconia e se aproximava á Bohemia, as divisões de Moreau tinhao-se deramado pela Floresta-Negra, lago de Constança, e falda das montanhas do Tyrol. Este general, que communicava com Jourdan pelo Danubio, esteve a ponto de apoderar-se das nascentes do Adige. Os felices successos das

armas republicanas faziaõ muito critica a posição do Archiduque Carlos; e nesta campanha he que este Principe deo provas reaes daquelles talentos militares, que a Europa inteira reconhece nelle. Não cedendo o terreno ao inimigo senão palmo a palmo, evitando empenhar acções decisivas, não buscava, pelas suas sábias manobras, senão resguardar-se de huma derrota, que teria conduzido os Francezes até ás portas de Vienna. No dia em que a sua retaguarda continha a vanguarda dos republicanos por meio de entrincheiramentos habilmente dispostos, mandava levantar outros a alguma distancia mais, para defender-se no dia seguinte. Tiverão lugar estas medidas defensivas até o momento em que elle recebeu reforços. Então, tomando a offensiva, cahio sobre Jourdan, que em hum momento esmagou, antes que Moreau, occupado da sua posição, e do cuidado de apoiar a hum dos seus generaes, que fazia diligencia por penetrar no Tyrol, pudesse perceber-se desta manobra, e oppôr-se a ella. O successo do Principe Carlos foi tão completo em duas batalhas consecutivas, que o exercito de Jourdan vio se obrigado a fugir até ás fronteiras da França, em tal desordem, que não havia recurso algum.

Retirada  
do general  
Moreau.

Em consequencia desta derrota, o exercito de Moreau devia ser destruido ou feito prisioneiro, a não ser a habilidade deste general; achava-se desguarnecido e sem defeza na sua esquerda, com a desaparicação de Jourdan. Os corpos Austriacos espalhados pelo Tyrol, hiaõ investi-lo pela sua direita; na sua

frente achayaõ-se corpos consideraveis , sobre os quaes , no curso mesmo das suas conquistas , não tinha alcançado vantagem alguma decisiva ; por detraz , os Austriacos tinhaõ-lhe cortado a communicação com os corpos , que tinha deixado na margem direita do Rheno para defender Kehl , e conter Philisbourg. Sem embargo de tudo isto , effectuou este exercito a sua retirada em boa ordem ; depois de haver aberto á força d'armas huma passagem pelo Valle-do-Inferno , conservou-se sempre na posse da estrada de Huningue , que o Principe Carlos em pessoa tentou cortar-lhe. Foi ali que , sem precipitação , elle passou o Rheno á vista dos Austriacos. Esta retirada , que he citada como hum dos feitos de armas os mais gloriosos para os Francezes , durou vinte e sete dias.

Déraõ-se nesta Epoca novos combates em Italia entre os Austriacos e Francezes. Entre o grande numero de acções que se déraõ sem vantagem alguma decisiva , e em que a perda foi quasi igual de parte a parte , a mais memoravel he a batalha de Arcole , em que os republicanos ficáraõ vencedores ; tambem foi a que durou mais tempo , pois tres dias consecutivos combatêraõ no mesmo terreno , e valerosamente de ambas as partes. Nella desenvolveo Bonaparte de hum modo não equivoco a sua habilidade militar , e os generaes que serviaõ debaixo das suas ordens déraõ ás suas tropas o exemplo do valor.

Em meio todavia dos horrores da guerra , o ministerio Britannico , quer tivesse realmente o desejo de lhes pôr termo , quer

Negocios da Italia.

Negociações da Inglaterra com o Directório.

cedesse aos votos da nação inteira, fez junto do governo Francez, o Directorio, aberturas para o restabelecimento da paz. Foi encarregado Lord Malmesbury de dar principio ás negociações para este effeito. Propoz logo o gabinete de Londres, como base do Tratado, que a França restituiria os Paizes-Baixos á Austria, e evacuariá ao mesmo tempo a Italia. Debaixo destas condições, consentia a Inglaterra em restituir todas as conquistas que tinha feito havia alguns annos, nas Indias Orientaes e Occidentaes. Rompêrao-se porém as negociações, por se não poderem entender ácerca de diferentes artigos.

Declara a  
Hespanha a  
guerra aos  
Inglezes.

Acabavao ao mesmo tempo de concluir o Rei de Hespanha e a republica Franceza, hum Tratado de alliança offensiva e defensiva; Tratado que foi logo seguido da declaração da guerra do gabinete de Madrid contra Inglaterra, que por causa desta circumstancia, tinha hum inimigo de mais a combater.

Projecto  
de hñ des-  
embarque  
em Irlan-  
da, da par-  
te dos Frã-  
cezes.

Occupárao-se os *Irlandezes-Unidos*, no decurso deste anno, dos preparativos da insurreição que tinhao projectado. Hum dos seus chefes, Lord Eduardo Fitzgerald, transferio-se á Suissa, onde teve huma conferencia com o general Francez Hoche, na qual se suppõe que se projectou o plano de hum desembarque na Irlanda. Nos fins deste anno, tentou o Directorio dar este projecto á execução. A esquadra de Brest, bloqueada havia alguns mezes no porto por hum almirante Inglez, aproveitando-se de hum nevoeiro denso para escapar á vigilancia deste, fez-se á vela para Irlanda; não taidou porém a ser dis-



persada por hum violento temporal. Com tudo, oito náos de duas pontes, e outros nove vasos de diversos portes, que faziaõ parte della, pudéã chegar á costa de Irlanda, e deitáraõ ferro na bahia de Bantry; mas tendo o máo tempo impedido de effeituár o desembarque fizeraõ-se ao largo.

Foi notavel o fim do anno de 1796 por hum acontecimento, que teve grande influencia nos negocios politicos. A Imperatriz da Russia, a célebre Catherina II, expirou a 7 de Novembro, depois de hum reinado de trinta e quatro annos. Sem entrar em individuações ácerca do modo como ella subio ao Throno, bastará dizer aqui, que as eminentes qualidades desta Princeza lhe assignaõ hum lugar distincto entre os maiores Monarcas. Desde a sua exaltação ao Throno, deo todos os seus cuidados á prosperidade do seu Imperio. Dotada de hum espirito superior e muito cultivado, redigia com o seu proprio punho os seus Manifestos e os despachos do seu gabinete. Protectora das sciencias, da litteratura e das artes, não cessou de recompensar com munificencia todos os generos de merecimento. Alargou os limites do seu Imperio. Legisladora, foi ella quem ordenou as instrucções que deo para formar o codigo de leis, que rege a Russia. Durante a guerra da revolução Franceza, conduzio-se esta Princeza segundo os principios de huma sábia politica: não contribuiu nem com os seus thesouros, nem com as suas tropas, para as empresas das Potências colligadas: em quanto estas faziaõ todos os seus esforços para combater o systema re-

Morte  
de Catheri-  
na II.

HISTORIA MODERNA,  
volucionario, ella se engrandecia do lado da  
Polonia, da Turquia e da Persia. Quando  
morreo, deixou o seu Imperio florecente no  
interior, e respeitavel no exterior.

## C A P I T U L O II.

*Suspensão dos pagamentos da Banca de Londres. — Revolta em Spithead, na esquadra Inglesa. — Tomada de Mantua pelos Francezes. — Expedição contra Roma. — Preliminares de paz de 1797, assignados em Léoben. — Apoderaão-se os Francezes de Veneza. — Paz de Campo-Formio. — Revolução no governo Francez. — Invasão na Irlanda projectada pelo Directorio.*

Suspensão  
dos paga-  
mentos da  
Banca de  
Londres.

Achou-se a Graõ-Bretanha no anno de 1797, n'humã posição muito crítica. Tendo a Banca de Londres suspendido os seus pagamentos em dinheiro, agitárao-se summamente os espiritos com esta medida extraordinaria, cuja causa não podia adivinhar-se; porém não se passou muito tempo sem que se conhecesse. Tendo-se apresentado nas provincias muitas pessoas para retirarem os seus fundos das diferentes bancas, seguiráo-se a isto grandes pedidos de fundos á Banca de Londres; e os directores fazendo a este respeito o seu relatório ao ministerio, humã ordem do Conselho prohibio toda a sahida de dinheiro da Banca. Foi esta ordem sanccionada depois por hum actõ do Parlamento, que estendeo esta medi-

da provisoria até ao fim dos seis primeiros mezes do anno; e pouco depois, outro acto a propoz até ao fim da guerra.

Outro acontecimento de huma natureza muito mais séria, acontecimento, de que os annaes Britannicos não offerecem outro exemplo, occupou a attenção pública. Huma revolta temivel rebentou na esquadra da Mancha em Spithead. Pediaõ os marinheiros que lhes adiantassem o seu soldo, e que se tomassem novas medidas relativamente á distribuição dos viveres. Nomeáraõ em cada não dois chefes, que durante alguns dias exercêraõ o commando absoluto na esquadra. Nesta critica circumstancia, entendeu o governo que devia subscrever ás suas súplicas: depois do que tornáraõ a entrar na obediencia. Não se limitou a insurreiçãõ á frota de Spithead: algumas náos que se achavaõ em Sheerness subleváraõ-se do mesmo modo, assim como todos os vasos da esquadra que estava fundeada na altura de Yarmouth, os quaes se fizeram á vela para ajuntar-se aos amotinados de Sheerness. Tomou o governo medidas para reduzir os rebeldes á obediencia; interceptou-se toda communicacão entre elles e a costa; o que em breve os privou de agua e de viveres: para alcançar huma e outra cousa, lançavaõ mão de todos os navios que subiaõ o Tamisa. Sem embargo dos soccorros que alcançavaõ por este modo, víraõ-se os rebeldes reduzidos em breve tempo á maior penuria. A desconfiança e a dissensãõ levantáraõ se entre elles, que acabáraõ por sujeitar-se, entregando os chefes da insurreiçãõ, que havendo sido julgados por

Revol-  
ta em Spi-  
thead, na es-  
quadra In-  
gleza.

hum Corte marcial, foraõ huns executados, outros condemnados a diversos castigos, e muitos absolvidos. Pouco tempo depois, as equipagens rebelladas apagáraõ esta nodõa de insubordinação: a esquadra de Yarmouth composta pela maior parte das náos, que tinhaõ tomado parte na insurreição, fez-se á vela para o Texel, onde bloqueou a esquadra Holandezza, a qual tendo sahido do porto, empenhou-se hum combate, em que os Hollandezes completamente derrotados, perdêraõ nove náos.

Tomada  
de Mantua  
pelos Fran-  
cezes.

Em outro ponto da Europa, na Italia, continuava a guerra entre os Austriacos e Francezes. O gabinete de Vienna mandou a ella reforços para reparar os révezes, que as suas tropas ali tinhaõ experimentado. Lisonjeava-se de que faria mudar a fortuna, que até então havia sido tão contraria ás suas armas, e obrigaria os republicanos a levantar o sitio de Mantua, onde se achava encerrado Wurmser. Empenháraõ estas medidas da Austria o Papa a romper o Tratado, que tinha concluido com os Francezes: em consequencia do que mandou adiantar as suas tropas pela Romania até ás visinhanças de Reggio, de Modena, de Ferrara e de Bolonha. Tendo os Austriacos experimentado hum derrota completa na batalha da Favorita, acháraõ-se de novo em hum estado de fraqueza e de dispersaõ total. Hum das consequencias desta batalha foi a tomada de Mantua, por cuja causa tantos combates se tinhaõ dado. A entrega desta praça, que tão importante era para os vencedores da Italia, effeituou-se a 3 de Fevereiro de 1797.

Foi a guarnição declarada prisioneira de guerra até ser trocada, á excepção do Marechal Wurmser, que teve a faculdade de retirar-se com alguns generaes e officiaes do seu estado maior, e hum numero determinado de pessoas á sua eleição.

Bonaparte, que queria vingar-se do Papa, por causa do armisticio que tinha rompido, projectou huma expedição contra Roma. Em breve tempo se apoderáraõ os Francezes de toda a Romania, do Ducado de Urbino, da Marcha de Ancona, da Ombria, e das pequenas provincias de Perugia e do Camerino. Em tal extremidade, Pio VI, para salvar o resto dos seus Estados, tomou a resolução de fazer todos os sacrificios; e por tanto vio-se obrigado a subscrever ás condições que lhe dictáraõ, segundo o teor das quaes, elle se obrigava a renunciar toda alliança com as Potencias, que estavaõ em guerra contra a França, e cedia Avignon assim como o Condado Venaissin, renunciando de mais disso a outras porções de territorio, e obrigando-se a pagar trinta milhões de francos em vez dos dezasseis que ainda restava.

Expedição contra Roma.

Depois da tomada de Mantua, e da expedição contra Roma, adiantou-se Bonaparte para o Tyrol, com o fim de dirigir-se á capital da Austria. O Archiduque Carlos, encarregado de suspender a marcha do conquistador da Italia, tinha tomado posições para defender a entrada do Tyrol. Os Francezes depois de passarem o Piave e o Tagliamento, apoderáraõ-se de algumas praças; e victoriosos em toda parte, em breve se senhoreáraõ das

Preliminares de paz assignados em Léoben.

gargantas do Tyrol, da Carniola e da Carinthia. O Archiduque Carlos, que nesta campanha, como já precedentemente o fizera na Allemanha, despregou todos os talentos de hum habil militar, não estando em estado de suspender a marcha dos vencedores, deo-se pressa a tomar a estrada de Vienna, a fim de ter tempo de reunir as suas forças, para dar hum batalha debaixo dos muros desta capital, onde reinava a maior consternação. Nesta crítica situação, julgou o Imperador que devia entabolar negociações com Bonaparte, cujo resultado foi hum armistício, e pouco depois se assignaraõ em Léoben os preliminares da paz.

Apoderão-se os  
Françezes  
de Veneza.

Durante estas negociações, era Veneza o theatro de hum horrorosa scena. Os Francezes, que ahi haviaõ sido recebidos como amigos e alliados, tinhaõ deixado nos hospitaes desta cidade hum grande numero de doentes e feridos. Em quanto o seu exercito se achava distante, foraõ assassinados em hum tumulto popular, cuja causa nunca se pôde conhecer perfeitamente. Para vingar-se desta crueldade, apoderáraõ-se os Francezes de Veneza, abolíraõ o governo existente, e plantáraõ a arvore da liberdade na praça de São-Marcos.

Paz de  
Câpo-Formio.

Tendo-se concluido em Campo-Formio hum Tratado de paz definitivo entre a França e a Austria, a cidade de Veneza, a Istria, a Dalmacia e as Ilhas Venezianas foraõ cedidas ao Imperador, que da sua parte garantia á França a posse da Belgica, e reconhecia a republica Cisalpina, a qual se tinha

formado da desmembração dos differentes Estados que a Austria possuia na Italia, e da quella parte do territorio Veneziano que se lhe não havia cedido.

Em quanto os exercitos republicanos eraõ triumphantes, hum rompimento entre o Directorio e os dois Conselhos que haviaõ succedido á Convenção, produziu huma revolução no governo Francez. Foi o Directorio quem venceo nesta luta, por ter á sua disposição a força armada; os membros dos dois Conselhos que lhe eraõ oppostos, foraõ presos e deportados para Cayenna, assim como Barthelemy, hum dos cinco Directores: Carnot, collega deste, devia experimentar a mesma sorte; porém achou meios de fugir. Esta medida violenta do Directorio, ou para melhor dizer de tres dos seus membros, contra dois dos seus collegas e huma parte dos membros dos dois Conselhos, além de alguns administradores e homens de letras, foi considerada por alguns, como huma violação manifesta das leis, em quanto outros não viaõ nisso senão hum daquelles golpes atrevidos, que a força das circumstancias exige.

Revolução no governo Francez.

Em Inglaterra, o governo tinha os olhos fixos nos *Irlandezes-Unidos*, cuja associação se estendia e consolidava sem embargo dos contratempos, que recentemente tinhaõ experimentado. Longe de desanimarem com o máo successo da expedição de Hoche a seu favor, trabalháraõ mais que nunca em apertar os vinculos da sua alliança com os Francezes, e em estabelecer huma correspondencia regular com o Directorio, a quem elles dirigiraõ

Invasão em Irlanda projectada pelo Directorio.



hum Memória, em que expunhão, que cento e cincoenta mil Irlandezes-Unidos estavaõ alistados e organisados na Provincia de Ulster. Talvez que este numero fosse exaggerado; mas não ha dúvida que era mui consideravel. O Directorio tomou novas medidas relativamente a hum invasão na Irlanda; e tanto em Brest como no Texel, as republicas Franceza e Batava fizeram grandes preparativos para levar a effeito este plano; mas a victoria alcançada contra a esquadra Hollandeza pelas náos Inglezas de Yarmouth, foi causa de falhar este projecto. Tal era, nos fins de 1797, o estado da Irlanda, cujo destino era ser mais tarde o theatro de acontecimentos mais importantes.

### CAPITULO III.

*Revolução em Roma. — Projecta o Directorio hum desembarque em Inglaterra. — Expedição do Egypto. — Tomada de Alexandria, de Rosetta e do Cairo. — Combate de Aboukir. — Insurreição dos Irlandezes-Unidos. — Expedição dos Francezes para a Irlanda.*

Revolução em Roma.

O principio do anno de 1798 foi assignalado por hum nova revolução na Italia. O general Francez Duphot tendo sido assassinado em Roma em hum motim popular, o exercito republicano ás ordens do general Berthier, recebeu ordem de marchar sobre esta capital: chegando debaixo dos seus muros, esperou o

resultado da revolução concertada, que devia operar-se na cidade. Teve lugar em 15 de Fevereiro; e Berthier entrou logo nella acompanhado de tropas. Tendo atravessado Roma, subio ao capitolio, onde proclamou em nome do povo Francez, a nova republica Romana, que elle ao mesmo tempo declarou livre e independente. O Papa, despojado do seu poder temporal, alcançou a faculdade de retirar-se á Toscana, d'onde, de cidade em cidade, foi conduzido a Valence, em França, para ali morrer victima de huma politica tortuosa.

Desembaraçado dos seus inimigos do continente, projectou o Directorio hum desembarque em Inglaterra, para cujo effeito tinha reunido hum exercito nas costas. Ao mesmo tempo inflammava os animos contra o governo Inglez; e o gabinete de Londres, da sua parte, tomava medidas para a defeza do Reino. Grande numero de navios de transporte, esquipados em Flessinga, e em outros portos Batavos, devião cooperar para esta tentativa dos Francezes. Para obstar a esta operação hostil, mandou o governo Britannico para estas alturas huma frota, que tendo lançado ferro em Ostende, desembarcou dois mil homens, que se encaminharaõ á eclusa de Flye-kens, que destruíraõ. Fez esta mesma frota fogo sobre a cidade, que foi incendiada em differentes partes, e abrazou alguns navios e embarcações: víraõ-se porém obrigados a depor as armas, depois de haverem sustentado tres horas de combate, por lhes não ter permitido tornar a embarcar-se a grande agitação do mar. O Directorio, com tudo, convencido

Projecta o Directorio hum desembarque em Inglaterra.

da impossibilidade de realisar com bom successo o seu projecto de desembarque, renunciou a elle para voltar as suas vistas para outra parte.

Expedição  
do Egypto.

Para a conquista do Egypto he que dirigio a sua attenção, empreza que então abriu vasto campo ás conjecturas politicas. Bonaparte, chefe desta expedição, embarcou na esquadra commandada pelo almirante Brueys, e fez-se á vela de Toulon a 13 de Maio.

Tomada  
de Malta.

Chegado á altura de Malta, a 12 de Junho, pediu licença para fazer aguada: e recusando-lha o Graõ-Mestre, desembarcou hum corpo de tropas; a parte meridional da ilha não tardou a sujeitar-se, e o forte la Valette, que estava em estado de resistir, não fez senão huma fraca defeza. Depois de hum sitio de dois dias, assignou o Graõ-Mestre hum capitulação, em virtude da qual entregava a ilha de Malta e as suas dependencias em poder dos Francezes. Esta entrega tão prompta surprendeo os politicos; mas parece que esta ilha foi entregue pelos Cavalleiros, e que a recusação de permittir aos Francezes de fazer aguada, estava ligada a hum plano concertado para dar-lhes hum pretexto de obrarem como inimigos. A conquista de Malta tinha sido concertada em París.

Tomada  
de Alexan-  
dria, de Ro-  
setta e do  
Cairo.

Depois de haver deixado algumas tropas no forte la Valette, e na ilha de Gozo, Bonaparte navegou para o Egypto, e no espaço de huns onze dias, apresentou-se diante de Alexandria, que tomou de assalto, na noite de 5 de Julho. Por humá convenção que concluiu com os Mustis e os principaes chefes,

garantia aos habitantes as suas propriedades e o exercicio da sua religião. Passados quatro dias, marchou sobre o Cairo, ordenando a hum das suas divisões que se apoderasse de Rosetta, e subisse pela margem esquerda do Nilo. Chegando a seis legoas do Cairo, soube que alguns Beys se tinham reunido nas alturas de Embabeh, resovidos a fazer os maiores esforços para o repellir: á vista do que determinando-se a atacá-los, ordenou immediatamente as suas tropas: cobrio-se logo a planicie de Mamelucos, que rodeárao as alas do seu exercito. Deixárao-nos os Francezes approximar-se até á distancia de cincoenta passos, e no mesmo instante hum duplicado fogo de artilheria e de mosquetaria poz em desordem aquella temivel cavallaria; os entrincheiramentos de Embabeh saõ logo tomados, e o inimigo derrotado em toda a parte, vê-se obrigado a pôr-se em retirada com tal precipitação, que hum grande numero de Mamelukos se afogou no Nilo. Este combate abriu aos Francezes as portas do Cairo, e lhes seguiu a posse do Baixo-Egypto.

Depois da tomada do Cairo, os dois principaes chefes dos Mamelukos, Mourad-Bey e Ibrahim-Bey, tendo-se separado, perseguio Desaix o primeiro no Saide, em quanto Bonaparte tomou á sua conta repellir o outro para além do deserto, que separa a Syria do Egypto.

Neste meio tempo o almirante Inglez Nelson, que andava no alcance da esquadra, em que Bonaparte se tinha embarcado, alcançou-a a dez legoas pouco mais ou menos de

Cóbate de  
Aboukir.

Alexandria, onde estava ancorada na bahia de Aboukir, apresentando huma linha respeitavel. Foi bem succedido o almirante Inglez no seu projecto, que era cortar a linha dos Francezes. Empenhou-se o combate no primeiro de Agosto, quasi ao pôr do sol. Por fim duas náos Francezas arreáraõ bandeira; pouco depois outra não seguiu o seu exemplo, e em breve toda a vanguarda estava em poder dos Inglezes, que alcançaraõ, não sem custo, huma vantagem decisiva. Nove náos Francezas foraõ tomadas, e outra foi queimada pelo que a commandava, assim como quinze fragatas, sem contar a não *Oriente*, que saltou pelos ares. Esta victoria deo á bandeira Britannica huma superioridade absoluta no Mediterraneo.

Insurrei-  
ção dos Ir-  
lândezes-U-  
nidos,

Os *Irlandezes-Unidos*, que durante o anno precedente, se haviaõ occupado em organizar os seus planos de rebelliaõ, resolvêraõ da los á execuçaõ; em consequencia, a sua junta militar decidio que se effeituasse sem demora huma insurreiçaõ geral, cujo dia se aprazou. O governo, que tinha conhecimento das suas tramas, tinha já mandado prender hum grande numero dos principaes delles. Resolvêraõ-se com tudo a fazer os ultimos esforços, do que havendo sido informado o governador, deo ordem para novas prisões. O Lord Tenente da Irlanda declarou a cidade e o condado de Dublin em estado de insurreiçaõ: triplicou-se a guarda do castello e a de todos os pontos, que deviaõ ser atacados. Sem embargo disso, teye a sublevaçãõ lugar no dia aprazado: apresentáraõ-se os insurgentes em nu-

mero de quinze mil pouco mais ou menos nas visinhanças de Wexford e de Enniscorthy, onde atacáram e destruíram hum corpo inteiro de milicia, escapando unicamente hum coronel e dois soldados; depois do que tomáram os rebeldes de assalto a cidade de Enniscorthy, e se apoderáram de Wexford. Tendo atacado a cidade de Newgross, foram repellidos com grande perda. Com tudo as tropas Reaes experimentáram por seu turno hum revez consideravel: tendo atacado hum corpo numeroso de insurgentes, viram-se obrigadas a retirar-se sobre Arklow, onde os seus adversarios se apresentáram. Empenhou-se huma acção, em que os rebeldes foram derrotados; mas o combate de Wingar-Hill, decidiu do exito desta guerra: depois de se haverem defendido muito pertinazmente, foram desbaratados, deixando em poder dos vencedores hum grande numero de mortos e de feridos, com algumas peças de artilheria de differentes calibres. Depois desta victoria, entráram as tropas Reaes na cidade de Wexford, evacuada pelos rebeldes, cujo chefe tendo sido aprisionado, foi conduzido perante huma commissão militar, condemnado á morte e executado. Em outro ponto, foi huma partida de insurgentes derrotada em Ballynahinch, e o seu chefe ficando prisioneiro, foi igualmente executado. Estando por assim dizer suffocada a rebellião, dirigio o Lord Tenente huma mensagem á Camara dos Communs, na qual lhes annunciava que o Rei o tinha auctorisado a offerecer hum perdão geral por todos os delictos de rebellião commettidos até então, debaixo de certas con-

dições e restricções compatíveis com a tranquillidade pública; declarava ao mesmo tempo, que perseguiria vigorosamente todos aquelles que persistissem em não sujeitar-se.

Expedição  
dos Francezes para  
a Irlanda.

Causou espanto ver que a França, então em guerra com a Inglaterra, não desse soccorro algum aos insurgentes Irlandezes. O governo Francez mandou unicamente, debaixo das ordens do general Humbert, algumas fragatas e embarcações de transporte, que entráram na bahia de Killala, e desembarcaram mil homens pouco mais ou menos de tropa, com muitas armas e munições. Mas estas forças, além de serem insufficientes, chegaram muito tarde, e o numero dos insurgentes que se ajuntaram aos auxiliares Francezes, não foi consideravel. Depois de alguns combates parciaes, em que soffreo perdas, vio-se o general Humbert obrigado a recuar, e o seu pequeno corpo, reduzido a quatrocentos homens, foi obrigado a depôr as armas.

Fizerao os Francezes logo depois huma nova tentativa para a Irlanda. Partio huma esquadra, com tropas e munições, de Brest para este destino; mas foi completamente derrotada, e os vasos quasi todos cahiram em poder dos Inglezes. O máo successo desta expedição foi motivo de que os insurgentes perdessem toda esperanza, e os restos espalhados das suas tropas depuzeram as armas.

Este o fim que teve a rebelliao da Irlanda. Fazem subir a trinta mil o numero de homens, que pereceram nesta guerra deploravel.

Foeram coroadas de feliz successo todas as operações do ministerio Britannico durante



o curso desta campanha; a destruição da esquadra Franceza nas costas do Egypto, e a sujeição dos insurgentes Irlandezes, completarão os seus votos. De mais disso, a ilha de Minorca rendeu-se ás tropas Inglezas sob o commando do general Stuart e do Commodoro Dunckworth, que fizeraõ esta aquisição importante sem perder hum só homem.

## C A P I T U L O IV.

*Renovação das hostilidades em Italia, entre os Francezes e o Rei de Napoles. — Revolução em Napoles. — A Austria, ajudada da Russia, principia novamente a guerra. — Evacuaõ os Francezes a Italia. — Assassinio dos Plenipotenciarios Francezes. — Abandona o Imperador da Russia a Austria. — Desembarcaõ os Inglezes em Hollanda.*

Acabavaõ as hostilidades de principiar novamente entre a França e o Rei de Napoles, Fernando IV, que tinha rompido o Tratado concluido com o Directorio, logo que vio a partar-se da Italia Bonaparte com o seu exercito. Tendo o Monarca Napolitano posto em pé hum exercito numeroso, confiou o commando delle ao general Austriaco Mack, a-  
 diantou-se sobre Roma, que os Francezes evacuáraõ, não deixando mais que hum fraca guarnição no castello Sant-Angelo. Os Francezes commandados pelo general Championner, marcháraõ ao encontro do exercito Napolita-

Renovação das hostilidades em Italia, entre os Francezes e o Rei de Napoles.

no, que foi inteiramente derrotado; depois do que tornáraõ a entrar victoriosos em Roma.

Naquelle mesmo tempo, o Rei de Sardenha, que estava de intelligencia sem dúvida com Fernando IV, vio-se obrigado pelos Francezes, que occupavaõ a cidadella de Turin, a abandonar o Piemonte, assignando a 16 de Dezembro a sua renuncia á posse deste paiz, e retirando-se para a Ilha de Sardenha.

Em quanto Championnet expulsava do territorio Romano o exercito Napolitano, o almirante Inglez Nelson, tendo desembarcado em Liorne hum Corpo de tropas da sua nação, apoderou se desta cidade. Estas forças, cujo destino era fazer com que a Toscana se insurgisse, e cortar a communicação dos Francezes com o norte da Italia, punhaõ em grande embarço o general Championnet, que com rudo perseguio o exercito inimigo até ao ponto de o obrigar a encerrar-se em Capua.

Neste meio tempo Fernando IV, inquieto por causa dos movimentos populares que tinhaõ lugar em Napoles, embarcando-se na esquadra Ingleza com a sua familia, fez-se á vela para a Sicilia: e os Inglezes nesta mesma occasião leváraõ consigo ou lança-raõ fogo aos vasos, que se achavaõ no porto de Napoles.

Revolução  
em Napo-  
les.

Chegando o exercito Francez a Capua, foi rodeado de huma multidão de paizanos armados e levantados em massa por ordem do seu Soberano. Tendo entaõ proposto o Vice-Rei Pignatelli hum armisticio ao general Championnet, se promettesse de não marchar sobre Napoles, este o acceitou, visto achar-

se cada vez mais inquietado de todas as partes, e em vespervas de lhe faltarem os viveres. Com tudo, como em Napoles reinava huma grande animosidade entre os Realistas e os que querião huma républica, em breve tempo rebentou ali huma revolução, fomentada pelo general Francez: não tinha esta cidade por defensores senão os Lazzaronis: Championnet propoz entrar em ajuste com elles, e como se recusassem a isso, determinou ataca-los. Os Napolitanos, que eraõ do partido Francez, já senhores do Castello Santelmo, não esperavaõ senão o momento favoravel para fazer fogo sobre a cidade. Precipitáraõ-se os Francezes nella de todos os lados. Ajudados os Lazzaronis de huma artilheria formidavel, defendem-se com coragem e encarniçamento; saõ alternativamente victoriosos e repellidos. Todavia os Francezes ajudados da artilheria e da guarnição do Forte Santelmo, derrotaõ-nos, tomaõ o Castello Novo á baioneta, escalaõ o forte del Carmine, e penetraõ no bairro dos Lazzaronis, a que lançaõ fogo. Havia sessenta horas que durava o combate, e as ruas todas estavaõ juncadas de mortos, de moribundos, de feridos, quando o general, para melhor dividir os Lazzaronis, crêo dever entregar ao seu furor o Palacio Real, e abandonar-lhes o saque delle. Serenando-se algum tanto os espiritos, aquelles que tomavaõ o nome de patriotas, reunindo-se aos Francezes, organizaõ hum novo governo, e proclamaõ a républica Parthenopeana.

Em quanto a paz entre a França e a A Austria

ajudada da  
Russia, tor-  
na a princi-  
piar a guer-  
ra.

Austria se negociava em Rastadt, onde se tinha aberto hum Congresso para este fim, Paulo I, Imperador da Russia, fazia preparativos de guerra contra os republicanos. A Corte de Vienna, certa entao do apoio deste novo alliado, quiz tentar de novo a sorte das armas. Mandou o Directorio nesta circumstancia entrar as suas tropas em campanha. Mas na luta terrivel, que se empenhou em Allemanha, em Italia, e até na Suissa, cujos habitantes tinham chamado os Austriacos em seu soccorro, a victoria não se declarou a favor do exercito Francez, que estava muito dividido, tendo a cobrir huma superficie immensa de terreno. Tinha Massena feito prodigios de valor no paiz dos Grisões; mas não pôde impedir que o general Jourdan não fosse repellido na Suabia, onde entrara ao principio como vencedor. Estava-se entao em fins de Março do anno de 1799.

Evacuaõ  
os France-  
zes a Italia.

Naõ tardou o exercito Francez da Italia a experimentar tambem revezes. Os Russos commandados por Suwarow, tinham operado ali a sua junçaõ com os Austriacos, que tinham alcançado differentes vantagens contra os republicanos: em breve tempo forão estes completamente derrotados em Cassano, pelos dois exercitos combinados, cujas operações não forão desde entao senão hum serie não interrompida de successos gloriosos, que obrigaraõ os Francezes a hum prompta retirada; e cujo resultado foi, que no mez de Junho de 1799, de todas as conquistas de Bonaparte em Italia não restava já á França senão o Estado de Genova, a que tinham da-

do o nome de republica Liguriana. As cidadellas de Milão e de Turin tinhaõ capitulado. Ainda que aprovisionada para seis mezes, e defendida por huma guarnição numerosa, tinha-se Mantua rendido. Algumas das passagens da Saboia estavaõ abertas a Suwarow; o Archiduque Carlos, da sua parte, hia penetrando no paiz dos Grisões, e Massena acabava de ver-se obrigado a abandonar Zurich.

Apenas as hostilidades tinhaõ novamente começado, quando hum acontecimento extraordinario attrahio a attenção pública: as Sessões do Congresso de Rastadt, que desde tanto tempo se achava reunido sem nada concluir, foraõ subitamente interrompidas. Tendo os plenipotenciarios Francezes sido obrigados a partir, dois delles foraõ indignamente assassinados, ao sahirem da cidade, por alguns husares Austriacos, ou por individuos, que se haviaõ disfarçado com a sua farda. Imputou o governo Francez este attentado á Austria, que protestou não ter conhecimento algum desta violação do direito das gentes; e até naquella mesma época, espalhou-se o boato, que os assassinos não eraõ Austriacos, mas sim Francezes. Seja porém o que fôr, o certo he que nunca se puderaõ descobrir nem os auctores do assassinio, nem os motivos que houve para semelhante attentado; ficando este negocio envolto no mais profundo mysterio.

No momento em que os exercitos Russos e Austriacos, que ameaçavaõ a França de huma invasão, consternavaõ os republicanos, rompeo-se a nova liga. Tinha Suwarow alcançado huma victoria decisiva em Novi

Assassinio dos plenipotenciarios Francezes.

Abandona o Imperador da Russia a Austria.

contra os Francezes, que tinham perdido na batalha o seu general Joubert, quando por effeito de hum novo plano de operações, o general Russo vio-se obrigado a abandonar a Italia, theatro das suas victorias, para encaminhar-se á Suissa, onde se achava hum exercito Francez, o qual deveria ter posto no caso de nada obrar ou emprehender, em quanto os Russos tentassem penetrar na França pela Italia, o que teria reduzido este exercito a grande apuro. Suwarow, que via arrebatarem-lhe o fructo dos seus gloriosos successos, muito a seu pezar fez o movimento que exigiaõ delle. Tanto maior ração de queixa tinha este general, quanto na sua chegada á Suissa, onde devia achar o Archiduque Carlos com a flôr do exercito Austriaco, só encontrou os restos dos corpos Russos, que acabavaõ de ser derrotados por Massena, por culpa do mesmo Archiduque, que os havia inopinadamente abandonado, para encaminhar-se a Philisbourg, onde o inimigo o tinha atrahido com hum ataque falso. Tendo alcançado á força de sacrificios e de habili-dade, não cahir nas mãos dos inimigos, Suwarow voltou para a Italia, e informou o seu Soberano dos perigos, a que a Austria acabava de expôr os exercitos Russos. Paulo I suspeitando que o gabinete de Vienna não queria empregar o seu exercito, senão em beneficio seu particular, mandou-o recolher no mesmo instante.

Desembar-  
caõ os In-  
glezes em  
Hollanda.

Naquella mesma época, o ministerio Britannico, desejando subtrahir as Provincias Unidas á influencia dos Francezes, empre-

hendeo com este fim huma expedição, cujo commando se deu ao Duque de Yorck, que teve debaixo das suas ordens trinta mil homens de tropas Inglezas, aos quaes vieraõ juntar-se dezasete mil Russos a soldo de Inglaterra. A primeira divisaõ ás ordens do general Abercomby, desembarcou na costa de Hollanda, depois de huma acção assaz renhida. Obrigados a ceder, os Hollandezes evacuáraõ o forte do Helder e se retiráraõ. Neste meio tempo a sua esquadra cahio em poder dos Inglezes, tendo-se as tripulações das náos, excitadas pelos emissarios destes, revoltado e lançado ao mar as balas e munições. O general Brune, que commandava o exercito Gallo-Batavo, atacou o general Abercomby na sua forte posição do Zype, do que se seguiu huma acção muito viva em vantagem deste ultimo. Tendo o Duque de Yorck chegado pouco depois com a segunda divisaõ do exercito Inglez, e havendo sido em breve seguido de dezasete mil Russos vindos de Revel, entrou logo a obrar offensivamente. Principiou o ataque em todos os pontos do exercito Gallo-Batavo, que foi repellido: o general Brune, reunindo todas as suas forças, empenhou huma acção muito viva em Berghen, onde o Duque de Yorck foi completamente derrotado. Teve lugar outra acção em Castricum tambem em vantagem dos Francezes e dos Hollandezes, de que resultou huma convenção, cuja substancia era, que o exercito Anglo-Russo evacuaria o territorio da república Batava, e que os fortes do Helder e outros, seriaõ restabelecidos no mesmo estado em que



estavaõ antes da invasaõ. Este o fim que teve huma expedição preparada com taõ grandes despezas: a Inglaterra com tudo tirou huma vantagem importante desta dispendiosa empreza, visto que com a tomada da esquadra do Helder, o poder marítimo dos Hollandezes ficava aniquilado.

## CAPITULO V.

*Destroem os Inglezes o Imperio de Tippoo-Saib. — Operações dos Francezes no Egypto. — Deixa Bonaparte o Egypto, e volta para França. — Revolução no governo Francez. — Nova Constituição. — Propõe Bonaparte a paz á Inglaterra. — Tomada de Maltha pelos Inglezes.*

Destroem  
os Inglezes  
o Imperio  
de Tippoo-  
Saib.

Não eraõ os Inglezes menos felices na Asia do que na Europa. Tippoo-Saib, que tinha concluido huma alliança offensiva e defensiva com a republica Franceza, e se havia obrigado a tomar a seu soldo todas as tropas, de que ella pudesse dispôr, para proseguir a guerra na India, dava alguma inquietação aos Inglezes. Em consequencia, Lord Mornington, governador general de Bengala, entendeu dever testemunhar a Tippoo-Saib alguns receios quanto á alliança que contratára com a França, e propoz mandar hum embaixador a Mysore para restabelecer, sobre as bases mais sólidas e mais estaveis, a paz e a boa intelligencia entre os dois governos. Lord Mornington, que não esperava desta negociação hum

resultado satisfactorio, reunio sem demora as tropas nas costas de Malabar e Coromandel, concertando-se com o Nizam do Decan e os Marattas. Tippoo-Saib não tendo dado senão respostas evasivas, principiou Mornington as hostilidades. Tendo o exercito Inglez penetrado no territorio de Mysore, começou por apoderar-se dos differentes fortes situados na fronteira: e Tippoo-Saib, havendo-se adiantado, foi derrotado e obrigado a recolher-se á sua capital, que foi tomada de assalto. Este desgraçado Principe, que tinha succumbido combatendo, foi achado morto sobre hum montão de cadaveres. Os seus dois filhos foram conduzidos ao campo dos Inglezes, que com a destruição do Imperio de Tippoo-Saib, assegurárao a tranquillidade das suas possessões na India: elles ficárao com a maior parte dos seus Estados; a importante fortaleza, a cidade e a ilha de Seringapatnam foram incorporadas ao territorio Britannico. Taes foram as vantagens que os Inglezes alcançárao na Asia.

Na America meridional, tomárao aos Hollandezes o forte da nova Amsterdam e a cidade de Paramaribo, capital do estabelecimento de Surinam.

Os successos nos conduzem novamente ao Egypto, onde Bonaparte, senhor do Baixo-Egypto, sendo informado que o Pachá da Syria se puzera em estado de hostilidade, deu as suas ordens para marchar contra elle. A tomada do forte d'El-Arisch pelo exercito Francez, assignalou o principio desta campanha, e abriu caminho para a entrega de Ga-

Operações  
dos Fran-  
cezes no E-  
gypto.

za. Jaffa , que tinha opposto huma vigorosa resistencia , foi tomada de assalto , e a guarnição passada ao fio da espada. Quiz o inimigo fazer hum esforço para suspender a marcha dos Francezes : mas foi repellido em todas as partes , e estes chegarão até junto de S. João de Acre. Os Inglezes com tudo tendo-se apoderado de huma flotilha , que conduzia a Bonaparte as munições e a artilheria necessarias para o sitio desta praça , que hia emprehender , contrariou muito este successo o seu plano de operações na Syria. Mas nem por isso desistio do seu designio de sitiar São João d'Acre , defendida por huma numerosa guarnição , protegida por huma esquadra Ingleza. Já diferentes ataques obstinados tinhaõ tido lugar contra esta cidade , quando Bonaparte recebendo informação de que se adiantavaõ forças consideraveis em soccorro dos sitiados , entendeu que os devia prevenir : deixando por tanto duas divisões diante da praça , encaminhou-se para o Jordão , onde derrotou completamente os inimigos em diferentes batalhas. Depois desta expedição continuou-se o cerco de S. João d'Acre com summo vigor : mas a guarnição tendo recebido novos reforços , e o exercito Francez achando-se enfraquecido com as perdas multiplicadas que experimentava , resolveo Bonaparte abandonar esta empreza e voltar para o Egypto. Tendo-se effectuado a retirada em boa ordem , chegou o exercito ao Cairo a 15 de Junho.

Deixa Bonaparte

Foi entãõ quando tomou a resolução secreta de voltar furtivamente para França, vis-

to que se o exercito fosse sabedor de seme- Egypto, e  
lhante determinação, que elle não tinha o di- volta para  
reito de tomar, ter-se-hia revoltado: motivo França.  
por que occultou cuidadosamente o designio  
em que estava. Os officiaes, a quem deixou o  
commando, não o souberão senão pelos des-  
pachos, que abrírao algumas horas depois da  
sua partida, a qual sem dúvida era devida a  
maquinações, que faziao a sua presença neces-  
saria em Paris: aquelles mesmos que o deviao  
acompanhar nesta especie de deserção, não  
souberão o seu projecto de voltar para Fran-  
ça; senão no momento do embarque: os na-  
vios em que embarcárao, chegárao a Saint-  
Raphael; sem terem experimentado obstaculo  
da parte dos navios Inglezes que cruzavao no  
Mediterraneo, que não ignoravao que elle vi-  
nhá prolongar os males da revolução, e ag-  
grayar os flagellos com que ella affligira a  
Europa.

Parece que o papel que Bonaparte hia Representação  
representar, já estava concertado antes da sua no gover-  
partida do Egypto. Tratava-se de effectuar hu no Fran-  
ma revolução no governo Francez. Propuzez.  
rao-lhe se queria encarregar-se da auctoridade,  
proposição que já se havia feito ao general  
Moreau e a outros, que tinhao tido a pruden-  
cia de a rejeitar; porém Bonaparte acceitou.  
O primeiro passo para esta revolução, foi da-  
do pelo Conselho dos Anciãos, que decretou  
a 9 de Novembro, que se transferiria o Cor-  
po Legislativo para S. Cloud; que o general  
Bonaparte se encarregaria de tomar todas as  
medidas necessarias para a representação na-  
cional, e que para este fim teria debaixo das

suas ordens a guarda do Corpo Legislativo, a guarda nacional e as tropas de todas as armas, que se achavaõ em Paris e nas visinhanças. No dia seguinte, o Conselho dos Quinhentos havendo-se reunido em S. Cloud, a sessão, que era presidida por Luciano Bonaparte, foi muito tempestuosa. Fizeraõ-se hum grande numero de moções; mas nada se resolveo. No meio dos debates, o general Bonaparte entrou na sala; no mesmo instante se ouviraõ os gritos *abaixo o tyranno! fóra da lei o dictador!* Bonaparte parecia irresoluto e perturbado. O tumulto hia cada vez a mais. A força militar adiantou-se, e penetrou na sala, que se despejou, e dissolveo-se a assemblea.

Alguns momentos depois formou-se hum nova assemblea, sempre debaixo da presidencia de Luciano Bonaparte; aquelles membros que se haviaõ declarado contra seu irmão, não assistiraõ a ella. Entaõ os dois Conselhos encarregaraõ a duas commissões, tiradas do seu seio, a redacção de hum nova Constituição, depositando a auctoridade, que o Directorio exercêra até entaõ, em hum Consulado provisorio, composto de Bonaparte, Sieyes e Roger-Ducos.

A nova Constituição, que não tardou a apparecer, confiava o exercicio do poder a tres Consules, Bonaparte, Cambaceres e Lebrun. Mas o primeiro delles, Bonaparte, encarregado de attribuições particulares, estava só investido de hum poder verdadeiro, não tendo ambos os seus collegas senaõ voto consultivo nos negocios. O poder legislativo era

confiado a tres Camaras, huma com o nome de *Tribunato*, outra com o de *Corpo Legislativo*, e a terceira, superior ás outras duas, com o nome de *Senado*. O *Tribunato* devia discutir as questões que lhe apresentasse o governo, e fazer dellas projectos de leis; depois disso, o *Corpo Legislativo* podia rejeitar estes projectos de leis, ou converte-los em decretos, que para serem verdadeiras leis, era mister fossem approvados pelo *Senado*, debaixo do nome de *Senatus-Consultos*.

Assim que Bonaparte foi proclamado Primeiro Consul, prometteo tomar todas as medidas efficazes para reparar os males da França, e pôr hum termo á guerra. Com este fim, dirigio huma carta ao Rei de Inglaterra, para testemunhar-lhe o desejo que tinha de ver restabelecida a paz entre as duas nações. O ministerio Inglez porém não pareceo disposto a tratar, porque os principios do governo Francez não lhe pareciaõ bastante mudados, nem a sua auctoridade assaz consolidada para offerecer huma garantia sufficiente aos Tratados que pudessem concluir-se com elle. Em consequencia continuáraõ as hostilidades entre a França e a Inglaterra, mas nada offerecêraõ de importante no decurso deste anno, a não ser a conquista da ilha de Malta. A 5 de Setembro, a cidade de la Valette, capital desta ilha, depois de haver sustentado hum bloqueio de dois annos, rendeo-se aos Inglezes por capitulação, ficando a guarnição Franceza prisioneira de guerra, e sendo declarados de boa presa os vasos que se acháraõ no porto.

Propõe Bonaparte a paz á Inglaterra.

Tomada de Malta pelos Inglezes.

No mesmo tempo, a ilha Hollandeza de Curaçao sujeitou-se ás armas Britannicas, depois de huma fraca resistencia,

## CAPITULO VI.

*Renovação das hostilidades em Allemanha e em Italia. — Armisticio concluido entre os Francezes e os Austriacos. — Torna a começar a guerra. — Insurreição na Toscana. — Entregaõ os Austriacos aos Francezes Mantua e outras praças. — Operações militares no Egypto.*

**O** Imperador da Russia, que depois da retirada de Suwarow, tinha mandado recolher as suas tropas, deixou a Austria só, carregando sobre ella todo o peso da guerra, que hia principiar de novo em Allemanha e em Italia. Tendo o general Moreau mandado passar o Rheno em tres pontos differentes ao seu exercito, principiou a campanha debaixo de felices auspicios. Conduzindo as suas tropas á Baviera, apoderou-se de Landshut, e de Munich, mandou tomar a posição de Feldkirk, e alcançou por toda a parte successos brilhantes. Em tal estado estavaõ as cousas em Allemanha, quando hum armisticio veio pôr termo aos horrores da guerra.

Não forão menos felices as armas Francezas em Italia, onde, depois de haver ganhado a batalha de Marengo, Bonaparte obrigou os Austriacos a repassar o Bormida: no dia seguinte, o general Melas mandou propôr hum



armistício ao Primeiro Consul, no que consentindo este ultimo, assignou-se huma convenção, em virtude da qual os Francezes tomavam posse de Tortona, de Alexandria, de Milão, de Turin, de Arona, de Pizzighettone, de Plasencia, de Ceva, de Savona, de Genova, e do forte Urbino; e os Austriacos ficavam occupando Peschiera, Mantua, Borgo-forte, a Toscana, e Ancona; occupando os Francezes todo o paiz comprehendido entre o Chiesà, o Oglio e o Pó.

Bonaparte, vencedor e pacificador ao mesmo tempo da Italia, apressou-se a voltar para Paris, onde poucos dias depois da sua chegada, se assignaram os preliminares da paz entre a Austria e a republica Franceza, os quaes se deviam mandar a Vienna para serem ratificados. Mas sem embargo do perigo que ameaçava os Estados Austriacos, a influencia do partido que queria a guerra, não deixou dar ouvidos no gabinete de Vienna aos conselhos da prudencia. Havendo o Imperador recusado ratificar os preliminares, mandou o general Moreau hum official ao campo Austriaco para declarar que as hostilidades hiam principiar de novo. Com tudo, o parlamentario hia encarregado de propôr a condição de hum novo armistício. Sendo acceita esta proposição, concluiu-se em Hohenlinden outro armistício de quarenta e cinco dias, pelo qual Ulm, Ingolstadt e Philisbourg deviam ser entregues aos Francezes. Este armistício comprehendia os exercitos belligerantes da Italia. Entabularam-se tambem negociações de paz em Londres naquella mesma epoca; mas o governo

Armistício  
concluido entre os  
Francezes e os  
Austriacos.

tendo exigido que a suspensão de armas, que acabava de concluir-se, se estendesse ás esquadras, o ministerio Inglez rejeitou esta proposição. O rompimento destas negociações foi immediatamente seguido do do armisticio de Hohenlinden, havendo-se recusado o Imperador a tratar definitivamente sem que a Corte de Londres tomasse parte no Tratado.

Principia  
novaméte  
a guerra.

Tendo os Imperiaes aberto a campanha, atacáraõ os Francezes, que commandados pelo general Moreau, os derrotáraõ a 3 de Dezembro em Hohenlinden, depois de huma acção sanguinolenta e de esforços porfiados de parte a parte. Deixáraõ os vencidos em poder dos vencedores huma artilheria consideravel, com hum grande numero de prisioneiros. Com esta victoria, decidio-se o exito da campanha a favor dos Francezes. Moreau, sem perder tempo, perseguiu com rapidez os restos do exercito Austriaco, o qual succumbio sempre nos differentes combates que tiveraõ lugar. Huma serie tal de desastres, derramou a consternação em Vienna, que esperava a cada instante ver os inimigos junto dos seus muros; e o gabinete Austriaco vio-se obrigado a concluir hum armisticio, que affiançava a paz.

Insurrei-  
ção na  
Toscana.

A Toscana entre tanto era o theatro de huma insurreiçãõ, causada por milhares de camponezes, que se haviaõ reunido debaixo das ordens do general Austriaco Sommariva. Tendo o general Brune, que commandava os Francezes em Italia, convidado debalde o general Austriaco a dissolver este ajuntamento, como sendo contrario ao armisticio concluido

depois da batalha de Marengo, mandou entrar em Florença e em Liorne hum corpo de tropas. Foraõ os insurgentes dispersados, e os Francezes confiscáraõ todas as fazendas Inglezas que encontráraõ na Toscana. Tendo tomado Arezzo de assalto, passáraõ á espada grande numero dos seus habitantes, conhecidos pelo odio que os animava contra os Francezes.

Animado pelos successos que o general Moreau acabava de alcançar em Allemanha, tomou Brune a resolução de atacar o inimigo, que occupava a margem direita do Mincio. Tendo passado este rio, veio ás mãos com os Austriacos, que depois de huma resistencia porfiada, effectuáraõ huma prompta retirada. No dia seguinte fizeraõ os Francezes prisioneiras as tropas que occupavaõ os redutos de Salionza. Huma acção geral, que devia decidir da sorte do territorio Veneziano, estava para empenhar-se entre os dois exercitos, quando a nova do armisticio concluido em Allemanha suspendeo as hostilidades. Em consequencia, os generaes Brune e Bellegarde assignáraõ huma Convenção, em virtude da qual os Austriacos se retiráraõ além do Tagliamento, e entregáraõ aos Francezes Mantua, com mais algumas praças fortes.

Bonaparte, que abandonára furtivamente o Egypto, onde o general Kleber lhe tinha succedido no commando em chefe do exercito, tinha deixado ali os Francezes em huma muito critica situação. Continuava a guerra no Alto-Egypto, onde os Beys se dispunhaõ a reunir todas as suas forças contra o inimigo

Entregaõ os Austriacos aos Francezes, Mantua e outras praças.

Operações militares no Egypto.

commum. Em outro ponto tinha-se a peste manifestado entre as tropas Francezas, tanto em Alexandria como em alguns outros sitios. O Graõ-Visir, á frente do exercito Ottomano, tinha marchado de Damasco, por Jaffa e Gaza, sobre El-Arisch, forte de que se havia apoderado a 3 de Dezembro de 1799. Kleber, que se não achava em estado de fazer frente ao inimigo, julgou dever recorrer a hum negociação, e por via de Sidney Smith, que commandava hum esquadra Ingleza naquelles mares, concluiu a 24 de Janeiro de 1800, a Convenção de El-Arisch, em virtude da qual os Francezes devião evacuar o Egypto com armas, bagagens, e tudo quanto lhes pertencesse. Com tudo, como esta evacuação não pudesse effectuar-se com segurança para os Francezes, sem a cooperação do gabinete Britannico, este, sob pretexto que a Convenção era prejudicial aos seus alliados, tendo-se recusado a ratifica-la, principiáram novamente as hostilidades. Atacou o general Kleber a 20 de Março a vanguarda dos Turcos em Matarié, a antiga Heliopolis, a cinco legoas do Cairo. Depois de hum sangüinolento combate, soffreo o exercito Ottomano hum derrota completa, e retirou-se precipitadamente para Jaffa. Esta victoria mudou a face dos negocios para os Francezes: o Cairo, que se havia sublevado na sua ausencia, tornou a entrar na obediencia. Mas neste meio tempo, hum acontecimento desgraçado poz termo, no meio da victoria, á vida de Kleber, que foi assassinado no Cairo. Depois da sua morte, passou o commando em chefe ao

general Menou, e os Francezes conservárao-se na posse do Egypto até o anno seguinte, d'onde foraõ expulsos pelos Inglezes.

## C A P I T U L O VII.

*Tratado de paz de Luneville. — Destruição da esquadra Dinamarqueza em Copenhague. — Dissolução da Confederação do Norte. — Expedição dos Inglezes para o Egypto. — Derrota da esquadra Hespanhola. — Preliminares de paz assignados entre a França e a Inglaterra. — Bona parte Presidente da republica Italiana. — Restabelece a Religião Catholica em França. — He nomeado Consul vitalicio. — Expedição de S. Domingos.*

Na Europa os exercitos Francezes postados a menos de trinta legoas de Vienna, e occupando toda a Italia, permittiaõ ao gabinete das Tuileries que dictasse as condições da paz: em consequencia do que, assignou-se em Luneville, em 1801, entre a França, o Imperador e o Imperio Germanico, hum Tratado, em virtude do qual as Provincias Belgicas foraõ cedidas á republica Franceza, assim como todo o paiz situado na margem esquerda do Rheno; servindo este rio desde a Suissa até a Hollanda, de limite entre a França e o Imperio Germanico: a republica Cisalpina foi reconhecida, e o seu territorio se estendeo até o Adige, comprehendendo nelle Verona. O Graõ-Duque de Toscana cedeo o

Tratado de paz de Luneville.

seu Ducado ao Infante Duque de Parma. A Istria, a Dalmacia, Veneza e as suas Ilhas foram cedidas á Austria. Quanto aos Principes, que tinham perdido os seus Estados em Allemanha, conveio-se em que o Imperio Germanico supportaria conjunctamente esta perda, e os indemnizaria á custa do seu proprio territorio. O Tratado era commum ás republicas Helvetica, Batava, Cisalpina, e Ligurena.

Destruição  
da esquadra  
Dinamarqueza,  
em Copenhague.

A Graõ-Bretanha, ameaçada ao mesmo tempo pela França e Hespanha, assim como pela Russia, Suecia, Dinamarca e Prussia, que tinham formado huma neutralidade armada, achava-se em huma critica situação; pois tinha de combater nas margens do Báltico e nas planicies do Egypto. Dirigindo as suas hostilidades contra Dinamarca, mandou Inglaterra, ás ordens do almirante Nelson, huma esquadra, que depois de haver forçado a passagem do Sund, se apresentou defronte de Copenhague, onde de parte a parte se combateo valerosamente. Os Dinamarquezes, depois de terem dado provas da maior intrepidez, perdêrão dezoito vasos, entre os quaes se achavaõ sete náos de linha, e mil e oitocentos marinheiros pouco mais ou menos. Mas como o objecto que os Inglezes se propunhaõ, era fazer sentir o seu poder á Dinamarca, propoz o almirante Nelson hum armisticio, que havendo sido acceito pelo gabinete Dinamarquez, fez desnecessario o ataque de Copenhague. Depois do que, fazendo-se a esquadra Ingleza á vela para a Suecia, apresentou-se em breve tempo á entrada

do porto de Calscrona. Tendo o almirante Nelson dado parte ao Governo do armistício concluído com a Dinamarca, exigio do Rei de Suecia que dêsse a conhecer as suas intenções de hum maneira positiva. O resultado deste passo foi suspenderem-se as hostilidades; e as desavenças entre a Inglaterra e a Suecia terminárao-se á vontade das duas Potencias.

Os successos da esquadra Ingleza pareciao annunciar hum prompta dissoluçao da confederaçao das quatro Potencias do Norte: mas á morte repentina de Paulo I, Imperador da Russia, he que particularmente se deve attribuir. Tendo este Principe cessado de viver, a 23 de Março, operou-se hum mudança na politica da maior parte dos gabinetes da Europa. Suspendeo-se a partida da esquadra Russa, mudou o Rei de Suecia de determinaçao, e a Dinamarca vio-se abandonada ás suas proprias forças. He constante, que se a Corte de Copenhague não tivesse contado com a assistencia da Russia, não teria provocado a Inglaterra; de mais disso, se tivesse sabido alguns dias mais cedo a morte de Paulo I, he provavel que tivesse poupado o sangue que se derramou na batalha de Copenhague.

Dissoluçao da Confederaçao do Norte.

O novo Imperador da Russia, Alexandre, começou o seu reinado de hum modo inteiramente opposto á conducta de seu Pai, a quem succedia. Renunciou as pertensões que seu pai tinha á ilha de Malta, e mandou levantar o embargo posto nos navios Inglezes, que se achavao nos portos dos seus Estados:



seguiu-se a isto hum tratado de accommodação, entre a Russia e a Inglaterra, relativamente ás desavenças originadas pela neutralidade armada; e a dissolução da confederação do Norte aplanou hum dos grandes obstáculos á pacificação geral.

Expedição  
dos Ingle-  
zes para o  
Egypto.

De outro lado, a Inglaterra, que havia recusado ratificar o tratado de El-Arisch, estava occupada no Egypto, para onde tinha mandado forças consideraveis, com o fim de expulsar d'elle os Francezes. Depois de haverem alcançado algumas vantagens, apparecerão os Inglezes nas visinhanças do Cairo, tendo-se-lhes reunido hum exército Ottomano. Os Francezes, que se haviaõ retirado para esta praça, vendo-se investidos por todos os lados, mandáraõ hum parlamentar ao campo dos Inglezes; entrou-se em negociação, e depois de alguns dias de conferencias assignou-se huma convenção entre o general Francez Belliard, e o general Inglez Hutchinson. Estipulou-se nesta capitulação, que a guarnição do Cairo, e tudo quanto pertencia aos officiaes e soldados, seria transportado para França nos portos do Mediterraneo; e que o general Menou, que commandava em Alexandria, seria admittido a gozar das mesmas vantagens, se assim o julgasse conveniente.

Naõ tendo o general Menou accedido á convenção do Cairo, os exercitos Inglez e Ottomano combinados, se encaminháraõ a Alexandria para sitia-la. Achava-se esta praça a ponto de lhe faltar agua e viveres. Estava a ração do soldado reduzida a algumas onças de pão e a huma pouca de carne de

cavallo. Vendo o general Menou que não podia fazer huma resistencia efficaz, entendeu que expôr as suas tropas ás consequencias de hum largo assedio e aos horrores de hum assalto, seria sacrificar a vida de bravos militares que tanto tinham soffrido; capitulou por tanto debaixo das mesmas condições do general Belliard. Deste modo terminou a expedição do Egypto.

A pouca cousa se limitou as operações maritimas entre a França e a Inglaterra. Nada houve de importante senão huma acção nas costas de Hespanha, entre o almirante Inglez Saumarez, e huma esquadra composta de vasos Francezes e Hespanhoes. Empenhou-se o combate durante a noite, e a confusão e escuridão foram causa de fazerem fogo as náos Hespanholas humas contra as outras. Tendo-se ateado o fogo no *Real Carlos*, saltou pelos ares; o *Hermenegildo* tomando-o por inimigo, abordou-o, e abraçou-se igualmente, em quanto o *Santo Antonio* de setenta e quatro peças, e setecentos e trinta homens de guarnição, abandonado ás suas proprias forças, vio-se obrigado a arrear bandeira. Tendo-se os vasos Francezss retirado immediatamente, achára-se pela manhã fóra do alcance do inimigo.

Derrota  
da esquadra  
Hespanho-  
la.

Tendo-se assignado os preliminares da paz entre a França e a Inglaterra em Londres, julgou-se ver terminada a luta mais terrivel, de que a Europa fosse o theatro desde a destruição do Imperio Romano. Por estes artigos consentia a Graó-Breranha em restituir todas as suas conquistas, á excepção da ilha

Prelimina-  
res de paz  
assignados  
entre a Frã-  
ça e a In-  
laterra.

da Trindade e dos estabelecimentos Hollandezes de Ceilaõ. O Cabo da Boa Esperança devia continuar a ser franco para o commercio de todas as partes contractantes. A ilha de Malthea devia ser restituida á Ordem de S. Joaõ de Jerusalem, o Egypto á Porta Ottomana; Portugal era conservado na sua integridade; Roma e Napoles deviaõ ser evacuadas pelos Francezes; a pesca de Terra Nova devia restabelecer-se no antigo pé em que estava. Finalmente, deviaõ ajuntar-se em Amiens os plenipotenciarios nomeados pelas partes contractantes, para concluir hum Tratado definitivo.

Bonaparte  
Presidente  
da Repu-  
blica Ita-  
liana.

Com tudo, a conducta de Bonaparte deo lugar de presumir que a paz não seria de larga duração. Pouco depois da assignatura dos preliminares, fez com que o nomeassem, em 1802, Presidente da republica Italiana (precedentemente Cisalpina), sem embargo de ser a independencia desta republica huma das estipulações do Tratado de Luneville: o que não podia ser olhado com indifferença pelo gabinete Austriaco. No mesmo tempo, o Piemonte e o Ducado de Parma foraõ reunidos á França. A pezar destas usurpações, foi o Tratado definitivo assignado em Amiens entre a França e a Inglaterra com muitas difficuldades, e a paz foi geralmente celebrada com grandes demonstrações de alegria.

Organiza  
a republica  
Liguriana.

Occupando-se Bonaparte depois disto da organização da republica Liguriana (Genova), deo-lhe huma constituição, que parecia formada para dispôr a encorporação do seu territorio á França. Fez tambem com que

a Suissa experimentasse huma reforma politica, e mandou a ella trinta mil homens para apoiar os seus ambiciosos projectos.

Hum dos objectos importantes que occupou o Primeiro Consul, foi o restabelecimento da Religiao Catholica em França. Já no anno antecédente (1801) tinha concluido com o Papa huma Convenção, conhecida debaixo do nome de Concordata, que estabelecia em novas bases o que dizia respeito á Igreja Gallicana. Mas para que se dêsse á execucao esta Concordata, era necessario que todos os Bispos Francezes constitucionaes e os outros renunciassem as suas Sés. Tinha o Santo Padre dado parte desta medida aos Bispos emigrados, cuja maior parte accedeo aos seus desejos: outros porém entendêrao não dever conformar-se a ella. Tendo-se assignado e ratificado a Concordata, foi apresentada ao Corpo Legislativo. Compunha-se a hierarchia da Igreja Catholica constitucional de França de dez Arcebispos e cincoenta Bispos. Os Curas das Paroquias dividiaõ-se em duas classes para as Paroquias grandes e pequenas. Os Arcebispos e Bispos eraõ nomeados pelo Primeiro Consul e confirmados pelo Papa. A Igreja renunciava irrevogavelmente os seus bens confiscados. As differentes Igrejas reformadas eraõ estabelecidas no mesmo pé. As funcções Ecclesiasticas das Igrejas tanto Catholicas como reformadas, não podiaõ ser exercidas senão por Francezes; em humas e outras devia-se recitar a mesma formula de orações pela prosperidade da República e dos Consules. A Concordata, que nenhuma mu-

Restabelece a Religiao Catholica em França.

dança fazia nas Doutrinas Religiosas, nem nas formas exteriores do Culto, foi abraçada com tanto maior empenho, quanta era a esperança que tinham de que poria termo ás disputas e aos odios, que dividiaõ o Clero. Mas o fim principal que Bonaparte se propunha, o qual já caminhava a passos largos para o despotismo, era arrogar-se, em assumptos Ecclesiasticos, a mesma influencia que entaõ já exercia nos negocios politicos.

He nomea-  
do Consul  
vitalicio.

As auctoridades constituidas adoptavaõ com toda a complacencia qualquer medida, que tendesse a dar-lhe hum poder absoluto. Fez em breve tempo com que o proclamassem Consul vitalicio, e instituiu, debaixo do nome de *Legião de honra*, huma Ordem de Cavallaria, cujos membros foraõ escolhidos entre os militares, os magistrados, os litteratos e pessoas distinctas em todo o genero de merecimento.

Expedição  
de S. Do-  
mingos.

Em quanto Bonaparte consolidava o seu poder, S. Domingos, a mais formosa e a mais consideravel das Colonias Francezas, achava-se em hum estado horroroso de insurreicão. Toussaint-Louverture, á frente dos negros, ahi tinha estabelecido o seu poder. Para sujeitar esta ilha, ordenou o Primeiro Consul que partisse huma esquadra com tropas commandadas por seu cunhado, o general Leclerc. Tinha dado Toussaint-Louverture ordem para metter a pique todos os navios que se apresentassem. Os Francezes com tudo desembarcáraõ em dois portos. Os negros, havendo lançado fogo á cidade do Cabo, evacuáraõ esta praça; mas o general Leclerc

chegou a tempo de suspender o incendio. Forão os negros derrotados em diferentes combates; e alguns dos seus chefes, alliciados pelos Francezes, fizeram successivamente a sua submissão. O mesmo Toussaint-Louverture acabou por entregar-se em consequencia de huma negociação. Mas sendo pouco tempo depois accusado de conspiração, foi embarcado com a sua familia, e transportado para França, onde morreo preso. O que excitou a indignação pública, foi que á excepção da accusação feita contra elle pelo general Leclerc, nunca houve prova alguma da sua culpabilidade: tudo o que se sabe, he que os thesouros que elle possuia desapparecerão com elle.

Naquella mesma época, o governo Francez alcançou sujeitar á sua obediencia a ilha de Guadelupe, cujos negros se tinham revoltado.

Porém estes acontecimentos forão logo seguidos de novas perturbações e novas calamidades, por motivo de hum decreto, que deo causa á perda de S. Domingos. Restabeleceo este decreto nas Colonias Francezas a escravidão no mesmo pé em que estava em 1789, e o resgate dos negros com todas as vantagens de que gozava este trafico antes da revolução. Os negros de S. Domingos, a quem se tinha promettido a liberdade, virão que os tinham atraído e enganado. Os seus chefes Christovão e Dessalines, receando terem a mesma sorte de Toussaint-Louverture, sublevarão os negros, que assassinarão os brancos. Em huma palavra,

depois de terem perdido muita gente, tanto pelas doenças da terra, como pelos successos da guerra, víraõ-se os Francezes obrigados a abandonar a ilha de S. Domingos, e fundou-se hum novo estado negro nas Indias Occidentaes.

## C A P I T U L O VIII.

*Rompimento da paz entre a França e a Inglaterra. — Apoderaõ-se os Francezes do Hannover, e occupaõ as embocaduras do Elbo e do Vesper. — Projecto de desembarque em Inglaterra. — Insurreiçaõ em Irlanda. — Conspiraçaõ contra Bonaparte. — Morte do Duqué de Enghien. — Bonaparte nomeado Imperador. — Execuçãõ dos conspiradores. — Declara a Hespanha guerra á Inglaterra. — Sagraçaõ de Bonaparte debaixo do nome de Napoleaõ.*

Rompimento da paz entre a França e a Inglaterra. A paz concluida em Amiens, não parecia dever ser de larga duraçaõ. Manifestava-se de parte a parte huma grande animosidade entre os gabinetes de Paris e Londres, nos artigos violentos publicados nos Jornaes. Os obstaculos que se punhaõ ao commercio Inglez, e as usurpações da França no continente, eraõ os principaes motivos de queixa dos Inglezas contra Bonaparte. Este, na conformidade do Tratado de Amiens, exigia delles a restituicaõ da ilha de Maltha, occupada pelas suas tropas; e como elles se recu-



sassem a isso, depois de largas negociações, rompeo-se a paz em 1803 entre as duas Potencias. Jámais antes daquella epoca, huma ilha de tão pouca extensão tinha dado lugar a discussões tão importantes, como as que houve naquellas circumstancias. Mas ainda que de pouco valor em si mesma, a sorte desta ilha estava ligada a interesses da maior monta, e a guerra a que a ilha de Maltha servio de pretexto, teve resultados de que não havia exemplo nos Annaes da Europa. A conservação de Maltha estabelecia a dominação Britannica no Mediterraneo, e sujeitava a sua influencia as Potencias Barberescas, o Egypto, a Syria, a todo o Archipelago.

Tendo-se accendido a guerra, todos os Inglezes que se achavao em França, forão considerados como prisioneiros; o general Mortier marchou ao mesmo tempo sobre o Hannover, de que se apoderou sem encontrar resistencia; e o Primeiro Consulo logo mandou occupar as bocças do Elbo e do Vesper, para cortar aos Inglezes a navegação destes dois rios, que são os dois principaes canaes do commercio de huma grande parte do interior da Allemanha.

Assim que as hostilidades começárao, logo Bonaparte, manifestando o projecto de effeituvar hum desembarque em Inglaterra, deu ordem aos preparativos para este fim nos portos da França e da Hollanda; e huma numerosa frota se reunio em Bolonha, ponto geral de reuniaõ do exercito invasor.

Esta medida do Primeiro Consul favoreceo as vistas e os interesses do governo In-

Apoderao-  
se os Fran-  
cezes do Há-  
nover, e  
occupaõ as  
embocadu-  
ras do El-  
bo e do Ve-  
ser.

Projecto de  
desembar-  
que em In-  
laterra.

glez, que tinha precisão de homens e de dinheiro. Com effeito, as imposições de guerra, propostas pelo Chanceller do Echiquier, estabelecerão-se sem opposição sobre os proprietarios, sobre os rendeiros, sobre todo o genero de rendas. Passou ao mesmo tempo hum bill no Parlamento, em virtude do qual todos os homens em estado de pegar em armas desde 17 até 55 annos, devião alistarse nas suas freguezias, e aprender o manejo das armas. Augmentarão-se as forças militares de todo o genero; em humia palavra, o ministro Inglez muito descansado quanto a ameaça de humia invasão, não deixou com tudo de pôr o reino em estado de defeza: A Armada Britannica foi levada a tal grão de força, que podia não só proteger as suas costas, mas também bloquear os portos do inimigo, e atacar as suas colonias. As ilhas de Santa Luzia e de Tabago cahirão em poder dos Inglezes, assim como as de S. Pedro e de Miquelon no golfo de S. Lourenço.

Insurrei-  
ção em Ir-  
landa.

Se em Inglaterra se manifestavaõ sentimentos de patriotismo contra os Francezes, não succedia outro tanto na Irlanda, onde rebentou, na cidade de Dublin, humia insurrei-ção seria, em consequencia da qual os seus principaes chefes, e outros individuos de humia classe inferior, soffrêrão a pena de morte.

Conspira-  
ção contra  
Bonaparte.

Em quanto a Europa esperava com impaciencia a execucao do desembarque projectado contra a Inglaterra, tinhaõ tido lugar, no decurso do anno de 1804, acontecimentos extraordinarios em França, onde se descobrio humia conspiração tramada contra Bonaparte,

á frente da qual figuravaõ o general Pichegru, raõ conhecido pela conquista que effeituára da Hollanda, Jorge Cadoudal, antigo chefe dos Chouans, e outras pessoas, em cujo numero entrava o general Moreau. Parece que esta conspiraçãõ foi denunciada por alguns daquelles que tomavaõ parte nella, visto que o governo estava desde muito tempo instruido do que se passava. Foraõ presos os conspiradores em Paris, antes de poderem dar o seu projecto á execuçaõ. Pichegru foi estrangulado na prisãõ. Hum circumstancia provou que havia sido assassinado, evitando-se deste modo as revelações que poderia fazer: foraõ os juizes convocados para hum dia aprazado, a fim de fazer a inspecçaõ do cadaver, e ouvir o relatorio dos cirurgiões; mas naõ estando ainda naquelle dia consummado o crime, naõ appareceo o cadaver no lugar designado. Espantados de naõ verem cousa alguma, foraõ os juizes despedidos debaixo de hum pretexto, e convocados para o seguinre dia.

O processo dos conspiradores hia-se instruindo, quando hum successo tragico derramou a consternaçaõ naõ só na França, mas fóra della. Foi o Duque de Enghien, unico herdeiro dos Condés, preso a 15 de Março em Ettenheim, no Eleitorado de Bade, onde, sem embargo da visinhança da França, elle se julgava em segurança, pela razaõ de achar-se em territorio neutro. Mas o direito de neutralidade era de muito leve peso na balança politica de Bonaparte. Conduzido a França, chegou o Duque de Enghien a 20 ao castello de Vincennes, proximo a Paris, on-

Morte do  
Duque de  
Enghien.

de foi condemnado á morte por huma Commissão militar especial, sobre huma accusação vaga de ter tido correspondencia com os inimigos da republica, e de haver attentado á segurança exterior e interior do Estado. Este juizo não foi mais que huma méra formalidade, não se havendo produzido prova alguma contra este Príncipe, que a 21 foi executado de noite nos fossos do Castello de Vincennes. Este assassinio excitou a indignação geral. O Imperador da Russia e o Rei de Suecia, derao testemunho do vivo interesse, que tomavaõ na sorte do Duque de Enghien; e a Corte da Russia dirigio, a este respeito, energicas representações ao Ministro dos negocios estrangeiros de França. O Residente Russo tambem apresentou á Dieta de Ratisbona huma nota, pela qual os Principes do Imperio Germanico eraõ convidados a pedir satisfação desta violação do direito das gentes. Estes Principes, com tudo, não julgáraõ dever provocar hum rompimento com Bonaparte, e limitou-se este negocio a huma simples altercação entre a Russia e a França.

Bonaparte  
pomeado  
Imperador.

Entre tanto o Primeiro Consul hja preparando huma nova ordem de cousas: segundo as suas vistas, a republica, que outrora fora o idolo dos Francezes, devia transformar-se em Monarquia militar. Para este effeito, o Tribunato enviou a 3 de Maio ao Senado Conservador hum assento, em que se exprimia o desejo de que Napoleaõ Bonaparte fosse declarado *Imperador dos Francezes*. Em consequencia, hum Senatus-consulto organico conferio ao Primeiro Consul o titulo de Im-

perador, e declarou que a dignidade Imperial era hereditaria na sua familia, de varão em varão, por ordem de primogenitura.

A exaltação de Bonaparte ao Throno Imperial, foi seguida da sentença de Jorge Cadoudal e de alguns outros, que foram condemnados á morte. O general Moreau, Julio Polignac, Leridan, Rolland e huma mulher foram condemnados a dois annos de reclusão; outros dezoito accusados foram absolvidos. Jorge Cadoudal com alguns dos seus complices foram executados: a maior parte dos outros conspiradores foram perdoados: quanto ao general Moreau permittio-se-lhe que se retirasse para a America.

Execução dos conspiradores.

Nos fins deste anno, que foi esteril em acontecimentos militares, a Hespanha, que se tinha obrigado por hum Tratado a dar á França quinze náos de linha, e vinte e quatro mil homens, achou-se em huma posição critica a respeito da Inglaterra. Não querendo romper abertamente com o gabinete de Londres, antes da chegada dos galeões que esperava da America, fazia diligencias por temporizar. Mas o governo Britannico, sem preceder declaração de guerra, deo principio ás hostilidades. Tendo huma esquadra Inglesa encontrado nas alturas de Cadiz, quatro fragatas Hespanholas, cuja principal carga eraõ pesos duros, atacou-as, e tomou tres: esta captura teve lugar no momento em que o ministro Inglez negociava com a Corte de Madrid, e em que o Embaixador de Hespanha recebia em Londres seguranças positivas de amizade. Esta conducta da Inglaterra excitou

Declara a Hespanha guerra á Inglaterra.

o descontentamento do gabinete de Madrid, que declarou a guerra á Graõ-Bretanha, e se achou deste modo implicada na grande contestação, que devia agitar e transtornar a Europa.

Sagração  
de Bona-  
parte de-  
baixo do  
nome de  
Napoleão.

Terminou-se este mesmo anno com hum successo extraordinario, que causou summa admiração a toda a gente. Trasladou-se o Papa Pio VII de Roma a Paris, para ahi sagrar e coroar a 2 de Dezembro, na Cathedral de Notre-Dame, o novo Imperador dos Francezes, debaixo do nome de Napoleão I. Sua esposa, Josephina Beauharnais, foi ao mesmo tempo inaugurada Imperatriz. Deste modo se vio desaparecer em França até a mesma sombra da republica, cujo estabelecimento tinha custado a vida a tantos milhares de individuos.

## L I V R O V.

Desde a liga formada contra a França, em 1805, até a publicação da Constituição de Hespanha pelas Cortes, em 1812.

## C A P I T U L O I.

*Liga de 1805 contra a França. — Forças desta Potência. — Felices successos de Napoleão. — Tomada de Ulm. — Entrada dos Franceses em Vienna. — Retirada do Archiduque Carlos. — Batalha de Austerlitz. — Armistício. — Paz de Presbourg. — Resultado da campanha. — Derrota da esquadra Franceza.*

O theatro da guerra, que havia quasi dois annos, nada offerecia de interessante, vai, no anno de 1805, principiar a dilatar-se, e a apresentar huma serie de acontecimentos para sempre memoráveis. Desde algum tempo a Inglaterra fazia diligencias por formar huma alliança offensiva com a Austria, Russia, e outras Potências da Europa. As negociações entabuladas por este motivo, não tinham até então produzido resultado algum. Era a Austria a mais interessada em oppôr-se ao engrandecimento ulterior da França, cujo Imperador acabava de ser nomeado, a 18 de Março, Rei de Italia. Mas além de ser ella a que mais exposta estava aos desastres, que a

Liga de 1805 cõtra a França.



liga poderia experimentar, as suas finanças estavam esgotadas. A Russia, que pela sua posição longinqua se achava fóra do alcance dos ataques da França, via com indiferença a sorte das Potencias da Europa, ou pelo menos não tinha julgado conveniente fazer grandes esforços a favor dellas. Finalmente, foram as proposições da Inglaterra acceitas, e em consequencia concluiu-se hum Tratado, a 11 de Abril, em Petersbourg, entre o Rei da Graõ-Bretanha e o Imperador da Russia, a que em breve accedêraõ a Austria e a Suecia. Por este Tratado, as Potencias contratantes se obrigáraõ a reunir todos os seus meios, para formar huma liga de todos os Estados da Europa contra a França. O objecto desta nova liga era alcançar a evacuação do Hannover e do Norte da Allemanha, pelas tropas Francezas, a independencia das republicas Batava e Suissa; o restabelecimento do Rei de Sardenha no Piemonte, com hum augmento de territorio, segundo as circumstancias; a independencia futura do Reino de Napoles; a evacuação completa da Italia; finalmente, o estabelecimento na Europa de huma ordem de cousas, que pudesse segurar a sua tranquillidade. Estipulava-se de mais disso no mesmo Tratado, que as Potencias alliadas do continente poriaõ em campo quinhentos mil homens, e que a Inglaterra, da sua parte, empregaria as suas forças de mar e terra, segundo o plano geral de operações em que se assentasse. Devia a Graõ-Bretanha, além disso, dar ás Potencias alliadas subsidios proporcionados aos esforços que fizessem, a ra-

zaõ de hum milhaõ duzentas e cincoenta mil libras esterlinas por cada cem mil homens, ou de doze libras dez soldos esterlinos por cabeça; tudo em pagamentos mensaes. A Austria devia pôr em campo duzentos e cincoenta mil homens, e a Russia cento e quinze mil, além das levas feitas na Albania, na Grecia, etc.; e o numero que faltava para os quinhentos mil, devia ser fornecido pelo Rei de Napoles, pelo Hannover, pela Suecia, e outros Estados. Estipulou-se ao mesmo tempo, que se não concluiria a paz com a França, senão de communi acordo com todas as partes contractantes; e que as Potencias continentaes não poderiaõ mandar retirar as suas tropas, nem a Graõ-Bretanha deixar de pagar os subsidios, antes da conclusaõ de huma paz geral.

As forças da Liga eraõ assaz consideraveis, para dellas esperar felices resultados; porém Napoleaõ, da sua parte, podia oppôr-lhes tropas não menos formidaveis. O estado militar da França era de quinhentos noventa e oito mil homens, que juntos ás tropas da Corsega e outras ilhas, a quinze mil homens da guarda Imperial, a vinte e hum regimentos de Hollandezes, onze de Suissos e dezoito de Italianos, formavaõ hum total de seiscentos e cincoenta mil homens, dos quaes perto de quinhentos mil podiaõ considerar-se como disponiveis.

A guerra, segundo o costume, foi precedida de Declarações e Manifestos, que exprimiaõ sentimentos de paz e de moderação; cada parte nelles se desculpava, e imputava ao seu inimigo as consequencias funestas, que

Felices suc-  
cessos de  
Napoleão.

Tomada  
de Ulm.

esta nova luta causaria. Estas peças diplomáticas, geralmente destinadas a convencer o público da justiça da causa, que as Potencias beligerantes defendem, não são pela maior parte senão vãs formalidades, que não enganaõ os politicos. A França e a Austria, ao mesmo tempo que professavaõ sentimentos de paz, faziaõ os maiores preparativos de guerra. Tendo Napoleão pedido algumas explicações ao Imperador de Allemanha, este, por toda resposta, mandou marchar o seu exercito para além do Inn, e occupou a Baviera. Napoleão, da sua parte, abandonando o seu projecto de desembarque em Inglaterra, manda avançar as suas tropas para o Rheno com incrível celeridade. Tendo passado este rio, encaminhaõ-se para o Danubio, e se apresentaõ logo ao inimigo, que fica perturbado com a rapidez de semelhante movimento. A 8 de Outubro alcançaõ huma victoria completa em Wartin-gen, onde depois de duas horas de combate, tomaõ aos Austriacos bandeiras e artilheria, e lhes fazem quatro mil prisioneiros.

Esta acção foi no outro dia seguida do combate de Gunzburg, onde tambem os Francezes alcançaraõ a victoria. Cahio logo Memmingen em seu poder; e por fim tomaraõ de viva força a posição de Elchingen. Com estes diversos movimentos, executados com tanto successo como presteza, tinha Napoleão cortado a communicacão dos Austriacos com Vienna: preparava-se para dar assalto a Ulm, onde o general Mack estava encerrado com huns trinta mil homens. Este, em vez de sustentar hum sitio, assignou a 17 de Outubro

hum capitulação, em virtude da qual devia Ulm abrir as suas portas, e a guarnição depôr as armas, se no espaço de oito dias se não apresentasse algum corpo de tropas diante da praça para levantar o bloqueio. Todavia, com grande espanto do público, não esperou o general Austriaco que expirassem os oito dias, em que se havia convindo. A 19 teve hum conferencia com Napoleão, á sahida da qual se assignou hum capitulação addicional, cujo teor era, que no dia seguinte a guarnição sahiria de Ulm, e deporia as armas. A entrega desta praça decidiu da sorte da Baviera, que os Austriacos se apressárao a evacuar.

A conducta de Mack tanto mais excitou a indignação pública nos Estados Austriacos, quanto, pelas suas fortificações, estava em estado de sustentar hum sitio, e com a sua numerosa guarnição teria aquelle general podido suspender, ao menos por algum tempo, os progressos do inimigo. Se aquelle general tivesse defendido aquella praça até á chegada dos Russos, que se vinhaõ adiantando, talvez que os negocios tivessem tomado hum rumo muito differente. Só no caso em que aquella praça não fosse defensavel, he que se poderia desculpar a primeira capitulação; mas a segunda, em virtude da qual entregou Ulm, cinco dias antes do prazo convindo, parece muito extraordinaria, e até se não póde desculpar, porque fazia ganhar tempo a Napoleão, cujos progressos ulteriores dependiaõ inteiramente da celeridade das suas operações.

Entrada  
dos Fran-  
cezes em  
Vienna.

Proseguindo nos seus felices successos, Napoleão sem intimidar-se, nem com a aproximação dos Russos, nem com os esforços que fazia a Austria para suspender a sua marcha, hia-se sempre adiantando. Depois de haver forçado o inimigo a huma retirada precipitada, os Francezes vencedores em todos os encontros, entráram a 13 de Novembro em Vienna, e dali marcháram sobre a Moravia.

Retirada  
do Archi-  
duque Car-  
los.

Em meio destes acontecimentos, não era a sorte das armas menos desfavoravel aos Austriacos na Italia, onde depois de os haver completamente derrotado em todos os pontos, Massena obrigou o Archiduque Carlos, que os commandava, a effectuar a sua retirada para a Hungria.

Batalha de  
Austerlitz.

Com tudo, o exercito Russo, tendo á sua frente o Imperador Alexandre, chegou finalmente á Moravia. A Austria, ainda que opprimida pelas forças consideraveis de hum inimigo victorioso em toda a parte, não tinha perdido todas as esperanças. A Italia, o Tyrol e Vienna estavam em poder do inimigo; mas huma victoria decisiva podia mudar o estado das cousas. Nesta circumstancia, a Bohemia, a Hungria e a Moravia, até então intactas, apresentavam grandes recursos, e de mais disso, as forças respeitaveis da Russia eram capazes de restituir á Monarquia Austriaca o seu antigo esplendor, expulsando os Francezes da Allemannha. Tendo-se o exercito combinado dos Austriacos e dos Russos adiantado para Wischau, tomou posição nas planicies de Austerlitz, onde devia terminar-se esta grande contestação. Foi ali, que a 2 de Dezem-

bro, os dois exercitos vierão ás mãos. Depois de huma acção muito viva e sanguinolenta, decidio-se a victoria a favor dos Francezes. Neste dia memoravel, experimentárao os Russos huma catastrophe horrorosa. Acompanhavao alguns dos seus batalhões cincoenta peças de artilheria, que não tinhao podido passar por huma aldêa, que estava occupada pelos Francezes: os que as conduziao, tendo tomado outro caminho, atravessárao hum pantano, cujo gelo lhes pareceo assaz consistente para poder com hum peso tao consideravel; porém quando se achárao no meio deste pantano, arrebitou o gelo: homens, cavallos, carros, artilheria, tudo foi submergido nas aguas. Huma hora depois, teve lugar o mesmo accidente em outro pantano, onde a infantaria Russa, perseguida pelos Francezes, se afogou quasi toda. Os movimentos que se executárao neste dia foraõ tao variados, tao multiplicados, que seria muito largo o querer descrever as marchas, contra-marchas, e as differentes posições dos dois exercitos. De parte a parte, as forças eraõ quasi iguaes em numero.

Depois de haverem posto os alliados em completa derrota, preparavaõ-se os Francezes para marchar ávante, quando o Imperador de Allemanha tendo tido huma conferencia com Napoleaõ, conviêrao os dois Soberanos em hum armisticio, em que foi comprehendido o Imperador da Russia, debaixo da condição, que os restos do seu exercito evacuariao a Allemanha e a Polonia Austriaca. Foi este armisticio seguido em breve tempo de hum Tratado de paz entre a França e a Austria, o

Armisticio.

qual se assignou em Presbourg, a 26 de Dezembro. Nelle se estipulava que o Imperador de Allemanha reconhecia o Imperador dos Francezes como Rei de Italia; convindo-se ao mesmo tempo, na conformidade da declaração, que Napoleão havia feito quando accitou a Corôa de Italia, em que tão depressa as Potencias nomeadas nesta declaração, tivessem preenchido as condições nella expressas, as Corôas de França e Italia se separariao para sempre, sem poderem por caso algum reunir-se na mesma cabeça. Debaixo desta condiçao, obrigava-se o Imperador de Allemanha a reconhecer, quando tal separaçao se effituasse, o Successor que Napoleão designasse como Rei de Italia: cedia-lhe ao mesmo tempo Veneza e todo o territorio Veneziano na Istria e na Dalmacia, com as Ilhas do mar Adriatico, para serem reunidas para sempre ao Reino de Italia: reconhecia igualmente como Reis, os Eleitores de Baviera e de Wurtemberg, que acabavao de tomar este titulo, e cedia-lhes, assim como ao Eleitor de Bade, em toda Soberania, alguns Principados, dominios e territorios. Garantia Napoleão a integridade dos Estados da Austria, no estado em que ficavao em consequencia do Tratado de paz. Reconheciao de mais disso os dois Soberanos contractantes a independencia da republica Helvetica.

Resultado  
da campanha.

Dava este Tratado hum golpe mortal á grandeza e poder da Austria, que perdia a influencia que exercia em grande parte da Allemanha. Tal foi o resultado desta luta memoravel, que offerece acontecimentos tao extraor-



dinarios pela sua natureza, tão rapidos na sua execução, e tão importantes nas suas consequências, que a historia poucas apresenta que se lhe possaõ comparar. Vê-se a braços com as principaes Potencias da Europa, hum homem, que pelos seus talentos militares se levanta da obscuridade á Purpura Imperial. Pouco mais de tres mezes se tinhaõ passado, desde que contra elle se formára hum a Liga, que abraçava a vasta extensão comprehendida desde o Baltico até o Adriatico, e desde o Rheno até o Dnieper. Vê-se este mesmo homem, á frente de hum exercito, a mais de trezentas legoas de París, tirar a sua subsistencia do paiz inimigo, no meio do inverno, sob hum clima rigoroso; combater tropas aguerridas, mais numerosas que as suas, e acostumadas a resistir ás neves e aos gelos do Norte. Nesta posição tão critica he que Napoleaõ, depois de haver desfeito em hum só dia, os exercitos combinados da Austria e da Russia, dicta a lei a dois poderosos Soberanos, e se constitue arbitro do continente. Dissolvida deste modo a terceira Liga, ficou Napoleaõ em guerra com a Inglaterra, a Russia e a Suecia.

Neste meio tempo tinhaõ os Francezes experimentado hum a perda consideravel no mar. A sua esquadra de Toulon, commandada por Villeneuve, reunida á de Cadiz ás ordens de Gravina, foi inteiramente derrotada junto de Trafalgar, a 21 de Outubro, pelo almirante Nelson, que perdeu a vida em hum a das acções mais importantes e gloriosas, de que se faça menção nos Annaes da marinha Britannica.

Derrota  
da esquadra  
Fran-  
ceza.

## CAPITULO II.

*Tomada do Cabo da Boa Esperança pelos Inglezes. — Morte de Pitt. — Guerra entre a Inglaterra e a Prussia. — Expedição dos Inglezes para a America Meridional. — Morte de Fox. — Depõe Napoleão o Rei de Napoles, e confere a Corôa a José Bonaparte. — A Republica Batava convertida em Monarquia. — Renúncia Francisco II o seu titulo de Imperador de Allemanha. — Dissolução do Imperio Germanico.*

Tomada do Cabo da Boa Esperança pelos Inglezes. A Inglaterra, que conservava a sua superioridade no Oceano, bloqueava os portos da Europa, desde o Texel até Cadiz, e desde Cadiz até Veneza. Punha estorvos ao commercio, e tomava aos Hollandezes o Cabo da Boa Esperança, que considerado debaixo de vistas commerciaes, he hum dos pontos mais favoraveis do globo.

Esta importante conquista, que teve lugar no principio de 1806, foi em breve seguida, para os Inglezes, de huma vantagem consideravel, que alcançaraõ nas Indias Occidentaes. O almirante Duckworth, que commandava huma esquadra de sete náos de linha e duas fragatas, tendo encontrado huma esquadra Franceza de cinco náos de linha, duas fragatas e huma corveta, seguiu-se hum combate que durou duas horas, com o mais porfiado encarniçamento de parte a parte. Das

cinco náos Francezas , tres foraõ tomad s , e as outras duas foraõ varadas em terra , e queimadas depois.

Nesta epoca , a morte de Pitt , primeiro Lord da Thesouraria e Chancellor do E- Morte de Pitt.  
chiquier , produzio huma mudança total no ministerio Britannico. A conducta deste homem de Estado , que morreo a 23 de Janeiro de 1806 , nos seus quarenta e sete annos de idade , foi julgada de huma maneira differente pelos seus partidistas , e por aquelles que condemnavaõ os principios pelos quaes se dirigia. O observador philosopho , que via nelle o instigador secreto da revolução Franceza , considerou-o como o auctor dos males horrosos , que esta revolução causou á França , assim como da continuada guerra em que empenhou successivamente a Europa inteira. De outro lado , consideráraõ-no os seus partidistas como hum ministro , que tinha interesse em semear a discordia e transtornar a Europa , que elle via com indifferença assolada pelas armas Francezas , em quanto se occupava do augmento das forças navaes da Graõ-Bretanha , de estender as suas possessões na India , e de elevar o seu poder colossal sobre a ruina do commercio dos outros Estados. Elle tomou a direcção a mais vantajosa para a sua patria ; as medidas que adoptou foraõ de summa vantagem para a Inglaterra. Os acontecimentos ulteriores provaõ evidentemente , que elle tinha calculado bem o resultado das suas operações , cujo fim era a restauração tardia dos Bourbons , mas só depois de elle ter completamente executado os seus projectos ambiciosos.

Guerra  
entre a In-  
glaterra e a  
Prússia.

Teve com tudo a Inglaterra hum novo inimigo a combater, o Rei de Prússia, cuja conducta até então incerta se mostrou decididamente hostil. Deo Frederico-Guillherme a conhecer por huma declaração, a intenção em que estava de occupar o Hannover, na conformidade de huma Convenção concluida entre elle e o Imperador dos Francezes. Foi esta declaração seguida logo de outra, com a data de 21 de Abril, pela qual ordenava que se fechassem os portos Prussianos aos vasos e ao commercio da Graõ-Bretanha. O gabinete de Londres usou logo de represalias para com a Prússia, dando ordens para bloquear o Elbo, o Weser e o Ems, assim como para capturar todos os navios Prussianos, grande numero dos quaes foraõ tomados e conduzidos aos portos de Inglaterra.

Expedição  
dos Ingle-  
zes para  
a America  
Meridional.

Os Inglezes por este tempo tentáraõ hum ataque contra os Hespanhoes na America Meridional. Depois da tomada do Cabo da Boa Esperança, Sir Home Popham e o general Beresford, tendo julgado a proposito atacar os estabelecimentos Hespanhoes, embarcáraõ huma parte das tropas de terra, e se dirigiráõ para Buenos-Ayres, de que se apoderáraõ, mas onde se não conserváraõ muito tempo. Apenas se tinha passado hum mez, quando se viraõ obrigados a evacuar esta praça. Nos fins deste anno fez tambem o general Miranda huma tentativa, para subtrahir as Provincias da America Meridional á dominação Hespanhola, porém esta empreza não teve outro resultado mais que a derrota dos Americanos e dos insurgentes Hespanhoes, que

se haviaõ arriscado a ella. O general Miranda alcançou com tudo salvar-se por meio da fuga.

Em quanto tudo no continente respirava guerra, concebeo-se alguma esperança de ver renascer a paz, á vista das negociações entabouladas para este fim entre a França e a Inglaterra; rompêraõ-se porém com a morte de Fox, ministro dos negocios estrangeiros do gabinete Inglez, e tornáraõ a renovar-se todas as intrigas proprias para fomentar a guerra, e formar, se fosse possivel, huma nova liga contra a França. Este homem de Estado, que morreo a 13 de Setembro, era diametralmente opposto a Pitt, quanto aos principios politicos. Como elle considerava a revolução Franceza debaixo de outro ponto de vista muito differente, desapprovava altamente a guerra que se ateára por causa della. Decidir qual delles se enganava a este respeito, relativamente aos interesses da Graõ-Bretanha, he hum problema que será sempre muito difficil resolver. Quanto aos seus talentos oratorios, não houve quem lhos disputasse. Os seus discursos desembaraçados dos pomposos ornamentos da rhetorica, devem ser considerados como modelos de raciocinio: regulava os seus argumentos segundo os dos seus antagonistas, e a exactidão dos principios reunia a energia e a audacia de hum espirito rápido em todas as suas combinações. O seu estilo correspondia á riqueza da sua imaginação, e aos seus variados conhecimentos. Era tal a superioridade com que aprofundava todas as materias, que podia argumentar de hum modo vantajoso

Morte de Fox.

com os homens mais instruidos, sobre as sciencias que fazião o objecto dos seus estudos particulares. O seu patriotismo e a sua philantropia fazem a sua memoria saudosa não só á sua patria, mas tambem ao genero humano. Se se concedem honras insignes ao conquistador, cujos feitos tantas lagrimas e sangue custáraõ, que elogios não são devidos ao homeni, que sempre se esforçou por poupar a vida e a fortuna dos seus concidadaõs? Emprehendeo destruir a desigualdade com que eraõ tratados os que seguião outra Religião, estabelecer sobre huma base mais extensa a liberdade de consciencia, e unir os interesses da Irlanda com os de Inglaterra, admittindo toda a gente á fruição dos mesmos direitos; alcançou de mais disso das duas Camaras do Parlamento, huma resolução tendente á abolição da escravidão dos negros. Em huma palavra, o nome de Fox será collocado entre os dos homens de Estado mais illustres.

Depõe  
Napoleão o  
Rei de Na-  
poles, e dá  
a Corôa a  
José Bona-  
parte.

Depois da batalha de Austerlitz, operava-se na Europa huma nova ordem de cousas. Tinha-se o Imperador de Allemanha visto na necessidade de sujeitar-se ás condições impostas por Napoleão, e huma parte dos seus Estados tinha-se dividido entre alguns Principes Allemães e os Eleitores de Baviera e Wurtemberg, recentemente elevados á dignidade Real. Se de hum lado o Imperador dos Francezes fazia Reis, de outro lado derribava-os. Annunciou a 30 de Março, por meio de huma Proclamação, que a Dynastia que occupava o Throno de Napoles, havia cessado de reinar, porque a sua existencia era incom-

patível com a tranquillidade da Europa, e com a honra da sua propria Corôa; que por consequencia dava o Throno de Napoles a seu irmão José Bonaparte, que á frente de hum exercito entrou logo no seu novo Reino sem encontrar obstaculo algum.

Depois de haver despojado o Rei de Napoles, deo Napoleão hum golpe mortal á republica de Veneza, reunindo-a ao Reino de Italia.

O Ducado de Berg foi dado ao Principe Joaquim Murat, seu cunhado, e o Ducado de Guastalla á Princeza Paulina, sua irmã, e a seu esposo o Principe Borghese. Ao Marechal Berthier, deo-se-lhe o Principado de Neufchatel. Depois de ter adoptado o Principe Eugenio Beauharnais, filho de Josephina, sua esposa, tinha-o nomeado Vice-Rei de Italia, casando-o com a Princeza Augusta, filha do novo Rei de Baviera. Algum tempo depois, a Princeza Estephania Beauharnais, sobrinha da Imperatriz Josephina, casou com o Principe hereditario de Bade.

Houve tambem huma mudança em Hollanda. A Republica Batava, só independente no nome, tinha estado sempre, desde que fôra conquistada, debaixo do dominio da França; e não era de facto senão huma provincia deste Imperio. Era chegado o momento em que devia effeituarse huma subversão na natureza e na fórma da sua Constituição. Inimigo declarado dos principios e dos governos republicanos, Napoleão resolveo a fazer com que se apagassem até os vestigios da Republica Batava, sujeitou a seu irmão Luiz Bonaparte, com o

A Republica Batava cövertida em Monarquia.



titulo de Rei, os Hollandezes, que se víraõ obrigados a supportar este novo jugo, como tambem a renunciar a sua Constituição republicana, cujas vantagens não rinhaõ experimentado.

Renun-  
ciaFrancis-  
co II o seu  
titulo de  
Imperador  
de Allema-  
nha.

Na Allemanha houve tambem mudan-  
ças não menos notaveis, mas muito mais im-  
portantes, relativamente ao systema politico,  
e ao equilibrio do poder na Europa. Tinha a  
batalha de Austerlitz quasi aniquilado o po-  
der da Austria, e destruido as bases da Cons-  
tituição Germanica, que não conservou muito  
tempo a sua primeira fórma. Não querendo  
Napoleaõ que existisse no continente Potencia  
alguma capaz de oppôr-se aos seus projectos,  
lembrou-se de desmembrar o Imperio de Al-  
lemanha, dissolver a Confederação Germani-  
ca, e obrigar Francisco II a renunciar o seu  
ritulo de Imperador de Allemanha, que desde  
o reinado de Carlos Magno se havia conser-  
vado em meio das revoluções e das convulsões  
da Europa inteira.

Dissolu-  
ção do Im-  
perio Ger-  
manico.

Tendo este objecto em vista, formou-  
se huma nova uniaõ entre hum grande nume-  
ro de Principes Allemães, que publicáraõ em  
Ratisbonna huma Proclamação, em que se  
dizia, que não offerecendo já a Constituição  
Germanica entaõ existente, garantia para a  
trânquillidade pública, as partes contractan-  
tes tinhaõ convindo em que os seus Estados  
se separassem para sempre do Corpo Germa-  
nico, e se unissem por huma Confederação  
particular, debaixo do nome de *Estados con-  
federados do Rheno*, da qual o Imperador  
dos Francezes era declarado Chefe e Protector.

Este Tratado de confederação, projectado e redigido em París, foi ratificado em Munich a 25 de Julho: entre outros artigos, estipulava-se, que as partes contractantes se reservavam a faculdade de admittir ulteriormente nesta nova Confederação, os outros Principes e Estados de Allemanha, cuja admissão se julgasse ser do interesse commum.

Com esta medida achou-se o Corpo Germanico completamente dissolvido. Em consequencia, Francisco II, renunciando a sua Coroa de Imperador de Allemanha, publicou huma proclamação em que declarava, que vista a impossibilidade em que se achava de desempenhar por mais tempo as funções annexas á Dignidade Imperial, os seus principios e os seus deveres o constituiaõ na necessidade de demittir-se de huma Corôa, que não tinha tido valor aos seus olhos, senão em quanto podia corresponder á confiança dos Eleitores, Principes e outros Estados do Imperio Germanico, e que considerando rotos todos os vinculos que até então o uniaõ ao Corpo Germanico, e aniquilado o cargo de Chefe do Imperio pela Confederação do Rheno, depunha a sua Coroa Imperial, e desligava os Eleitores, Principes e Estados, e todos os magistrados, dos seus deveres para com elle, como Chefe legal do Imperio. Assim acabou o Imperio Germanico, por outra denominação, em estylo diplomatico, o *Sacro Imperio Romano*, mil e seis annos depois que Carlos Magno recebeu em Roma a Coroa Imperial das mãos do Papa Leão III.

## CAPITULO III.

*Guerra entre a França e a Prussia. — Batalha de Iéna. — Successos dos Francezes. — Batalha de Eylau. — Batalha de Friedland. — Tratado de Tilsitt.*

Guerra entre a França e a Prussia.

Tinha o Imperador dos Francezes reforçado o seu exercito, que insensivelmente se hia aproximando das fronteiras da Prussia, cuja invasão meditava fazendo protestos de amizade á Corte de Berlin. Huma unica cousa podia tranquillisar o Monarca Prussiano, era a evacuação da Allemanha pelas tropas Francezas: mandou por tanto hum Ministro extraordinario a Paris, para pedir a Napoleão que mandasse retirar o seu exercito para á quem do Rheno. Estas propostas, ainda que justas rigorosamente falando, nada eraõ menos do que conciliadoras; foraõ consideradas como hum declaração de guerra, visto que o Rei de Prussia fazia ao mesmo tempo grandes preparativos para entrar em campanha.

Batalha de Iéna.

Hiaõ-se por tanto dispondo de hum e outra parte para virem ás mãos. O Rei de Prussia e o Imperador dos Francezes puzêraõ-se á frente dos seus respectivos exercitos. Abrio-se a campanha com vantagem para os Francezes; mas a batalha de Iéna decidio em hum momento a sorte da Prussia. Os resultados desta batalha foraõ a derrota completa dos Prussianos, cuja perda, segundo os

bulletins Francezes, excedeo a vinte mil homens mortos ou feridos, com perto de quarenta mil prisioneiros, além de sessenta bandeiras, trezentas peças de artilheria, e immensos armazens, que cahirão em poder do vencedor. As relações dadas pelos Prussianos desta sanguinolenta batalha, ainda que algum tanto diversificaõ dos bulletins Francezes relativamente a algumas circumstancias, concordão com elles quanto aos factos principaes. Os desastres do exercito Prussiano eraõ muito consideraveis, para que se pudessem lisonjear de os occultar ou desfigurar. Todavia as relações do Governo Prussiano representam o exercito Francez composto de cento e oitenta mil homens, ao mesmo tempo que não daõ ao exercito Prussiano senão metade desta força; pelo contrario, segundo os bulletins Francezes, este ultimo em Iéna subia a cento e vinte e seis mil homens. Posto que se não possa dar inteiro crédito aos bulletins Francezes, os resultados tão extraordinarios desta batalha não podem deixar a minima duvida relativamente aos successos espantosos dos Francezes, e aos revezes inauditos dos Prussianos. Apoderou-se logo Napoleão de Postdam e Berlin, onde lançou fortes contribuições. Os differentes corpos do exercito Prussiano, viraõ se huns traz d'outros obrigados a depôr as armas. Desde entãõ os Francezes dilataraõ as suas conquistas em todos os pontos. A importante fortaleza de Magdebourg abriu as suas portas por capitulaçaõ. Lubeck foi tomada de assalto; e o general Blucher, que primeiro occupava esta praça,

vio-se obrigado a abandoná-la; e depois de ter perdido hum grande numero de mortos, teve de capitular com huns dezasseis mil homens, que se renderão prisioneiros de guerra. A grandeza e o poder da Prussia, destruidos no espaço de hum mez, offerecem-nos hum daquelles acontecimentos, que parecem quasi in-criveis.

Successos  
dos Fran-  
cezes.

Depois da derrota do seu exercito, o Rei de Prussia retirado em Kœnisberg, occupava-se a reunir ali os destroços d'elle. Neste meio tempo, avançãõ os Francezes com rapidez, passãõ o Oder, apoderaõ-se de todas as fortalezas que encontrãõ no seu caminho, e che-gãõ em fim ás margens do Vistula, para onde o Imperador da Russia encaminha as suas tropas, para reuni-las com os restos do exercito Prussiano. Depois de as havêrem derrotado em differentes acções, apoderaõ-se os Francezes de Varsovia. Houve depois mais alguns combates, que lhes foraõ vantajosos, mas como a estação estava muito adiantada, tiverãõ os exercitos belligerantes algum repouso.

Batalha de  
Eylau.

Com tudo, havendo os Russos em fins do mez de Janeiro de 1807 recebido reforços, fizeraõ alguns movimentos, e atacáraõ os postos avançados dos Francezes. Estes abandonando promptamente os seus acantonamentos, marcháraõ sobre o inimigo, que havendo-se retirado sobre Eylau, ali se deo a 8 de Fevereiro huma batalha sanguinolenta, na qual se experimentáraõ de parte a parte perdas consideraveis. Veio a noite pôr termo á carniceria, que foi horrorosa de ambas as partes. Achavaõ-se os dois exercitos, no fim do

combate, quasi no mesmo terreno que occupavaõ no principio da acção; porém esta batalha, ainda que muito sanguinolenta, estava longe de ser decisiva, como o prova a serie dos successos. Depois della, os Russos e os Francezes permanecêraõ durante algum tempo em inacção.

No mez de Abril, hum corpo do exercito Francez fez o sitio de Dantzick, que se rendeo a 28 de Maio por capitulaçãõ, sem que os Russos tivessem feito o minimo esforço para soccorrer esta praça defendida pelos Prussianos.

No mez seguinte, depois de differentes combates, que não eraõ mais que o preludio de huma acção maior, e que foraõ em vantagem do exercito Francez, ganhou Napoleão aos Russos e Prussianos a batalha de Friedland, não menos memoravel que as de Marengo, de Austerlitz, e de Iéna. A mortandade foi horrorosa: o exercito Russo na mais completa derrota não pôde reunir-se com precipitação senão além do Niémen. Kœnisberg e os seus armazens consideraveis foraõ abandonados aos Francezes. Nesta batalha desastrosa, perdêraõ os Russos huma grande parte da sua artilheria, quasi todas as suas munições e viveres em huma linha de mais de vinte legoas. Sem nos referirmos ás relações contradictorias publicadas em Paris e em Petersbourg, citaremos nesta circumstancia o testemunho de hum homem, que estava ao alcance de ser bem informado. Lord Huchinson, que naquella epoca estava junto do Imperador Alexandre, assegurou, na Camera

Batalha de  
Friedland.



dos Pares do Parlamento Britannico, que tornando a passar o Niemen, os Russos se acháraõ com quarenta mil homens de perda, além de vinte generaes, e mil oitocentos e quarenta e oito officiaes mortos ou feridos.

Tratado de  
Tilsitt.

Depois de hum armisticio assignado em Tilsitt entre as Potencias belligerantes, o Imperador da Russia e o Rei de Prussia ahi concluíraõ, cada hum separadamente, hum Tratado de paz com Napoleaõ. O Tratado com a Prussia continha em substancia: que Frederico Guilherme cedia em toda a propriedade os territorios ou partes de territorio que possuia entre o Rheno e o Elbo, que renunciava a todas as provincias, que tendo pertencido ao Reino de Polonia, tinhaõ passado em differentes epocas ao dominio Prussiano, e que seriaõ dadas em toda a soberania ao Rei de Saxonia, debaixo do titulo de Graõ-Ducado de Varsovia; que estas Provincias communicariaõ com a Saxonia, por meio de huma estrada militar, que atravessaria os Estados do Rei de Prussia; que a cidade de Dantzick seria restabelecida no seu estado de independencia, e que a navegação do Vistula seria livre. Por cada hum dos seus Tratados, o Imperador da Russia e o Rei de Prussia, reconhecerãõ a José, Luiz e Jeronymo Bonaparte, como Reis de Napoles, de Hollanda e de Westphalia; reconhecerãõ tambem a Confederação do Rheno. Da sua parte accitou Napoleaõ a mediação do Imperador da Russia, a fim de se concluir hum Tratado de paz definitivo entre a França e a Inglaterra, na supposição que esta mediação fosse accei-



ta pelo gabinete Britannico, hum mez depois da ratificação do Tratado de Tilsitt. Por outros artigos secretos os portos da Prussia e o de Dantzick devião ser fechados aos Ingleses: não se sabe se pela parte que lhe tocava, o Imperador da Russia não contrahio a mesma obrigação. Parece tambem que por hum antigo secreto, este Soberano tinha convindo em ceder Corfou e as sete Ilhas, onde se apresentou hum Official Russo, que acompanhado de hum Commissario Francez, fez a declaração de que o Imperador Alexandre renunciava a todos os seus direitos na qualidade de Protector das sete Ilhas, e as cedia a Napoleão, Imperador dos Francezes e Rei de Italia.

Em consequencia dos acontecimentos desta guerra, vio-se o Rei de Prussia despojado de quasi metade do seu territorio, e as suas rendas diminuidas na mesma proporção.

Tendo o Rei de Suecia recusado acceder ao Tratado de Tilsitt, intentou defender a Pomerania; foraõ porém baldados os seus esforços. Havendo-se rendido a fortaleza de Stralsund aos Francezes, assim como a Ilha de Rugen, viraõ-se as suas tropas obrigadas a evacuar a Allemanha.

## CAPITULO IV.

*Expedição dos Inglezes contra Dinamarca. — Sahida da Corte de Portugal para o Brasil. — Reunião da Toscana ao Imperio Francez. — Expedição infructuosa dos Inglezes contra Constantinopla.*

Expedição  
dos Ingle-  
zes contra  
Dinamarca.

Depois da conclusão do Tratado de Tilsitt, visto o estado das cousas no continente, facil era de ver que o Governo Dinamarquez não conservaria por muito tempo a sua neutralidade: a actividade com que se empregava no augmento da sua marinha e na reunião de huma grande quantidade de munições nos seus arsenaes, indicava preparativos de guerra, que a Inglaterra julgou dirigidos contra ella. Em consequencia, para evitar que a esquadra Dinamarqueza não cahisse em poder de Napoleão, a quem se attribuiu o projecto de empregar as forças navaes de Dinamarca e de Portugal contra a Graõ-Bretanha, pediu o gabinete de S. James ao governo Dinamarquez que lhe entregasse temporariamente a sua marinha, para ser conduzida a algum dos portos de Inglaterra. Tinha esta proposição por motivo a posição respectiva das Potencias neutras e belligerantes da Europa, e os perigos que corria a Graõ-Bretanha, se a marinha Dinamarqueza se achasse em poder dos Francezes. Para apoiar estas negociações, mandáraõ-se para o Baltico forças Inglezas de mar e terra, com o fim de proteger os

Dinamarquezes contra os Francezes, se pudessem arranjar-se amigavelmente, ou no caso contrario, obrigar a Dinamarca a acceder ás proposições que se lhe fizessem. Tendo-se o gabinete Dinamarquez recusado a todo concerto, desembarcáraõ os Inglezes as suas tropas entre Elseneur e Copenhague, e depois de alcançarem algumas vantagens, investiraõ esta praça. Tendo feito todas as disposições para hum sitio, intimáraõ esta cidade no 1.<sup>o</sup> de Setembro, renovando as proposições antecedentes. Não produzindo as intimações effeito algum, as baterias tanto de terra, como dos vasos, principiáraõ o seu fogo no dia seguinte, e continuáraõ até a tarde do dia 5, em que a guarnição propôz capitular. A 6, tendo-se assentado nas bases da capitulação, estipulou-se que todas as náos e vasos de guerra Dinamarquezes, com todas as munições navaes, seriaõ postos á disposição dos Inglezes; que os prisioneiros se restituiriaõ de parte a parte, e que as mercadorias assim como as propriedades Inglezas, sequestradas em consequencia do rompimento, seriaõ restituídas a quem pertencessem. Compunha-se a marinha Dinamarqueza de dezoito náos de linha, quinze fragatas, cinco brigues e vinte e cinco canhoneiras. A cidade de Copenhague soffreo muito no bombardeamento. Diz-se que pereaõ huns mil e cem habitantes; perto de quatrocentas casas foraõ destruidas, além de muitas outras consideravelmente damnificadas. Não foi esta capitulação ratificada pelo governo Dinamarquez, que rejeitando toda proposta de concerto, declarou formalmente a

guerra a Inglaterra, e fez causa commum com a França.

A expedição de Copenhague servio de pretexto apparente á Russia para declarar a guerra á Graõ-Bretanha. Hum ukase do Imperador da Russia ordenou o sequestro dos navios e propriedades Inglezas. Porém esta guerra limitou-se, por assim dizer, á interrupção das relações de commercio.

Partida  
da Corte  
de Portugal  
para o Bra-  
zil.

Este anno fecundo em acontecimentos de todo genero, apresenta hum que he extraordinario na Historia moderna: a partida para a America de hum Corte Europea. Tendo S. A. R. o Principe Regente de Portugal consentido em fechar os seus portos aos navios e ao commercio da Graõ-Bretanha, como Napoleaõ o exigira, julgou o gabinete Inglez conveniente mandar hum esquadra para a embocadura do Téjo, a fim de obrar segundo as circumstancias. Mas a interdicção dos portos de Portugal ao commercio Inglez, não satifez ao Imperador dos Francezes, o qual tendo hum exercito em marcha sobre Portugal, pertendia que S. A. R. o Principe Regente ordenasse que fossem presos todos os Inglezes que se achavaõ nos seus Estados, e sequestradas todas as suas propriedades. Estas medidas dictadas pela força, auctorisáraõ o Enviado Britannico a pedir os seus passaportes; e passou para bordo da esquadra Ingleza fundeada no Téjo. Com tudo a condescendencia da Corte de Lisboa não pôde suspender os designios de Napoleaõ, que queria invadir Portugal. A posição de S. A. R. o Principe Regente era critica: via-

se em guerra com Inglaterra, cuja alliança se vira obrigado a abandonar, e com o Imperador dos Francezes, que tinha declarado que a *Casa de Bragança cessaria de reinar*. Neste meio tempo, em quanto o exercito Francez se adiantava sobre Lisboa, o Enviado Inglez munido de novas Instrucções, voltou para esta capital, onde teve differentes communicações importantes com a Corte. Vendo que S. A. R. o Principe Regente receava a chegada dos Francezes, e contava com o socorro da esquadra Ingleza, deo-lhe toda a segurança de ser soccorrido della; em consequencia, tendo S. A. R. o Principe Regente tomado o partido de transferir para o Brasil a Sede do seu Governo, partio de Lisboa a 29 de Novembro, em companhia de toda a Familia Real, e de grande numero de pessoas da sua Corte. No dia seguinte as tropas Francezas entráráo em Lisboa sem opposição. A esquadra Ingleza acompanhou a Corte de Portugal até o Rio de Janeiro, capital do Brasil, onde entrou em 19 de Janeiro do anno seguinte de 1808. Concluiu-se logo hum Tratado de commercio entre a Graõ-Bretanha e os Estados Portuguezes na America, e estabelecêráo-se novas relações entre as duas Potencias, cessando as Praças de Lisboa e Porto de fazerem o commercio exclusivo do Brasil, como até então tinhaõ feito.

O anno de 1807 foi tambem assignalado por hum acontecimento notavel, que foi a dissolução do Reino de Etruria, que se havia formado do Graõ-Ducado de Toscana. Em virtude de huma convenção entre Napoleão e

Reunião da Toscana ao Imperio Francez.

o Infante de Hespanha, Carlos Luiz, Rei de Etruria, a Rainha Regente Maria Luiza, em nome deste Principe, abdicou a Coroa; e a Toscana foi encorporada ao Imperio Francez, assim como Parma e Plasencia.

Expedição  
infructuosa  
dos Ingle-  
zes contra  
Constanti-  
nôpla.

No principio deste mesmo anno, as hostilidades principiadas entre a Turquia e a Russia, decidíraõ a Graõ-Bretanha, que então era alliada desta ultima Potencia, a mandar huma esquadra a Constantinopla, a fim de intimidar a Porta Ottomana, e fazer-lhe abraçar vistas pacificas. Mas não tendo esta expedição preenchido os fins para que o gabinete Britannico a mandára, que eraõ atacar aquella capital, tomáraõ os Inglezes a resolução de retirar-se; o que fizeraõ, tornando a passar o Estreito dos Dardanellos debaixo de hum chuvaire de bombas. Entre as bombas de pedra que recebêraõ, algumas pesavaõ mais de oitocentos arrateis. Soffrêraõ grandes destroços, e perdêraõ muita gente. Durante os poucos dias que a esquadra Ingleza esteve diante de Constantinopla, desenvolvêraõ os Turcos tal actividade em estabelecer novas baterias, e construir novas fortificações, que se a esquadra Ingleza se tivesse demorado huma semana sómente mais diante desta cidade, ser-lhe-hia impossivel a retirada.

## CAPITULO V.

*Supposta conspiração do Principe das Asturias. — Intrigas occultas de Napoleão. — Tumultos em Madrid. — Abdicação da Familia Real de Hespanha. — Confere-se a Coroa a José Bonaparte. — He proclamado Rei em Madrid. — Batalha do Vimeiro.*

Hum acontecimento da maior importancia chamou a attenção da Europa no principio do anno de 1808: foi a invasão dos Francezes em Hespanha, ou antes a usurpação desta Monarquia por Napoleão. O Principe das Asturias, herdeiro presumptivo da Coroa Hespanhola, tinha sido accusado de estar á frente de huma conspiração, para desthronizar Carlos IV, seu Pai; tendo sido preso, disserão que se lhe achára, cosida no seu vestido, a cifra de toda a correspondencia dos conspiradores. Accrescentárao que quando o interrogárao, o Principe negára formalmente que tivesse o minimo conhecimento, nem da conspiração, nem do papel achado no seu vestido, que elle segurava ser essa a primeira vez que o vestia. Segundo o dizer de outros, o Principe confessou todo o plano da conspiração, e seu Pai lhe perdoou. Todavia, as differentes versões ácerca deste mysterioso negocio, devem ser consideradas como obra dos partidos oppostos, que existiaõ em huma Corte entregue á corrupção e á intriga. Além de que, a serie dos acontecimentos induz a crer, que

Supposta  
cõspiração  
do Princi-  
pe das As-  
turias.



esta conspiração não era mais que hum estratagemma politico, urdido para fomentar a divisação na Familia Real.

(Intrigas  
occultas de  
Napoleão.

No meio da perturbação que agitava a Corte de Madrid, tratava Napoleão de dar á execução o seu perfido projecto. Sob pretexto de apoderar-se de Portugal e de atacar Gibraltar, os Francezes, que se adiantavaõ pela Hespanha como amigos e alliados, hiaõ-se segurando nella das praças fortes e das posições mais importantes. Huma apparente reconciliação entre o Rei de Hespanha e seu Filho, tinha serenado os animos do Reino: parecia tambem que reinava hum perfeita harmonia entre a Corte de Madrid e Napoleão. Em hum palavra, o designio que este affectava manifestar, de marchar contra Portugal e Gibraltar, desvanecia toda suspeita quanto á presença dos exercitos Francezes.

Tumultos  
em Madrid.

A intriga artificiosamente preparada por Napoleão, para derribar a Monarquia Hespanhola, tinha-se desenvolvido inteiramente, quando o Rei de Hespanha concebeo o projecto de transferir para o Mexico a Sede do seu governo, medida que foi approvada pela Rainha e pelo Principe da Paz, ministro desde muito tempo poderosissimo em Hespanha; mas o Principe das Asturias, seus Irmaõs e a maior parte dos Grandes da Corte se oppuzeraõ a ella. Os motivos deste projecto extraordinario estaõ ainda envolvidos nos maiores mysterios, assim como tudo o que se tinha passado na Corte de Madrid, desde a supposta conspiração do Principe das Asturias. Tendo-se espalhado a voz desta emigração,

forão os habitantes de Madrid em tropel ao palacio de Aranjuez, onde então residia a Corte, na resolução de oppôr-se á partida da Familia Real. Nada pôde serenar o furor da plebe contra o Principe da Paz, em cujo palacio entráram, vendo-se elle obrigado a occultar-se. Seu irmão foi preso pelas guardas de corpo, cujo commandante era. Offerecia Aranjuez hum espectáculo horroroso. Iguaes scenas tiverão lugar em Madrid. No palacio do Principe da Paz, e nos de alguns Ministros, forão os moveis despedaçados e os quartos saqueados. Nesta circumstancia perigosa, para evitar desgraças maiores, determinou-se o Rei a fazer o ultimo sacrificio, abdicando a Coroa a favor do Principe das Asturias, que tomava o nome de Fernando VII, e cujo primeiro acto de Soberania foi o confisco dos bens e propriedades do Principe da Paz, que foi preso n'humas agoas-furtadas, onde havia trinta e seis horas que estava escondido.

Esta revolução, que teve lugar a 19 de Março, foi em breve seguida de outra, ainda mais espantosa pela sua natureza e suas consequências. Em quanto os Francezes entrão em Madrid, e se achão inteiramente senhores desta capital, Carlos IV, Fernando VII, toda a Familia Real e alguns Grandes do Reino, são chamados debaixo de diferentes pretextos astuciosos a Bayonna, onde Napoleão tinha vindo para mais facilmente executar os seus projectos. Em vez de ahi encontrarem, no Imperador dos Francezes, hum arbitro das suas contendas, hum defensor

Abdicação  
da Família Real de  
Hespanha.

dos direitos sagrados do Throno, como lho haviaõ segurado, não encontráram os dois Reis senão hum usurpador, que os obrigou a renunciar o Throno de Hespanha. Entre tanto, tinha rebentado em Madrid hum insurreiçãõ, em que houve muito sangue derramado de parte a parte. A perda experimentada tanto pelos Francezes como pelos Hespanhoes, foi representada taõ diversamente, que he difficil acreditar as respectivas relações, que se publicáraõ deste acontecimento. Assim que a notícia desta insurreiçãõ chegou a Bayonna, julgou Napoleaõ que era inutil usar mais tempo de dissimulaçãõ. Tinha primeiro manifestado a intençãõ de restabelecer Carlos IV no seu Throno; mas tendo em seu poder os dois Reis, obrigou-os a hum e outro, a abdicarem a Coroa de Hespanha; e os Infantes D. Carlos e D. Antonio renunciáraõ ao mesmo tempo aos seus direitos ao Throno. Ha quem pertenda, que elle obrigou a Rainha a declarar illegitimo o Principe das Asturias, sem duvida com o fim de attenuar aos olhos dos Hespanhoes, os seus direitos á Coroa. O que podia ao menos resultar de semelhante declaraçãõ, seria a divisaõ da opiniaõ publica entre este Principe e seu Irmão D. Carlos, e excitar dissensões, de que a França tiraria vantagem. A abdiçaõ dos dois Reis, e a renuncia dos Principes foi representada como voluntaria: mas a Europa não o entendeo assim.

Confere-  
se a Coróia  
a José Ro-  
naparte.

Em breve tempo hum decreto do Imperador dos Francezes, convoca hum Junta em Bayonna, a fim de dispôr do Throno de Hes-

panha, que se achava vago. A excepção dos que seguião o partido da França, poucos Hespanhoes assistirão a esta Junta, que não podia deixar de acceder ás vistas occultas do Imperador dos Francezes. Com effeito, o resultado de toda esta intriga, foi que Napoleão conferio a Corôa de Hespanha a seu irmão José Bonaparte, Rei de Napoles, que abdicou a favor de Joaquim Murat, Grao-Duque de Berg. Estes acontecimentos puzerao em toda a evidencia a perfida politica de Napoleão. Desde entao não se duvidou mais, que a supposta conspiração do Principe das Asturias não fosse huma maquinação tramada contra a Hespanha pela influencia de Napoleão, que ali tinha grangeado hum partido para apoiar secretamente as suas vistas. A Familia Real de Hespanha foi conduzida para França, onde experimentou hum odioso captiveiro.

Foi entao que o patriotismo dos Hespanhoes exasperados contra os Francezes, rompeo subitamente em huma insurreição geral. Mostrarao que se não obriga huma nação generosa a receber contra sua vontade hum Senhor e Instituições, que não são da sua approvação; e o provárao pela sua porfiada resistencia aos exercitos Francezes.

Com tudo José Bonaparte foi proclamado em Madrid Rei de Hespanha, com as ceremonias costumadas em taes casos. Todas as Ordens e todas as Auctoridades lhe prestarao juramento de fidelidade; mas a sua residencia nesta capital não foi de larga duração. Os desastres que experimentou hum corpo do exercito Francez, da parte dos patrio-

He proclamado Rei em Madrid.

tas Hespanhoes, que se dirigiaõ sobre Madrid, não annunciavaõ a José Bonaparte hum reinado muito tranquillo; em consequencia do que sahio de Madrid, onde só tinha ficado poucos dias, e se retirou para Vitoria.

Naõ sendo inferior ao patriotismo dos Hespanhoes o dos Portuguezes, estes, depois de algumas acções assaz renhidas, expulsáraõ os Francezes do Porto, que vendo-se obrigados a abandonar Coimbra e outros pontos importantes, se concentráraõ em Lisboa e nos arredores.

Batalha do  
Vimeiro.

A Inglaterra, que tinha tomado a resolução de favorecer os Hespanhoes e os Portuguezes, não tinha tardado a enviar-lhes soccorros. Aproximava-se o momento, em que se havia decidir a sorte do exercito Francez em Portugal. A 21 de Agosto empenhou-se huma acção mortifera no Vimeiro. Os Francezes atacáraõ com impetuosidade a linha Ingleza, que os repellio: cedêraõ por fim, e abandonáraõ o campo da batalha depois de haverem feito a mais viva resistencia. Foi seguida esta acção de huma suspensão de armas, e pouco depois, os generaes em chefe dos dois exercitos assignáraõ em Cintra huma Convenção definitiva, em virtude da qual os Francezes deviaõ evacuar Portugal, com as suas armas, cavallo, munições, artilheria, caixa militar, etc., e serem transportados para França em navios Inglezes, sem nenhuma restricção ou obrigação ulterior.

## CAPITULO VI.

*Negociações de Erfurth. — Derrotaõ os Francezes os Hespanhoes, e tornaõ a entrar em Madrid. — Sitio de Saragoça. — Guerra da Austria contra a França. — Batalha de Wagram. — Tratado de Vienna. — Operações militares em Portugal e em Hespanha. — Abdicação de Gustavo IV, Rei de Suecia. — Invasão dos Ingleses na Hollanda.*

Em quanto os acontecimentos de Hespanha e Portugal chamavaõ a attenção geral, Napoleaõ teve huma conferencia em Erfurth na Allemanha com o Imperador da Russia. O objecto desta conferencia era a pacificação da Europa; os dois Monarcas convidáraõ de commum accordo o gabinete de São James a que cooperasse para ella, porém este achou que não era admissivel a condição, que tinha por objecto excluir das negociações a Junta Suprema Hespanhola, a qual obrando em nome de Fernando VII, recusava reconhecer como Rei a José Bonaparte. Tendo pois a Inglaterra rejeitado a idéa de abandonar os interesses da Hespanha, rompêraõ-se as negociações.

Negocia-  
ções de Er-  
furth.

O exercito Inglez, depois de haver estado algum tempo em Lisboa, poz-se em marcha para Hespanha, e encaminhou-se em diferentes columnas a Salamanca. Napoleaõ com rudo, persistindo no seu projecto de sujeitar

Derrotaõ  
os France-  
zes os Hes-  
panhoes, e  
tornaõ a en-  
trar em Ma-  
drid.

os Hespanhoes, tomou o partido de os hir combater em pessoa. As forças destes estavaõ entaõ divididas em tres partes, formando hum só grande exercito: a ala direita era commandada pelo general Palafox, o centro pelo general Castanhos, e a ala esquerda pelo general Blake. O general Castanhos tinha o commando em chefe. A ala direita dos Francezes estendia-se até o Oceano, a sua esquerda no Aragaõ, e o seu centro no Ebro.

Chegou Napoleaõ a 5 de Novembro a Vitoria, onde encontrou seu irmão José, que para ali se havia retirado. Omittiremos as operações multiplicadas, pelas quaes o Imperador dos Francezes, á frente de hum exercito de veteranos, numeroso, e bem provido, habituado a vencer, e cujas differentes divisões tinhaõ por cabos os mais habéis generaes, derrotou as tropas Hespanholas apenas organisadas, mal armadas, compostas pela maior parte de recrutas, sem disciplina, e disseminadas em huma grande extensaõ de terreno. Bastará dizer, que depois de as haver successivamente derrotado, Napoleaõ forçou a passagem da Somosierra, e se adiantou promptamente sobre Madrid, onde reinava naquella epoca a mais horrorosa confusaõ. As auctoridades constituidas não tinhaõ ali influencia nenhuma, e a cidade estava á mercê de huma plebe furiosa. Os habitantes, que pela sua fortuna tinhaõ interesse na conservaçã da ordem, viaõ-se expostos ao saque, tanto da parte dos Francezes, como da parte daquella plebe desenfreada, que queria resistir á entrada dos inimigos. O general Morla e o



Principe de Castel-franco, que estava á frente da administração, foraõ suspeitos de haverem entregado a cidade aos Francezes.

Senhor da capital, Napoleaõ cuidou logo em marchar contra o exercito Inglez, que se vio obrigado a retirar-se para a Corunha, onde, depois de huma acção sanguinolenta, teve de embarcar-se com a maior celeridade.

Napoleaõ dirigio logo as suas tropas para differentes pontos da Hespanha. Saragoça foi huma das cidades, que logo tratou de sujeitar. As tropas de Castanhos se haviaõ retirado para esta praça, e formavaõ com os habitantes e camponeses dos arredores, hum corpo de cincoenta mil homens, ás ordens de Palafox. Os Francezes, que sitiavaõ esta praça, atacáraõ-na com o maior ardor: em breve tempo a brecha se achou em estado de ser atacada em diversos pontos, e penetráraõ na cidade: muitos dos sitiantes perecêraõ neste assalto: a obstinação dos valerosos Hespanhoes que disputavaõ o terreno, e que haviaõ feito de todas as casas outras tantas fortalezas, fazia parar a cada passo os Francezes, que se viaõ obrigados a fazer voar pelos ares todos os dias, por meio de minas, algumas casas. Da sua parte, os sitiados recorrêraõ ás contra-minas, e esta guerra subterranea foi summamente destructiva. Em quanto combatiaõ nas entranhas da terra, a sua superficie não cessava de ser fulminada pelas baterias. Só a passo e passo, em meio da carnagem, he que os Francezes chegáraõ a senhorear-se de Saragoça; calcula-se em vinte mil homens o numero dos seus bravos defen-

Sitio de  
Saragoça.  
1809.

sores, que foram sepultados debaixo das ruínas desta praça transformada em hum vasto cemiterio. Poucos exemplos offerece a historia de huma resistencia semelhante, que fez para sempre memoravel o sitio desta cidade.

Guerra da **Austria cõ-** Tendo por objecto a sujeição da Hes-  
**tra a França.** panha, tinha Napoleão retirado da Allema-  
nia huma grande parte das suas tropas. Jul-  
gou o Imperador de Austria, que devia apro-  
veitar esta circumstancia para fazer hum pode-  
roso esforço, com o fim de recobrar a sua  
independencia e o seu poder. Principiou este  
Principe as hostilidades sem preceder declara-  
ção de guerra. Todos os ardís da diplomacia,  
que illudindo os credulos, excitão as nações  
humas contra as outras, sem nunca manifestar  
os verdadeiros sentimentos das Cortes e dos  
gabinetes, foram postos em prática da parte  
da Austria e da França, para fazer cargo ao  
seu adversario do odioso da aggressão. As  
communicações entre as duas Potencias não  
respiravaõ senão sentimentos de paz e de boa  
intelligencia. Sem embargo das protestações  
amigaveis dos gabinetes de Vienna e das Tui-  
lerias, nenhum delles tinha confiança no ou-  
tro, e de ambas as partes se faziaõ prepara-  
tivos de guerra formidaveis. Por fim, a tor-  
menta que desde muito tempo ameaçava o  
horizonte politico, rebentou subitamente com  
violencia. Principiáraõ os Austriacos a guerra  
passando o Inn, e apoderando-se de Munich,  
que o Rei de Baviera se vio obrigado a a-  
bandonar á aproximação delles. Publicou logo  
este Principe huma Proclamação, na qual  
queixando-se de que o seu territorio houvesse

sido invadido sem preceder declaração, nem explicação alguma, appellava para a coragem e lealdade dos seus subditos, e reclamava o soccorro do Imperador dos Francezes; este, prompto já a entrar em campanha, partio de Paris para a Allemanha, onde se pôz á frente do seu exercito e do dos Principes da Confederação do Rheno, seus alliados.

Foi esta campanha summamente desastrosa para os Austriacos, que foraõ completamente derrotados em diferentes batalhas campaes, a mais memoravel das quaes foi a de Wagram, dada debaixo dos muros de Vienna. Os numerosos habitantes desta capital, apinhados nas torres, nos telhados e nas alturas, víraõ o espectaculo extraordinario de trezentos para quatrocentos mil homens, combatendo pelos mais importantes interesses. Depois desta derrota, os Austriacos, que já se não achavaõ em estado de disputar o terreno, effectuáraõ a sua retirada, abandonando a Moravia e a Hungria.

Batalha de Wagram.

Creo-se por alguns momentos que o Imperador de Austria perderia a sua Corõa, alcançou porém a paz, a qual lhe foi concedida por hum Tratado assignado em Vienna, a 14 de Outubro, pelo qual se obrigava a suspender toda relação politica e commercial com a Graõ-Bretanha, e a reconhecer todas as mudanças que se tivessem operado ou se operassem em Hespanha, Portugal e Italia. Por este mesmo Tratado, o Imperador de Austria fazia cessão, a favor dos Soberanos da Confederação do Rheno, dos Paizes de Saltzbourg e de Berchtolsgraden com humia parte da Al-

Tratado de Vienna.

ta Austria; ao Imperador dos Francezes, Rei de Italia, o Condado de Goricia, o territorio de Montefalcone, o Governo e a cidade de Trieste, o Circulo de Villach na Carinthia, e todos os paizes situados á direita do Save até á fronteira da Bosnia, assim como a Carniola, huma parte da Croacia, Fiume e o Littoral Hungaro, a Istria Austriaca, etc. Cedia ao Graõ-Ducado de Varsovia, toda a Galicia occidental com Cracovia, etc., e á Russia a parte a mais oriental da Galicia.

Opera-  
ções mili-  
tares em  
Portugal e  
em Hesper-  
nia.

Por este Tratado de Vienna, a Hespanha, depois da retirada dos Inglezes, vio-se obrigada a combater só contra os Francezes: tendo estes penetrado em Portugal pela Galliza, apoderáraõ-se do Porto; mas trinta para quarenta mil Inglezes, desembarcados em Lisboa, sob o commando dos generaes Wellesley e Beresford, obrigáraõ-nos a abandonar inteiramente Portugal, e entráraõ em Hespanha, onde reunindo-se aos Hespanhoes, tomáraõ juntamente com elles, huma forte posição em Talavera, onde se deo huma batalha muito sanguinolenta, cuja victoria foi celebrada por ambos os lados. Com tudo, foi nesta occasião que o general Wellesley recebeu o titulo de Lord Wellington, em recompensa dos serviços que ali fez. Houve outras acções em que os Hespanhoes experimentáraõ perdas assaz consideraveis.

Abdicação  
de Gusta-  
vo IV, Rei  
de Suecia.

Tinha-se effectuado, no Norte da Europa, no principio do anno de 1809, huma revolução importante. Gustavo Adolfo IV, Rei de Suecia, tinha-se empenhado em huma guerra, que os seus recursos lhe não permitiaõ

sustentar contra a Russia. Logo no principio da campanha, os Suecos deraõ mostras do maior valor: mas a pesar dos subsidios da Inglaterra e da presença do almirante Inglez Saumarez, que com a sua esquadra dominava o Baltico, e tinha em respeito a marinha Russa; nem os Francezes, nem as forças da Suecia permittiaõ fazer os esforços que as circumstancias exigiaõ. Os successos dos Russos na Finlandia, causáraõ hum descontentamento que se communicou ao exercito e a todas as classes da nação Sueca. Formou-se contra o Rei hum partido taõ poderoso, que se vio obrigado a abdicar a Corõa; e tendo-se a Dieta reunido em Stockolmo, declarou que Gustavo IV tinha perdido, para si e seus Successores, todo o direito ao Throno. Seu Tio, o Duque de Sundermania, foi nomeado Regente, e depois proclamado Rei. Esta revolução foi seguida de huma tregoa, e pouco depois da paz com a Russia, a quem foi cedida huma parte da Finlandia Sueca. Concluiu a Suecia ao mesmo tempo a paz com a Dinamarca e a França.

Da sua parte, os Inglezes não estavaõ em inacção. Não só Portugal e a Hespanha, mas tambem as Indias Occidentaes, as costas da França e da Hollanda, o mar Baltico e o Adriatico eraõ o theatro das suas operações; mas a expedição mais importante queprehendêraõ, depois da de Portugal e Hespanha, foi a invasão da Hollanda. Com tudo, não alcançáraõ o fim a que se haviaõ proposto, de destruir a esquadra Franceza do Escalda, apoderar-se da ilha de Walcheren;

Invasão  
dos Ingle-  
zes em Hol-  
landa.

e se fosse possível da cidade de Anvers; finalmente, operar huia diversão a favor da Austria, que no momento em que este plano foi concebido, estava empenhada em huma guerra contra a França. Foraõ todavia bem succedidos nos seus ataques contra a ilha de Walcheren, e tomáraõ Flessinga por capitulação. A isto se limitáraõ os successos da sua expedição, e naõ conserváraõ largo tempo esta conquista, tendo-os as doenças obrigado a retirar-se.

## C A P I T U L O VII.

*Successos dos Francezes em Hespanha. — Perde o Papa a sua existencia temporal. — He Bernadotte nomeado Principe Real de Suecia. — Tomada das ilhas de Amboina, de Banda, de França e de Bourbon pelos Ingleses. — O Principe de Galles, Regente de Inglaterra. — Evacuação de Portugal pelos Francezes. — Batalha de Albuhera. — Campanha de Hespanha. — Tomada de Batavia pelos Ingleses. — Tomada de Valença pelos Francezes. — Tomada de Cidade Rodrigo e de Badajoz, por Lord Wellington. — Batalha de Salamanca. — Constituição de Hespanha.*

Successos dos Francezes em Hespanha.

Muitos acontecimentos importantes assignaláraõ o anno de 1810.

Em Hespanha, os Francezes depois de haverem forçado os desfiladeiros da Serra Morena, tomáraõ posse das Provincias de Granada e de Andaluzia.

Em Italia, despoja Napoleão o Papa de toda especie de poder temporal, e reúne á França os Estados da Santa Sé.

Perde o Papa a sua existencia temporal.

Em outro ponto da Europa, a Zelanda, o Brabante Hollandez e todo o territorio comprehendido entre o Mosa e o Wahal, experimenta a sorte dos Estados Romanos.

Quasi pelo mesmo tempo, poz Napoleão em execução hum dos seus grandes projectos: depois de haver dissolvido os vinculos que o uniaõ a Josephina, viuva do Marquez de Beauharnais, casou com a Archiduqueza Maria Luiza, filha do Imperador Francisco II. A cerimonia deste novo casamento teve lugar em París com huma magnificencia extraordinaria. A politica e o interesse da França, que exigiaõ que Napoleão deixasse hum successor, foraõ, segundo entaõ disseraõ, os motivos de semelhante resolução. Persuadiaõ-se que esta alliança com a Casa de Austria, contribuiria para consolidar o seu Imperio e os differentes ramos da sua familia; mas falláraõ todos os calculos a este respeito.

Achava-se entaõ Napoleão no seu mais alto grão de poder. A excepção da Hespanha e de Portugal, todos os Estados do continente da Europa eraõ seus alliados, ou estavam sujeitos ás suas vontades. Occupavaõ os exercitos Francezes as provincias meridionaes de Hespanha, e dispunhaõ-se a fazer o sitio de Cadiz, ao mesmo tempo que ameaçavaõ Portugal: para cobrir este Reino, Lord Wellington fez tomar ao exercito Inglez que elle commandava, huma posição quasi inexpugnavel em Celorico. Os Francezes, comman-

Campanha de Portugal.



dados por Massena, marchando contra elle, fizeram successivamente os sitios de Cidade Rodrigo e de Almeida, que depois de hum vigorosa defeza, se entregáram por capitulação. Então principiou a sua entrada em Portugal: á medida que elles se adiantavam, os habitantes abandonavam os seus lares, levando consigo o que podiam transportar, e destruindo o resto; de modo que o paiz que os Francezes atravessavam, era hum verdadeiro deserto. Lord Wellington tinha-se collocado nas alturas do Bussaco, entre Coimbra e o exercito Francez: e havendo-o Massena atacado nesta posição, foi muito mal succedido na sua tentativa. Foi o combate summamente mortifero, dando os Portuguezes provas de grande valor nesta acção, em que os Francezes foram repellidos com perda de dois mil homens mortos, além de hum grande numero de prisioneiros; e o exercito Anglo-Portuguez teve huns mil e duzentos mortos ou feridos. Algum tempo depois, quatro mil Francezes foram feitos prisioneiros em Coimbra. Depois daquella acção, Lord Wellington se retirou sobre Lisboa, e tomou hum forte posição em Torres Vedras, estendendo a sua direita até o Tejo. Massena se adiantou até o Zézere, e estabeleceu o seu quartel general em Santarem.

Bernadotte he nomeado Príncipe Real de Suecia.

Em quanto Napoleão se occupava seriamente da campanha de Portugal, outro ponto lhe chamou a attenção, em consequencia de hum acontecimento, que pareceo dever firmar e augmentar a influencia do Imperio Francez. A morte repentina, e algum tanto extraordinaria do Principe Carlos de Augustem-

bourg, herdeiro da Corôa de Suecia, tinha produzido algumas perturbações em Stockolmo. Foi a sua morte imputada a hum partido que lhe era opposto. O Conde de Fersen e algumas outras pessoas de distincção, perecerão victimas do furor de huma plebe desenfreada, que os accusava de haverem envenenado este Principe. Com tudo, depois de huma devassa que se tirou a este respeito, não resultou prova nenhuma contra os accusados, visto não terem os medicos descoberto cousa alguma, que confirmasse semelhante suspeita. A morte do Principe Carlos deixava vaga a successão ao Throno da Suecia, porque os filhos de Gustavo IV estavam excluidos della pelo Acto da Dieta, que havia proclamado a expulsão de seu Pai do Throno. Nesta circumstancia, o novo governo entendeu que devia dar estabilidade ao estado vacillante em que se achava, por meio de huma alliança, ou com a França, ou com a Russia. A França exercia então huma preponderancia no continente; a Russia era a alliada da França, a visinha mais poderosa da Suecia. Devião por tanto os dois Imperios ter grande influencia no que dizia respeito á successão ao Throno da Suecia. Depois de differenres negociações, e de hum largo intervallo de incertezas, foi a França quem levou a palma neste negocio; e o Marechal Bernadotte, hum dos generaes mais distinctos de Napoleão, foi nomeado Principe Real de Suecia, com approvação do Rei e da Dieta, e consentimento da Russia. Em consequencia do que, a 2 de Novembro, foi solememente proclamado em Stockolmo, herdeiro do Throno.

Tomada  
das ilhas de  
Amboina,  
de Banda,  
de França e  
de Bourbó,  
pelos In-  
glezes.

Entre tanto, os Inglezes eraõ constantemente victoriosos nas partes as mais remotas do globo. Sujeitaraõ a ilha Hollandeza de Amboina, nas Indias Orientaes; esta conquista foi seguida de outra muito mais importante, a da ilha de Banda. De mais disso, aponderáraõ-se das ilhas de França e de Bourbon, excluindo inteiramente os Francezes dos mares da Africa e da India. Esta acquisição tanto mais importante era para os Inglezes, quanto a ilha de França era muito nociva ao seu commercio nas Indias Orientaes: calculava-se que os seus corsarios lhes tinhaõ feito presas do valor de cinco milhões esterlinos, desde o rompimento do Tratado de Amiens.

O Princi-  
pe de Gal-  
les, Regen-  
te de Ingla-  
terra.

Jorge III, que havia meio seculo occupava o Throno da Graõ-Bretanha, foi, no principio do anno de 1811, atacado de humma enfermidade grave, que junta á sua idade avançada, decidio o Parlamento a conferir a Regencia ao Principe de Galles, seu filho primogenito.

Evacuação  
de Portugal  
pelos Fran-  
cezes.

Em quanto a Hespanha não cessava de ser o theatro, em que de parte a parte se combatia com mais ou menos vantagem, o exercito Francez commandado por Massena, achava-se nas margens do Téjo, havia seis mezes, sem soldo e até sem pão. Era chegado o momento, em que este general, não tendo já outro recurso senão a retirada, vio-se obrigado por falta de viveres a evacuar o Reino de Portugal. Era este o momento que Lord Wellington tinha previsto desde a abertura da campanha; e cada dia hia augmentando a esperanza que tinha concebido de hum feliz re-

sultado. Foi a 5 de Março, que Massena, principiando a evacuação de Portugal, se retirou de Santarem, depois de hum a campanha, em que os seus soldados não tinham recebido nem rações, nem fardamento, nem soldo. A estrada que o seu exercito seguiu na retirada, ficou juncada de artilheria, de carretas, de carros, de bagagens abandonadas, assim como de cadaveres de homens e de cavallos. A pilhagem a mais horrorosa, o incendio, em hum a palavra, todos os generos de excessos se multiplicarão: os Templos, os palacios, as choupanas, as aldêas, as villas e as cidades, a tudo se lançou fogo; os tumulos foram violados; os anciaões, as crianças, mutilados, assassinados; as mulheres des-honradas. Perseguidos continuamente, sem ter o minimo descanso, os Francezes não puderão fazer-se fortes em nenhuma posição. Redinha, Guarda, Almeida, Sabugal, os rios Ceira, Alva, e Coa, não apresentarão obstaculo algum ao exercito que os perseguia. A 9 de Abril evacuáram Portugal as ultimas columnas do exercito Francez.

Durante este tempo, tendo o general Beresford atacado os Francezes perto de Campomaior, repellio-os até ás portas de Badajoz; não tardou a apoderar-se de Olivença, que se rendeu por capitulação; depois investio Badajoz, onde perdeu muita gente nas diferentes sortidas da guarnição desta praça, cujo sitio teve de levantar. Tendo feito a sua junção com as tropas alliadas, esperou os Francezes, que não tardáram a atacá-lo nas margens do rio de Albuhera. Foi muito sangui-

Batalha de  
Albuhera.

nolenta a acção, e os dois exercitos déraõ provas de muito valor. Finalmente, depois de hum combate porfiado, declarou-se a victoria pelos alliados. A perda de gente foi consideravel de ambos os lados. Os Francezes retiráraõ-se para as partes de Sevilha. O general Beresford tendo investido novamente a praça de Badajoz, Lord Wellington se adiantou para cobrir o sitio, e dirigir as operações delle. Mas o exercito dos alliados vio-se obrigado a levantar o sitio desta praça.

Campanha  
de Hespa-  
nha,

No decurso desta campanha, fez-se a guerra em Hespanha com muito vigor, mas sem resultados decisivos. Os Hespanhoes, igualando os Francezes pelo seu valor, e paciencia em supportar as privações e as fadigas, companheiras inseparaveis do officio das armas, eraõ-lhes inferiores quanto á tactica; víraõ as suas operações mais vezes assignaladas por derrotas que por victorias. Tomáraõ os Francezes de assalto a cidade de Tarragona, e fizeraõ huma horrorosa carniceria na guarnição. Muitos revezes que os Hespanhoes experimentáraõ, foraõ fracamente compensadas pela tomada de Santander, de que se apoderáraõ por surpresa; e ainda esta vantagem passageira foi seguida de novas perdas. Os Francezes, depois de hum bloqueio largo e penoso, tomáraõ a importante fortaleza de Figueras, que domina huma das passagens mais difficeis dos Pyreneos. Alcançáraõ naquelle mesmo tempo huma victoria completa sobre o general Abadia, nos arredores de Astorga. O resto da campanha foi para os Francezes huma serie de successos quasi continuos nas differentes provincias.

Em quanto a Hespanha era o theatro de huma guerra muito séria, fazia a Grã-Bretanha a conquista importante de Batavia, capital de todas as possessões Hollandezas nas Indias Orientaes. Esta praça, celebre pelo seu commercio e pela sua opulencia, foi tomada de viva força pelos Inglezes, que fizeram nella alguns cinco mil prisioneiros. O general Jensens, governador de Batavia, fugio para o interior do paiz com huns cincoenta homens de cavallo, reliquias de hum exercito de dez mil homens. Os outros estabelecimentos Hollandezes em Java, não se passou muito tempo que não cahissem em poder da Grã-Bretanha.

Tomada de Batavia pelos Inglezes.

Continuava sempre a guerra em Hespanha: o principio do anno de 1812 foi assignalado pela tomada de Valença, que se rendeu aos Francezes em 9 de Janeiro. A 24, atacáram os Hespanhoes, que occupavam as alturas de Tarragona: depois de hum combate muito porfiado, foram os ultimos esmagados pelo numero dos seus adversarios, e obrigados a retirar-se para as montanhas. Com tudo o general Ballesteros, a 19 de Fyvereiro, derrotou completamente hum corpo de Francezes perto de Cartama.

Tomada de Valença pelos Francezes.

Ao mesmo tempo, nas fronteiras de Portugal, o exercito dos alliados, commandado por Lord Wellington, era empregado em huma serie de operações muito importantes. Em primeiro lugar, depois de hum mez de sitio, tomou de assalto Cidade-Rodrigo, onde experimentou huma perda consideravel: depois, tendo Lord Wellington posto sitio a Badajoz,

Tomada de Cidade-Rodrigo, e de Badajoz por Lord Wellington.

apoderou-se desta praça, cuja guarnição composta de huns quatro mil homens, foi feita prisioneira de guerra. Achou nos arsenaes, trinta e tres peças de artilheria de bronze, dezoito morteiros do mesmo metal, vinte obuzes, e cinco mil quatrocentas e vinte e huma espingardas com as suas baionetas, além de huma grande quantidade de polvora, de balas, de bombas, &c. &c. A conquista desta fortaleza custou aos Inglezes e Portuguezes quatro mil oitocentos e vinte e cinco homens, mortos ou feridos durante o sitio e no assalto.

Batalha de  
Salamanca.

Tendo a tomada de Badajoz deixado a Lord Wellington a faculdade de penetrar na Hespanha, mandou marchar, quasi sem encontrar obstaculos, para Salamanca, as tropas alliadas que commandava. Chegando diante desta praça, atacou a 22 de Julho os Francezes ás ordens do Marechal Marmont; foi muito viva a acção, e terminou com a derrota total dos ultimos, sem embargo da sua vigorosa resistencia: além de hum grande numero de mortos e de feridos que ficárao no campo da batalha, perdêrao muitos officiaes de toda graduacão, e perto de sete mil prisioneiros cahírao em poder dos vencedores, com onze peças de artilheria, duas aguias, e alguns carros. A perda, da parte dos Inglezes e Portuguezes, foi de huns cinco mil e duzentos homens mortos, feridos ou extraviados. Os Francezes perseguidos pelo espaço de alguns dias, passárao o Douro, dirigindo a sua retirada sobre Valladolid e Burgos. Neste meio tempo, o Rei José á frente de hum corpo de tropas, tinha sahido de Madrid, e



tomado posição em Segovia, com o designio de reunir-se a Marmont; porém á chegada de Wellington, abandonou esta cidade, levando consigo a prata das Igrejas e outros objectos preciosos. Depois de tomarem posse de Madrid, os alliados marcháraõ sobre Burgos, de cuja cidade se apoderáraõ: como porém lhes fizesse muita conta senhorearem-se do seu castello, tentáraõ toma-lo de assalto; mas forraõ mal succedidos nesta empreza, que lhes causou huma perda consideravel.

Sem entrar em particularidades, que pertencem á historia militar, bastará dizer, que Lord Wellington tendo-se visto obrigado a retrogradar, estabeleceo de novo o seu quartel general nas fronteiras de Portugal, e que o exercito Francez tornou a occupar Valladolid, Salamanca, e outros pontos.

Depois de ter referido resumidamente as operações da campanha de Hespanha, não nos devemos esquecer de dizer, que neste mesmo anno as Cortes deste Reino publicáraõ em Cadiz a Constituição, que desde algum tempo era o objecto dos seus trabalhos: foi nomeada huma Commissão para apresenta-la á Regencia, que a recebeu com os testemunhos da mais perfeita adhesão, e a jurou solememente.

Constituição de Hespanha.

## L I V R O VI.

Desde a Campanha da Russia em 1812, até á entrada dos Alliados em França, em 1814.

## CAPITULO I.

*Projecto de Napoleão contra a Russia. — Apoderao-se os Francezes da Pomerania Sueca. — Declarao-se a Prussia e a Austria a favor da França. — Parte Alexandre para Wilna. — Parte Napoleão para Dresde. — Negociações infructuosas entre a França e a Russia. — Proclamação de Napoleão. — Proclamação de Alexandre. — Retirao-se os Russos.*

Projecto de Napoleão contra a Russia.

Vamos lançar a vista sobre o Norte da Europa, para onde huma luta importante, entre a França e a Russia, chamava a attenção geral dos politicos. A recusação de Alexandre I de concorrer para o projecto, que tinha formado Napoleão, de excluir os Inglezes do commercio da Europa, servio de pretexto a este ultimo para fazer marchar contra a Russia, não só todas as forças do Imperio Francez, mas tambem as dos Estados que elle obrigara a entrar nas suas vistas. Ha todo motivo para crer que elle se propunha outro fim muito differente, e que não era hum simples interesse de commercio o motivo de tão ardua empreza.

A sua primeira operação, a qual tinha ligação com os seus planos secretos, foi occupar, logo no mez de Janeiro de 1812, a Pomerania Sueca: o objecto desta invasão era sem duvida ter huma garantia da conducta da Corte de Stockolmo, na guerra que meditava. Senhoreárao-se depois os Francezes da ilha de Rugen, e apoderárao-se, para o seu serviço, de todas as embarcações que encontrárao ao longo da costa.

Em tal circumstancia, estavao todos impacientes de ver o partido que a Prussia abraçaria: os Francezes lhe occupavao as suas praças e o seu territorio; a sua alliança com Napoleão era contraria á sua politica, e nociva aos seus interesses. Mas o que causou grande admiração a todos, foi decidir-se ella a favor da França, assignando hum Tratado de alliança defensiva e offensiva contra as Potencias da Europa, com as quaes alguma das Partes contractantes estivessem em guerra. Ao mesmo tempo, por hum Tratado concluido entre a França e a Austria, cada huma destas duas Potencias forneceria áquella que fosse atacada, hum soccorro de trinta mil homens; e como Napoleão se dizia entao ameaçado pela Russia, alcançou este numero de tropas, cujo commando foi dado ao Principe de Schwartzemberg.

Logo no mez de Abril, puzerao-se em marcha para as froteiras da Polonia, exercitos de todas as nações, commandados por Francezes. A 20 passárao o Vistula em numero de oitenta mil homens, e occupárao Elbing e Koenisberg.

Apoderao-  
se os Frã-  
cezes da  
Pomerania  
Sueca.

Declarao-  
se a Austria  
e a Prussia  
a favor da  
França.

Parte Alexandre pa-  
ra Wilna.

O Imperador Alexandre, tendo sahido da sua Capital, chegou a Wilna a 26 com os seus Ministros e com o seu Estado maior. Estava segundo se dizia resolvido a repellir os ataques dos Francezes. Aconselhárao-lhe porém que não arriscasse batalha, pela razão que Napoleão não deixaria de penetrar ávan-te, em paizes selvagens, que durante a esta-ção rigorosa seriao a sepultura do seu exer-cito.

Parte Na-  
poleão pa-  
ra Dresde.

O Imperador dos Francezes, acompa-nhado da Imperatriz sua Esposa, tendo sahi-do de Paris a 9 de Maio, dirigio-se a Dres-de. Em todo o caminho pela Saxonia tinhao disposto, a pouca distancia huns dos outros, montes de lenha, que accendiao assim que elle apparecia. Atravessando deste modo a Sa-xonia, pareceo que chegava a Dresde em meio de fogos de regozijo. Em quanto se de-morou nesta capital (diz o Auctor de huma Historia da Campanha da Russia) occupou a parte principal do palacio. Jamais a Corte de nenhum Potentado apresentou tanto fasto e magnificencia. A sua grandeza tinha adquiri-do tal gráo de elevação, que despresando as homenagens vulgares, não queria senão Reis por cortezaos. Em huma palavra Napoleão era o Rei dos Reis, o verdadeiro Imperador da Europa. Tinhao todos fitos os olhos nel-le; os embaixadores, os generaes, os cama-ristas, os escudeiros, em fim os correios, cru-zando-se em diversas direcções, e sendo por-tadores dos destinos de tantos povos diversos, formárao o quadro mais vasto, mais extraor-dinario, e tanto mais digno de observação,

quanto as consequencias provárao quaõ visinhos estaõ da sua quèda os Principes orgulhosos, quando chegados ao alto periodo da sua gloria, querem ainda passar além dos seus limites!

Tendo Napoleaõ sahido de Dresde chegou a Dantzick a 27 de Junho. Parece que naquella epoca havia negociações entre os dois Imperadores. Publicou a Corte de França diferentes peças, relativamente ás causas da desavença entre estes Soberanos: era a primeira huma Nota com a data de 25 de Abril, dirigida pelo Duque de Bassano ( Maret ) ao Conde de Romanzoff. Nella se queixava o Ministro Francez de que a Russia tinha faltado ás clausulas do Tratado de Tilsitt, e ao empenho que contrahíra de fazer causa commum com a França contra a Inglaterra: citava, entre os motivos de queixa da França, o Ukase do Imperador Alexandre, pelo qual abria os portos dos seus Estados ás producções das Colonias Britannicas, importadas em bandeira neutra, mas pertencentes a Inglezes, e a opposição da Russia á reuniaõ do Ducado de Oldembourg á França, reuniaõ que era indispensavel depois que a França possuia as Cidades Anseaticas e o seu territorio. Seguia-se huma Nota do Principe Kourakin, Embaixador da Russia em Paris, dirigida ao Duque de Bassano, na qual a existencia da Prussia e a conservação da sua independencia, eraõ declaradas como indispensaveis aos interesses do Imperador Alexandre: em consequencia, a base da negociação devia ser a evacuação da Prussia e das suas praças

Negociações infructuosas entre a França e a Russia.

fortes pelos Francezes, e hum concerto satisfactorio entre a França e a Suecia; dizia-se mais, que debaixo destas condições, far-se-hiaõ regulamentos relativos ao commercio, e que a este respeito se adoptaria hum systema semelhante ao da França, com tanto que não fosse contrario ao commercio da Russia. Não tendo as negociações podido conciliar os dois Imperadores, deo Napoleaõ ordem ao seu exercito de passar o Niémen. A Proclamação seguinte aos seus soldados, foi a unica declaração de guerra que sahio a publico.

Proclamação de Napoleaõ.

“ Soldados. A segunda guerra da Polonia está começada; a primeira terminou em Friedland e Tilsitt: em Tilsitt, a Russia jurou eterna alliança á França, e guerra a Inglaterra. Hoje falta aos seus juramentos! Não quer dar explicação alguma da sua estranha conducta, sem que os Francezes se retirem além do Rheno, deixando deste modo os nossos alliados á discrição della. ”

“ A Russia he arrastada pela fatalidade. Devem cumprir-se os seus destinos. Julga-nos ella a caso degenerados? Não seriamos já os soldados de Austerlitz? Collocamos entre a deshonra e a guerra. A escolha não póde ser duvidosa. Marchemos pois ávante. Passemos o Niémen: levemos a guerra ao seu territorio. A segunda guerra da Polonia será gloriosa aos exercitos Francezes, como o foi a primeira; mas a paz que concluirmos, trará consigo a sua garantia, e porá hum termo a funesta influencia, que a Russia de cincoenta annos a esta parte, tem tido nos negocios da Europa. ”

Os Francezes e os seus alliados formando nove divisões, passáram immediatamente o Niémen sem opposição, e logo se apoderáram de Kowno.

Retira-se  
os Russos.

Assim que teve esta noticia, publicou Alexandre huma Proclamação, que pelo tom de nobreza que a caracteriza, fazia hum contraste muito notavel com a de Napoleão, cheia de jactancia e de presumpção: era concebida nestes termos:

*Wilna, 25 de Junho de 1812.*

« Muito tempo ha que tinhamos observado, da parte do Imperador dos Francezes, procedimentos hostis para com a Russia; mas tinhamo-nos sempre lisonjeado, que os desviariamos por meios conciliatorios e pacificos. Em fim, vendo a renovação contínua de offensas manifestas, sem embargo do desejo que tinhamos de conservar a tranquillidade, vimo-nos obrigados a completar e reunir os nossos exercitos. Lisonjeavamo-nos com tudo de alcançar ainda huma reconciliação, conservando-nos nas fronteiras do nosso Imperio, sem violar o estado de paz, e sómente promptos a defender-nos. Todos estes meios conciliatorios e pacificos não pudéram conservar a paz que desejavamos. O Imperador dos Francezes, atacando subitamente o nosso exercito em Kowno, foi o primeiro que declarou a guerra. Vendo por tanto que cousa nenhuma o póde fazer accessivel ao desejo de conservar a paz, nada mais nos resta, invocando em nosso soccorro o Omnipotente, teste-

Proclamação de Alexandre.



munlia e defensor da verdade, senão oppôr as nossas forças ás forças do inimigo. Não he necessario lembrar aos Commandantes, aos Chefes de corpos e aos soldados, o seu dever e seu valor; o sangue dos valerosos Slavonios corre em suas veias. Guerreiros, vós defendeis a Religião, a Patria e a Liberdade! eu estou convosco. Deos he contra o aggressor.”

Entre tanto, Napoleão adianta-se com forças que eraõ superiores ás de Alexandre; por cujo motivo os Russos, não podendo cuidar senão em fazer huma guerra defensiva, abandonáraõ, á aproximação dos Francezes, Wilna, capital da Lithuania. Como as particularidades desta campanha memoravel, que só são interessantes para huma Historia militar, não podem ter aqui lugar, não nos applicaremos senão a dar a conhecer os principaes acontecimentos desta guerra.

## C A P I T U L O II.

*Tomada de Smolensk. — Batalha do Moskova. — Incendio de Moskou.*

Tomada de Smolensk. Quanto mais os exercitos Francezes se adiantavaõ no territorio inimigo, maior resistencia encontravaõ: déraõ-se varias acções mortíferas, sem dellas resultar vantagem decisiva. O primeiro combate em que os Russos oppuzeraõ huma resistencia vigorosa, foi em Smolensk, cidade situada na estrada de Moskou. Tendo-se os Francezes apoderado das

alturas, que dominaõ esta praça, atacáraõ os inimigos que se haviaõ encerrado nella. Em consequencia de hum combate sanguinolento, foi entregue ás chammãs por estes ultimos, que a abandonáraõ aos seus vencedores. Este acontecimento dá a conhecer os extremos, de que he capaz hum povo resolvido a não sujeitar-se a huma dominação estrangeira. Entráraõ os Francezes nesta cidade, não caminhando de todos os lados senão sobre ruínas ou cadaveres; os palacios ainda abraçados não apresentavaõ á vista senão paredes chamuscadas; e nas suas ruínas encontravaõ-se os esqueletos dos habitantes, que o fogo tinha consumido. As poucas casas que restavaõ, estavaõ atulhadas de soldados, e ás portas dellas os proprietarios sem asilo, que com huma parte das suas familias, choravaõ a morte de seus filhos e a perda da sua fortuna. As Igrejas he que unicamente offereciaõ algumas consolações aos infelices, que não tinhaõ já abrigo. A Cathedral, célebre na Europa, e muito venerada pelos Russos, foi o refugio dos desgraçados que escapáraõ ao incendio. Nesta Igreja, e junto dos altares, achavaõ-se familias inteiras deitadas sobre miseraveis trapos; de hum lado via-se hum ancião expirando, que punha pela ultima vez os olhos no Santo, a quem toda a sua vida invocára; do outro, infelices crianças no berço, a quem a triste mãi abatida pela adversidade, dava de mamar inundando-as de lagrimas. Tal era o triste espectáculo que offerecia a cidade de Smolensk, quando os Francezes ali entráraõ, a 19 de Agosto. Moskou foi entãõ o ponto a que elles se dirigíraõ.

Batalha de  
Moskowa.

A fim de cobrir esta capital, tomáram os Russos huma forte posição perto do rio Moskowa, onde a 7 de Setembro se deu huma das acções as mais sanguinolentas. Combateo-se de parte a parte com o maior encarniçamento, desde a manhã até á noite. Esta batalha memoravel conhecida com o nome de Moskowa, foi chamada pelos Russos batalha de Borodina. Ambos os partidos se attribuíram a victoria; mas desesperando de poder conservar a sua posição, estes ultimos, durante a noite, tomáram o partido de retirar-se.

Incen-  
dio de Mos-  
kou.

Partíram logo os Francezes em seguimento dos seus inimigos; e em meados de Setembro entráram em Moskou, que acháram abandonada. Com tudo, Raptopchin, governador desta antiga capital dos Czares, querendo fazer hum derradeiro esforço, tinha armado tres ou quatro mil malféitores tirados das prisões, assim como hum grande numero de gente que os seguia. A vanguarda dos Francezes, chegada ao meio de Moskou, foi recebida com descargas de mosquetaria, que partio da fortaleza chamada o Kremlin. Tendo aquella vil gentilha sido dissipada, estabeleceo Napoleão o seu quartel general nesta antiga e singular fortaleza, de cuja sorte julgavam os Moscovitas que dependia a conservação do seu Imperio. Entre tanto, tendo-se lançado fogo á cidade, não tardáram os Francezes a ver se rodeados de ruinas fumegantes, e privados de todos os recursos que Moskou poderia offerecer-lhes, a não ser esta desgraçada circumstancia. Como os

bulletins Francezes fazem menção, de huma maneira obscura e contradictoria, do incendio desta cidade, não parece fóra de proposito observar, que estas relações não só differem das que os Russos publicárao officialmente, mas ainda, relativamente a muitos factos, contem particularidades tao improvaveis, que não he possivel possaõ illudir a todo o homem de bom senso, que julga das cousas com imparcialidade. Hum acontecimento tal como este, que pela sua natureza e pelas suas consequencias não tem exemplo na Historia, bem merece que se lhe investiguem as suas differentes circumstancias. Os Francezes, segundo o seu *vigesimo bulletin*, achárao no arsenal de Moskou, sessenta mil espingardas novas, e cento e vinte peças de artilheria; tinhaõ com fatura paõ, batatas, carnes salgadas, vinho, aguardente, assucar, café, e até pelissas e fórros para o inverno, que se descobrírao nos subterraneos, onde estes objectos estavaõ ao abrigo do fogo; ao mesmo tempo que, segundo as relações da Russia, tudo quanto se continha nos arsenaes, assim como todos os effeitos preciosos, tinha-se tirado e conduzido para fóra. Com effeito deve admirar, que os Russos decididos a evacuar Moskou, não tivesssm tomado medida alguma para transportar a sua artilheria, e sobre tudo, que sessenta mil espingardas fossem abandonadas ao inimigo, n'hum momento em que a Russia tanta maior precisão tinha de armas para as suas novas levas, quanto de Inglaterra lhe foraõ expedidas grande quantidade dellas. Diz tambem o *vigesimo*

*bulletim* dos Francezes, que os Russos não quizerão evacuar cousa alguma, porque entendião que os Francezes nunca penetraião em Moskou, e porque era sua intenção enganar o povo. Quanto aos aprovisionamentos achados nos subterraneos, deve-se observar que o tempo ainda estava quente, e que a estação em que se fazem as provisões para o inverno, ainda não era chegada, quando os Francezes tomaraõ posse de Moskou. Não he senão em meados de Outubro, pouco antes da cahida das neves, que os habitantes se occupão deste cuidado: antes deste tempo, a cidade não tem viveres senão para o consumo diario dos habitantes: quanto ao vinho e á aguardente, as classes medias e inferiores não fazem provisão; e he de crer que as classes superiores tivessem levado tudo quanto possuissem deste genero, visto que os Francezes e os Russos concordão em dizer, que os habitantes principaes tinhaõ abandonado a cidade. Além de que, nenhuma certeza ha quanto á causa do incendio de Moskou. Napoleão attribuiu o unicamente ao governador Raptopchin. Esta opiniaõ foi geralmente adoptada, e este acontecimento foi considerado como hum acto do mais acrisolado patriotismo. Os Russos porém attribuíraõ a destruição da sua cidade aos Francezes, que segundo dizem, foraõ os que queimaraõ a maior parte della. Com tudo, dir-se-ha, se Raptopchin mandou lançar fogo á cidade, a fim de privar o exercito Francez de recursos, deve parecer estranho, que não mandasse tirar logo as armas dos arsenaes, e destruir as pro-

visões de viveres: o que teria podido fazer immediatamente antes da entrada do inimigo. Examinando com imparcialidade este acontecimento, parece que Moskou foi incendiada pelos Russos, e não pelos Francezes; mas não se pôde assegurar que fosse por ordem de Raptopchin. Talvez que depois da partida dos principaes habitantes, as classes baixas do povo, vendo-se abandonadas a si mesmas, se entregassem á pilhagem, e lançassem o fogo sem que para isso tivessem recebido ordem alguma.

## CAPITULO III.

*Moskou abandonada pelos Francezes. — Retirada desastrosa do exercito Francez. — Paz entre a Russia e a Porta. — Nova Constituição da Sicilia. — Guerra entre a Inglaterra e os Estados-Unidos.*

O incendio de Moskou foi todavia mais desastroso para os Francezes que para os Russos. Tinha-se Napoleão persuadido, que estando senhor desta capital, seria o arbitro do Imperio da Russia; mas enganou-se nas suas esperanças. Vendo que não estava em segurança nesta cidade, cuja ruina parecia inevitavel, abandonou-a, dando ao mesmo tempo ordem aos seus generaes que sahissem. Então a licença não teve já freio algum; não sendo as tropas já contidas pelo temor que inspira a presença dos chefes, entregárao-se a todos os excessos imaginaveis: nenhum asi-

Moskou abandonada pelos Francezes.

lo foi seguro, nenhum lugar por sagrado que fosse pôde escapar ás suas avidas pesquisas. Porém cousa nenhuma devia excitar tanto a cubiça, como a Igreja de São Miguel, destinada á sepultura dos primeiros Imperadores da Russia. Huma falsa tradição era parte para que se acreditasse, que ali se achavaõ riquezas immensas. Nesta persuasão, penetraõ os soldados na Igreja, e com archotes nas mãos, descem aos vastos subterraneos, para perturbar a paz e o descanso das sepulturas. Em vez de thesouros não encontraõ mais que tumulos de pedrá, cobertos de veludo, e de chapas muito delgadãs de prata, nas quaes se liaõ os nomes dos Czares, o dia do seu nascimento e o da sua morte. Descontentes de verem frustradas as suas esperanças, profanáraõ as cinzas dos mortos, e arrebatáraõ as offrendas consagradas á piedade, menos preciosas em si mesmas, que pelos sentimentos de que saõ o penhor.

Com todos os excessos da avareza combináraõ todas as depravações da dissolução: nem a nobreza do sangue, nem a candura da mocidade, nem as lagrimas da formosura, foraõ respeitadas: licença cruel, mas inevitavel em huma guerra monstruosa, em que dezasseis nações reunidas, differentes em costumes e idioma, julgavaõ ser-lhes tudo permitido, na persuasão que as suas desordens não seriaõ nunca attribuidas senão a huma dellas.

Para terminar o quadro desta scena horrosa, e para pintar o aspecto que apresentava Moskou no momento da sahida dos Francezes, o melhor que podemos fazer he co-



piarmos as palavras de huma testemunha ocular, que se exprime nestes termos: Não se distinguiaõ os lugares, onde tinhaõ existido casas, senaõ por alguns pilares de pedras calcinadas e denegridas. O vento que soprava com violencia, formava hum mugido semelhante ao que produz o mar agitado, e fazia cahir sobre nós, com espantoso fracasso, as enormes laminas de ferro, que cobriaõ os palacios. De qualquer lado que se lançassem os olhos não se viaõ mais que ruinas e hum oceano de flammæ. Pegava o fogo, como se fosse communicado por maõ invisivel; bairros immensos se incendiavaõ, ardiaõ e desappareciaõ ao mesmo tempo.

A travez de huma densa fumarada, apresentava-se huma fileira comprida de carros, todos carregados de despojos, e que por estarem as ruas entulhadas de destroços e ruinas, viaõ se obrigados a parar a cada passo; ouviaõ-se os gritos dos carreiteiros, que receando morrer queimados, davaõ, para avançarem, gritos espantosos; não se via por toda a parte senaõ homens armados, que sem embargo de irem em retirada, arrombavaõ as portas, como se se receassem deixar alguma casa intacta; e se se lhes apresentavaõ novos objectos preferiveis aos que já tinhaõ em seu poder, abandonavaõ os primeiros, para lançarem maõ dos ultimos; muitos, a pesar de terem carros bem carregados, levavaõ ás costas o resto do que tinhaõ roubado; mas o incendio, obstruindo a passagem das ruas principaes, obrigava-os a voltar para traz. Andavaõ errantes deste modo, buscando em hu-

ma cidade immensa, que não conheciaõ, huma sahida favoravel para escapar a este labyrintho de fogo. Viaõ-se muitos que se desviavaõ, em vez de se aproximarem ao pequeno numero de portas por onde se podia sahir, morrendo desta maneira muitos, que foraõ victimas da sua cubiça. A pesar deste grande perigo, a sede das riquezas fazia com que affrontassem todos os perigos; os soldados excitados pelo ardor do saque, precipitavaõ-se em meio de vapores abrazados, por entre as armas reluzentes; caminhavaõ sobre o sangue, calcavaõ aos pés os cadaveres, em quanto as ruinas e os tições em braza lhes cahiaõ sobre os braços homicidas; teriaõ todos perecido talvez, se hum calor insupportavel os não obrigasse por fim a recolher-se ao seu campo.

Retirada  
desastrosa  
do exercito  
Francez.

Sahindo de Moskou, tinhaõ-se os Fran-  
cezes retirado para os arredores de Peterskoe  
(\*), onde ficáraõ quatro dias (17, 18, 19  
e 20 de Setembro), depois dos quaes voltáraõ  
para aquella desgraçada cidade, de que já não  
restava mais de huma decima parte das casas.  
Com tudo, os Russos tendo-se apresentado  
em força entre Moskou e Kaluga, para co-  
brir as Províncias meridionaes, puzeraõ a Na-  
poleaõ em grande aperto, o qual achando-se  
em huma posição penosa, vio-se obrigado a  
reconcentrar as suas forças. Não podia mar-  
char sobre Petersbourg, sem attrahir sobre a  
sua retaguarda o exercito Russo, e correr o  
risco de ver cortada toda a communicação com

---

(\*) Palacio Imperial.

a Polonia. Não podia também adiantar-se para o Volga; pois que novas invasões sobre este ponto não podião ter outro resultado, senão enfraquece-lo e desvia-lo dos seus recursos. Achava-se o exercito Francez em huma posição muito crítica, visto que acampado sobre as estradas de Twer, de Jaroslaw, de Wladimir, de Riasan, e de Kaluga, via-se sempre obrigado a permanecer em Moskow, investido de todas as partes, com pouca cavallaria, e tendo de fazer face a huma linha, que formava hum circulo de algumas cem legoas de circumferencia. A penuria e o descontentamento dos soldados augmentavaõ todos os dias: o futuro era medonho. Vendo-se na impossibilidade de permanecer mais tempo em Moskow, tomou Napoleão o partido de abandonar esta cidade a 18 de Outubro. Tendo deixado hum corpo de tropas no Kremlin, a fim de proteger a sua retirada, poz em movimento o seu exercito, que foi vivamente accossado por hum inimigo exasperado. Para cumulo de desgraças, teve de supportar os frios de hum inverno rigoroso, que começou por neves abundantes. O thermometro chegou a 16 e 18 grãos abaixo do gelo. Os soffrimentos do exercito foraõ horrorosos; as perdas em todo genero, prodigiosas. Os cavallos morrião em tão grande numero, que a maior parte da artilheria ficou atraz, e a cavallaria quasi toda desmontada. Corpos inteiros de tropas, extenuados do frio e da fome, rendêraõ-se sem resistencia aos Russos, que os perseguiaõ sem deixar-lhes o minimo descanso. Por fim, chegou o exercito Francez a Wilna, donde Na-

poleão partio a 5 de Dezembro, dirigindo-se com a maior celeridade possível para França, por Varsovia, Dresde e Leipsick. Além da sua segurança pessoal, razões politicas exigião a sua volta a Paris, onde chegou a 18. Vendendo que não era já possível illudir os Francezes relativamente aos infelices successos das suas armas, julgou a sua presença necessaria na capital, para suffocar a murmuração do público, evitar ou atalhar todo movimento de insurreição, e preparar-se para hum nova campanha. Huma conspiração contra o seu governo tinha rebentado na sua ausencia, no mez de Outubro. Os generaes Mallet, Lahorie e outros, eraõ os seus principaes chefes; mas foi em breve suffocada.

Não tardou o exercito Francez a abandonar Wilna, deixando na sua retirada hum quantidade consideravel de artilheria, carros e bagagens. Segundo as relações dos Russos, a sua perda total, até 26 de Dezembro, era de quarenta e hum generaes, perto de mil e trezentos officiaes, e cento e sessenta e hum mil e quinhentos soldados, e mais de mil e cem peças de artilheria. Se a isto se ajuntar setenta mil homens e quarenta mil cavallos mortos de frio, de fome ou de fadiga, será facil convencer-se, que os desastres desta retirada foraõ inauditos. Verdade he que sempre ha exaggeração em taes avaliações; mas nesta circumstancia, deve-se crer que as relações dos Russos não se apartavaõ muito da verdade; pois não ha dúvida que o exercito Francez, o mais formidavel que jámais entrasse em campanha, foi quasi inteiramente aniquilado.

No principio deste anno (em Fevereiro), tinha a guerra principiado de novo entre a Russia e a Turquia; mas as operações não foram vivas por causa do apuro em que se achavam as partes belligerantes; e a Cortê de Petersbourg precisava de todas as suas forças para fazer frente ao inimigo, que lhe tinha invadido os seus Estados. Tendo entrado em negociação, assignaram as duas Potencias hum Tratado, cujos principaes artigos eram relativos aos limites, que se deviam fixar dos respectivos territorios. O Pruth desde a sua entrada na Moldavia, até a sua confluencia com o Danubio, e a margem esquerda do Danubio até á embocadura deste rio em Kilia, foram declarados os limites dos dois Imperios na Europa: a Porta cedeo ao mesmo tempo á Russia todas as cidades e districtos á esquerda do Pruth.

Paz entre  
a Russia e  
a Porta.

Hum acontecimento notavel attrahio a Nova Constituição da Sicilia.  
atenção pública para outro ponto da Europa. A Sicilia, que desde tempo immemorial estava sujeita a hum governo arbitrario, experimentou em meados deste anno huma reforma pública. A vassalagem e outros vestigios do feudalismo foram abolidos, e estabeleceu-se huma Constituição, a que servio de modelo a de Inglaterra. Operou-se esta mudança por influencia da Graõ-Bretanha. O Rei Fernando IV vio-se obrigado a abdicar a favor de seu filho; e a Rainha Carolina, que estava á frente de hum partido opposto a esta mudança, foi mandada para hum retiro, com prohibição de vir a Palermo, onde houve hum sublevação: o que prova que a nova Cons-

tuição não era do gosto de toda a gente, como o dava então a entender o gabinete Britannico.

Guerra  
entre a In-  
glaterra e  
os Estados-  
Unidos.

Alguns annos havia que a Inglaterra e os Estados-Unidos estavam, por assim dizer, em estado de hostilidade. Tinhaõ tido lugar algumas negociações, e para aplanar as vias de huma composição, offereceo o gabinete de Londres fazer aquellas concessões, que fossem compatíveis com os direitos maritimos reconhecidos por todas as nações. Com tudo, foraõ interrompidas as negociações pelo Congresso, que declarou a guerra á Graõ-Bretanha. Tinhaõ os Americanos suas vistas sobre o Canadá, e a sua primeira operação teve por objecto apoderar-se deste paiz; foraõ porém mal succedidos nesta empreza. O general que commandava as suas tropas depoz as armas, tendo-se visto obrigado a capitular; mas este revez experimentado em terra pelas armas Americanas, foi de alguma sorte compensado pelos seus felices successos no mar.

#### C A P I T U L O IV.

*Guerra de Hespanha. — Batalha de Vitoria. — Sitio de Tarragona. — Tomada de S. Sebastião. — Entra Lord Wellington em França.*

Guerra de  
Hespanha.

No fim do anno, estava o exercito Francez acantonado nos arredores de Salamanca e de Valhadolid, e occupava differentes postos sobre o Téjo. O Rei José estava em Madrid, e o Marechal Soult em Toledo.

Em Fevereiro de 1813, os Francezes que tinhaõ tomado posicaõ da parte do alto Tormes, foraõ repellidos com perda pelo general Hill, que marchou sobre Placencia.

De outra parte, Sir John Murray, que estava em Alicante com hum corpo de tropas alliadas, forçou a posicaõ dos Francezes em Alcoy, e penetrou no paiz. Este movimento obrigou Suchet a sahir de Valença, o qual marchou sobre Villena, de cujo castello se apoderou, assim como da guarnicaõ Hespanhola, e atacou depois a linha dos alliados, que o repelliraõ com perda consideravel, e o obrigáraõ a recolher-se a Villena.

Nos fins de Maio, sahindo Lord Wellington dos seus quartéis de Freineda, marchou sobre Salamanca, e dirigio o seu exercito para Toro, perseguindo os Francezes, que tinhaõ abandonado o Téjo e Madrid, assim como Valhadolid: a sua ala direita, commandada pelo general Hill, foi reconhecer a sua posicaõ junto de Burgos, que elles evacuáraõ para retirar-se sobre o Ebro. Depois de ter passado este rio, o exercito dos alliados marchou sobre Vitoria, onde os Francezes commandados pelo Rei José e pelo Marechal Jourdan, tinhaõ tomado posicaõ.

Ali, os Inglezes tendo-se apoderado de algumas alturas occupadas pelos Francezes, empenhou-se hum a acção mui viva, em consequencia da qual estes ultimos se puzeraõ em retirada taõ precipitadamente, que naõ puderam levar nem a sua artilheria nem as suas bagagens. Cento e cincoenta peças de artilheria, e mais de quatrocentos carros cahiraõ em po-

Batalha de Vitoria.



der dos vencedores. A perda de homens foi muito consideravel da parte dos vencidos, tanto no campo da batalha como na retirada. Retirárao-se os Francezes por Pampelona, seguindo a estrada de Roncesvalhes. Em fim, expulsos de todas as suas posições, passárao o Bidassoa pela ponte de Irun, e entrárao em França.

Sitio de  
Tarragona.

Na parte oriental de Hespanha, tendo o general Inglez Murray investido Tarragona, vio-se obrigado, ao aproximar-se Suchet, a retirar-se, deixando a sua artilheria nas baterias. Mas tendo este ultimo evacuado depois Valença, onde entrárao os Hespanhoes commandados por Elio, retirárao-se os Francezes. Entao principiou novamente o sitio de Tarragona Lord Bentinck, que tinha tomado o commando do exercito Inglez naquelle paiz. Suchet, para soccorrer esta praça, adiantou-se sobre Villafranca. Este movimento fez com que o general Inglez suspendesse as operações do sitio, e obrigou-o a retroceder. Os Francezes fizerao depois saltar as fortificações de Tarragona, e retirárao-se.

De outro lado, tendo o Marechal Soult, nomeado entao commandante em chefe das tropas Francezas, reunido as duas alas do seu exercito, e huma parte do seu centro, formando tudo huns quarenta mil homens, atacou hum posto Inglez em Roncesvalhes, e alcançou huma vantagem completa. Tiverao successivamente lugar differentes combates, com perda de parte a parte.

Tomada  
de S. Sebastião.

Naquelle mesmo tempo, os alliados commandados pelo general Graham, tomárao

de assalto S. Sebastião, praça importantíssima, que se defendeo vigorosamente. Neste assalto tiverão huns dois mil e quinhentos homens mortos ou feridos.

Entrou logo Lord Wellington em França (a 7 de Outubro), atravessando o Bidas-  
soa. A praça de Pampelona, que se achava bloqueada desde a batalha de Vitoria, foi obrigada a render-se (a 31 de Outubro) por capitulação aos Hespanhoes, e a guarnição ficou prisioneira de guerra. Deo então o general Inglez á execução hum plano, que tinha formado contra as tropas Francezas, que lhe faziaõ frente; o qual era forçar o seu centro, e estabelecer o exercito alliado por detraz da sua direita. Para este effeito, atacou-os em differentes columnas, e depois de differentes combates, que tiverão lugar durante todo o dia, ficou victorioso de tarde. Os Francezes aproveitáraõ-se da noite para abandonar as suas fortificações e os seus postos adiante de São João da Luz, e dali re retiráraõ para diante de Bayona. O resultado foi, que depois de differentes combates, o exercito de Lord Wellington tinha penetrado, no fim do anno, em o territorio da França.

Entra Lord Wellington em França.

## CAPITULO V.

*Os Prussianos abandonão a França, e fazem alliança com a Russia. — Adiantão-se os Russos em Allemanha. — Batalha de Gross-Goerschen. — Tratado concluido pela Suecia com a Inglaterra e a Russia.*

Os Prussianos abandonão a França, e fazem alliança com a Russia.

Neste mesmo tempo, tinhaõ lugar no Norte da Europa acontecimentos extraordinarios. Os Prussianos, como alliados dos Francezes, tinhaõ obrado particularmente nas costas do Báltico; tinhaõ-se empregado no sitio de Riga. Quando os Francezes se retiráraõ de diante desta praça, o general Russo Witgenstein, que se adiantava ao longo do Niémen, alcançou separar delles hum corpo de quinze mil Prussianos, commandados pelo general York, que assignou huma Convenção, em virtude da qual devia ficar neutro com as tropas que commandava. O Rei de Prussia, que se achava em Postdam, em poder da guarnição Franceza de Berlin, vio-se na necessidade de fingir que desapprovava a conducta do seu general, com o qual estava sem dúvida de intelligencia. Witgenstein, perseguindo os Francezes, entrou (a 6 de Janeiro), sem encontrar obstaculo, em Kœnisberg. Elbing, Marienbourg e outras cidades do Reino de Prussia, foraõ successivamente abandonadas pelos Francezes, e occupadas pelos Russos, que tiveraõ ao mesmo tempo differentes combates com os Saxonios e os Austriacos. Hu-

ma Regencia estabelecida em Koenisberg, em nome do Rei de Prussia, publicou huma Proclamação, que convidava o povo em soccorro do seu Principe e da sua patria, para livra-los dos Francezes. Grande numero de moços foraõ juntar-se ás tropas do general York. Nos fins de Janeiro, o Rei de Prussia sahio de Postdam para retirar-se a Breslau, onde publicou diversas Proclamações, que chamavaõ os Prussianos ás armas, mas sem designar o inimigo que tinhaõ de combater.

Com tudo, os Russos continuavaõ a a- Adiantaõ.  
diantar-se com o seu Imperador, que estava se os Rus-  
á frente do principal corpo de exercito. A 8. sos em Al-  
de Fevereiro entráraõ em Varsovia; investiraõ lemanha.  
Dantzick e Thorn, e Alexandre entrou em Polotzk. Por este mesmo tempo, os Austriacos concluíraõ huma tregoa illimitada, e se retiráraõ para a Galicia. Da sua parte, os Saxo-nios recolhêraõ-se ao seu paiz; mas foraõ perseguidos, e grande numero delles ficou prisioneiro. O Rei de Prussia, fazendo entaõ o papel de Medianeiro entre as Potencias belligerantes, propoz (a 15 de Fevereiro) huma tregoa, que não teve lugar; oito dias depois, concluiu com Alexandre hum Tratado de alliança offensiva e defensiva; e no mez de Março, tiveraõ os dois Soberanos huma conferencia em Breslau, donde o Rei de Prussia dirigio hum Manifesto aos seus subditos, no qual expondo os motivos da sua alliança com a Russia, lhes diz: „ Nós rivemos de ceder  
„ á superioridade do poder da França; a paz  
„ que me privou de metade dos meus Esta-  
„ dos, não nos foi de vantagem alguma;

„antes pelo contrario, fôï-nos mais funesta  
„que a guerra. „ Houve em París, entre o  
Ministro Prussiano e o Governo Francez, dis-  
cussões particulares relativas a esta mudança  
de conducta do Rei de Prussia. Não foi diffi-  
cil provar, que de huma parte tinha havido a-  
buso de poder, e da outra, falta ao ajusta-  
do. Mas deve ter-se presente, que huma Potencia  
vencida aproveita sempre a occasião favo-  
ravel de tornar ao seu antigo estado, e de a-  
nullar aquellas concessões, que lhe foram ar-  
rancadas pela força das armas. Tendo os Fran-  
cezes evacuado Berlim, entráráo ali os Rus-  
sos. O Rei de Saxonia tinha abandonado Dres-  
de ao aproximarem-se estes ultimos, que to-  
márao posse da parte desta capital situada na  
margem direita do Elbo. Hum exercito Sue-  
co marchava ao mesmo tempo sobre Stralsund,  
e a 18 de Abril rendeo-se Thorn aos Rus-  
sos.

Batalha  
de Gross-  
Goersché.

Entre tanto, Napoleão, que se havia oc-  
cupado em París a reunir todas as forças da  
França, partio desta capital a 15 de Abril,  
para pôr-se á frente do seu exercito, formi-  
davel tanto pelo numero como pela coragem  
dos soldados. Os diversos corpos erao com-  
mandados por generaes desde muito tempo co-  
nhecidos pelos seus talentos militares. A mar-  
cha das divisões deste exercito foi regulada de  
maneira a poderem-se reunir perto de Iéna, e  
sobre o Saale. Os exercitos alliados dos Rus-  
sos e dos Prussianos, concentrados perto de  
Leipsick, estavao ás ordens do general Witen-  
stein. Tendo os Francezes passado o Saale,  
effetuárao os inimigos a sua junção entre Leip-

sick e Altenbourg. O Imperador da Russia e o Rei de Prussia estavam á frente das suas respectivas tropas, assim como Napoleão estava á frente do seu exercito. A 2 de Maio vierão ás mãos em Gross-Goerschen, perto da planície de Lutzen. Depois de hum carniceira horrorosa de parte a parte, ficáraõ os alliados senhores do campo da batalha, e retiráraõ-se os Francezes. Com tudo avançaõ estes depois sobre o Elbo, que atravessáraõ em Dresden e em Meissen: Napoleão assentou o seu quartel general na primeira destas cidades, e as suas tropas occupáraõ Leipsick. Reunio-se entaõ o Rei de Saxonia aos Francezes, que se adiantáraõ, não sem dar alguns combates mortiferos para ambos os partidos, que publicáraõ, cada qual da sua parte, relações que muito diversificavaõ quanto ás circumstancias delles. Porém como quer que seja, o certo he que os Francezes se adiantáraõ sobre o Oder sem encontrar opposição alguma, e no 1.º de Junho entraraõ em Breslau.

Tinha-se ajuntado hum nova Potencia aos alliados contra Napoleão. A Suecia, que se tinha podido livrar da influencia do Imperador dos Francezes, e conservar-se em hum estado de neutralidade, abraçou abertamente a causa dos alliados. Já no mez de Março se tinha assignado hum Tratado de subsidios e de alliança entre as Cortes de Stockolmo e de Londres: obrigava-se a primeira a apromptar hum exercito de trinta mil homens pelo menos, para obrar ás ordens do Principe Real de Suecia, de concerto com os Russos; e a Inglaterra dava hum subsidio de hum milhaõ

Tratado concluido pela Suecia, com a Inglaterra e a Russia.

esterlino. Fazia este Tratado menção de outro empenho, que subsistia já entre a Rússia e a Suecia, sendo hum dos seus artigos a reunião para sempre do Reino de Noruega á Suecia. A Graõ-Bretanha promettia ajudar a ultima a effectuar esta reunião, no caso que o Rei de Dinamarca recusasse ajuntar-se aos alliados. Desde aquelle momento, a Corte de Stockolmo empregou muita actividade para pôr-se em estado de preencher a parte daquella obrigação, que lhe dizia respeito; mas a junção das suas forças ás dos alliados, não foi muito sensivel no principio da campanha. O perigo urgente de Hamburgo, que os Russos tinham abandonado, e que estava ameaçado pelos Francezes commandados por Davoust, decidio a Suecia a metter hum corpo de tropas nesta cidade para defende-la; mas o estado de hostilidade declarada da Dinamarca, fez com que as mandassem retirar, e Hamburgo foi retomado, a 30 de Maio, pelos Francezes ajudados dos Dinamarquezes.



## CAPITULO VI.

*Armistício e negociações para a paz. — Declara a Austria guerra á França. — Renovação das hostilidades. — Derrota dos alliados. — Retiraõ-se os Francezes sobre Leipsick. — Junta-se a Baviera aos alliados. — Batalha de Leipsick. — Volta de Napoleaõ para França. — A Allemanha livre do jugo de Napoleaõ.*

Vendo Napoleaõ quantos obstaculos tinha a vencer, desejava a paz. Alcançou da Austria, que fizesse ao Imperador da Russia proposições de hum armistício, que deviaõ preparar a convocação de hum Congresso em Praga, a fim de effectuar-se huma pacificação geral. Tendo sido o armistício ratificado a 4 de Junho de huma e outra parte, seguirão-se-lhe as negociações em Praga, mas muito demoradas. Neste meio tempo, faziaõ-se grandes preparativos de guerra em Allemanha, principalmente nos Estados da Austria, onde eraõ tão consideraveis, que patenteavaõ, da parte desta Potencia, a intenção em que estava de tomar huma parte muito activa nos acontecimentos que deviaõ ter lugar.

Cessando o armistício a 10 de Agosto, o Ministro Austriaco ao Congresso de Praga, entregou logo no dia seguinte ao Ministro Francez huma declaração de guerra contra a França. A Austria, para justificar a sua conducta, allegava entre outras razões, as inva-

Armistício, e negociações para a paz.

Declara a Austria guerra á França.

sões de territorios no Norte da Allemanha, da parte de Napoleão, e a impossibilidade de gozar de huma paz duravel, em quanto elle persistisse no seu systema politico; mas o motivo real da Corte de Vienna, era a esperança lisonjeira que concebia, de reduzir huma Potencia ambiciosa, que se oppunha á independencia e á tranquillidade dos Estados da Europa. Esta declaração foi seguida de hum Tratado de alliança defensiva entre a Austria e a Russia: esta ultima Potencia e a Prussia tinham já concluido Tratados com a Inglaterra, que se obrigava a pagar subsidios a cada huma das outras Potencias, á proporção dos exercitos, que ellas deviaõ pôr em campo,

Reno-  
vação das  
hòstilda-  
des.

Os alliados, renovando as hostilidades, fizeram diligencia por expulsar os Francezes das suas posições avançadas na margem direita do Elbo, assim como na Lusacia e na Silesia. Foraõ bem succedidos no seu projecto, tendo alcançado (a 16 de Agosto) fazer occupar pela sua vanguarda as alturas acima de Dresde. Tinhaõ-se os Francezes occupado, durante alguns mezes, a fortificar esta praça, onde Napoleão se achava com hum exercito de cento e trinta mil homens.

Derrota  
dos allia-  
dos.

Quizeraõ os alliados com huma tentativa temeraria apoderar-se desta praça; deraõ (a 27) hum assalto; foraõ porém repellidos, soffrendo huma perda muito consideravel. No dia seguinte, mandou Napoleão sahir as suas tropas para atacar os alliados, e foi muito sanguinolenta esta acção. O general Moreau, que tinha vindo da America para visitar o

Principe Real de Suecia (Bernadotte), seu companheiro de armas, que tinha abraçado o partido, cuja causa considerava como a da liberdade pública, recebeu nesta batalha hum bala, que poz termo á sua existencia. Os alliados, tendo ficado mal nesta acção, retirárao-se atravessando a cadeia de montanhas que separa a Saxonia da Bohemia: forão perseguidos por hum forte divisaõ do exercito Francez, que depois de alcançar algumas vantagens, experimentou hum revez em hum acção, em que o general Vandamme cahio em poder do inimigo com dez mil homens, artilheria e bagagens.

Apressárao-se os alliados a reparar a sua derrota. Tomou entaõ o Principe Real de Suecia hum parte activa nas suas operações; e o Marechal Blucher, á frente dos Prussianos, que elle commandava, apresentou-se com distincção no theatro da guerra. Desforrárao-se em breve tempo os alliados das perdas que tinham soffrido diante de Dresde, com as vantagens que alcançaraõ em diferentes acções. Foi a Silesia evacuada pelos Francezes; e os Russos e Prussianos tornáraõ a entrar na Saxonia. Sahíraõ os Austriacos da Bohemia, e o exercito Francez, depois de haver soffrido perdas consideraveis, retirou-se sobre o Elbo. Napoleaõ, havendo sahido de Dresde com o Rei de Saxonia, dirigio todas as suas forças para Leipsick.

Retiraõ-se os Francezes sobre Leipsick.

Neste momento recebêraõ os alliados hum reforço importante, em consequencia de hum Tratado concluido entre a Austria e a Baviera, em virtude do qual, cincoenta e cin-

Ajunta-se a Baviera aos alliados.

co mil Bavaros deviaõ obrar de concerto com os Austriacos.

Batalha de  
Leipsick.

Achavaõ-se os dois grandes exercitos belligerantes em presença hum do outro, debaixo dos muros de Leipsick, e era impossivel que passasse muito tempo sem virem ás mãos. O primeiro ataque geral teve lugar a 16 de Outubro, ao sul desta cidade: depois de huma carniceria horrorosa, conservaraõ das duas partes quasi as mesmas posições, que occupavaõ no principio da acção. O dia 17 foi empregado em fazer os preparativos para a grande batalha, que devia dar-se no dia seguinte; a qual realmente se deo, e os alliados alcançaraõ a mais completa victoria. A 19, o Rei de Saxonia mandou hum parlamentar ao Imperador Alexandre, para lhe rogar que poupasse a cidade de Leipsick. Não tendo resultado fructo algum deste passo, ordenou-se o assalto, e foi a praça tomada depois de huma fraca resistencia, entrando nella os alliados pouco tempo depois de Napoleaõ haver sahido della. O Rei de Saxonia e toda a sua familia cahiraõ em poder dos vencedores. A perda dos Francezes foi muito consideravel: além de vinte mil homens mortos no campo da batalha, perdêraõ os seus armazens, as suas bagagens e a sua artilheria. Em huma palavra, retiráraõ-se na maior desordem.

Volta de  
Napoleaõ  
para Frã-  
ça.

O exercito Austriaco e Bavaro combinado, debaixo das ordens do general Wrede, havendo-se encaminhado a Hanau para interceptar a retirada de Napoleaõ sobre Frankfurt, deo esta tentativa lugar a hum combate terrivel, onde os alliados perdêraõ muita

gente. Forão com tudo os Francezes vivamente perseguidos até Francfort. A 2 de Novembro chegou Napoleão a Metz, annunciando que tinha trazido consigo cem mil homens dos exercitos, que tinha conduzido ao Elbo e ao Oder, numero que sem dúvida era exagerado.

Algumas guarnições Francezas tinham todavia ficado em Allemanha para suspender os alliados, cujo objecto era livra-la do jugo de Napoleão. Já a 6 de Outubro tinha o Principe Real de Suecia marchado sobre o Hannover; e antes de entrar, tinha mandado publicar hum Proclamação dirigida aos Hannoverianos em nome dos Conselheiros privados do Rei de Inglaterra, nomeados para tomarem de novo conta da administração do Electorado. Dali encaminhou-se a Bremen, onde entrou a 17; e depois de haver restituído a Lubeck as suas antigas liberdades e privilegios, chegou ás fronteiras de Dinamarca, para seguir os seus planos de politica particular. No principio de Novembro, os dois Imperadores alliados e os Reis de Prussia e de Baviera, reunirão-se em Francfort, que foi declarada cidade livre. Naquelle mesmo tempo concluiu o Rei de Wurtemberg com a Inglaterra hum Tratado, em virtude do qual abandonou a Confederação do Rheno, e consentio em ajuntar as suas tropas ás dos alliados.

A Allemanha livre do jugo de Napoleão.

## CAPITULO VII.

*Revolução das Provincias-Unidas dos Paizes Baixos. — Restauração do Principe de Orange. — Guerra entre a Dinamarca e a Suecia. — Entrega de Dresde e de Stettin. — Negocios da Italia.*

Revolução das Provincias-Unidas dos Paizes Baixos.

Hum dos resultados os mais importantes, operados pelos successos dos alliados, foi hum revolução, que livrando as Provincias-Unidas dos Paizes Baixos do jugo tyrannico da França, lhes restituiu a sua antiga independencia. Desde o principio do anno de 1813, tinha-se formado em Amsterdam hum plano de insurreição a favor da Casa de Orange: projecto este, que havendo sido descoberto, os que estavaõ implicados nelle foraõ presos e castigados. Mas quando os alliados avançaraõ para as fronteiras da Hollanda, os espiritos, tanto tempo comprimidos, reanimáraõ-se ali; e a 15 de Novembro, sem que nada se presentisse, que dêsse annuncio de hum designio premeditado, o povo de Amsterdam, tendo-se levantado em massa, proclamou a Soberania da Casa de Orange, expellio as auctoridades Francezas, e organisou hum Governo provisorio. As principaes cidades das Provincias de Hollanda e de Utrecht seguirãõ o exemplo de Amsterdam.

Restauração do Principe de Orange.

Tendo chegado sem demora alguma a noticia deste acontecimento a Londres, por via de huma deputação encarregada de convi-

dar o Principe de Orange a encarregar-se das redeas do governo, annuo este Principe a este convite, e o gabinete de S. James resolveo ajudar, com todos os meios que tivesse á sua disposiçaõ, as Provincias-Unidas, onde os Francezes se achavaõ em pequeno numero. Neste meio tempo, os Russos ás ordens do general Witgenstein, tinhaõ entrado no paiz; e reforços sufficientes chegáraõ de Inglaterra. Tendo os Francezes sido expulsos, não encontrou já a revolução obstaculo algum, e fez-se geral. No 1.º de Dezembro fez o Principe de Orange a sua entrada em Amsterdam, e logo depois publicou huma Proclamação, na qual annunciava a sua elevação a huma dignidade eminente, a que, na conformidade do voto da nação, era chamado; e em vez do titulo de Stathouder, tomou o de Principe Soberano dos Paizes Baixos Unidos.

São dignos de mencionar-se outros acontecimentos, que tiveraõ lugar no continente, por terem relação com os negocios deste anno memoravel.

O Rei de Dinamarca, que tinha recusado entrar na liga formada contra a França, via com inquietação o Tratado concluido entre a Russia e a Suecia, pelo qual a Noruega era concedida a esta ultima Potencia. Tendo declarado a 5 de Setembro guerra á Suecia, achava-se só contra huma confederação inimiga, sem meios sufficientes para resistir-lhe. Por isso aproveitando a primeira occasião de marchar contra Dinamarca, não tardou o Principe Real de Suecia a invadir o Holstein. O Principe de Hesse, que comman-

Guerra  
entre a Di-  
namarca e  
a Suecia.



dava as tropas Dinamarquezas, vendo-se cercado, pediu hum armistício, que lhe foi concedido, debaixo da condição que todo o Holstein, e huma parte do Schleswig ficariao em poder dos alliados. Tal era a posição critica em que se achava a Dinamarca no fim do anno.

Entrega de  
Dresde e de  
Stettin.

Quando Napoleão effeituou a sua retirada de Leipsick, tinha deixado em Dresde, debaixo das ordens do Marechal Gouvion St. Cyr, hum corpo de tropas, que foi reforçado pelos fugitivos do exercito de Vandamme. Não tardou muito tempo esta guarnição a ver-se reduzida a miseravel estado, tanto pela penuria como pelas molestias. Deo na verdade o seu commandante algumas demonstrações de querer resistir, quando os Russos se apresentárao para bloquea-la; mas a 12 de Novembro, vio-se obrigado a render-se prisioneiro de guerra com toda a guarnição, que era de mais de quarenta mil homens. No mesmo mez Stettin, onde se achavao huns oito mil homens, tambem capitulou debaixo das mesmas condições.

Negocios  
da Italia.

No Norte da Italia, estava a Austria occupada em libertar, ou antes em recobrar os seus Estados. O Barão Hiller, tendo passado os Alpes no mez de Outubro, com hum exercito de sessenta mil homens, obraa contra os Francezes: houve na Carniola e na Istria algumas acções, cujo resultado foi a retirada dos ultimos para a Italia. Trieste e toda a costa da Dalmacia cahírao em poder da Austria, ajudada pela Inglaterra.

O gover-  
no da Suis-

De outro lado, a Confederação Helve-

tica, de que Napoleão se havia declarado sa restabe-  
Mediador, parecia disposta a persistir no sys- lecido.  
tema de neutralidade que tinha adoptado. Em  
consequencia, publicou a Dieta dos Cantões,  
no mez de Novembro, hum Notificação, que  
annunciava esta resolução, e decretou hum  
leva de tropas para sustentar-se no seu pla-  
no de conducta. Mas em breve viraõ os Suis-  
sos, que hum pequeno Estado não pôde, ain-  
da quando o queira, permanecer neutro em  
meio das contestações de grandes Potencias.  
Entrou pois na Suissa hum exercito Austriaco,  
declarando que os alliados não podiaõ con-  
sentir na neutralidade do Corpo Helvético,  
porque estavaõ determinados a subtrahi-lo á  
influencia estrangeira, e a ve-lo entrar nova-  
mente na sua independência, antes de o re-  
conhecer como neutro. Tendo os Austriacos  
entrado em Berne, foi o antigo governo res-  
tabelecido, e tendo depois passado o Rheno  
em Schaffouse e em Basilea, adiantáraõ-se  
para a França, onde entráraõ tomando di-  
versas direcções.

## L I V R O VII.

Desde a entrada dos Alliados em França, em 1814, até ao Tratado definitivo entre a França, e os Alliados em 1815.

## CAPITULO I.

*Entrada dos Alliados em França. — Sahe Napoleão de Paris para pôr-se á frente das Tropas. — Progressos dos Alliados. — Concentra Napoleão as suas tropas, e repelle Blucher. — Marcha contra os Austriacos.*

Entrada  
dos alliados  
em França.

Os annos de 1812 e 1813 tinhaõ sido assinalados por acontecimentos da maior importancia: os seis primeiros mezes de 1814 não são menos memoraveis, por terem sido o termo da sanguinolenta guerra e das horrorosas convulsões, que atormentavaõ os mais formosos paizes da Europa. Estava a attenção geral fixa na França, cujas fronteiras estavaõ invadidas pelos numerosos exercitos daquelles mesmos Estados, que ella obrigára a alcançar a paz sujeitando-se ao seu dominio, ou a cooperar á execucao dos seus projectos de invasão. De todas as Potencias ligadas contra Napoleão, todas, á excepção da Grã-Bretanha, tinhaõ sido suas alliadas; achava-se elle na situação mais penosa e mais critica: a sorte da França estava a ponto de decidir-se. Tinha elle já dado demonstrações dos seus

sustos, passando no fim do anno precedente hum decreto, pelo qual enviava para as divisões militares do Imperio, commissarios investidos de poderes extraordinarios para organizar os meios de defeza. Parecia ter perdido as suas faculdades activas, e estar abatido pelas circumstancias: falava muito do que era preciso fazer, para salvar a França do abysmo de perigos em que ella estava metrida; mas nada fazia. Por isso, no momento em que os alliados se apresentáão, viráõ que os seus meios de defeza não estavaõ mais adiantados, que quando passara o Rheno, depois da sua retirada de Allemanha.

Já os exercitos dos alliados tinhaõ atravessado este rio em diferentes pontos desde Basilea até Coblentz; e os seus corpos avançados, occupando todo o Palatinado, tinhaõ encetado o territorio Francez. Em meados de Janeiro de 1814, os Prussianos, debaixo das ordens do Marechal Blucher, tinhaõ-se apoderado de Nancy, e o general Austriaco Ghiulay estava em Langres.

A 25 do mesmo mez sahio Napoleaõ de Paris para pôr-se á frente das suas tropas. Tendo chegado a Saint-Dizier sobre o Marne, mandou atacar os diferentes corpos de tropas alliadas, que todas marchavaõ contra elle. Houve diferentes acções em que a vantagem foi da sua parte; mas em humna acção que se empenhou no 1.º de Foyereiro, em la Rhotiere, e á qual se achou presente, experimentou hum revez, que o obrigou a retirar-se depois de ter perdido muita gente, e sessenta e oito peças de artilheria.

Sahe Napoleaõ de Paris para pôr-se á frente das suas tropas.

Progres-  
sos dos al-  
liados.

Em consequencia desta vantagem, adian-  
tárao-se os alliados sobre Troyes, onde o  
Principe Real de Wurtemberg entrou a 7; e  
o Marechal Macdonald evacuou Chalons so-  
bre o Marne: em outro ponto, apoderárao-se  
os Austriacos de Chalons sobre o Saona.

Concen-  
tra Napo-  
leão as suas  
tropas, e  
repelle Blu-  
cher.

Os progressos rapidos dos alliados, que  
annunciavao a prompta destruição do poder  
de Napoleão, não fizerao mais que augmen-  
tar os esforços deste: vendo que não estava  
em estado de oppôr, em todos os pontos,  
hum resistencia sufficiente aos exercitos dos  
alliados, tomou o partido de concentrar as  
suas forças, e de tentar os meios de cortar  
as communicações de hum corpo inimigo com  
o outro. O exercito Prussiano, ás ordens de  
Blucher, foi o primeiro contra o qual dirigio  
o seu plano. Em consequencia de differentes  
acções, vio-se Blucher obrigado a retirar-se  
até Chalons sobre o Marne, e as suas com-  
municções directas com os Austriacos foraõ  
interceptadas. Neste meio tempo, hum corpo  
de alliados commandado por Winzingerode,  
tinha tomado Soissons de assalto, e se havia  
adiantado até Rheims, para reunir-se a Blu-  
cher.

Marcha  
contra os  
Austria-  
cos.

Neste intervallo, o Principe de Schwart-  
zenberg, á frente dos Austriacos, aproxima-  
va-se a París, seguindo o curso do Sena. Foi  
Sens tomada a 11 de Fevereiro; e a 16, ti-  
nha-se hum corpo de tropas do seu exercito  
apoderado de Fontainebleau. Para este lado  
he que Napoleão se dirigio, e depois de al-  
guns combates, obrigou Schiwartzenberg a a-  
bandonar as suas posições ao longo do Se-

na, e a transferir o seu quartel general para Troyes. A 23, evacuárao os alliados esta cidade, onde Napoleaõ tornou a entrar; mas a 24 de Março, foi retomada pelo general Wrede, em quanto o Imperador dos Francezes estava occupado em marchar contra Blucher.

## C A P I T U L O II.

*Negociações em Chatillon. — Decidem-se os Alliados a marchar sobre Paris. — Progressos de Lord Wellington; declara-se Burdeos pelos Bourbons. — Chegada dos Alliados diante de Paris. — Proclamação de José Bonaparte. — Batalha debaixo dos muros de Paris, que capitula. — Os Maires de Paris apresentam-se no quartel general dos Alliados.*

Desde a entrada dos Alliados em França, tinhaõ-se principiado em Chatillon negociações para a paz, tendo-se ali reunido os Plenipotenciarios das differentes Potencias. Propoz o Plenipotenciario Francez hum armisticio, e a entrega immediata de algumas praças fortes da fronteira, como em penhor da execução dos differentes artigos do Tratado. Em vez de accederem a esta proposição, que tinha por objecto evidente suspender a marcha dos exercitos, que se encaminhavaõ a París, propuzêraõ os Alliados a assignatura immediata dos Preliminares da paz. Os successos momentaneos dos Francezes fizeraõ com que as confe-

Negocia-  
ções em  
Chatillon.

rencias tomassem outro character. Ficou o Plenipotenciario de Napoleão sem receber instrucções, e por conseguinte impossibilitado de responder ás proposições das Cortes alliadas. Encarregáram estas os seus Plenipotenciarios de entregar hum projecto de Tratado preliminar, em que se continhão todas as bases, que ellas julgavaõ necessarias para o restabelecimento do equilibrio politico na Europa; e o dia 10 de Março foi o termo aprazado, de commum acordo, para a resposta definitiva. Foi este termo prolongado depois até 15, dia em que o Plenipotenciario Francez entregou hum contra-projecto, pelo qual o Governo Francez, desviando-se do que havia proposto no principio, exigia que povos inteiramente estranhos ao espirito dos Francezes, continuassem a fazer parte da França; que este Imperio conservasse dimensões incompatíveis com o restabelecimento de hum systema de equilibrio, e guardasse as posições, assim como os pontos essenciaes, que tinhão servido de motivo a tantos transtornos. Foi portanto rejeitado o contra-projecto, e declarou-se que estavaõ rotas as negociações de Chaillon.

Decidem-  
se os allia-  
dos a mar-  
char sobre  
Paris.

Tinha-se Napoleão avançado contra Blucher, que atacado a 3 de Março em Craou, se retirou sobre Laon, onde foi novamente atacado por todas as forças do Imperador dos Francezes: depois de huma acção mortifera, que durou dois dias, Napoleão effectuou a sua retirada em todos os pontos, perdendo quarenta e oito peças de artilheria e hums seis mil prisioneiros. A noticia desta victoria al-



cançada por Blucher, decidio Schwartzenberg a marchar ávante; e a 21, o seu exercito tomou posição adiante de Arcis-sur-Aube. Ainda que os Francezes ahi se achassem em força, forão atacados pelo Principe de Wurtemberg, e obrigados a evacuar esta praça depois de haverem soffrido grandes perdas. Os Francezes se retirárao depois sobre Vitry, onde Napoleão esperava que se lhe reunissem os corpos de Ney e de Macdonald. Com tudo, o Imperador dos Francezes tomou a estrada de Saint-Dizier, com o fim de collocar-se entre os dois exercitos alliados, cortar as suas communicações, e cahir sobre a retaguarda dos Austriacos. Este projecto decidio immediatamente os generaes alliados a unir as suas forças, e a marchar em direitura sobre París, deixando Winzingerode e Czernicheff com hum grande corpo de cavallaria e de artilheria para inquietar a retaguarda de Napoleão.

Entre tanto Lord Wellington pelos movimentos que fazia, servia utilmente a causa commum. Tendo de atravessar, em frente de hum inimigo muito activo, hum paiz fortificado pela natureza, e cortado de pequenos rios, encontrou muitos obstaculos na sua marcha, sendo obrigado a combater a cada momento. A 12 de Março, depois de haver atravessado o Adour, occupou hum destacamento das suas tropas a cidade de Burdeos, onde se effectuou hum movimento contra-revolucionario, favorecido pelo Maire e pelos principaes habitantes, que puzerao o laço branco, e se declarárao pelos Bourbons, reclamando a protecção do exercito combinado. O Duque de

Progres-  
sos de Lord  
Wellington;  
de-  
clara-se Bur-  
deos a favor  
dos Bour-  
bons.

Angouleme, Sobrinho de Luiz XVIII, tendo entrado na cidade com as tropas Inglezas, foi recebido no meio de acclamações universaes. Continuando Lord Wellington a marchar contra os Francezes commandados por Soult, effeituou este ultimo a sua retirada sobre Tarbes.

Chegada  
dos Alliados  
diante  
de Paris.

O grande exercito dos alliados, adiantando-se sobre Paris, estabeleceo a 27 de Março o seu quartel general em Coulomiers, e no dia seguinte passou o general Blucher o rio Marne em Meaux. Deraõ-se sem interrupção muitos combates por todo o caminho, mas os Francezes esmagados pelo numero dos inimigos, viaõ-se sempre reduzidos a recuar; e na noite de 29, o exercito dos alliados tomou posição nas visinhanças de Paris. Foi então que o Principe de Schwartzenberg dirigio aos habitantes desta capital huma Proclamação, em que dizia, « que o objecto da marcha dos ex-  
» ercitos alliados sobre Paris, era fundado na  
» esperanza de huma reconciliação sincera e  
» duravel com a França; que vinte annos ha-  
» via, que a Europa era inundada de sangue  
» e de lagrimas; que as tentativas, que se ha-  
» viaõ feito para pôr hum termo a tantas  
» desgraças, tinhaõ sido inuteis, porque exis-  
» tia no poder do Governo Francez, hum  
» obstaculo invencivel á paz; que os Sobera-  
» nos alliados buscavaõ de boa fé huma Auc-  
» toridade salutar em França, que pudesse  
» cimentar a uniaõ de todas as Nações e de  
» todos os Governos com ella; em fim, que  
» a conservação e a tranquillidade da cida-  
» de de Paris seriaõ o objecto das sollicitu-

„ des e das medidas, que os Alliados se offe-  
 „ reciaõ a tomar com as Auctoridades e os  
 „ Notaveis, que mais gozassem da estima pú-  
 „ blica. „

Foi esta Proclamação acompanhada de proposições aos chefes militares Francezes, nas quaes lhes faziaõ observar a impossibilidade de defender París. Não podendo os Soberanos alliados alcançar cousa alguma por via das negociações, resolvêraõ recorrer á das armas, para alcançarem o fim a que se propunhaõ.

Da sua parte, José Bonaparte, que acabava de perder o Throno da Hespanha, tendo sido nomeado por seu irmão Napoleão, Tenente General do Imperio Francez, dirigio aos habitantes de París huma Proclamação, em que se liaõ estas palavras:

Proclamação de José Bonaparte.

„ Eu fico convosco. Armemo-nos para  
 „ defender esta cidade, os seus monumentos,  
 „ as suas riquezas, nossas mulheres, nossos  
 „ filhos, tudo quanto prezamos. Converta-se  
 „ esta vasta cidade em hum campo por al-  
 „ guns instantes, e encontre o inimigo a sua  
 „ vergonha debaixo destes muros, que elle  
 „ espêra franquear em triumpho. O Imperador  
 „ marcha em vosso soccorro; ajudai-o por  
 „ meio de huma resistencia viva e curta, e  
 „ conservemos a honra Franceza. „

A 30 de Março, o exercito Francez commandado por José Bonaparte, ajudado dos Marechaes Marmont e Mortier, tomou posição nas alturas proximas a París, onde formava huma extensa linha defendida por cento e cincoenta peças de artilheria. Os Alliados, determinados a atacar sem demora, deraõ ba-

Batalha debaixo dos muros de París, que capitula.

talha, e senhoreárao-se das alturas depois de humia resistencia porfiada da parte dos Francezes. Vendo que não havia meio de resistir aos Alliados, mandou-lhes Marmont hum parlamentar para pedir humia suspensão de armas, na qual consentírao. Cessou então o fogo em toda a parte, e assignou-se humia Capitulação no mesmo dia, cuja substancia era, “ que os Corpos de Marmont e de Mortier ”  
 “ evacuarião París, a 31 de Março, com as ”  
 “ suas bagagens; que as hostilidades não po- ”  
 “ deriaõ tornar a principiar senão duas ho- ”  
 “ ras depois da evacuação; que os arsenaes, ”  
 “ officinas, estabelecimentos e armazens mi- ”  
 “ litares ficariaõ no mesmo estado, em que se ”  
 “ achavaõ antes da capitulação; que a Guar- ”  
 “ da nacional ou urbana era absolutamente se- ”  
 “ parada das tropas de linha, e que seria ”  
 “ conservada, desarmada ou licenciada, se- ”  
 “ gundo o dispuzessem os Alliados; em fim, ”  
 “ que se recomindeva a cidade de París á ”  
 “ generosidade das Potencias alliadas. ”

Os Maires  
 de París a-  
 presêtaõ-se  
 no quartel  
 general dos  
 Alliados.

Durante a noite de 30 para 31, antes que a capitulação se assignasse, apresentárao-se os Maires de París no quartel general do Imperador da Russia e do Rei de Prussia, a fim de se concertarem com estes Soberanos para a execucao do Tratado, que acabava de assignar-se. A resposta que o Imperador da Russia lhes deo, he digna de referir-se: “ A ”  
 “ sorte da guerra conduzio-me até aqui. O ”  
 “ vosso Imperador, que era meu alliado, en- ”  
 “ ganhou-me tres vezes. Penetrou no centro ”  
 “ dos meus Estados, onde derramou males, ”  
 “ cujos vestigios duraraõ largo tempo. Con-

„ duzio-me huma justa defeza até aqui, e  
 „ estou longe de querer restituir á França os  
 „ males que della recebi. Sou justo; sei que  
 „ a culpa não foi dos Francezes. São meus  
 „ amigos os Francezes, e quero provar-lhes  
 „ que venho dar-lhes o bem pelo mal. Napo-  
 „ leão he o meu unico inimigo. Prometto hu-  
 „ ma especial protecção á cidade de París;  
 „ protegerei e conservarei todos os seus esta-  
 „ belecimentos; não consentirei que ali en-  
 „ trem senão tropas de linha. Conservarei a  
 „ vossa guarda nacional, que se compõe de  
 „ cidadãos escolhidos; a vós pertence segurar  
 „ a vossa felicidade futura. He preciso  
 „ hum Governo que vos dê descanso a vós,  
 „ e que o dê á Europa. A vós toca dardes  
 „ o vosso voto. Achar-me-heis prompto a a-  
 „ poiar os vossos esforços. „

Entre tanto, a Imperatriz Maria Luiza, com seu Filho e os principaes Dignitários, tinham sahido de París. José Bonaparte, e seus ministros, que tinham segurado que querião viver e morrer com os habitantes de París, fugirão logo que virão principiar o ataque da capital.

## CAPITULO III.

*Entrada dos Alliados em Paris. — Proclamação do Imperador da Russia. — Napoleão privado do Throno pelo Senado. — Napoleão retirado em Fontainebleau, propõe a sua abdição. — Parte para a ilha de Elba. — Batalha de Tolosa. — Sortida de Bayonna.*

Entrada  
dos Allia-  
dos em Pa-  
ris.

A 31 de Março, o Imperador da Russia e o Rei de Prussia, á frente dos exercitos alliados, fizeram a sua entrada em Paris, cujos habitantes todos pareciaõ ter-se reunido na sua passagem: resoavaõ os ares com as acclamações de *Viva o Imperador Alexandre! viva o Rei de Prussia! vivaõ os Bourbons! viva Luiz XVIII! abaixo Napoleão!* Com estes gritos de alegria misturavaõ-se os repetidos applausos, que partiaõ de todas as janelas das casas situadas ao longo da linha, que formavaõ as tropas victoriosas. Homens a cavallo hiaõ distribuindo laços brancos, de que já estavaõ ornados grande numero de chapéos. Seria difficil pintar o enthusiasmo, que se patenteou nesta circumstancia. Nas ceremonias solemnes, tinhaõ-se prodigalisado na capital testemunhos de alegria a Napoleão, quando se achava no maior auge do seu poder e gloria; mas todos sabem geralmente o caso que se deve fazer destas demonstrações populares, dictadas pela força ou pelo dinheiro. Todavia, por pouco que se reflecta na situação critica, em que

naquella epoca se achava a França, assim como no despotismo militar sob que ella gemêra, conceber-se-ha facilmente, que a alegria dos Parisienses ou dos Francezes era sincera, á vista dos seus votos ardentes pela paz, votos que não podião ver cumpridos senão pela desthronisação de Napoleão, e pela restauração da antiga Dynastia dos seus Reis. A França inteira não aspirava senão a ver chegar o momento, em que se visse livre dos males da guerra exterior, e do jugo horroroso da tyrannia interior.

De mais disso, a conducta dos alliados dava annuncios não de conquistadores e de inimigos, mas sim de amigos e de libertadores. O que mais socegou os Francezes, foi a seguinte Declaração, que o Imperador da Russia publicou no mesmo dia (31 de Março), tanto em seu nome, como no dos outros Soberanos alliados:

„ Os exercitos das Potencias alliadas occupárao a capital da França. Os Soberanos alliados acceitaõ o voto da Nação Franceza. Declaraõ, que se as condições da paz deviaõ encerrar garantias mais fortes, quando se tratava de agrilhoar a ambição de Bonaparte, devem ser mais favoraveis, quando voltando as suas vistas para hum Governo sábio, a mesma França offerece hum segurança da paz.

„ Proclamaõ os Soberanos alliados em consequencia:

„ Que não trataraõ mais com Napoleão Bonaparte, nem com pessoa alguma da sua familia;

Proclamação do Imperador da Russia.



„ Que respeito a integridade da anti-  
 „ ga França, tal qual ella existio sob os seus  
 „ Reis legitimos; ainda pôdem fazer mais,  
 „ porque professão sempre o principio, que  
 „ para a felicidade da Europa, he preciso  
 „ que a França seja grande e forte;

„ Que reconheçerão e garantirão a Cons-  
 „ tituição que a Nação Franceza se der. Con-  
 „ vidao em consequencia o Senado a designar  
 „ immediatamente hum Governo provisório,  
 „ que possa prover ás bases da administração,  
 „ e preparar a Constituição que convier ao  
 „ povo Francez.

„ As intenções que acabo de exprimir,  
 „ me são communs com todas as Potencias  
 „ alliadas. „

Napoleão  
 privado do  
 Thronope-  
 lo Senado.

Em consequencia deste convite, o Se-  
 nado reunio-se no dia seguinte, 1.º de Abril,  
 sob a presidencia do Principe de Benevento  
 (Talleyrand), e nomeou por hum Decreto  
 hum Governo provisório composto de cinco  
 membros, a saber: o mesmo Talleyrand,  
 Beurnonville, Jaucourt, Dalberg e Montes-  
 quieu. No dia seguinte publicou outro Decre-  
 to, cujo preambulo dizia, “ que em huma  
 „ Monarquia constitucional, o Monarca não  
 „ existe senão em virtude da Constituição ou  
 „ do Pacto social: „ expondo depois todas  
 as violações commettidas por Bonaparte con-  
 tra o Pacto concluido com o povo Francez,  
 declarava, por este mesmo Decreto, que o  
 Imperador dos Francezes se achava privado  
 do Throno, e que o direito de herança esta-  
 belecido na sua familia, estava abolido; fi-  
 nalmente, que a nação e o exercito estavam

desligados do seu juramento de fidelidade. Na vespéra (1.º de Abril) tinhaõ-se publicado duas Proclamações (\*) dirigidas aos Francezes; a primeira era do Conde de Artois, Irmão do Rei; e a ultima de Luiz XVIII: foraõ immediatamente seguidas de outra Proclamação do Conselho-geral do Departamento do Sena (\*\*).

Em quanto estes grandes acontecimentos tinhaõ lugar, Napoleaõ que se tinha retirado e Fontainebleau, propõe a sua abdicção. Napoleaõ retirado é Fontainebleau, propõe a sua abdicção.

rigido para a retaguarda dos Alliados, mandou marchar rapidamente o seu exercito de Troyes para Fontainebleau, e teria chegado a 30 de Março a Paris, se esta cidade não estivesse em poder dos Alliados. Mas sendo informado da capitulação, ajuntou em Fontainebleau as suas tropas, e os corpos que se retiravaõ de París. He difficil de conceber, que sendo taõ experiente e taõ habil na arte da guerra, como pudesse commetter a grande falta de lançar-se sobre a grande communicação que os Alliados tinhaõ com o Rheno, não tendo mais de quarenta mil homens para lutar contra a massa das suas forças realmente formidaveis. Mas se se considerar a resistencia porfiada que os Francezes fizeraõ diante de París, a hum exercito muito mais numerozo que elles, não se pôde antever qual fosse o resultado, se Napoleaõ tivesse chegado a tempo diante da capital. Foi com toda felicidade para esta cidade e para os Allia-

---

(\*) Vede no fim deste volume, *Pegas Justificativas*, N.º I e II.

(\*\*) Vede N.º III.

dos, que não acontecesse assim. Com effeito, se os Alliados se vissem reduzidos á necessidade de retirar-se, ter-se-hia prolongado a guerra: se tivessem dado humba batalha, não poderia deixar de ser mui sanguinolenta: em caso de revez dos Alliados, a sua derrota não teria contribuido senão a perpetuar as desgraças da França; se pelo contrario fossem victoriosos, Napoleão retirando-se sem dúvida para París com os restos do seu exercito, ali se teria defendido até á ultima extremidade. O que nisto ha de singular, he, que contra as regras da tactica, deixasse a estrada de París aberta aos seus inimigos. Vendo-se deposto pelo Senado, não lhe restava outro recurso, senão entrar em negociação, ou tentar a sorte das armas. O segundo partido teria sido imprudente; por tanto adoptou o primeiro, dirigindo de Fontainebleau humba mensagem ao Senado, a quem fazia o offerecimento de sujeitar-se á decisaõ deste Corpo e ao voto do povo Francez; abdicando a favor de seu Filho, o Rei de Roma, debaixo da condiçaõ que a Imperatriz Maria Luiza conservaria a Regencia até á maioridade deste menino. Sendo rejeitada esta proposiçaõ, renunciou Napoleão por si e seus herdeiros ao Throno de França e de Italia. Esta renúncia foi o motivo determinante de hum Tratado (\*) concluido a 11 de Abril, entre elle e os Soberanos Alliados, pelo qual foi decidida a sua abdicacaõ sem restricçaõ, assim como a sua sorte, e a de sua familia: a ilha de Elba foi

---

(\*) Vede N.º IV.

o lugar designado para ali residir, e possuía-la em toda propriedade, conservando tanto elle como sua esposa, o seu Titulo por toda a vida. Continha este Tratado de mais disso, algumas clausulas favoraveis a Napoleão, as quaes manifestavaõ, ou a importancia que as Potencias alliadas ainda davaõ a este homem extraordinario, ou hum interesse muito efficaç que obrava poderosamente a favor d'elle.

Partio de Fontainebleau a 20 de Abril, acompanhado de quatro Officiaes generaes de cada huma das Potencias alliadas, Russia, Austria, Prussia e Inglaterra, e embarcou em huma fragata Inglesa, para a ilha de Elba, no porto de Saint-Raphéau, onde desembarcára á sua volta do Egypto para França. Chegado ao seu destino, deo-se-lhe posse da ilha, ficando ali estacionada huma esquadra Inglesa de observaço.

Em quanto París se entregava aos regozijos pelos acontecimentos que acabavaõ de passar-se, era Tolosa testemunha de huma sanguinolenta batalha. Tinha-se Soult retirado sobre esta cidade, onde foi seguido por Lord Wellington. Como as aguas do Garonna estavaõ muito elevadas, o exercito commandado por este general, não pôde atravessar este rio antes de 8 de Abril, época em que nenhum dos chefes dos dois exercitos inimigos tinha ainda recebido noticia dos acontecimentos, que haviaõ tido lugar em París. Tinha-se Soult aproveitado dos meios de defeza, que lhe offerencia a sua posição junto de Tolosa. Da sua parte Lord Wellington, propondo-se ataca-lo, executou o seu designio, dan-

do-lhe huma batalha summamente mortifera, depois da qual as suas tropas se estabelecerão em tres lados da cidade, a qual foi evacuada pelos Francezes. Custou esta victoria aos Alliados mais de quatro mil homens, e aos Francezes mais de tres mil. Lord Wellington continuou a sua marcha para diante, até ao momento, em que chegando as noticias officiaes de París, se suspendêrao as hostilidades.

Sortida de  
Bayonna.

Produzio a mesma causa em outro ponto huma effusão inutil de sangue. A guarnição de Bayonna, onde ainda se ignorava o que se havia passado em París, tendo feito huma sortida, atacou as posições dos alliados, que foraõ tomadas; tornaraõ elles com tudo a tomar os seus postos, mas não sem perda de muita gente. Este acontecimento foi o ultimo da campanha da parte do meio dia da França.

## CAPITULO IV.

*Entrada de Luiz XVIII em França. — Pacificação geral, e Tratados entre a França e as Potencias alliadas. — Reunião da Belgica ás Provincias-Unidas. — O Hannover erigido em Reino. — A Noruega cedida á Suecia. — Resistencia dos Noruegianos. — Volta Fernando VII para Hespanha. — Dissolve as Cortes. — Restabelece o Papa os Jesuitas. — Recobra o Rei de Sardenha os seus Estados, a que se ajunta Genova. — Murat, Rei de Napoles, não he inquietado. — Pacto federal da Suissa. — Paz entre a Graõ-Bretanha e os Estados-Unidos da America.*

Em quanto Napoleão deixava a França, abandonava Luiz XVIII o retiro campestre onde residia em Inglaterra. Tendo chegado a Douvres, embarcou para Calais, donde se encaminhou a París. A 3 de Maio fez a sua entrada solemne nesta capital, onde foi recebido com todas as demonstrações de huma alegria sincera, que tão lisonjeiras são para o coração de hum Principe amante da sua patria; e a França recebeu huma Carta ou Constituição fundada nos principios de huma liberdade sabia e moderada.

Assim que Luiz XVIII tomou posse das redeas do governo, e quando já não existia obstaculo algum ao restabelecimento da tranquillidade na Europa, assignou-se a

Entrada de Luiz XVIII em França.

Pacificação geral e Tratados entre a França e as Po-

tencias al-  
liadas.

Paz geral em Paris, a 30 de Maio, entre a França e as Potencias alliadas, a saber: a Russia, a Graõ Bretanha, a Austria e a Prussia. Em consequencia, segundo os Tratados que se concluíraõ, conservou a França a integridade do seu territorio, tal qual existia antes do 1.º de Janeiro de 1792, com hum augmento comprehendido em huma linha de demarcação descripta do lado da Belgica, da Allemanha e da Italia. A fronteira do lado da Hespanha ficou no seu antigo estado. As Provincias Unidas recebêraõ hum grande acrescimo de territorio, pela uniaõ da Belgica, e a Soberania della foi dada á Casa de Orange, sem poder, em caso algum, recahir em hum Principe, que possuísse huma Coroa estrangeira, ou fosse chamado a ella. Os Es- tados de Allemanha saõ declarados indepen- dentes e unidos por huma Confederação. A Suissa conservando a sua independencia, con- tinua a governar-se a si mesma. A Italia, á excepção dos paizes cedidos á Austria, de- ve compôr-se de Estados Soberanos. Malta e as suas dependencias foraõ cedidas á Graõ- Bretanha, que se obrigou a restituir as Co- lonias, Pescarias e Feitorias, que a França pos- sua antes do 1.º de Janeiro de 1792, á excep- ção com tudo de Tabago e de Santa Luzia nas Antilhas, da Ilha de França e suas de- pendencias, das Ilhas de Rodrigo e de Se- chelles, nos mares da India, que foraõ cedi- das á Inglaterra, e da parte oriental de S. Domingos, que foi restituída á Hespanha. O Rei de Suecia consentio em restituir á Fran- ça os seus direitos á Guadalupe, que tivesse



podido adquirir por hum Tratado com a Graõ-Bretanha. El-Rei de Portugal restituiu a Guyana Franceza. A França ficou gozando, relativamente ao commercio da India Inglesa, das mesmas vantagens que as Nações mais favorecidas, debaixo da condição que não faria obra alguma de fortificação nos Estabelecimentos que lhe fossem restituídos: restituiu se-lhe o seu antigo direito de pesca no Banco de Terra Nova e no Golfo de S. Lourenço. Anvers não deve ser para o futuro senão hum porto de commercio. Finalmente as Potencias, que tomáram parte na ultima guerra, deviaõ mandar Plenipotenciarios a hum Congresso, que se devia reunir em Vienna, para completar as disposições dos differentes Tratados, cada hum dos quaes continha Artigos addicionaes.

Depois de haverem posto fim a huma guerra desastrosa, os Soberanos alliados mandáraõ sahir de França as suas tropas.

Para terminar a Historia desta guerra geral, nada mais nos resta, que expôr successivamente os acontecimentos, que foraõ o resultado da pacificação.

Sendo a Belgica reunida ás Provincias Unidas debaixo da Soberania da Casa de Orange, segundo o plano adoptado pelas Potencias alliadas, foi logo evacuada pelas tropas Russas e Prussianas, que foraõ substituidas por Inglezas e Allemãas a soldo da Graõ-Bretanha. Logo depois concluiu-se entre a Corte de Londres e o Soberano dos Paizes Baixos, hum ajuste, pelo qual a Inglaterra restituia aos Hollandezes todas

Reunião da  
Belgica ás  
Provincias  
Unidas.

as conquistas que lhes fizera, á excepção do Cabo da Boa Esperança, Ceylaõ, Demerari, Essequibo e Berbice.

O Hano-  
ver erigido  
em Rein o.

O Eleitorado de Hannover, elevado por diferentes aggregações de territorio á gradação de Estado da Allemanha, alcançou o titulo de Reino debaixo do governo do Rei de Inglaterra. Em hum Manifesto que publicou o Principe Regente, attribuiu o motivo desta innovação ao convite, que lhe fizeram algumas das Potencias, que tiverão parte no tratado de Paris. Este novo Reino teve huma Constituição fundada nas bases do governo representativo.

A Norte-  
ga cedida  
á Suecia.

A posição critica em que a Dinamarca se tinha achado nos fins do anno anterior, não lhe deixava outro partido senão o de sujeitar-se ás condições de paz, que a Suecia e as outras Potencias quizessem impôr-lhe. Tinha-se concluido a 14 de Janeiro de 1814, entre os Reis de Dinamarca, de Suecia e da Graõ-Bretanha, hum Tratado, pelo qual o primeiro se obrigava a unir-se ás Potencias alliadas contra a França, e a Inglaterra consentia em restituir tudo quanto tivesse tomado á Dinamarca, á excepção de Heligoland: mas o artigo mais importante do Tratado foi aquelle, pelo qual a Dinamarca cedia para sempre o seu Reino da Noruega á Suecia, que da sua parte fazia cessar a Pomerania e da Ilha de Rugen.

Resisten-  
cia dos Nor-  
vegianos.

Com tudo, os Norvegianos, que tinham naquella época por governador a Christiano Frederico, Duque de Schleswig-Holstein, e Principe Hereditario de Dinamarca, virão com

desgosto huma mudança, que contrariava os seus interesses moraes e politicos. Tendo pois concebido o designio de sustentar a independencia da sua patria, foraõ apoiados na sua resolução pelo Principe Hereditario. A sua declaração de independencia annunciava, que elles estavaõ em paz com todas as Potencias, excepto aquellas que obrassem hostilmente contra o seu paiz. Como se lisonjeavaõ com a esperança da amizade da Inglaterra, mandáraõ hum Deputado a Londres para fazer diligencias por alcançar o apoio do Governo Inglez; mas o gabinete de S. James respondeo, que os empenhos contractados pela Graõ-Bretanha, lhe não permittiaõ dar passo algum favoravel á independencia dos Norvegianos; e logo depois annunciou ao Deputado, da parte do Principe Regente, que se haviaõ tomado medidas para bloquear os portos da Noruega por huma esquadra Ingleza. O Rei de Dinamarca receando que a conducta dos Norvegianos se não considerasse como effeito de suggestões suas secretas, escreveo-lhes huma Carta, na qual desapprovava o passo que haviaõ dado, e as operações do Principe Christiano, que os apoiava.

Debalde o Rei de Suecia tentou conciliar o amor desta nação. Levados mais do amor da patria que das considerações politicas, decidiraõ-se a reconhecer por seu Rei o Principe Christiano. Não tardou o Principe Real de Suecia a marchar contra elles para sujeita-los. Depois de alguns ligeiros combates, vendo o seu novo Rei, que huma resistencia mais larga seria baldada, abdicou a

sua auctoridade; e na Dieta geral da nação, foi decidida a uniaõ da Noruega a Súcica por huma grande maioria de votos.

Volta Fer-  
nandó VII  
para Hes-  
panha.

Não permittindo já o novo estado das cousas, que permanecesse por mais tempo em cativoiro Fernando VII, Rei de Hespanha, a quem Napoleão tinha privado da Coroa e da liberdade, partio este Monarca de França e chegou a Valença. Os Hespanhoes estavam divididos em dois partidos. As Cortes e os seus adherentes não víraõ sem inquietação a repugnancia do seu Rei em acceitar a Constituição, que tinhaõ feito na sua ausencia, a qual era toda fundada em principios de liberdade; de outra parte, todos aquelles que eraõ oppostos a estes principios declararaõ-se pela fôrma antiga do Governo, querendo conservar todas as prerogativas do poder absoluto. A demora do Rei em Valença, onde se lhe foraõ ajuntar a maior parte dos Grandes e muitos Prelados, tornou se cada vez mais suspeita ás Cortes, que debalde o sollicitáraõ para que se apresentasse em Madrid a tomar conta das redeas do Governo, na conformidade da Constituição.

Dissolve  
as Cortes.

Cessáraõ todas as duvidas, quando por hum decreto, que appareceo a 4 de Maio, Fernando annunciou, que a sua intençaõ era não só não jurar nem reconhecer a Constituição, ou outro qualquer decreto das Cortes, contrarios ás prerogativas da sua Sobe- rania, mas tambem annullar essa Constituição: ordenava de mais disso ás Cortes, que se não juntassem mais, e que entregassem todos os seus papeis e documentos relativos ás suas

operações; em fim declarava culpado do crime de lesa-Magestade, a todo aquelle que se oppuzesse á execução das suas ordens. A 14 de Maio chegou Fernando a Madrid, onde se tomáram as medidas necessarias ao restabelecimento de todas as Instituições Civís e Ecclesiasticas, taes como dantes existião, sem omittir o Tribunal da Inquisição. As prisões e as perseguições foraõ muito numerosas.

O restabelecimento dos principios do Restabele-  
antigo systema se manifestou igualmente no Es- ce o Papa  
tado da Igreja, onde Pio VII, que tinha vol- os Jesuitas  
tado para Roma, restabeleceo a Ordem dos  
Jesuitas, cuja suppressão tinha tido lugar em  
1773, em consequencia das sollicitações dos  
Soberanos da Casa de Bourbon, por causas  
legitimas conhecidas de toda a Europa. Não  
se limitou o zelo do Papa aos Jesuitas, esten-  
deo-se a todas as Communidades Religiosas.  
Deplorando a destruição quasi total destas  
Sociedades, como huma horrorosa calamidade  
do tempo, nomeou huma Congregação, en-  
carregada de restabelecer as Ordens Regula-  
res, e assignar-lhes os Conventos disponiveis,  
para que o maior numero de Frades possivel  
nelles se pudesse reunir. As Festas, que se ha-  
viaõ supprimido, quando Roma foi incorpo-  
rada no Imperio Francez, foraõ restabeleci-  
das, e todas as Sociedades secretas, sobre  
tudo a dos Franc-Mações, foraõ prohibidas  
debaixo das penas as mais severas.

Segundo a Convenção das Potencias al- Recobra c  
liadas, tornou o Rei de Sardenha a tomar Rei de Sar  
posse da Saboya e do Piemonte, a que se denha os  
seus Esta-

dos, a que se ajunta Genova. reunio Genova com o seu territorio. Desta maneira foi sacrificada esta antiga Republica a arranjos politicos, e o mesmo succedeo a Veneza, que foi encorporada nos estados da Casa de Austria.

Murat, Rei de Napoles, não he inquietado. Dos Soberanos, que em consequencia das conquistas dos Francezes tinhaõ alcançado huma Coroa, Joaquim Murat, Rei de Napoles, era o unico que tinha conservado o seu Throno. Tendo obrado de concerto com os Austriacos, antes do fim da guerra, tinha concluido hum Tratado com a Corte de Vienna, em cuja amizade tinha a maior confiança. Em huma palavra, julgava-se ao abrigo de toda inquietação.

Pacto federal da Suissa. Na Suissa, os differentes Cantões reuniram-se por hum Pacto federal, cuja base era a igualdade de direitos entre as Republicas que compunhaõ o Corpo Helvetico; e reconheceo-se o principio de que entre ellas não existiria sujeição de huma a outra. Genebra, restabelecida na sua antiga independencia, recebeu hum accrescimo de territorio: teve huma nova constituição e ficou fazendo parte da Confederação Helvetica.

Paz entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos da America. A guerra que se tinha declarado, em 1812, entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos da America, continuou este anno com o maior vigor, tanto no norte como no sul dessa parte do Mundo. Finalmente assignou-se hum Tratado de paz entre as duas Potencias. Os artigos deste Tratado diziaõ principalmente respeito ás disputas ácerca dos limites, que era preciso estabelecer: obrigava-se cada Governo a pôr termo ás hostilidades com

as Tribus Indias, e a restituir-lhes as possesões e privilegios de que gozavaõ antes de terem principiado as hostilidades.

---

## CAPITULO V.

*Estado da França. — Parte Napoleão da Ilha d'Elba. — Entra em Lyaõ. — Chega a Paris.*

A luta porfiada e sanguinolenta, que tanto tempo tinha durado entre a França e o resto da Europa, estava terminada. O restabelecimento da Familia dos Bourbons no Throno dos seus antepassados, e a tranquillidade geral, de que gozavaõ todos os povos, presagiavaõ huma paz de larga duração; mas o curso das cousas, no principio de 1815, provou que esta presumpção era erronea. Ainda que Luiz XVIII não tivesse encontrado obstaculo algum aos seus direitos hereditarios á Coroa de França, e os Francezes tivessem recebido huma Constituição, que devia contentar os seus desejos; todavia manifestáraõ-se logo symptomas, que annunciavaõ não existir huma harmonia perfeita entre todas as classes da nação. Derramáraõ-se inquietações relativamente á venda dos bens dos Emigrados, que haviaõ sido confiscados e vendidos por conta do Estado. Deraõ algumas pessoas a conhecer a intenção de fazer restabelecer, a certos respeito, a antiga ordem de cousas. De outro lado, os militares não davaõ á Dynastia dos Bourbons aquellas demonstra-

Estado da  
França.



ções de amor e respeito, que tinhaõ dado a Napoleaõ, que muitas vezes os havia conduzido á victoria, e debaixo de cujas bandeiras se compraziaõ a considerar-se, como destinados a tomarem ainda novamente as armas para defender a sua Patria.

Parte Na-  
poleaõ da  
Ilha d'El-  
ba.

Com tudo, o Soberano da Ilha d'Elba, Napoleaõ, para desvanecer toda a suspeita ácerca das suas vistas, tinha meditado muito bem o papel que devia representar. Annunciava por meio de huma apparencia de sinceridade, que estava curado de todo o projecto ambicioso; parecia occupar-se unicamente dos negocios do seu pequeno Estado. Os vasos Inglezes, que cruzavaõ á roda da Ilha, vigiavaõ-no continuamente. Mas huma correspondencia muito activa tinha lugar entre a Ilha de Elba e Napoles, por via da Princeza Paulina, sua Irmãa. As ordens precisas que elle havia dado nos ultimos tempos, para não deixar chegar á sua pessoa os estrangeiros, e o desgosto de que dava mostras, quando o Commandante do cruzeiro Inglez fazia a sua visita costumada, deviaõ fazer desconfiar de algum projecto mysterioso da sua parte. Com tudo não se tomou medida alguma de precaução. Na noite de 26 de Fevereiro, sem encontrar obstaculo algum, partio de Porto-Ferraio em hum dos seus brigues de guerra, acompanhado de quatro navios pequenos, levando entre todos mil homens pouco mais ou menos, Francezes, Corsos, Napolitanos e naturaes da Ilha.

He recebido em  
Grenoble.

Desembarcou no 1.º de Março no porto de Cannes, nas costas de França. Os ha-

bitantes do paiz não deraõ demonstraçãõ alguma de se acharem dispostos a declarar-se a seu favor. Antibes até fechou as suas portas a hum destacamento, que elle mandou para occupar esta praça. Tomou entãõ o caminho de Grenoble com a sua tropa mal municionada. Quando se aproximou desta cidade, Labédoyere, com o regimento que elle commandava, sahio ao seu encontro e se lhe reunio; a 8 de Março, o resto da guarnição lhe abriu as portas, entregou-lhe os armazens e o arsenal, e o poz deste modo á frente de hum corpo de tropas regulares, com hum trem de artilheria. Não se podia suppôr que Napoleaõ se houvesse confiado ao acaso de hum simples tentativa; seria da sua parte hum imprudencia, que de modo nenhum dizia com a sua conducta precedente, que fôra sempre astuciosa. Não se deve duvidar de que não estivesse instruido das disposições dos militares a seu favor; e arranjos feitos de antemaõ lhe seguravaõ provavelmente a cooperação das tropas para o bom exito do seu projecto.

Assim que a nova do seu desembarque chegou a Paris, Luiz XVIII declarou-o traidor e rebelde por hum Decreto, que pronunciava a pena de morte contra elle e seus adherentes. Tendo-se Napoleaõ apresentado diante de Lyaõ, entrou nella sem resistencia em meio das acclamações dos soldados e do povo. Já entãõ tinha tomado o seu antigo titulo, *Napoleaõ, pela Graça de Deos, e pelas Constituições do Imperio, Imperador dos Francezes.*

Até aqui as tropas que se lhe tinhaõ Chega  
Paris.

juntado, não passavaõ ainda de hum fraco soccorro, para marchar sobre París, e apoderar-se do Throno, como era sua tenção. Além das provas que já tinha recebido do amor dos soldados á sua pessoa, he de crer que tivesse recebido dos principaes chefes militares e civís, seguranças secretas de o favorecerem nos seus designios. A Corte, tendo tomado medidas para suspender a sua marcha, reuniu hum grande corpo de tropas em Melun, a fim de proteger a capital, e enviou outro corpo para Montargis, sobre a estrada de Fontainebleau, de modo a metter Napoleaõ entre dois fogos. Confiava ella muito no Marechal Ney, hum dos generaes Francezes mais distinctos, a quem se deo o commando de huns quinze mil homens, que tinhaõ marchado para Lons-le-Saunier. Mas tanto que Napoleaõ chegou a Auxerre, o Marechal se lhe reuniu com a sua divisaõ, que tinha posto o laço tricolor. Esta deserção foi seguida da de outros corpos de tropas. Vendo entaõ que não podia ter confiança alguma no exercito, o Rei deixou París na noite de 19 para 20, para transferir-se a Lilla, donde partio para Gand; e na noite do dia 20 entrou Napoleaõ em París. Assim, sem precisão de dar hum tiro de espingarda, tornou Napoleaõ a tomar, com o titulo de Imperador, posse da Coroa de França.

## CAPITULO VI.

*Declaração e Tratado das Potencias alliadas. — Exercitos Inglez e Prussiano na Belgica. — Parte Napoleão para o exercito. — Batalha de Waterloo. — Segunda abdicção de Napoleão. — Chegaõ os Alliados aos arredores de Paris. — Convenção militar. — Embarca-se Napoleão para ser conduzido a Inglaterra, e depois á Ilha de Santa Helena. — Torna Luiz XVIII a entrar em Paris. — Murat, ex-Rei de Napoles, executado. — Faz o Rei de Saxonia cessão de huma parte dos seus Estados ao Rei de Prussia. — O Imperador da Russia declarado Rei da Polouia. — Confederação Germanica.*

Tanto que as differentes Potencias da Europa foraõ instruidas da chegada de Napoleão a França, os Plenipotenciarios das Potencias alliadas, reunidos em Congresso em Vienna, publicáraõ hum Manifesto, pelo qual os seus Soberanos lhe declaravaõ huma guerra de morte, como havendo-se collocado fóra das relações civis e sociaes, e entregado elle mesmo á vindicta pública, como inimigo e perturbador da paz do mundo. Na circumstancia crítica em que elle se achava, dirigio cartas amigaveis aos Soberanos alliados, que lhas recambiáraõ sem resposta, e mandáraõ marchar os seus respectivos exercitos para as fronteiras da França. A 25 de Março concluiu-se en-

Declaração e Tratado das Potencias alliadas.

tre a Austria, a Russia, a Graõ-Bretanha e a Prussia hum Tratado em Vienna, pelo qual estas Potencias se obrigáão a sustentar na sua integridade as condições do Tratado, que haviaõ assignado no anno antecedente em París; a pôr cada huma em campo para este fim hum exercito de cento e cincoenta mil homens, e a não depôr as armas, senão de commum acordo, depois de haverem privado Napoleão de todos os meios de excitar novas perturbações e de renovar as suas tentativas para apoderar-se da Coroa de França.

Exercitos  
Inglez e  
Prussiano  
na Belgica.

Já no anno antecedente, todas as praças fortes da Belgica do lado da França, haviaõ sido occupadas por guarnições compostas principalmente de tropas Inglezas, ou a soldo da Graõ-Bretanha. Assim que se soube a empreza de Napoleão, foraõ mandados reforços da Inglaterra para este paiz, e ali tinha chegado Lord Wellington, para tomar nelle o commando das tropas, tanto Inglezas como estrangeiras. O exercito Prussiano commandado por Blucher, tendo chegado ás visinhanças de Namur, os dois generaes tiveraõ conferencias hum com o outro relativamente ás suas futuras operações.

Parte Na-  
poleão pa-  
ra o exer-  
cito.

O exercito Francez estava entaõ postado em Avesne, e tinhaõ-se feito em Laon e no Castello de Guise preparativos de defeza contra huma invasaõ. Sahio Napoleão a 12 de Junho de París para Laon, na resolução de atacar os Inglezes e Prussianos, antes que os Russos e Austriacos, que ainda estavaõ longe, pudessem chegar para dar-lhes adjutorio. Achava-se a frente de tropas numerosas, commanda-

das por generaes habeis, e compostas de soldados feitos.

Principiou o ataque a 15, e durante quatro dias consecutivos, houve grande numero de combates successivos, onde de parte a parte soffrêraõ perdas consideraveis. Finalmente, no dia 18 vieraõ ás mãos de hũa maneira absolutamente decisiva em Waterloo. Foi terrivel o ataque; de ambos os lados, a cavallaria fez repetidas cargas muito mortíferas; e a infantaria, que differentes vezes, em todos os pontos do campo, atacou á baioneta, augmentou ainda a carniceria. Combateo-se com encarniçamento até á noite; e durante algum tempo se esteve em duvida se os Inglezes poderiaõ continuar a sua resistencia, visto que todo o dia tinhaõ supportado a fadiga, e combatido com tropas, que lhes eraõ superiores em numero. Mas os Prussianos, que tambem tinhaõ sido atacados, e que tinhaõ experimentado muitas difficuldades em passar hum desfiladeiro entre a sua posiçaõ e os Inglezes, annunciáraõ em fim a sua chegada pelo fogo da sua artilheria. Vendo-se em riscos de serem cortados, os Francezes recuáraõ. Aproveitando-se da occasiaõ favoravel que se lhe offerecia, mandou Lord Wellington avançar toda a linha da sua infantaria, sustentada pela cavallaria e artilheria. Expulsos de todas as suas posições, foraõ perseguidos os Francezes na maior desordem, até muito pela noite adiante, depois de haverem deixado no campo da batalha humas cento e cincoenta peças de artilheria com as suas munições, carros e bagagens. O mesmo Napoleaõ por pouco

Batalha de Waterloo.

naõ ficou prisioneiro na fuga. Os Inglezes extenuados de cansaço, tendo feito alto, deixáraõ aos Prussianos o cuidado de perseguir até mais longe os Francezes, que fizeraõ a sua retirada por Charleroi. Esta batalha memoravel custou mui cara aos vencedores, que perdêraõ huns treze mil homens mortos, feridos ou extraviados. A perda dos Francezes foi taõ consideravel, que se naõ atrevêraõ a informar della o público; contentáraõ-se de mandar annunciar nos diarios da capital, *que hum momento de terror panico tinha privado o exercito Francez de huma vantagem certa, e tinha occasionado a sua perda.*

Segun-  
da abdi-  
caõ de Na-  
poleaõ.

Depois desta batalha, naõ encontráraõ já os Alliados obstaculo que lhes tolhesse a sua marcha sobre París, para onde Napoleaõ se apressára a voltar por huma fuga muito precipitada, como já o tinha feito no Egypto, em Hespanha e na Saxonia, para pôr a sua pessoa em segurança; e com tudo tinha dito em huma Proclamação do dia 16, *que para todo Francez que tivesse valor, era chegado o momento de vencer ou morrer.* Chegando á capital no dia 20 á noite, convocou no dia seguinte huma Junta dos ministros e dos membros do Conselho de Estado, a quem expoz a derrota que acabava de experimentar, e deo a conhecer a necessidade que tinha de trezentos mil homens e de trezentos milhões de francos. Representáraõ-lhe que era impossivel que a nação accedesse ao seu pedido, e que o unico partido que podia tomar era abdicar a Corõa. Vendo que naõ tinha já a confiança pública, assignou a 22 hum Acto de



abdição; e *offerecendo-se*, dizia elle neste Acto, *em sacrificio ao odio de seus inimigos, annunciava nelle, que a sua vida politica estava terminada, e proclamava seu Filho, debaixo do nome de Napoleão II, Imperador dos Francezes.* Aceitárao as duas Camaras a sua abdição, mas esquivárao-se a reconhecer positivamente seu Filho por seu Successor, e nomeárao huma Deputação, para levar proposições de paz aos exercitos alliados: chegando ao quartel-general dos Soberanos alliados, não foi admittida á presença destes Principes, que lhe mandárao responder pelos seus Ministros, que não entendiao reconhecer os delegados de hum Governo emanado de huma Constituição dada por Napoleão, a quem toda a Europa tinha declarado, no Congresso de Vienna, rebelde, aventureiro, fóra da lei; e dérao ordens ao mesmo tempo para que os Plenipotenciarios Francezes fossem conduzidos aos postos avançados.

Entre tanto, os dois generaes em chefe dos exercitos alliados, Lord Wellington e Blücher, tinhao entrado a 21 no territorio da França. Dirigio o primeiro, de Malplaquet, aos Francezes huma Proclamação, em que lhes annunciava que entrava no seu paiz, não como inimigo, mas sim como amigo, para os ajudar a sacudir o jugo de ferro que os esmagava. A 23 mandou hum destacamento contra Cambray, que foi tomada de escalada. Luiz XVIII chegou em breve tempo de Gand a esta cidade. As tropas alliadas, sem suspenderem hum momento a sua marcha, apresentárao-se a 28 nos arredores de París. A 29

Chegaõ  
os Alliados  
aos arredores de  
París.

passou Lord Wellington o Oise, e a 30 passou Blucher o Sena em Saint-Germain; o seu plano era investir, por dois lados a hum tempo, esta capital, que offerencia o aspecto de hum praça ameaçada de hum sitio. As alturas que rodeão a cidade, estavaõ bem fortificadas; tinha para a sua defeza huns cincoenta mil homens de tropas de linha, além da guarda nacional, com os atiradores e fedrados, que se tinhaõ armado com toda a promptidão.

Convêção  
militar.

Mas as vantagens que os Alliados alcançavaõ todos os dias, e os reforços que successivamente lhes chegavaõ com a maior celeridade, determináraõ as Auctoridades civis e militares, a convocar hum Conselho para decidir se a capital era susceptivel de defender-se. Segundo o parecer deste Conselho, que demonstrou a impossibilidade que havia para resistir, assentou-se que se mandasse huma deputação aos dois Chefes dos exercitos dos Soberanos alliados, a fim de negociar huma Convenção, que puzesse termo ás hostilidades; e a 3 de Julho assignou-se entre Lord Wellington e Blucher de huma parte, e Davoust da outra, huma Convenção puramente militar, que se reduzia a “ Que haveria huma suspensão de armas; que no dia seguinte o exercito Francez principiaria a pôr-se em marcha para além do rio Loire, e effectuaria a evacuação de París em tres dias; que levaria consigo todo o material do exercito, artilheria de campanha, caixa militar, cavallos e quanto pertencesse aos regimentos, sem restricção alguma; que os doentes e

„ feridos, assim como os medicos e cirur-  
„ giões que ficassem com elles, estariaõ de-  
„ baixo da protecção dos Commandantes em  
„ chefe dos exercitos Inglez e Prussiano; que  
„ poderiaõ, depois de réstabelecidos, hir jun-  
„ tar-se aos seus respectivos corpos; que as  
„ mulheres e filhos dos individuos, que faziaõ  
„ parte do exercito Francez, teriaõ a liber-  
„ dade de ficar em París, e poderiaõ deixar  
„ esta cidade para hir reunir-se ao exercito,  
„ levando comsigo o que lhes pertencesse a  
„ ellas ou a seus maridos; que os officiaes  
„ de linha empregados com os federados ou  
„ com os atiradores da guarda nacional, po-  
„ deriaõ, ou reunir-se ao exercito, ou voltar  
„ para os seus domicilios, ou para o lugar  
„ do seu nascimento; que todos os postos for-  
„ tificados á roda de París, e os das barrei-  
„ ras deveriaõ ser successivamente entregues;  
„ que o serviço interior da capital seria feito  
„ pela guarda nacional e pela gendarmeria  
„ municipal; que as Auctoridades actuaes,  
„ em quanto existissem, seriaõ respeitadas,  
„ assim como as propriedades públicas, á  
„ excepção daquellas que tinhaõ relação com  
„ a guerra; que as pessoas e as propriedades  
„ particulares seriaõ igualmente respeitadas;  
„ que de mais disso os habitantes e em ge-  
„ ral os individuos que se achavaõ na capi-  
„ tal, continuariaõ a gozar dos seus direitos  
„ e liberdades, sem poderem ser inquietados  
„ em cousa alguma relativamente aos empre-  
„ gos que occupavaõ, ou tinhaõ occupado, á  
„ sua conducta, e ás suas opiniões publi-  
„ cas. „

Embar-  
ca-se Na-  
poleão pa-  
ra ser con-  
duzido a In-  
glaterra, e  
depois á Il-  
ha de San-  
ta Helena.

Com tudo Napoleão, que depois do dia 20 de Junho não tinha sahido de París, sahio effectivamente a 23, para transferir-se a Malmaison, na vizinhança da capital, onde se deixou ficar socegradamente até 28, não fazendo diligencia por esquivar-se, por meio de hum fuga secreta e precipitada, á perseguição dos seus inimigos. Esta segurança da sua parte tanto mais era para admirar, quanto além da Ordenança, pela qual Luiz XVIII tinha pronunciado contra elle a pena de morrer, como traidor e rebelde, o Congresso de Vienna o tinha declarado fóra da lei, como inimigo e perturbador do mundo. Como quer que fosse, o certo he que elle partio com hum sequito assaz numeroso para Rochefort, onde chegou a 3 de Julho. Depois de diversas tentativas, segundo então se disse, para escapar á vigilancia dos vasos Inglezes, que cruzavaõ defronte deste porto, acabou tomando o partido de pôr-se debaixo da sua protecção. Mandou a 15 hum parlamentar ao capitão Maitland, que commandava o *Bellerophonte*, e fez-se á vela com elle para Inglaterra, acompanhado de todo o seu sequito. Os Soberanos Alliados, informados deste acontecimento, decidíraõ que fosse conduzido, como prisioneiro, á Ilha de Santa Helena (\*), e ahi ficasse guardado com a mais rigorosa vigilancia.

Torna  
Luiz XVIII  
a entrar em  
París.

Entre tanto, tinha Luiz XVIII tornado a entrar em París a 8 de Julho: todas as posições militares continuáraõ a ser occupadas

(\*) No Oceano Atlantico Meridional.

pelas tropas alliadas ; debaixo da sua salvaguarda , foi o Governo Real restabelecido , e o laço branco substituiu o tricolor. Por huma Ordenança do Rei , em data de 24 , dezanove dos mais notaveis daquelles que craõ suspeitos de ter favorecido a volta de Napoleaõ , foraõ declarados em estado de accusação e presos , para serem sentenciados , e outros , em maior numero , foraõ postos debaixo da vigilancia da policia , até que se decidisse da sua sorte. A frente dos primeiros figuravaõ o Marechal Ney e o coronel Labédoyere , considerados como os principaes fautores da usurpação de Napolcaõ. Foraõ ambos executados logo depois de pronunciada a sua sentença , que os condemnava á morte.

Depois da primeira abdicação de Napoleaõ , e da sua partida para a ilha de Elba , seu cunhado Joaquim Murat , Rei de Napolles , não se julgando seguro no Throno de hum descendente dos Bourbons , tinha conservado correspondencias com elle. Tinha com tudo manifestado a sua intenção de permanecer fiel á sua Alliança com a Austria , e de adherir ao systema dos Alliados. Mas quando soube que Napoleaõ tinha tornado a entrar em França , declarou que considerava a causa de seu cunhado como sua propria , e poz-se á frente das suas tropas para marchar em seu soccorro ; porém oppoz-se-lhe hum exercito Austriaco , que não lhe deixou pôr em execução o seu projecto ; e depois de haver sido completamente derrotado , vio-se obrigado a abandonar a Fernando IV o Throno que elle occupava , e a buscar a sua salvação na fuga. Pas-

Murat , ex-Rei de Napolles , executado.

sou primeiro para o meio-dia da França; e não se julgando ali em segurança, tomou o partido de retirar-se para a Corsega. Reduzido nesta ilha á desesperação, resolveo fazer huma tentativa no Reino de Napoles. Chegou a 8 de Outubro com dois navios ás costas da Calabria Ulterior, e adiantou-se até huma aldêa, onde tentou sublevar os habitantes a seu favor, falando-lhes como Rei; mas foraõ baldadas as suas diligencias. Marcháraõ contra elle, fizeraõ-no prisioneiro, e conduziráõ-no diante de huma Commissaõ militar, que o condemnou a ser arcabuzado com os seus companheiros: foi a sua sentença executada a 15. Deste modo terminou a sua carreira hum homem elevado de huma condiçaõ obscura a huma dignidade, para a qual não tinha outras qualidades, senaõ os talentos de hum bravo soldado.

O Principe de Orange  
proclama-  
do Rei dos  
Paizes-Bai-  
xos.

Neste mesmo anno, o Principe de Orange, por consentimento das Potencias alliadas, foi condecorado com o titulo de Rei dos Paizes-Baixos, titulo que lhe dava hum dos primeiros lugares entre as Potencias da segunda ordem da Europa. Por meio desta medida importante no systema politico, as sete Provincias designadas ordinariamente debaixo do nome de Hollanda, e as outras Provincias, que haviaõ estado largo tempo debaixo do dominio da Austria, formáraõ hum novo Reino governado por huma Constituiçaõ, que offerecia o plano de huma Monarquia hereditaria e limitada, com todas as garantias para a liberdade pública e particular.

Tratado  
definitivo

Se lançamos novamente os olhos para

o theatro politico o mais interessante, para entre a França e os Aliados. a França, vemos huma nação agitada pela inquietação, que lhe causavaõ a presença das tropas estrangeiras, e pela incerteza de qual seria a sua sorte. Finalmente, depois de muitos receios, conheceo quaes eraõ as condições com que lhe era permittido conservar o seu lugar entre os Estados da Europa. Hum Tratado concluido, entre a França e as Potencias aliadas, em París, a 20 de Novembro, impunha a este Reino indemnisações para com os Soberanos, as quaes consistiaõ, parte em cessões de territorios, parte em pagamentos de sommas de dinheiro.

Estas cessões causáraõ algumas mudanças nas fronteiras da França, do lado da Belgica, do Rheno e do territorio de Genébra; sem serem consideraveis em extensaõ, não deixavaõ de ser importantes por causa das localidades. Quanto ás indemnisações em dinheiro, a França obrigava-se a pagar aos Alliados setecentos milhões de francos, que deviaõ ser repartidos entre elles, e pagos dentro de cinco annos. Até o inteiro pagamento desta somma, cento e cincoenta mil homens de tropas alliadas deviaõ ficar em França á custa desta Potencia, e occupar as praças fortes de Condé, Valenciennes, Bouchain, Cambray, le Quesnoy, Maubeuge, Landrecies, Avesnes, Rocroy, Givet com Charlemont, Mézières, Sédan, Montmédié, Thionville, Longwi, Bitche, e a cabeça de ponte do Forte-Luiz. Tal foi o estado de humilhação a que a França se vio reduzida, depois de haver alcançado contra as diversas Potencias da Eu-



ropa tantas victorias, de que ella havia gozado com tão pouca moderação. O primeiro momento destes sacrificios foi doloroso; mas por huma imperiosa necessidade, a França vio-se obrigada a sujeitar-se a elles: ella precisava da paz, e entendeu que a devia comprar, qualquer que fosse o preço que devesse custar-lhe.

Faz cessão  
o Rei de  
Saxonia de  
huma par-  
te dos seus  
Estados ao  
Rei de  
Prussia.

Taes foraõ as disposições do Congresso das Potencias alliadas, a que se pôde ajuntar o Tratado, pelo qual o Rei de Saxonia se vio reduzido á dura necessidade de ver-se privado de huma parte do territorio dos seus Estados, que lhe tiráraõ, para com elles darem huma indemnisação ao Rei de Prussia. Os novos titulos tomados por este ultimo Principe, assaz daõ a conhecer as cessões que se vio obrigado a fazer o Rei de Saxonia; estes titulos saõ os de Duque de Saxonia, Landgrave de Thuringe, Marcgrave das duas Lusacias e Conde de Henneberg. O Monarca despojado despedio-se dos seus antigos subditos, de quem se separava, em huma Fala dirigida a elles, em que se desculpava destas cessões, como sendo a unica condição com que lhe fôra possivel alcançar a conservação dos seus Estados hereditarios; a passagem seguinte commoverá sem duvida a todo o homem dorado de sensibilidade: « Todos os  
» meus esforços, diz elle, para evitar hum  
» tão penoso sacrificio, foraõ baldados! te-  
» nho de separar-me de vós! E aquelles vin-  
» culos, que a vossa fidelidade, e o amor  
» que tinheis á minha Pessoa, me haviaõ fei-  
» to tão caros, aquelles vinculos, que pelo

„ decurso de seculos , fizeram a felicidade da  
„ minha Casa e dos vossos antepassados , tem  
„ de ser quebrados ! „ Tal foi a sorte de  
hum Soberano , que teve a desgraça de ser  
o ultimo dos que sustentaram a causa de Na-  
poleão.

De outro lado , o Imperador Alexan-  
dre annunciou , que em virtude de huma re-  
solução do Congresso das Potencias alliadas ,  
elle tomava o titulo de Rei de Polonia ; mais  
de metade do Ducado de Varsovia foi entre-  
gue ao Imperador da Russia , mas conservan-  
do a sua Constituição particular.

O Im-  
perador da  
Russia de-  
clarado Rei  
de Polonia.

Em Allemanha assignou-se hum Acto  
solemne de confederação entre os Principes  
Soberanos e as Cidades livres : no numero dos  
primeiros estava comprehendido o Imperador  
de Austria e o Rei de Prussia , por aquellas  
das suas possessões , que precedentemente per-  
tenciao ao Imperio Germanico , assim como  
o Rei de Dinamarca pelo Holstein , e o Rei  
dos Paizes-Baixos pelo Ducado de Luxembourg.  
Segundo este Acto , os negocios da Confe-  
deração são tratados em huma Assembléa ge-  
ral ou Dieta , composta dos Plenipotenciarios  
de todos os Estados , a qual se ajunta em  
Francfort sobre o Meno. Os membros desta  
Confederação devem não só prestar a sua  
assistencia para a defeza da Allemanha , mas  
ainda para a de cada Estado em particular  
contra todo ataque ; e garantir-se recipro-  
camente a integridade do seu territorio com-  
prehendido na Confederação ; não acceder a  
tratado algum hostile contra esta mesma Con-  
federação , e não fazerem guerra hum a ou-

Confede-  
ração Ger-  
manica.

tro, sem sujeitarem as suas desavenças á decisão da Dieta geral. Segundo o teor dos artigos deste Acto, a paz da Allemanha está segura, se a Confederação permanecer firmemente unida, e então não veremos já renovarem-se as guerras, de que ella tantas vezes foi o sanguinolento theatro.

Taes são as mudanças politicas, operadas em consequencia de huma guerra memoravel, na qual tomáramos huma parte activa todas as Potencias da Europa, e que felizmente terminou com o Tratado, que ellas assignáramos em París a 20 de Novembro de 1815. Oxalá que a Paz geral, produzida por este Tratado, seja de larga duração! Muitas razões devem talvez dar esperanças de huma tranquillidade permanente: são primeiramente a impossibilidade a que foi reduzida a França, de renovar os seus projectos ambiciosos, e de perturbar novamente os Estados, para os sujeitar á mais humilhadora dependencia: em segundo lugar, a uniaõ dos Soberanos, ligados para comprimir aquelle dos Potentados, que quizesse engrandecer-se por meio da violencia e da injustiça: e por ultimo, o peso de huma guerra aturada e desastrosa, que enfraqueceo consideravelmente as Potencias belligerantes, para quem o repouso he de absoluta necessidade, a fim de recobrem o seu primeiro vigor, e a sua antiga prosperidade.

## PEÇAS JUSTIFICATIVAS.

( N.º I, pag. 271. )

NÓS CARLOS PHILIPPE DE FRANÇA, *Filho de França, Monsieur, Conde de Artois, Tenente General do Reino, etc., etc., a todos os Francezes.*

» FRANCEZES? he chegado o dia do vosso livramento. O Irmão de vosso Rei he chegado, está convosco. No meio da antiga França he que quer levantar novamente o antigo estandarte dos Lizes, e annunciar-vos a volta da felicidade e da paz, sob hum Reinado protector das leis e da liberdade publica.

» Acabou o tyranno, e com elle a guerra, a conscripção, e os direitos reunidos. Apaguem-se, á voz de vosso Soberano, de vosso Pai, as vossas desgraças pela esperança, os vossos erros pelo esquecimento, as vossas dissensões pela uniaão, de que elle quer ser o penhor.

» As promessas que hoje solememente vos renova, abraza-se em desejos de as cumprir, e de assignalar pelo seu amor e beneficios o momento afortunado, que encaminhando a elle os seus subditos, o restitue a seus filhos.

» *Assignado, CARLOS PHILIPPE.* »

( N.º II, pag. 271. )

LUIZ XVIII aos *Francezes.*

» He finalmente chegado o momento, em que a Divina Providencia parece querer despedaçar o instru-

mento da sua colera. O usurpador do Throno de S. Luiz, o devastador da Europa, experimenta revezes por seu turno. Não farão elles mais que aggravar os males da França, e não ousará ella derrubar hum poder odioso, que já não protegem os prestigios da Victoria? Que prevenções ou que recelos poderiaõ hoje impedi-la de lançar-se nos braços do seu Rei, e de reconhecer no restabelecimento da sua legitima Auctoridade, o unico penhor da uniaõ, da paz e da felicidade, que as suas promessas tem tantas vezes garantido aos seus subditos opprimidos?

» Não querendo, nem podendo dever senaõ aos esforços dos Francezes o Throno, que os seus direitos e o amor dos mesmos Francezes pôdem unicamente firmar, quaes votos seriaõ contrarios áquelles que não cessa de fazer? Que duvida poderia levantar-se acerca das suas intenções patèrnaes?

» Disse o Rei nas suas Declarações precedentes, e reitera a segurança de que os Corpos Administrativos e Judiciarios serão conservados na plenitude de suas attribuições; de que conservará os seus empregos áquelles que nelles se achão providos, e que lhe prestarem juramento de fidelidade; de que os Tribunaes depositarios das leis, não farão diligencias nem pesquisas algumas relativamente áquelles tempos desgraçados, cujo esquecimento a sua volta terá confirmado para sempre; de que finalmente, o Codigo manchado com o nome de Napoleaõ, mas que não encerra pela maior parte senaõ as antigas Ordenanças e Costumes do Reino, ficará em vigor, á excepção de algumas disposições, que sejam contrarias aos Dogmas Religiosos, sujeitos desde largo tempo, assim como a liberdade do povo, aos caprichos do tyranno.

» O Senado, onde se achão sentados homens, que os seus talentos distinguem a tão justo titulo, e que tantos serviços pôdem illustrar aos olhos da França e da posteridade, aquelle Corpo cuja utilidade e importancia não serão bem conhecidas senaõ depois da restauração, poderá deixar de ver o destino glorioso, que o chama a ser o primeiro instrumento do grande beneficio, que será a mais solida, como tambem a

mais honrosa garantia da sua existencia e das suas prerogativas ?

» Quanto ás propriedades, o Rei, que já annunciou a intenção de empregar os meios mais próprios para conciliar os direitos e os interesses de todos, vê que as numerosas transacções, que tiverão lugar entre os antigos e novos proprietarios, fazem este cuidado quasi superfluo. Promette actualmente prohibir aos Tribunaes todo procedimento contrario ás ditas transacções, promover as composições voluntarias, e dar em pessoa, assim como a sua Familia, o exemplo de todos os sacrificios, que puderem contribuir para o repouso da França, e para a união sincera dos Francezes.

» O Rei garantio ao exercito a conservação dos postos, empregos, soldo e ordenados de que presentemente goza ; promette tambem aos generaes, officiaes, e soldados, que se distinguirem a favor da sua causa, inseparavel dos interesses do povo Francez, recompensas mais reaes, distincções mais honrosas, que as que pudéraõ receber de hum usurpador, sempre prompto a desconhecer, ou ainda a temer os seus serviços. O Rei promette novamente abolir aquella conscripção funesta, que destroe a felicidade das familias, e a esperanza da patria.

» Taes foraõ sempre, e taes são ainda as intenções do Rei. O seu restabelecimento no Throno dos seus Antepassados não será para a França, senão a feliz passagem das calamidades de huma guerra que a tyrannia perpetua, para os beneficios de huma paz solida, cuja garantia não pôdem as Potencias estrangeiras encontrar senão na palavra do legitimo Soberano.

» Assignado LUIZ. »

Hartwel, Condado de Buckingham, 1.º de Janeiro de 1814.

## HABITANTES DE PARIS,

» Os vossos Magistrados seriaõ traidores a vós e á patria, se por vís considerações pessoaes, suffocassem mais largo tempo a voz da sua consciencia.

» Brada-lhes ella, que vós deveis todos os males, que vos opprimem, a hum unico homem.

» Elle he, que todos os annos, por meio da conscripção, dizimava as vossas familias. Qual de nós não perdeo hum filho, hum irmão, parentes, e amigos? Por quem morrêraõ tantos bravos? Por elle só, e não pela patria. Por que causa? Foraõ immolados, unicamente immolados á loucura de deixar apoz de si a lembrança do mais espantoso oppressor, sob que tenha gemido a especie humana.

» Elle he, que em vez dos quatrocentos milhões (de francos), que a França pagáva sob nossos bons e antigos Reis, nos sobrecarregou de mais de mil e quinhentos milhões de impostos, os quaes ainda nos ameaçava de augmentar.

» Elle he, que nos fechou os mares de ambos os Mundos, que esgotou todos os recursos da industria nacional, arrebatou aos nossos campos os cultivadores, os artistas ás nossas fabricas.

A elle devemos o odio de todos os povos, sem o haver merecido, visto que, como elles, fomos antes as desgraçadas victimas, que os instrumentos da sua raiva.

Não foi elle tambem, que violando o que os homens tem de mais sagrado, reteve em captiveiro o Veneravel Chefe da Igreja, despojou dos seus Estados, por meio de huma perfidia detestavel, hum Rei seu alliado, e entregou á devastação a nação Hespanhola, nossa antiga e sempre fiel amiga?

» Não foi elle igualmente, que inimigo dos seus proprios subditos, largo tempo enganados por elle, depois de haver ainda ha pouco recusado huma paz honrosa, com a qual o nosso desgraçado paiz teria



podido ao menos respirar, acabou por dar a ordem parricida de expôr inutilmente a guarda nacional para a defesa impossivel da capital, sobre a qual chamava deste modo todas as vinganças do inimigo?

» Não foi por ultimo elle, que receando mais que tudo a verdade, expulsou de hum modo injurioso, a face da Europa, os nossos legisladores, porque tentá-ram huma vez dizer-lha com tanto comedimento como dignidade?

» Que importa que não tenha sacrificado senão hum pequeno numero de individuos aos seus odios ou antes ás suas vinganças particulares, se sacrificou a França, (que dizemos nós?) toda a Europa á sua desmesurada ambição?

» Ambição ou vingança, a causa nada he. Qualquer que seja a causa, vede o effeito; vede esse vasto continente da Europa coberto em toda a parte dos ossos confundidos dos Francezes e dos Povos, que nada tinham que exigir huns dos outros, que se não aborrecião, que as distancias livravaõ de contendas, e que elle não precipitou na guerra senão para encher a terra com a fama do seu nome.

» Que importaõ as suas victorias passadas? Que bem nos resultou destas funestas victorias? O odio dos Povos, as lagrimas das familias, o celibato forçado das nossas filhas, a ruina de todas as fortunas, a viuvez prematura de nossas mulheres, a desesperação dos pais e das mãis, a quem, de huma numerosa posteridade, não lhes resta a mão de hum filho que lhes cerre os olhos; eis o que devemos ás suas victorias! São ellas as que hoje nos conduzem, até dentro de nossos muros, sempre virgens sob a paternal administração de nossos Reis, os estrangeiros, cuja generosa protecção nos recommenda o reconhecimento, quando tão lisonjeiro seria para nós offerer-lhes huma alliança desinteressada.

» Não ha hum unico de nós, que no intimo do seu coração, o não deteste como hum inimigo publico; hum unico, que nas suas mais intimas communicações, não fizesse voto por ver chegar o termo de tão inuteis crueldades.

» Este voto de nossos corações e dos vossos, seriamos desertores da causa publica, se tardassemos a exprimi-lo.

» *A Europa em armas* no-lo pede. Ella o implora como hum beneficio para a humanidade, como o garante de huma paz eterna e duradoura.

» Parisienses, *a Europa em armas* não o alcançaria dos vossos Magistrados, se não fosse conforme aos seus deveres.

» Mas em nome destes mesmos deveres, e dos mais sagrados de todos, he que abjuramos toda obediencia ao usurpador, para voltarmos aos nossos legitimos Principes.

» Se pôde haver perigo em seguir este movimento do coração e da consciencia, de bom grado nos sujeitamos a elle. A Historia e o reconhecimento dos Francezes farão menção dos nossos nomes, e os deixarão em legado á estima da posteridade.

» Em consequencia,

» O Conselho Geral do Departamento do Sena, Conselho Municipal de Paris, espontaneamente reunido,

» Declara á unanimidade dos seus membros presentes:

» Que renuncia formalmente a toda obediencia a Napoleão Bonaparte;

» Exprime o mais ardente voto para que o Governo Monarquico seja restabelecido na Pessoa de Luiz XVIII e de seus legitimos Successores:

» Ordena que a presente Declaração, e a Proclamação que a explica, sejam impressas, distribuidas e affixadas em Paris, notificadas a todas as Auctoridades que ficárao em Paris e no Departamento, e enviadas a todos os Conselhos Geraes de Departamento.

» Feito em Conselho Geral em Paris, no Palacio da Camara, a 1 de Abril de 1814.

» Assignado, *Badenier, Barthelemy, Bellart, Bonhommet, Boscheron, Delaître, Gauthier, d' Harcour, de Lamoignon, Lebeau, Presidente; Montamant, Secretario; Pérignon e Vial.*

( N.º IV, pag. 272. )

*Tratado entre o Imperador Napoleão Bonaparte e SS. MM. II. e RR. os Imperadores da Rússia e de Austria, e o Rei de Prússia.*

» Art. 1. S. M. o Imperador Napoleão renuncia por si e seus Successores e Descendentes, assim como por cada hum dos Membros da sua Familia ; a todo direito de Soberania e dominação, tanto sobre o Imrio Francez e o Reino de Italia, como sobre outro qualquer paiz.

» 2. SS. MM. o Imperador Napoleão e a Imperatriz Maria Luiza conservão estes titulos e qualidades, para delles gozarem durante a sua vida ; a Mãe, Irmaos, Irmãas, Sobrinhos e Sobrinhas do Imperador conservarão igualmente, em toda parte onde se acharem ; o titulo de Principes da sua Familia.

» 3. A ilha de Elba, adoptada pelo Imperador Napoleão para lugar da sua residencia, formará, durante a sua vida, hum Principado separado, que elle possuirá em toda Soberania e propriedade. Dar-se-ha, de mais disso, em toda propriedade, ao Imperador Napoleão, hum rendimento annual de dois milhões de francos, em renda sobre o grande Livro de França, de que hum milhaõ reverterá para a Imperatriz.

» 4. Todas as Potencias se obrigaõ a empregar os seus bons officios para fazer respeitar pelos Barbarescos a bandeira e o territorio da ilha de Elba, e para que nas suas relações com os Barbarescos, seja tratada como a França.

» 5. Os Ducados de Parma, Plasencia e Guastalla serão dados em toda propriedade e Soberania, a S. M. a Imperatriz Maria Luiza ; passaraõ a seu Filho e á sua descendencia em linha directa. O Principe seu Filho tomará desde já o nome de Principe de Parma, Plasencia e Guastalla.

» 6. Reservar-se-haõ nos paizes, a que o Imperador Napoleão renuncia por si e sua Familia, proprie-

dades, ou dar-se-hão rendas sobre o grande Livro de França, produzindo hum rendimento annual liquido, feita a deducção de todo encargo, de 2,500:000 francos. Estas propriedades ou rendas pertencerão em toda propriedade, e para dellas disporem como bem lhes aprouver, aos Principes e Princezas da sua Familia, e serão repartidas entre elles na proporção seguinte, a saber: A Madama Mãe, 300:000 francos. — Ao Rei José e á Rainha, 500:000 fr. — Ao Rei Luiz, 200:000 fr. — A' Rainha Hortensia e a seu filho, 400:000 fr. — Ao Rei Jeronymo e á Rainha, 500:000 fr. — A' Princeza Elisa, 300:000 fr. — A' Princeza Paulina, 300:000 fr. Os Principes e as Princezas da Familia do Imperador conservarão de mais disso todos os bens, moveis e immoveis, de qualquer natureza que sejam, que possuem por titulo particular, e especialmente as Tendas de que gozão igualmente como particulares sobre o grande Livro de França, ou sobre o Monte Napoleão de Milão.

» 7. O rendimento annual da Imperatriz Josephina reduzir-se-ha a hum milhão em propriedades ou em inscripções sobre o grande Livro de França. Continuará a gozar em toda propriedade dos seus bens moveis e immoveis particulares, e poderá gozar delles na conformidade das leis Francezas.

» 8. Dar-se-ha ao Principe Eugenio, Vice-Rei de Italia, hum estabelecimento consideravel fóra de França.

» 9. As propriedades que S. M. o Imperador Napoleão possui em França, seja como dominio extraordinario, seja como dominio particular, ficarão á Coroa. Sobre os fundos collocados pelo Imperador, quer sobre o grande-Livro de França, quer na Banca de França, em acções das Matas, ou de outra qualquer maneira, e que S. M. cede á Coroa, serão reservados como hum capital que não exceda dois milhões, para serem empregados em gratificações ás pessoas, cujos nomes serão lançados em huma lista assignada pelo Imperador Napoleão, e que será transmittida ao Governo Francez.

» 10. Todos os diamantes da Coroa ficarão em França.

» 11. S. M. o Imperador Napoleão entregará no Thesouro publico ou nas outras Caixas, todas as sommas que se recebêraõ por ordens suas, a excepção do que foi apropriado á Lista civil.

» 12. As dividas da Casa de S. M. o Imperador Napoleão, ees como existiaõ no dia da assignatura do presente Tratado, serã pagas pelo atrazado devido pelo Thesouro publico á Lista civil, segundo a Conta que será assignada por hum Commissaõ nomeada para este objecto.

» 13. As obrigações do Monte Napoleão (Monte de Piedade) de Milão, para com os credores Francezes ou estrangeiros, serã pagas, menos que se não convenha de outra cousa para o futuro.

» 14. Todos os passaportes necessarios serã dados para deixar passar livremente S. M. o Imperador Napoleão, a Imperatriz, os Principes, as Princezas, e todas as pessoas do seu sequito, que quizessem acompanhar-os ou estabelecer-se fóra de França, assim como as equipagens, cavallos e effeitos que lhes pertencem: as Potencias daraõ em consequencia os Officiaes e soldados para a escolta.

» 15. A guarda Imperial Franceza dará hum destacamento de mil e duzentos a mil e quinhentos homens de todas as armas, para servir de escolta até Saint-Tropez, lugar do embarque.

» 16. Fornecer-se-ha hum corveta armada, e os navios necessarios para conduzir ao lugar do seu destino, S. M. o Imperador Napoleão, assim como a sua Casa; a corveta ficará em toda propriedade a S. M.

» 17. S. M. o Imperador levará consigo e conservará para a sua guarda, quatrocentos homens voluntarios, tanto Officiaes como officiaes inferiores e soldados.

» 18. Todos os Francezes que seguirem S. M. o Imperador Napoleão ou a sua Familia, serã obrigados, se não quizerem perder a sua qualidade de Francezes, a voltar para França no prazo de tres annos, menos que não sejaõ comprehendidos nos empregos, que o Governo Francez se reserva dar depois de expirar este prazo.

» 19. As tropas Polacas de todas as armas, que estão ao serviço da França, terão a liberdade de voltar para a sua patria, conservando as suas armas e bagagens, como hum testemunho dos seus serviços honrosos; os Officiaes, officiaes inferiores e soldados, conservarão as condecorações que lhes tenham sido concedidas, e as pensões correspondentes a estas condecorações.

» 20. As Altas Potencias alliadas garantem a execução do presente Tratado, e se obrigão a alcançar que seja acceito e garantido pela França.

» 21. O presente Acto será ratificado, e as ratificações trocadas em Paris, dentro de dois dias.

» Feito em Paris, a 11 de Abril de 1814.

Assignado, *Metternich, Stadion, Rasoumowski, Nesselrode, Castlereagh, A. Hardenberg, Ney e Caulaincourt.* »

## INDICE CHRONOLOGICO

*De alguns Factos principaes da História Moderna, desde o 15.º Seculo até ao Tratado de Paris de 20 de Novembro de 1815.*

- |                                                                                                                                                                                                                 |      |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| Joaõ Hus, discipulo de Wiclef, erige-se em reformador na Boheミア.                                                                                                                                                | 1400 |
| Concilio de Pisa; tres Papas: Benedicto XIII e Gregorio XII são depostos.                                                                                                                                       | 1409 |
| Concilio de Constança, convocado para a extinção do grande Scisma do Occidente, e para a limitação do poder Sacerdotal.                                                                                         | 1414 |
| Batalha de Azincourt ganhada contra os Francezes, por Henrique V, Rei de Inglaterra. Quantos perecerão da Nobreza Franceza he incalculavel; só de Principes de sangue contaõ-se seis.                           | 1415 |
| Joaõ Hus he queimado em Constança.                                                                                                                                                                              |      |
| O Concilio de Constança põe termo ao grande Scisma do Occidente, que tinha principiado em 1378. Condemna as heresias de Wiclef, de Joaõ Hus e de Jeronymo de Praga.                                             | 1417 |
| Tratado de paz assignado em Troyes na Champaña, no qual se assentou que Catharina de Medicis casaria com Henrique V, Rei de Inglaterra, para quem passaria a Coroa depois da morte de Carlos VI, que a possuia. | 1420 |
| Sitio de Orleans pelos Inglezes; apresenta-se Joanna d'Arc, e levanta-se o sitio. He o primeiro revez que os Inglezes experimentaõ em França.                                                                   | 1429 |
| Data-se deste anno a invenção dos caracteres moveis de impressaõ, em Estrasbourg, por Joaõ Gutenberg de Moguncia.                                                                                               | 1436 |
| São os Inglezes expulsos de toda a França á excepção de Calais.                                                                                                                                                 | 1453 |
| A tomada de Constantinopla por Mahomet III, Imperador Ottomano, põe fim ao Imperio Grego ou do Oriente, que tinha durado mil cento e vinte e tres annos.                                                        |      |
| Primeiro estabelecimento das postas e correios, por Luiz XI, Rei de França.                                                                                                                                     | 1464 |



## 312      INDICE CHRONOLOGICO.

- 1476      Batalha de Granson e de Morat, onde Carlos, Duque de Borgonha, he derrotado pelos Suíços.
- 1477      He morto no sitio de Nancy; Maria, sua filha e herdeira, casa com Maximiliano de Austria, origem da rivalidade entre a França e a Austria.
- 1478      A Inquisição he introduzida em Hespanha por Fernando o Catholico.
- 1492      Christovão Colombo, Genovez ao serviço de Hespanha, descobre a Terra Firme da America.
- 1508      Liga de Cambray contra os Venezianos.
- 1513      Forma-se a Suissa em treze Cantões; consolida-se o Systema federativo Helvético.
- 1517      Erige-se Martinho Lutero em reformador por occasião das Indulgencias, que o Papa Leão X mandou prégar em Allemanha para oppôr-se a Selim I, Imperador Ottomano, cujas conquistas no Egypto davaõ motivos de receio, que não invadissem a Christandade.
- 1519      Magalhães, Portuguez ao serviço da Hespanha, descobre o Estreito do seu nome na America Meridional.
- 1525      Batalha de Pavia, em que Francisco I, Rei de França, he feito prisioneiro, e transferido para Hespanha.
- 1527      Introduz-se o Lutheranismo na Suecia e na Dinamarca.
- 1529      O nome de Protestante he dado aos Lutheranos, porque protestáraõ contra a Igreja de Roma, na Dieta de Spira.
- 1534      Tem lugar a Reforma em Inglaterra, por causa do divorcio de Henrique VIII com Catherina de Aragoã, para casar com Anna de Boulen.
- 1540      A Ordem dos Jesuitas he confirmada pelo Papa Paulo III.
- 1545      Abertura do Concilio de Trento, que dura dezoito annos.
- 1553      Tomada de Calais aos Inglezes pelo Duque de Guisa.
- 1560      Conspiração de Amboise contra os Guisas; principio das perturbações de Religião em França.
- 1566      Principio das perturbações nos Paizes Baixos.

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |      |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| Mortandade dos Protestantes no dia de S. Bartholomeu, a 24 de Agosto, reinando Carlos IX.                                                                                                                                                                                                                                                                                        | 1572 |
| Origem da Liga em França.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | 1576 |
| Tratado de União de Utrecht. Base do Systema federativo das Províncias Unidas dos Paizes Baixos.                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 1579 |
| Guilherme I, Principe de Orange, Stathouder das Províncias Unidas, he assassinado.                                                                                                                                                                                                                                                                                               | 1584 |
| Maria Stuart, Rainha de Escossia, he decapitada por ordem de Elisabeth, Rainha de Inglaterra, depois de dezoito annos de prisão.                                                                                                                                                                                                                                                 | 1587 |
| Henrique III, Rei de França, he assassinado por Jaques Clemente. Extingue-se nelle o ramo dos Valois.                                                                                                                                                                                                                                                                            | 1589 |
| Edicto de Nantes, pelo qual os Protestantes alcançam o livre exercicio do seu culto.                                                                                                                                                                                                                                                                                             | 1593 |
| Expulsão dos Mouros de Hespanha.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 1610 |
| Henrique IV he assassinado por Ravallac.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |      |
| Perturbações da Bohemia; principio da guerra de trinta annos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | 1618 |
| Guerra de Religião em França; dura nove annos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 1621 |
| Tomada da Rochella pelo Cardeal de Richelieu.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | 1628 |
| Batalha de Lutzen, em que Gustavo Adolpho, Rei de Suecia, he morto.                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | 1631 |
| Fundação da Academia Franceza.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | 1640 |
| Revolução de Portugal, que sacode a dominação Hespanhola; D. João IV, da Casa de Bragança, he proclamado Rei.                                                                                                                                                                                                                                                                    |      |
| Paz particular assignada a 30 de Janeiro em Munster, entre os Confederados dos Paizes Baixos e os Hespanhoes; a Soberania das Províncias Unidas he reconhecida.                                                                                                                                                                                                                  | 1649 |
| Paz de Westphalia, assignada a 24 de Outubro em Munster e em Osnabruck; consolidação da liberdade Germanica e do systema de equilibrio constitucional; a independencia dos Suissos he reconhecida pelo Imperio; cessão da Alsacia e da Soberania dos tres Bispados de Lorena á França; cessão de huma parte da Pomerania, da ilha de Rugen, de Weimar, Bremen e Verden á Suecia. |      |
| Carlos I, Rei da Grã Bretanha, he decapitado: abolição da Realeza em Inglaterra.                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 1649 |

- 1653 Protectorato de Olivier Cromwell.
- 1659 Tratado da Haya entre a França, a Inglaterra e a Hollanda, para a manutenção do equilibrio do Norte.
- Paz dos Pyreneos entre a França e a Hespanha: cessão do Artois e do Roussillon, de huma parte da Flandres, do Hainaut e do Luxembourg á França.
- 1660 São os Stuarts chamados novamente para Inglaterra: Carlos II proclamado Rei em Londres.
- Revolução de Dinamarca: a successão hereditaria e o poder absoluto concedidos ao Rei Frederico II.
- 1663 Fundaçã da Academia das Inscriptões e Bellas Letras de Paris.
- 1666 Fundaçã da Academia das Sciencias de Paris.
- 1667 Paz de Bréda, entre a Inglaterra e a Hollanda.
- Perde o Throno D. Affonso VI, Rei de Portugal: D. Pedro II, seu Irmaõ, nomeado Regente.
- Supressão do Stathouderato, pelo partido republicano em Hollanda.
- 1668 Tratado de Aix-la Chapelle: cessão de Lilla, Douai, &c. á França.
- 1672 O Stathouderato he restabelecido a favor de Guilherme III, Principe de Orange.
- 1673 Paz de Nimegue.
- 1685 Revogação do Edicto de Nantes, dado por Henrique IV, e confirmado por Luiz XIII.
- 1686 Liga de Augsburgo opposta a Luiz XIV; era entre o Imperador, o Rei de Hespanha, a Republica das Provincias Unidas, a Suecia, o Eleitor Palatino, a Baviera e o Duque de Saboya.
- 1688 Revolução de Inglaterra; fuga de Jaques II; expulsão dos Stuarts.
- 1689 Guilherme III, Principe de Orange, e Maria, sua Esposa, filha de Jaques II, são proclamados Rei e Rainha da Graõ Bretanha.
- 1697 Paz de Ryswick.
- Philippe V de Anjou he proclamado Rei de Hespanha: exaltação da Casa de Bourbon ao Throno de Hespanha.
- 1700 Frederico, Eleitor de Brandebourg, toma o ti-

tulo de Rei de Prussia, debaixo do nome de Frederico I.

Guerra da successão de Hespanha.

1701

Morte de Guilherme III, Rei da Graõ Bretanha, e Stathouder das Provincias Unidas.

1702

Fundação da Cidade de S. Petersbourg. O Baltico aberto aos Russos.

1703

Tomada de Gibraltar pelos Inglezes.

1704

Batalha de Hochstett. Malborough e o Principe Eugenio.

Batalha de Turin.

1706

União da Inglaterra e da Escossia em hum unico e mesmo Parlamento.

1707

Mudança de Ministerio em Inglaterra: são os Wighs substituidos pelos Torys.

1710

11 de Abril. Paz de Utrecht entre a França, a Hespanha e a maior parte dos Alliados: a Hespanha e a França não se reunirão nunca. Os Paizes Baixos são erigidos em Barreira, e conferidos ao Imperador com os Reinos de Napoles e de Sardenha, o Ducado de Milão e os portos da Toscana; a Sicilia he cedida a Victor-Amedeo II, Duque de Saboya; Gibraltar e Porto Mahon são reservados para a Inglaterra.

1713

19 de Abril. Pragmatica Sanção do Imperador Carlos VI, relativamente á Successão da Casa de Austria.

12 de Maio. Nova ordem de Successão estabelecida nas Cortes de Hespanha.

13 de Julho. Paz de Utrecht entre a Hespanha e a Inglaterra.

13 de Agosto. Paz de Utrecht entre a Hespanha e a Saboya.

26 de Junho. Paz de Utrecht entre a Hespanha e as Provincias Unidas.

1714

Morte de Anna, Rainha de Inglaterra. Jorge I, Eleitor de Hannover, sobe ao Throno da Graõ Bretanha: exaltação ao Throno da Casa de Hannover.

6 de Fevereiro. Paz de Utrecht entre a Hespanha e Portugal.

1715

Morte de Luiz XIV: succede-lhe Luiz XV.

- Tratado de Barreira entre o Imperador e as Províncias Unidas.
- 1717 Triple alliança da Haya entre a França, a Inglaterra e as Províncias Unidas contra a Hespanha.
- 1718 Quadrupla alliança de Londres para a paz entre o Imperador, o Rei de Hespanha e o Duque de Saboya: a Sicilia he dada ao Imperador, e a Sardenha ao Duque de Saboya; a expectativa do Graõ-Ducado de Toscana e dos Ducados de Parma e de Plasencia he assegurada a D. Carlos, Infante de Hespanha.
- 1719 Carlos XII, Rei de Suecia, morto no sitio de Fredrichshall.
- Ulrica Eleonor, Irmã de Carlos XII, eleita Rainha de Suecia. Revolução no Governo Sueco; nova limitação do Poder Real.
- 1721 Pedro, chamado o Grande, toma o titulo de Imperador da Russia.
- 1725 Catherina I succede a Pedro-o-Grande, seu Esposo.
- 1730 Carlos Manoel III he Rei de Sardenha, depois da abdicação de Victor Amedeo II.
- 1733 Morte de Augusto II, Rei de Polonia.
- Estanislão Lecszinski he eleito seu Successor.
- Alliança entre a França, a Hespanha e o Rei de Sardenha a favor de Estanislão, Sogro de Luiz XV.
- Augusto III, Eleitor de Saxonia, he eleito Rei de Polonia por protecção da Russia.
- 1738 Paz de Vienna entre a França e o Imperador: cessão da Lorena a França; do Reino das Duas-Sicilias a D. Carlos; do Graõ-Ducado de Toscana ao Duque de Lorena; de Parma e de Plasencia ao Imperador, etc.
- 1739 Paz de Belgrado entre o Imperador, a Russia e a Turquia.
- Declaração de guerra entre a Graõ-Bretanha e a Hespanha.
- 1740 Frederico II, Rei de Prussia.
- Morte do Imperador Carlos VI, que dá occasião a huma guerra de alguns annos em Allemanha.
- Iwan VI, Imperador da Russia.

- Alliança da França e da Hespanha com o Eleitor de Baviera contra Maria-Thereza. 1741
- Revolução de St Petersburg : o Imperador Iwan VI he desthronado ; Elisabeth Petrowna he Imperatriz da Russia. 1742
- O Eleitor de Baviera he eleito Imperador de Allemanha , debaixo do nome de Carlos VII. 1742
- Batalha de Fontenoy. 1745
- Expedição do Principe Eduardo para a Escossia.
- Francisco I eleito Imperador de Allemanha : exaltação da Casa de Lorena-Austria ao Throno do Imperio. 1747
- Restabelecimento do Stathouderato, abolido desde a morte de Guilherme III. 1748
- Paz geral e definitiva de Aix-la-Chapelle. 1755
- Guerra entre a França e a Inglaterra. 1757
- Batalha de Rosbach ganhada pelo Rei de Prussia. 1761
- Pacto de Familia entre os differentes ramos da Casa de Bourbon. 1763
- Paz de Paris e de Londres entre a França , Hespanha , Portugal e Inglaterra ; cessão a esta ultima Potencia , do Canadá pela França, e da Florida pela Hespanha. 1766
- Paz de Hubertsbourg entre Maria Thereza , o Rei de Prussia e o Eleitor de Saxonia. 1768
- Perturbações dos Dissidentes da Polonia. 1772
- Tratado de Varsovia , entre a Russia e a Polonia , sobre o negocio dos Dissidentes e a Constituição ; Confederação de Bar.
- Cessão da Ilha de Corsega á França.
- Guerra entre a Russia e a Turquia.
- Primeiro Tratado de partilha da Polonia , entre a Russia , a Prussia e a Austria. 1773
- Revolução em Suecia , onde huma nova forma de Governo he estabelecida com extensão do Poder Real.
- Congresso de Foksany e de Bucharest entre os Russos e os Turcos.
- Suppressão da Ordem dos Jesuitas , pelo Papa Clemente XIV. 1774
- Paz de Kaynardgi entre os Russos e os Turcos : 1774

os Tartaros da Criméa e do Cuban são declarados independentes da Porta Ottomana; Azof, Kertsch, Jenikalé, Kinburn, e o Paiz entre a embocadura do Bog e do Dniéper, são cedidos á Russia.

1775

Morte de Luiz XV.

Principio das hostilidades entre a Graõ-Bretanha e as Colónias Inglezas da America Septentrional.

Destruição da republica dos Cosacos Zaporogues.

1776

Codigo de Leis publicado por Catherina II, Imperatriz da Russia.

Declaração das Colonias Inglezas da America Septentrional á sua independencia.

1778

Guerra pela Successão da Baviera, entre a Austria e a Prussia.

Tratado de alliança e de commercio entre a França e os Estados-Unidos da America.

1779

Paz de Teschen entre a Austria e a Prussia.

1780

Morte de Maria Thereza: José II, seu Filho, Rei de Hungria e de Bohemia.

1783

Os Tratados de paz de Paris e de Versalhes, põem fim á guerra da America.

1784

Tratado assignado em Constantinopla entre a Russia e a Turquia, o qual confirma á primeira destas Potências a cessão da Criméa.

1785

Confederação Germanica, assignada em Berlin, contra o projecto de troca da Baviera.

Perturbações da Hollanda.

Paz de Fontainebleau, que termina as desavenças suscitadas entre José II e as Provincias-Unidas, relativamente á livre navegação do Escalda.

1786

Morte de Frederico II.

1787

Declara a Turquia guerra á Russia.

Entrada dos Prussianos em Hollanda; restabelecimento do Stathouder.

Alliança defensiva entre as Provincias-Unidas, a Inglaterra e a Prussia.

1789

Abertura dos Estados Geraes da França em Versalhes, a 5 de Maio, e formação da Assembléa nacional, a 17 de Junho.

Tumultos em Paris; tomada da Bastilha.

Insurreição dos Paizes-Baixos Austriacos.



- Morte do Imperador José II. 1790
- Fim das perturbações da Belgica.
- Nova Constituição da Polonia. 1791
- Fugida de Luiz XVI.
- Acceita Luiz XVI a Constituição.
- Paz de Jassy entre a Russia e a Porta. 1792
- Assassinio de Gustavo III, Rei de Suecia.
- Declara a França guerra á Austria.
- Confederação de Targowice, opposta á nova Constituição dos Polacos, debaixo da protecção da Russia.
- Abertura da Convenção nacional de França; abolição da Realeza; he proclamada a Republica Franceza.
- Execução de Luiz XVI. 1793
- Liga contra a França.
- Segunda desmembração da Polonia, da parte da Russia e da Prussia.
- Execução de Maria Antoinette, Rainha de França.
- Guerra da Vendée.
- Insurreição da Polonia: são derrotados os insurgentes, e Kosciusko, seu general, cahe em poder dos Russos. 1794
- Terceira e ultima desmembração da Polonia entre a Russia, a Austria e a Prussia. 1795
- Tratado de paz de Basilea entre a Republica Franceza e o Rei de Prussia.
- Apoderao-se os Francezes das Provincias-Unidas dos Paizes-Baixos.
- Nova Constituição Franceza. *Directorio Executivo.*
- Estanisláo, ultimo Rei de Polonia, resigna a Coroa. 1796
- Napoleão Bonaparte he encarregado do commando em chefe do exercito de Italia.
- Derrotaõ os Francezes os Austriacos em Lodi.
- O exercito Francez commandado pelo general Jourdan, he completamente derrotado pelo Archiduque Carlos: em consequencia desta derrota, o general Moreau vê-se obrigado a effectuar a sua retirada.
- Declara a Hespanha guerra a Inglaterra.

Lord Malmesbury, encarregado pelo Gabinete de Londres de conferenciar com o Governo Francez, não alcança resultado nenhum das suas negociações.

Batalha de Arcole.

Morte de Catherina II, Imperatriz da Russia. Succede-lhe Paulo I.

Tenta o Governo Francez infructuosamente hum expedição contra a Irlanda.

1797

O Papa vendo os seus Estados invadidos, assigna com a Republica Franceza hum Tratado de paz, pelo qual cede Avinhão e outras porções de territorio.

Preliminares de paz assignados em Léoben.

Apoderao-se os Francezes de Veneza.

Tratado de paz de Campo-Formio, entre a França e a Austria.

1798

Hum exercito Francez, commandado por Bernier, entra em Roma, onde se opéra hum revolução. He despojado o Papa do seu poder temporal, e proclamada a Republica Romana.

Huma esquadra Franceza, ás ordens de Bonaparte, sahe de Toulon para hum expedição para o Egypto.

Rende-se Maltha á esquadra de Bonaparte.

Tomada de Alexandria, de Rosetta e do Cairo, no Egypto.

Combate de Aboukir.

Insurreição dos *Irlandezes-Unidos*; desembarque dos Francezes em Irlanda.

1799

Apoderao-se os Francezes de Napoles, effectuaõ ali hum revolução, e proclamaõ a Republica Parthenopea.

Marcha Bonaparte para a Syria.

Repellem os Austriacos da Allemanha as tropas Francezas.

Em Italia, os Russos, commandados por Suwarow, juntaõ-se aos Austriacos.

São os Francezes derrotados em Cassano pelos alliados, que retomaõ Milão, Turin, Mantua, &c.

Os Plenipotenciarios Francezes no Congresso de Rastadt são assassinados á sua partida desta cidade.

Abandona o Imperader da Russia a Austria, e

chama as suas tropas, no momento em que os exercitos Russos e Austriacos ameaçavaõ a França com huma invasão.

Desembarque dos Inglezes em Hollanda.

Apoderaõ-se os Inglezes de Seringapatnam, capital do Mysore, e destroem o poder do Tipoo-São na India.

Levanta Bonaparte o sitio de S. João de Acre.

Abandona o Egypto, e volta para França.

Revolução no Governo Francez.

O exercito Francez passa novamente o Rheno, debaixo das ordens do general Moreau. 1800

Batalha de Marengo.

O General Kléber he assassinado no Egypto.

Os Preliminares da paz assignados em Paris, entre a França e a Austria, não são ratificados por esta ultima Potencia.

Cabe a Ilha de Maltha em poder dos Inglezes.

Pela Convenção de Hohenlinden, conclue-se hum armisticio entre os exercitos Francez e Austriaco.

Tomaõ os Francezes posse da Toscana.

Tendo-se roto o armisticio, principiaõ de novo as hostilidades, e são os Austriacos completamente derrotados em Hohenlinden.

Tratado de Paz assignado em Luneville, entre a França, a Austria e o Imperio. 1801

Morte tragica de Paulo I, Imperador da Russia. Succede-lhe Alexandre.

Destroem os Inglezes a esquadra Dinamarqueza em frente de Copenhague.

Concordata entre a França e o Papa.

Evacuaõ os Francezes o Egypto.

Assignaõ-se os Preliminares da paz em Londres entre a França e a Inglaterra.

Revoltaõ-se os Negros em S. Domingos sob as ordens de Toussaint-Louverture.

Bonaparte, Primeiro Consul, he nomeado Presidente da Republica Italiana, precedentemente Cisalpina. 1802

Tratado de paz assignado em Amiens, entre a

França, a Hespanha, a Republica Batava e a Graõ-Bretanha.

Organiza Bonaparte os Cultos em França.

He proclamado Primeiro Consul vitalicio.

1803

Rompe-se a paz entre a França e a Inglaterra.

Entraõ os Francezes no Paiz de Hannover.

1804

Conspiração contra Bonaparte.

Execução do Duque de Enghien.

Bonaparte he proclamado Imperador dos Francezes debaixo do nome de *Napoleão*.

Transfere-se Pio VII a París, para ahi sagrar e coroar *Napoleão*.

1805

Forma-se hum nova Liga contra a França.

Passaõ os Francezes o Danubio, rodeaõ o exercito Austriaco, e saõ victoriosos em Wartingen, em Gunzbourg, em Elchingen. Tomaõ Ulm por capitulação, e entraõ vencedores em Vienna.

Derrota da esquadra combinada Franceza e Hespanhola em Trafalgar.

O exercito dos Austriacos e dos Russos he inteiramente derrotado em Austerlitz pelo Imperador *Napoleão*.

Tratado de paz entre a França e a Austria.

1806

Os Eleitores de Baviera e de Wurtemberg saõ proclamados Reis.

Apoderaõ-se os Inglezes do Cabo de Boa Esperança.

Joaquim Murat he declarado Graõ-Duque de Berg.

Jozé Bonaparte he declarado Rei de Napoles e de Sicilia, por si a seus descendentes masculinos.

Declara-se a guerra entre a Prussia e a Inglaterra.

A Republica Batava he mudada em Monarquia, e Luiz Bonaparte he declarado Rei de Hollanda por si e seus descendentes masculinos.

Assigna-se em París hum Tratado de alliança perpetua entre a França e alguns Membros do Corpo Germanico, debaixo da denominação de *Estados confederados do Rheno*, de que o Imperador dos Francezes he declarado Protector. Em consequencia deste

Tratado, renuncia Francisco II o seu titulo de Imperador de Allemanha, e o Corpo Germanico se achá dissolvido.

Tem lugar a guerra entre a Prussia e a França: são os Prussianos derrotados completamente em Jéna, onde experimentão huma perda espantosa. Dali os Francezes estendem as suas conquistas a todos os pontos, e se apoderaõ de todas as fortalezas, á excepção de Kœnisberg, para onde o Rei de Prussia se retira com os destroços do seu exercito.

Batalha sanguinolenta de Eylau, onde os Russos e os Francezes experimentão perdas consideraveis.

1807

Fôrça huma esquadra Ingleza os Dardanellos, e se apresenta diante de Constantinopla, donde se vê na necessidade de retirar-se.

Batalha decisiva de Friedland, ganhada pelo Imperador Napoleão contra os Russos e Prussianos.

O Imperador da Russia e o Rei de Prussia, concluem, cada hum separadamente, hum Tratado de paz com o Imperador dos Francezes.

Fôrmaõ os Inglezes o sitio de Copenhague, que capitula depois de soffrer hum terrivel bombardeamento, e a esquadra Dinamarqueza he entregue á sua disposiçãõ.

O Principe das Asturias he accusado de ter formado huma conspiraçãõ contra seu Pai, Carlos IV, Rei de Hespanha.

Declara a Russia guerra á Inglaterra.

Embarca S. A. R. o Principe Regente de Portugal com a sua Corte para o Brazil.

Toma Jeronymo Bonaparte as redeas do governo do Reino de Westphalia.

O Reino de Etruria, formado da Toscana, he encorporado no Imperio Francez, com Parma e Placencia.

Sublevão-se os habitantes de Madrid e de Aranjuez contra Carlos IV e o Principe da Paz, seu Ministro: o Rei de Hespanha vê-se obrigado a abdicar a Coroa a favor de seu Filho, o Principe das Asturias, que toma o nome de Fernando VII.

1808

Carlos IV, Fernando VII e a Familia Real saõ atrahidos a Bayouna, para onde Napoleaõ tinha vindo. Obriga-os a ambos a abdicar.

Jozé Napoleaõ, Rei de Napoles, he proclamado Rei de Hespanha.

He obrigado a retirar-se de Madrid, depois de ahi se haver demorado alguns dias.

Os Inglezes, que soccorrem os Portuguezes contra os Francezes, derrotaõ no Vimeiro a estes ultimos, que em virtude de huma Convenção assignada em Cintra, evacuaõ Portugal.

O Imperador da Russia e Napoleaõ tem huma Conferencia em Erfurth, na Allemanha, para tratarem dos meios de pacificação.

Parte Napoleaõ para Hespanha para pôr-se á frente dos Francezes, que tornaõ a entrar em Madrid.

1809

Sitio de Saragoça pelos Francezes, que se apoderam della depois da mais tenaz resistencia da parte dos sitiados.

Gustavo IV, Rei de Suecia, abdica a Coroa, e Carlos, Duque de Sundermania, seu Tio, tomã as redeas do Governo.

Renova-se a guerra entre a França e a Austria. A campanha he desastrosa para esta ultima Potencia.

Desembarcaõ os Inglezes na Ilha de Walcheren. Tratado de paz entre a Austria e a França.

Batalha de Talavera, entre os Francezes e o exercito alliado dos Hespanhoes e dos Inglezes, commandados por Sir Arthur Wellesley, depois Lord Wellington.

1810

Forçaõ os Francezes a passagem da Serra-Morena, e se apoderam das Provincias de Granada e de Andaluzia.

O Papa he despojado do seu Poder temporal, e os Estados de Roma saõ reunidos ao Imperio Francez.

Casamento de Napoleaõ com a Archiduqueza Maria Luiza de Austria.

A morte repentina do Principe Real de Suecia,

imputada ao Conde de Fersen, causa huma sublevação em Stockolmo.

Apoderaõ-se os Inglezes da Ilha de Bourbon.

A praça de Cidade-Rodrigo entrega-se á discricão ao exercito Francez depois de hum largo assedio.

Invasão de Portugal pelo exercito de Massena.

O Principe de Ponte-Corvo ( Bernadote ) he nomeado Principe Real de Sueciã.

A ilha de França he atacada por huma esquadra Ingleza, e rende-se por capitulaçaõ.

Hum Acto do Parlamento de Inglaterra defere ao Principe de Galles a Regencia durante a enfermidade do Rei Jorge III.

1811

Evacuão os Francezes Portugal.

Tomaõ de assalto a cidade de Tarragona, e a campanha de Hespanha he huma serie de felizes successos nas differentes provincias.

Apoderaõ-se os Inglezes de Batavia, capital das Possessões Hollandezas nas Indias Orientaes.

Rende-se a cidade de Valença por capitulaçaõ aos Francezes.

1812

Abdica o Rei de Sicilia a favor de seu Filho.

Apoderaõ-se os Inglezes de Cidade Rodrigo.

Tratados de alliança assignados em Paris entre a França, a Austria e a Prussia, que reciprocamente se garantem a integridade das suas possessões actuaes.

Tratado de paz entre a Russia e a Turquia, no qual se estabelece o Pruth como limite entre os dois Imperios.

O Congresso dos Estados-Unidos da America declara a guerra á Graõ-Bretanha.

Nova Constituição da Sicilia: hum Parlamento composto de duas Camaras he estabelecido, e o feudalismo abolido.

Parte o Imperador da Russia para Wilna, e Napoleaõ para Dresde.

As negociações entaboladas entre os dois Soberanos, são infructuosas.

Annuncia o Imperador dos Francezes, por huma Proclamaçaõ, a guerra á Russia.

O exercito Francez commandado por Napoleaõ,



passa o Niémen em diferentes pontos para marchar contra a Russia.

Dirige o Imperador da Russia huma Proclamação ás suas tropas.

Entraõ os Inglezes em Madrid.

Os Francezes, depois de haverem experimentado muita resistencia adiantando-se contra os Russos, apoderaõ-se de Smolensk, e marchaõ sobre Moscou. He incendiada esta cidade. Abandonaõ-na os Francezes, cuja retirada he desastrosa.

Parte Napoleaõ a toda pressa para Paris, onde chega a 18 de Dezembro, tendo partido de Wilna a 5 do mesmo mez.

1813

Adiantaõ-se os Russos na Allemanha ajudados dos Prussianos. Concentraõ-se os seus respectivos exercitos perto de Leipsick. Entre tanto parte Napoleaõ de Paris para pôr-se á frente das suas tropas.

A 2 de Maio, os Alliados, tendo á sua frente o Imperador da Russia e o Rei de Prussia, vem ás mãos com os Francezes em Gross-Goerschen, perto de Lutzen, onde estes ultimos abandonaõ o campo da batalha.

Declara a Austria guerra á França.

Saõ os Alliados derrotados em Dresde, e se retiraõ para traz da cadeia de montanhas, que separaõ a Saxonia da Bohemia; mas tornando a entrar na Saxonia, obrigaõ Napoleaõ a retirar-se sobre Leipsick, onde alcançaõ huma victoria completa: d'ali adiantaõ-se para o Rheno.

Em Hespanha, vêm-se os Francezes obrigados a recuar para as suas fronteiras; e Wellington pisa o territorio Francez.

As Provincias-Unidas dos Paizes-Baixos recobraõ a sua antiga independencia, e o Principe de Orange toma as redeas do Governo.

1814

No mez de Janeiro, os Prussianos e Austriacos estaõ em França, os primeiros em Nancy, os segundos em Langres.

Abrem-se negociações para a paz em Chatillon, porém saõ infructuosas.

Hum destacamento de tropas de Wellington,

tendo passado o Adour, entra em Burdeos, que se declara pelos Bourbons.

O exercito dos Alliados, depois de huma serie continuada de acções, obriga os Francezes a recuar; e a 29 de Março toma posição nas visinhanças de París, que capitula no dia seguinte, depois de haver feito huma viva resistencia.

A 31 entraõ os Alliados em París.

Napoleão, retirado em Fontainebleau, renuncia ao Throno de França por si e seus herdeiros, e parte para a ilha de Elba.

A 3 de Maio, Luiz XVIII faz a sua entrada solemne em París, onde he recebido com todas as demonstrações da maior alegria.

A 30 de Maio, assigna-se a Paz geral entre a França e as Potencias alliadas.

A Belgica he reunida ás Provincias-Unidas de baixo da Soberania da Casa de Orange.

O Eleitorado de Hannover he erigido em Reino.

A Noruega he cedida á Suecia.

Fernando VII, Rei de Hespanha, que se achava preso em França com a sua familia, torna a entrar no seu Reino.

O Papa, restituído a Roma, restabelece os Jesuitas.

O Rei de Sardenha toma de novo posse dos seus Estados, aos quaes se reune Genova.

Hum Tratado de paz entre a Graõ-Bretanha e os Estados-Unidos da America, põe fim á guerra que existia entre estas duas Potencias desde 1812.

Parte Napoleão da ilha de Elba para França, 1815 onde hum partido poderoso o espera. As medidas tomadas para suspender a sua marcha sendo insufficientes, Luiz XVIII e a sua Corte partem para Lilla, e d'ali para Gand. No dia seguinte ao da sua partida, entra Napoleão em París, e torna a tomar o titulo de Imperador. Informadas da sua chegada a França, obrigão-se as Potencias alliadas a mandar marchar contra elle os seus respectivos exercitos. Depois de differentes combates, em que de parte a parte experimentaõ perdas consideraveis, vieraõ ás mãos

a 18 de Junho em Waterloo, onde os Alliados ficaram vencedores : depois desta batalha, adiantão-se sobre París sem encontrar obstaculos. Napoleão que se achava de volta nesta capital no dia 20, assigna pela segunda vez hum Acto de abdicacão, e embarca para a ilha de Santa Helena.

Entraõ os Alliados em París, onde Luiz XVIII não tarda a chegar, e a restabelecer as cousas no pé em que estavaõ antes da sua partida.

Em Italia, o ex-Rei de Napoles Murat, he aprisionado na Calabria, onde queria excitar huma sublevacão, e arcabuzado com os seus companheiros.

O Principe de Orange he proclamado Rei dos Paizes-Baixos.

Tratado definitivo de París entre a França os Alliados.

FIM DO INDICE CHRONOLOGICO.

---

# SUMMARIO

## DAS MATERIAS DESTE TOMO DECIMO.

---

### DECIMA-QUINTA EPOCA.

---

#### LIVRO I.

*Desde os Tratados de Paris e de Hubertsbourg, em 1763, até á Paz concluida em 1783, entre a Grã-Bretanha, a França, a Hespanha e os Estados Unidos da America.*

#### CAPITULO I.

Perturbações da Corsega, e cessão desta Ilha á França. Perturbações da Polonia. Confederação de Bar. Guerra entre os Russos e os Turcos. Campanha de 1770 e 1771. Embarços em que se acha a Russia. Congressos de Focszany e de Bucharest. Campanha de 1774, e Paz de Kainardgi. Pag. 5

#### CAPITULO II.

Projecto de divisação da Polonia. Convenções a este respeito entre a Russia, a Austria e a Prussia. Primeira desmembração da Polonia. Constituição viciosa deste Reino garantida. Revolução da Suecia. Extinção dos Jesuitas. 15

#### CAPITULO III.

Destruição da Setscha, ou Republica dos Cosacos Zaporogues.Codigo, Leis de Catherina II. 23

## CAPITULO IV.

Successão da Baviera. Guerra entre a Austria e a Prussia. Congresso de Teschen. Morte de Maria Thereza. 28

## CAPITULO V.

Revolução dos Anglo-Americanos. Origem das perturbações da America. Insurreição de Boston. Congresso de Philadelphia. Principio das hostilidades. As Colonias independentes. Constituição dos Estados Unidos. Capitulação de Saratoga. 32

## CAPITULO VI.

Alliança da França e dos Estados Unidos. Neutralidade Armada. Corabates maritimos entre os Ingleses e os Francezes. Conquistas reciprocas. Derrota de Cornwallis. Conferencias para a paz. Tratados de paz de Paris e de Versalhes. 37

## LIVRO II.

*Desde a Cessaõ da Crimea á Russia, em 1784, até á ultima desmembração da Polonia, em 1795.*

## CAPITULO I.

Novas desavenças entre a Russia e a Porta. Contestações entre o Imperador José II e a Republica das Provincias Unidas. Mediação da França, e Paz de Fontainebleau. Perturbações internas da Hollanda. Retirada do Stathouder. Entrada dos Prussianos na Hollanda. A França abandona o partido anti-Stathouderiano. 47

C A P I T U L O II.

Perturbações dos Paizes Baixos Austriacos. Partidos de Vonk e de Van-der-Noot. Expedição dos Insurgentes. Declaração estes ter José II perdido a Soberania dos Estados Belgicos. Divisão entre os insurgentes. Pacificação das perturbações da Belgica. 54

C A P I T U L O III.

Guerra entre a Porta, a Russia e a Austria. Declara-se o Rei de Suecia contra a Russia a favor da Porta. Declara-se a Dinamarca a favor da Russia. Faz a Suecia a sua paz com a Russia. Vantagens dos Russos sobre os Turcos. A Inglaterra e a Prussia ameaçam a Austria e a Russia. Convenção de Reichenback, e Paz de Szistova. Prosegue a Russia vigorosamente a guerra. Paz de Yassy entre a Russia e a Porta. 59

C A P I T U L O IV.

Dieta extraordinaria da Polonia. Constituição Polaca de 1791. Confederação de Targowice em 1792. Renuncia o Rei de Polonia a Constituição de 1791. Segunda desmembração da Polonia. 65

C A P I T U L O V.

Insurreição da Polonia em 1794. Vantagens dos insurgentes. Fraqueza dos seus meios. Sitio de Varsovia. Derrota dos insurgentes. Tomada de Varsovia. Terceira e ultima desmembração da Polonia. 69

## L I V R O III.

*Desde as perturbações da França em 1789 até ao estabelecimento do Directorio em 1795.*

## CAPITULO I.

Revolução de França. Estados geraes. Assembléa nacional. Tumultos de Paris. Acto Constitucional. Luiz XVI he conduzido de Versalhes a Paris. Constituição civil do Clero. Fugida de Luiz XVI. Aceita o Acto Constitucional. 74

## CAPITULO II.

Decretos da Assembléa Legislativa. Declaração de guerra da França contra a Austria. Assassinio do Rei de Suecia. Guerra da Austria e da Prussia contra a França. Dia 10 de Agosto. Retirada dos Prussianos. Carniceria de 2, 3 e 4 de Setembro. 80

## CAPITULO III.

Confiscação dos bens dos Emigrados, e pena de morte contra os que voltassem. Convenção nacional. Victorias dos Francezes. Processo de Luiz XVI, que he sentenciado á morte. Sua execução. Liga contra a França. 86

## CAPITULO IV.

Campanha de 1793. Governo revolucionario. Operações militares. Execução de Maria Antoinette, Rainha de França. Sitio de Lyon. Scenas de horror em Toulon. Guerra da Vendée. Fim da campanha. 92



## CAPITULO V.

Campanha de 1794. A Princeza Elisabeth, Irmã de Luiz XVI, e Malesherbes morrem no cadafalso. Dia 10 de Thermidor (28 de Julho). Operações militares. 100

## CAPITULO VI.

Campanha de 1796. Prosperidade da Graõ Bretanha. Separa-se o Rei de Prussia da Liga. Os Francezes ás ordens do general Jourdan, vêm-se obrigados a retirar-se aquem do Rheno. Expedição de Quiberon. Tumulto em Londres. Associação dos Irlandezes-Unidos. Morte do Filho de Luiz XVI. Sahe sua Irmã do Templo. Nova Constituição. Directorio. 106

## LIVRO IV.

*Desde a Campanha de Bonaparte em Italia, em 1796, até á sua Coroação como Imperador dos Francezes, em 1804.*

## CAPITULO I.

Campanha de Italia sob as ordens de Bonaparte. Campanha do Rheno. Retirada do general Moreau. Negocios da Italia. Negociações de Inglaterra com o Directorio. Declara a Hespanha a guerra aos Inglezes. Projecto de hum desembarque em Irlanda. Morte de Catherina II. 114

## CAPITULO II.

Suspensão dos pagamentos da Banca de Londres. Revolta em Spithead, na esquadra Ingleza. Tomada de Mantua pelos Francezes. Expedição contra

Roma. Preliminares de paz de 1797, assignados em Léoben. Apoderao-se os Francezes de Veneza. Paz de Campo Formio. Revolucao no Governo Francez. Invasao na Irlanda projectada pelo Directorio.

124

## CAPITULO III.

Revolucao em Roma. Projecta o Directorio hum desembarque em Inglaterra. Expedicao do Egypto. Tomada de Alexandria, de Rosetta e do Cairo. Combate de Aboukir. Insurreicao dos Irlandezes- Unidos. Expedicao dos Francezes para a Irlanda.

130

## CAPITULO IV.

Renovacao das hostilidades em Italia entre os Francezes e o Rei de Napoles. Revolucao em Napoles. A Austria, ajudada da Russia, principia novamente a guerra. Evacuao os Francezes a Italia. Assassinio dos Plenipotenciarios Francezes. Abandona o Imperador da Russia a Austria. Desembarcuo os Inglezes em Hollanda.

137

## CAPITULO V.

Destroem os Inglezes o Imperio de Tippoo-Saib. Operacoes dos Francezes no Egypto. Deixa Bonaparte o Egypto, e volta para Franca. Revolucao no Governo Francez. Nova Constituicao. Propoe Bonaparte a paz á Inglaterra. Tomada de Maltha pelos Inglezes.

144

## CAPITULO VI.

Renovacao das hostilidades em Allemanha e em Italia. Armisticio concluido entre os Francezes e os Austriacos. Torna a comecar a guerra. Insurreicao na Toscana. Entregao os Austriacos aos Francezes Mantua e outras praças. Operacoes militares no Egypto.

150

## CAPITULO VII.

Tratado de paz de Luneville. Destruição da esquadra Dinamarqueza em Copenhague. Dissolução da Confederação do Norte. Expedição dos Inglezes para o Egypto. Derrota da esquadra Hespanhola. Preliminares de paz assignados entre a França e a Inglaterra. Bonaparte Presidente da Republica Italiana. Organisa a Republica Liguriana. Restabelece a Religião Catholica em França. He nomeado Consul Vitalicio. Expedição de S. Domingos. 155

## CAPITULO VIII.

Rompimento da paz entre a França e a Inglaterra. Apoderao-se os Francezes do Hannover, e occupao as embocaduras do Elbo e do Vesper. Projecto de desembarque em Inglaterra. Insurreição em Irlanda. Conspiração contra Bonaparte. Morte do Duque de Enghien. Bonaparte nomeado Imperador. Execução dos conspiradores. Declara a Hespanha guerra á Inglaterra. Sagração de Bonaparte debaixo do nome de Napoleão. 164

## LIVRO V.

*Desde a Liga formada contra a França, em 1805, até á publicação da Constituição de Hespanha pelas Cortes, em 1812.*

## CAPITULO I.

Liga de 1805 contra a França. Forças desta Potencia. Felices successos de Napoleão. Tomada de Ulm. Entrada dos Francezes em Vienna. Retirada do Archiduque Carlos. Batalha de Austerlitz. Armisticio. Paz de Presbourg. Resultado da campanha. Derrota da esquadra Franceza. 171

## CAPITULO II.

Tomada do Cabo de Boa-Esperança pelos Inglezes. Morte de Pitt. Guerra entre a Inglaterra e a Prussia. Expedição dos Inglezes para a America Meridional. Morte de Fox. Depõe Napoleão o Rei de Napoles, e confere a Coroa a José Bonaparte. A Republica Batava convertida em Monarquia. Renuncia Francisco II o seu Titulo de Imperador de Allemanha. Dissolução do Imperio Germanico. 180

## CAPITULO III.

Guerra entre a França e a Prussia. Batalha de Iéna. Successos dos Francezes. Batalha de Eylau. Batalha de Friedland. Tratado de Tilsitt. 188

## CAPITULO IV.

Expedição dos Inglezes contra Dinamarca. Sahida da Corte de Portugal para o Brazil. Reunião da Toscana ao Imperio Francez. Expedição infructuosa dos Inglezes contra Constantinopla. 194

## CAPITULO V.

Supposta conspiração do Principe das Asturias. Intrigas occultas de Napoleão. Tumultos em Madrid. Abdicação da Familia Real de Hespanha. Confe-re-se a Corôa a José Bonaparte. He proclamado Rei em Madrid. Batalha do Vimeiro. 199

## CAPITULO VI.

Negociações de Erfurth. Derrota os Francezes os Hespanhões, e tornão a entrar em Madrid. Sitio de Saragoça. Guerra da Austria contra a França. Batalha de Wagram. Tratado de Vienna. Operações militares em Portugal e em Hespanha. Abdicação de Gustavo IV, Rei de Suecia. Invasão dos Inglezes na Hollanda. 205

## CAPITULO VII.

Successos dos Francezes em Hespanha. Perde o Papa a sua existencia temporal. He Bernadotte nomeado Principe Real de Suecia. Tomada das Ilhas de Amboina, de Banda, de França e de Bourbon pelos Inglezes. O Principe de Galles Regente de Inglaterra. Evacuação de Portugal pelos Francezes. Batalha de Albuhera. Campanha de Hespanha. Tomada de Batavia pelos Inglezes. Tomada de Valença pelos Francezes. Tomada de Cidade-Rodrigo e de Badajoz por Lord Wellington. Batalha de Salamanca. Constituição de Hespanha. 212

## LIVRO VI.

*Desde a Campanha da Russia em 1812, até á entrada dos Alliados em França, em 1814.*

## CAPITULO I.

Projecto de Napoleão contra a Russia. Apoderao-se os Francezes da Pomerania Sueca. Declarao-se a Prussia e a Austria a favor da França. Parte Alexandre para Wilna. Parte Napoleão para Dresde. Negociações infructuosas entre a França e a Russia. Proclamação de Napoleão. Proclamação de Alexandre. Retiraõ-se os Russos. 222

## CAPITULO II.

Tomada de Smolensk. Batalha de Moskowa. Incendio de Moskou. 228

## CAPITULO III.

Moscou abandonada pelos Francezes. Retirada desastrosa do exercito Francez. Paz entre a Russia e  
TOM. X: Y

a Porta. Nova Constituição da Sicilia. Guerra entre Inglaterra e os Estados-Unidos. 233

## CAPITULO IV.

Guerra de Hespanha. Batalha de Vitoria. Sitio de Tarragona. Tomada de S. Sebastião. Entra Lord Wellington em França. 240

## CAPITULO V.

Os Prussianos abandonão a França, e fazem alliança com a Russia. Adiantão-se os Russos em Allemanha. Batalha de Gross-Goerschen. Tratado concluido pela Suecia com a Inglaterra e a Russia. 244

## CAPITULO VI.

Armistício e negociação para a paz. Declara a Austria guerra á França. Renovação das hostilidades. Retiraõ-se os Francezes sobre Leipsick. Junta-se a Baviera aos Alliados. Batalha de Leipsick. Volta de Napoleão para França. A Allemanha livre do jugo de Napoleão. 249

## CAPITULO VII.

Revolução das Provincias-Unidas dos Paizes-Baixos. Restauração do Principe de Orange. Guerra entre a Dinamarca e a Suecia. Entrega de Dresde e de Stettin. Negocios da Italia. 254

## L I V R O VII.

*Desde a entrada dos Alliados em França, em 1814, até ao Tratado definitivo entre a França e os Alliados, em 1815.*

## C A P I T U L O I.

Entrada dos Alliados em França. Sahe Napoleão de Paris para pôr-se á frente das tropas. Progressos dos Alliados. Concentra Napoleão as suas tropas, e repelle Blucher. Marcha contra os Austriacos. 258

## C A P I T U L O II.

Negociações em Châtillon. Decidem-se os Alliados a marchar sobre Paris. Progressos de Lord Wellington; declara-se Burdeos pelos Bourbons. Chegada dos Alliados diante de Paris. Proclamação de Jozé Bonaparte. Batalha debaixo dos muros de Paris, que capitula. Os Maires de Paris apresentam-se no Quartel-general dos Alliados. 261

## C A P I T U L O III.

Entrada dos Alliados em Paris. Proclamação do Imperador da Russia. Napoleão privado do Throno pelo Senado. Napoleão retirado em Fontainebleau, propõe a sua abdicção. Parte para a Ilha de Elba. Batalha de Tolosa. Sortida de Bayona. 268

## C A P I T U L O IV.

Entrada de Luiz XVIII em França. Pacificação geral, e Tratados entre a França e as Potencias aliadas. Reunião da Belgica ás Provincias-Unidas. O Hannover erigido em Reino. A Noruega cedi-da á Suecia. Resistencia dos Norvegianos. Volta



Fernando VII para Hespanha. Dissolve as Cortes. Restabelece o Papa os Jesuitas. Recobra o Rei de Sardenha os seus Estados, a que se ajunta Genova. Murat, Rei de Napoles, não he inquietado. Pacto federal da Suissa. Paz entre a Graõ-Bretanha e os Estados Unidos da America.

275

## CAPITULO V.

Estado da França. Parte Napoleão da Ilha de Elba. He recebido em Grenoble. Entra em Lyaõ. Chega a París.

283

## CAPITULO VI.

Declaração e Tratado das Potencias alliadas. Exercitos Inglez e Prussiano na Belgica. Parte Napoleão para o exercito. Batalha de Waterloo. Segunda abdicacão de Napoleão. Chegaõ os Alliados aos arredores de París. Convenção militar. Embarca-se Napoleão para ser conduzido a Inglaterra, e depois á Ilha de Santa Helena. Torna Luiz XVIII a entrar em París. Murat, ex-Rei de Napoles, executado. Faz o Rei de Saxonia cessão de huma parte dos seus Estados ao Rei de Prussia. O Imperador da Russia declarado Rei da Polonia. Confederação Germanica.

287

## PEÇAS JUSTIFICATIVAS.

|          |           |     |
|----------|-----------|-----|
| N.º I.   | - - - - - | 301 |
| N.º II.  | - - - - - | 301 |
| N.º III. | - - - - - | 304 |
| N.º IV.  | - - - - - | 307 |

## INDICE CHRONOLOGICO

De alguns Factos principaes da Historia Moderna, desde o 15.º Seculo até ao Tratado de París, em 1815,

311

*Livros Portuguezes que se vendem em Casa de Rolland ,  
Rua Nova dos Martyres , N. 10.*

Atlas Moderno , para uso da Mocidade Portugueza , ou Principios claros para se aprender facilmente , e em muito pouco tempo a Geografia , em 8.

Aventuras de Telemaco, Filho de Ulysses, por M. Fenelon, traduzidas do Francez em Portuguez , em 8.

Arte Poetica de Horacio , traduzida , e illustrada por Candido Lusitano , em 8.

Adagios , e Proverbios da Lingua Portugueza , em 8.

Amigo do Príncipe , e da Patria , ou o Bom Cidadão : traduzido do Francez , em 8.

Anno Christão , ou Exercicios de Piedade para todos os dias do anno ; pelo Padre Croiset , em 4.  
4 Vol.

Arte da Guerra , Poema do Grande Frederico , Rei de Prussia , traduzida em Verso , em 8.

Arte de Furtar , pelo P. Antonio Vieira , em 8.

Compendio das Sciencias, e Artes, em Portuguez, e em Francez , por perguntas , e respostas , para instrucção da Mocidade , em 8.

Compendio de Arithmetica para uso da Mocidade , em 8.

*Ciceronis Epistolæ ad usum Lusitanæ juventutis* , em 8.

Catecismos de Montpelier , em 8.

Catecismo Romano abbreviado , ou novo Compendio da Doutrina Christã, traduzido, e accommodado para o uso da Mocidade Portugueza , em 8.

Colleção de Historias , Anecdotas , por Berquin , em 8.  
3 Vol.

Compendio das Metamorphoses de Ovidio , com huma succinta , e methodica explicação a cada Fabula , em 8.

Christão do tempo presente , confundido pelos primeiros Christãos , por Caraccioli , em 8.

Caracteres da Amizade , por Caraccioli , em 8.

Compendio historico , e universal , de todas as Artes , e Sciencias, traduzido pelo Padre Jozé Amaro da Silva , em 8. com estampas.

Compendio da Grammatica Portugueza para instrucção da Mocidade , em 8.

Colleção de Peças importantes , relativas á Historia politica , ecclesiastica , e litteraria de nossos tempos , em 8. 2 Vol.

Coroa Serafica meditada , em 8.

- Cartas a huma illustre Defunta, falecida em Polónia de pouco tempo: por Caraccioli, em 8.  
 Costumes dos Israelitas por M. Fleury, em 8.  
 Costumes dos Christãos por M. Fleury, em 8. 2 Vol.  
 Diccionario (Novo) da Lingua Portugueza, em 4.  
 Diccionario abbreviado da Biblia, em 8.  
 Diccionario Inglez-Portuguez, e Portuguez-Inglez, 2 Vol.  
 Diccionario Filosofico da Religiao pelo Abbade Nonnotte, em 8. 4 Vol. 1820.  
 Despedidas (as ultimas) da Marechal de \*\*\* a seus filhos, divididas em 12 serões, em 8.  
 Dialogos Francezes, e Portuguezes, em 8.  
 Dialogos dos Mórtos para desabusar a Mocidade de muitas preoccupações, em 8.  
 Desvarios da razao, em 8. 3 Vol.  
 Diario do Christao, santificado pela oracao, e meditacao; nova edicao augmentada, em 12.  
 Directorio Christao, em 12.  
 Dissertacao sobre a Educao, e Estudos dos Militares, em 8.  
 Discurso acerca do Modo de fomentar a Industria do Povo, em 8.  
 Exposicao dos Symptomas da Enfermidade Venerea, e seu Curativo, por Lagneau, em 8. 2 Vol. 1822.  
 Eneida de Virgilio, traduzida em verso por Joao Franco Barreto, em 8. 2 Vol.  
 Escola Fundamental, ou Methodo facil para aprender a ler, escrever, e contar, com os primeiros Elementos da Doutrina Christa, util á Mocidade, que deseje plenamente instruir-se: por hum Professor. Nova edicao augmentada, em 8.  
 Elogios Historicos dos Senhores Reis de Portugal, escritos por Fr. Bernardo de Brito, e addicionados pelo P. D. José Barbosa: Obra utilissima para instrucção da Mocidade, tanto por lhe dar em resumo huma noticia geral da historia da sua Patria, como pela pureza da linguagem, em 8.  
 Escola dos Bons Costumes, em 8. 4 Vol.  
 Elementos da Poetica, tirados de Aristoteles, de Horacio, e dos mais celebres Modernos, em 8.  
 Elementos da Civilidade, e da Decencia, em 8.  
 Epistolas e Evangelhos, para todos os Domingos, e Festas do anno, nova edicao, em 12. 2 Vol.  
 Escolha de Anecdotas Antigas, e Modernas, em 8.  
 Evangelho em triunfo, em 8. 8 Vol.

- Fabulas de Esopo, traduzidas da Lingua Grega, com applicações moraes a cada Fabula, em 8.
- Grandeza d'Alma por Caraccioli, em 8.
- Gozo de Si Mesmo, por Caraccioli, em 8.
- Grammatica (nova) para aprender a traduzir, falar, e escrever a Lingua Franceza com perfeição, e brevidade, por hum methodo inteiramente distincto dos demais, por Abbadie, em 8.
- Grammatica Portugueza, e Ingleza de Antonio Vieira, em 8.
- Historia Sagrada, por Royaumont, traduzida do Francez, nova edição, em 8. 2 Vol.
- Historia de Theodosio o Grande, escrita em Francez para instrucção do Delphim por Mr. Flechier, em 8.
- Historia Geral de Portugal, e suas Conquistas, des do seu principio até agora: composta por Damião Antonio de Lemos Faria e Castro, em 8. 20 Vol.
- Historia Romana, desde a fundação de Roma até á decadencia do Imperio do Occidente, traduzida do Inglez do Dr. Goldsmith, em 8. 4 Vol.
- Historia Geral de Portugal, escrita em Francez por M. La Clede, e traduzida em Vulgar, com notas historicas, criticas, e geograficas, em 8. 16 Vol.
- Historia das Imaginações extravagantes de Mr. Ousle, em 8.
- Historia Ecclesiastica, pelo Abbade Ducreux, continuada até ao Pontificado de Pio VII. em 8. 11 Vol.
- Historia das Revoluções de Portugal, escrita em Francez pelo Abbade Vertot, traduzida em Portuguez por Fr. Mattheus da Assumpção, em 8. 2 Vol.
- Historia dos Naufragios, ou Resumo das Relações as mais interessantes sobre os Naufragios, em 8. 2 Vol.
- Horas Portuguezas de Carlos do Valle Carneiro, em 12.
- Historia da Virtuosa Portugueza, ou o Exemplar das mulheres Christãs; dedicada ás Senhoras Portuguezas, em 8.
- Heróismo da Amizade, David e Jonathas, Poema do Abbade Bruté, traduzido em Portuguez, nova edição, em 8. 1819.
- Historia de Carlos XII., Rei de Suecia, escrita em Francez por Voltaire, e traduzida em Vulgar, em 8. 2 Vol.
- Historia da virtuosa e infeliz Clara Harlowe, em 8. 15 Vol.

Historia da Vida, Conquistas, e Religião de Mafo-  
ma, em 8.

Imitação de Christo por Kempis. Nova Edição, em 12.  
Lyra de Diogo Bernardes, nova edição, em 12.

Laura de Anfriso, nova edição, em 8.

Livro dos Meninos, ou Idéas geraes, e Definições das  
cousas, que os Meninos devem saber; Segunda Edi-  
ção, augmentada com as *Sentenças Moraes* de Mi-  
lor Kint, em 8.

Martyres, ou a Religião Christã em Triunfo, por  
Chateaubriand, traduzida por Manoel Nunes da Fon-  
seca, em 8. 6 Vol. 1817.

Morte de Abel, Poema de Gessner, em 8.

Noticia da Mythologia, onde se contém em forma de  
Dialogo a Historia do Paganismo, para a intelligen-  
cia dos Antigos Poetas, Pinturas, e Esculturas, em 8.

Numa Pompilio, segundo Rei de Roma, pelo estilo das  
*Aventuras de Telémaco*, por Florian, em 12. 2 Vol.

Obras de Francisco de Sá de Miranda, nova edição,  
em 8. 2 Vol.

Perfeito Pedagogo na Arte de educar a Mocidade, em  
que se dão as Regras da Policia, e Urbanidade Christã,  
conforme os usos, e costumes de Portugal, por João  
Rosado de Villalobos, nova edição, em 12.

Rhetorica, ou Regras da Eloquência por Gibert, tra-  
duzida do Francez, em 8. 2 Vol.

Serões do Palácio, ou Curso de Moral para uso dos  
Meninos de ambos os sexos, em 8. 3 Vol.

Secretario Portuguez, ou Methodo de escrever Cartas,  
por Francisco José Freire, em 8.

Sciencia dos Costumes, ou Filosofia Moral, dirigida pe-  
la luz da Razaõ, pela Escritura, e Tradição da Igre-  
ja; Ethica Christã, regulada pela Doutrina de Jesu  
Christo; para lição da Mocidade, e dos que não tem  
maiores estudos, em 8.

Syntaxe Latina, explicada segundo o moderno systema  
Filosofico, em 8.

Vida de D. João de Castro, quarto Viso-Rei da India, por  
Jacinto Freire de Andrada; nova edição, em 8. 1822.

Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, por  
Fr. Luiz de Sousa. Nova Edição, em 8. 2 Vol. 1818.

Viagens de Cyro, Historia Moral, e Politica, pelo Ca-  
valheiro Ramsay. Nova edição, em 12. 2 Vol. 1817.

Vida, e Aventuras admiraveis de Robinson Crusoe, nova  
edição, em 12. 2 Vol. 1816.

Viagens de Gulliver, em 8. 3 Vol











**PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

---

**UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY**

---

D  
18  
M5419  
1801  
V.10  
C.1  
ROBA

Not wanted in 5000

